



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

Michel Gustavo Fontes

A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-
Funcional: uma proposta de implementação

São José do Rio Preto
2016

Michel Gustavo Fontes

A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-
Funcional: uma proposta de implementação

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de São José do Rio Preto.

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/ Período: Agosto/13 a Abril/14)

Orientador: Profa. Dra. Erolilde Goreti Pezatti

São José do Rio Preto
2016

Fontes, Michel Gustavo.

A distinção léxico-gramática na Gramática discursivo-funcional : uma proposta de implementação / Michel Gustavo Fontes. -- São José do Rio Preto, 2016
236 f. : il., tabs.

Orientador: Erolde Goreti Pezatti

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise linguística (Linguística) 3. Gramática discursivo funcional. 4. Mudanças linguísticas. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Michel Gustavo Fontes

A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-
Funcional: uma proposta de implementação

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de São José do Rio Preto.

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/ Período: Agosto/13 a Abril/14)

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – São José do Rio Preto
Orientador

Profa. Dra. Maria Luiza Braga
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Profa. Dra. Marize Mattos Dall'Aglio-Hattnher
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
Universidade Estadual Paulista (UNESP) – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
19 de dezembro de 2016

A meus pais, Antônio e Valdelice,
com admiração e eterno amor.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar aqui meus agradecimentos a algumas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram com o percurso que esta tese finaliza, tornando algumas situações mais fáceis ou proporcionando-me momentos mais felizes.

À Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti, que soube tão bem apontar os caminhos para meu amadurecimento e apoiar as direções por mim tomadas. A ela, devo agradecer não só pela orientação sempre atenciosa e cuidadosa, mas também pela confiança em mim depositada e pelas inúmeras lições, que ultrapassam os limites da academia.

A meus pais: à minha mãe, Valdelice, que, em seus ensinamentos mais básicos e cotidianos, despertou em mim muito do que me faz trilhar esses caminhos; a meu pai, Antônio, que me ensinou a conduzir meus caminhos com honestidade, humildade e dedicação. Aos dois, agradeço pelo apoio incondicional para que eu atingisse meus objetivos.

À minha irmã, Lígia, pelo carinho e pelos inúmeros momentos que me fizeram desviar a atenção desta tese. Ao João Pedro, pela ajuda com as impressões da tese e pelos momentos de descontração. A meus avós, Lionete e Sidney, pelo carinho com que sempre me confortaram. Aos meus padrinhos, tios e primos, pelo apoio, pelo incentivo, pela torcida e por contribuírem com a alegria de cada dia.

Aos professores do IBILCE, pela formação que me permitiram ter. Em especial, aos Profs. Drs. Anna Flora Brunelli, Clélia Jubran (*in memoriam*), Edson R. F. de Souza, Eduardo Penhavel, Fabiana Komesu, Gisele Cássia de Sousa, Lourenço Chacon, Luciani Tenani, Marize M. Dall’Aglio-Hattner, Roberto Gomes Camacho, Sanderléia Longhin, Sandra Gasparini-Bastos e Sebastião Carlos Leite Gonçalves, com quem tenho a oportunidade de aprender muito nesse trajeto dentro da universidade.

Aos Profs. Drs. Angélica Rodrigues, Christian Lehmann, Flávia B. Hirata-Vale, Hella Olbertz, Lachan Mackenzie, Maria Luiza Braga e Mariângela Rios de Oliveira, com quem tive a oportunidade de debater pontos deste trabalho e que me auxiliariam na condução de minhas reflexões.

Aos colegas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas, pelo carinho com que me receberam. Em especial: ao Ulisses, pelas conversas descontraídas e pela ajuda com o *abstract*; à Solange, com quem compartilhei as angústias do concurso e a alegria da aprovação e com quem divido tantas felicidades desde o ingresso na UFMS; à Joceli, que me acolheu tão bem e que foi, por tantas vezes, minha interlocutora na condução deste trabalho; à Taísa, pela parceria, pelo apoio constante, pelas lições tão valiosas, por tornar mais agradáveis dias e momentos difíceis, enfim, pela amizade tão verdadeira e por ter me ajudado a tomar Três Lagoas como lar.

Aos tantos amigos com quem tenho o privilégio de conviver, por sempre estarem ao meu lado quando mais preciso, por acreditarem em mim e por me apoiarem nos momentos de desânimo e de cansaço.

Aos companheiros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), pelas tantas discussões em torno à GDF, pelas contribuições a este trabalho, pelo apoio e pelos momentos de cafés e risadas.

A CAPES, pelos nove meses de bolsa concedidos no início do doutorado.

Aos funcionários da seção da pós-graduação do IBILCE.

RESUMO

Esta tese, ao investigar a distinção léxico-gramática no âmbito do modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), objetiva reunir, num diálogo entre os princípios da gramaticalização e os da GDF, mecanismos que permitam uma abordagem, dentro desse modelo, da gradualidade entre léxico e gramática. Encaram-se, assim, duas frentes de investigação: (i) caracterizar a multifuncionalidade de *ainda* no português, e (ii) descrever a natureza composicional, a funcionalidade comunicativa e o estatuto categorial das formas perifrásticas com *ainda*, no caso *ainda assim*, *ainda bem*, *ainda mais* e *ainda que*. Em relação a (i), dois mecanismos se mostram pertinentes para a descrição dos diferentes usos de *ainda*: (a) a determinação das diferentes relações de escopo que *ainda* pode instaurar a depender de seu uso; e (b) a avaliação dos diferentes estatutos categoriais de *ainda* enquanto primitivo da formulação. Esta tese distingue, então, quatro usos de *ainda*, que se dispõem ao longo de um contínuo entre léxico e gramática e que evidenciam um processo de gramaticalização, que, à luz da GDF (cf. HENGVELD, no prelo; DALL'AGLIO-HATTNER; HENGVELD, 2016), caracteriza-se por uma mudança de conteúdo e por uma mudança formal. Em relação a (ii), esta tese defende que as formas perifrásticas com *ainda* ocupam diferentes posições no *cline* de lexicalidade/gramaticalidade (cf. BRINTON; TRAUGOTT, 2005). Isso aponta para dois processos de mudança linguística envolvidos em sua emergência, lexicalização e gramaticalização, que, à luz da GDF, implicam não só um aumento nas relações de escopo ou uma mudança categorial, mas também um percurso do tipo *relação núcleo-dependente > primitivo*, que dá conta da representação do processo de fixação na emergência dessas formas via lexicalização ou gramaticalização.

Palavras-chave: Distinção léxico-gramática; Mudança linguística; Gramática Discursivo-Funcional.

ABSTRACT

This study investigates the lexical-grammatical distinction in Functional Discourse Grammar (FDG). Our point of departure is the interface between grammaticalization principles and the FDG model that allows representing the gradience between Lexicon and Grammar within this model. This requires a twofold analysis: (i) one that accounts for the multi-functions of *ainda* in Portuguese; and (ii) another one that describes the compositional nature, the functions, and the categorial status of derived forms of *ainda*, such as *ainda assim*, *ainda bem*, *ainda mais* e *ainda que*. In relation to (i), two mechanisms are relevant for the description of the different uses of *ainda*: (a) the determination of the different scope relations that *ainda* may obtain, and (b) the evaluation of *ainda*'s different categorial status as a primitive of formulation. Therefore, this thesis distinguishes four different uses of *ainda*, which are arranged in a continuum between Lexicon and Grammar and reveal that a grammaticalization process in a FDG approach is characterized by contentive and formal change (cf. Hengeveld, approved for publication; Dall'Aglio-Hattner; Hengeveld, 2016). Regarding (ii), this study argues that the derived forms of *ainda* occupy different positions within the lexuality/grammaticality *cline* (cf. Brinton; Traugott, 2005). This shows that there are two processes of linguistic change responsible for their emergence: lexicalization and grammaticalization. From a FDG standpoint, both processes imply not only an increase in their scope relations or a categorial change, but also predict a path from a *nucleus-dependent relation* to a *primitive*, as a way of representing the fixing process in the appearance of periphrastic forms by lexicalization or grammaticalization.

Keywords: Lexical-grammatical dichotomy; Linguistic change; Functional Discourse Grammar.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

LISTA DE FIGURAS

	P.
Figura 1-1: A GDF como parte de uma teoria da interação verbal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 46)	20
Figura 1-2: Arquitetura geral da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 46)	23
Figura 1-3: Relações hierárquicas do Nível Interpessoal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 51)	24
Figura 1-4: Relações hierárquicas do Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 55)	28
Figura 1-5: Relações hierárquicas do Nível Morfossintático (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 59)	31
Figura 1-6: Cline revisado de gramaticalidade (KEIZER, 2007, p.47)	37
Figura 2-1: Posições absolutas e relativas da Oração (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008)	51
Figura 2-2: Posições absolutas e relativas da Oração no português (cf. PEZATTI, 2014)	51
Figura 2-3: Ordenação de constituintes em português (cf. PEZATTI, 2014)	52
Figura 2-4: A semântica de <i>eščě</i> (VAN DER AUWERA, 1998, p. 39)	77
Figura 2-5: A semântica de <i>ainda</i> polar com presente do indicativo em sentenças afirmativas	79
Figura 2-6: A semântica de <i>ainda</i> polar com presente do indicativo em sentenças negativas	79
Figura 2-7: A semântica de <i>ainda</i> polar com pretérito imperfeito do indicativo em sentenças afirmativas	80
Figura 2-8: A semântica de <i>ainda</i> polar com pretérito imperfeito do indicativo em sentenças negativas	80
Figura 2-9: A semântica de <i>ainda</i> polar com pretérito perfeito do indicativo em sentenças negativas	81
Figura 2-10: A semântica de <i>ainda</i> polar com futuro em sentenças afirmativas	82
Figura 2-11: A semântica de <i>ainda</i> polar com futuro em sentenças sem evento	84
Figura 2-12: Abordagem hierárquica da multifuncionalidade de <i>ainda</i>	117
Figura 2-13: Mudança contentiva na GDF (HENGEVELD, no prelo)	119
Figura 2-14: Mudança contentiva de <i>ainda</i>	120
Figura 2-15: Mudança semântico-pragmática de <i>ainda</i>	120
Figura 2-16: Mudança formal de <i>ainda</i>	126
Figura 2-17: Abordagem hierárquica da gramaticalização de <i>ainda</i>	127
Figura 3-1: Natureza estrutural e categorial de <i>ainda assim</i> , <i>ainda bem</i> e <i>ainda mais</i>	137
Figura 3-2: <i>Ainda bem</i> e a expressão da relação retórica interjetiva emocional	148
Figura 3-3: Escala de integração conforme manifestação do sujeito	188
Figura 3-4: Cline sincrônico de lexicalidade/gramaticalidade (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 94)	201
Figura 3-5: Cline sincrônico de lexicalidade/gramaticalidade entre as formas perifrásticas com <i>ainda</i>	202
Figura 3-6: Abordagem hierárquica à lexicalização de <i>ainda bem</i>	206

Figura 3-7:	Abordagem hierárquica à gramaticalização de <i>ainda mais</i>	210
Figura 3-8:	<i>Cline</i> de mudanças em relação à forma <i>ainda que</i>	213
Figura 3-9:	Abordagem hierárquica à lexicalização do conectivo concessivo-condicional <i>ainda que</i>	216
Figura 3-10:	Abordagem hierárquica à gramaticalização do conectivo concessivo <i>ainda que</i> ..	218
Figura 3-11:	Abordagem hierárquica à gramaticalização do conectivo restritivo <i>ainda que</i> ..	219
Figura 3-12:	Abordagem hierárquica às mudanças linguísticas do conectivo <i>ainda que</i>	220

LISTA DE QUADROS

		p.
Quadro 3-1:	Distinções entre concessivo-condicionais, concessivas e restritivas com <i>ainda que</i>	168
Quadro 3-2:	Relações co-temporais (cf. SOUSA, 2007)	170
Quadro 3-3:	Relações não-cotemporais (cf. SOUSA, 2007)	171
Quadro 3-4:	Correlação modo-temporal e referência temporal em construções concessivo-condicionais com <i>ainda que</i>	174
Quadro 3-5:	Correlação modo-temporal e referência temporal em construções concessivas com <i>ainda que</i>	177
Quadro 3-6:	Conjunções lexicais/Conjunções gramaticais (cf. OLIVEIRA, 2012, p. 139) ...	194
Quadro 0:	Estatutos de <i>ainda que</i> no português	226

LISTA DE TABELAS

LISTA DE TABELAS

	P.
Tabela 1-1: Correspondências entre as classes de Palavras Lexicais e Gramaticais (HENGEVED; MACKENZIE, 2008, p. 401)	42
Tabela 1-2: Exemplos de correspondências entre Palavras Gramaticais e elementos dos níveis Interpessoal e Representacional (HENGEVED; MACKENZIE, 2008, p. 402)	42
Tabela 3-1: Identidade de participantes em construções com <i>ainda que</i>	181
Tabela 3-2: Correferencialidade de sujeitos em construções com <i>ainda que</i>	182
Tabela 3-3: Correferencialidade de sujeitos em construções com <i>ainda que</i> em que há identidade de participantes	183

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A DISTINÇÃO LÉXICO-GRAMÁTICA NA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL	18
1.1. A arquitetura da Gramática Discursivo-Funcional	18
1.1.1. O Nível Interpessoal	24
1.1.2. O Nível Representacional	27
1.1.3. O Nível Morfossintático	30
1.2. Léxico e Gramática na Gramática Discursivo-Funcional	33
2. MULTIFUNCIONALIDADE DE AINDA NO PORTUGUÊS	44
2.1. Material e metodologia de análise	44
2.2. Usos de <i>ainda</i> no português	54
2.2.1. <i>Ainda</i> fasal	58
2.2.2. <i>Ainda</i> polar	72
2.2.3. <i>Ainda</i> enfático	88
2.2.4. <i>Ainda</i> expansivo	106
2.3. Evidências para uma abordagem hierárquica da gramaticalização de <i>ainda</i>	116
3. FORMAS PERIFRÁSTICAS COM AINDA NO PORTUGUÊS	128
3.1. Material e metodologia de análise	128
3.2. (Multi)Funcionalidade das formas perifrásticas com <i>ainda</i>	130
3.2.1. A forma <i>ainda assim</i>	138
3.2.2. A forma <i>ainda bem</i>	146
3.2.3. A forma <i>ainda mais</i>	153
3.2.4. A forma <i>ainda que</i>	159
3.2.4.1. A articulação de orações por meio de <i>ainda que</i>	160
3.2.4.1.1. A natureza das relações	160
3.2.4.1.2. Graus de integração entre orações articuladas por <i>ainda que</i>	168
3.2.4.1.2.1. Referência temporal	170
3.2.4.1.2.2. Identidade de participantes e correferencialidade de sujeitos	179
3.2.4.1.2.3. Forma verbal das orações encabeçada por <i>ainda que</i>	184
3.2.4.1.2.4. Expressão formal do sujeito	186
3.2.4.2. A articulação de sintagmas por meio de <i>ainda que</i>	188
3.2.4.3. O estatuto de <i>ainda que</i> à luz da GDF	191
3.3. Evidências para uma abordagem hierárquica da lexicalização e da gramaticalização das formas perifrásticas com <i>ainda</i>	200
3.3.1. Evidências para uma abordagem hierárquica da lexicalização de <i>ainda bem</i> e <i>ainda assim</i>	203
3.3.2. Evidências para uma abordagem hierárquica da gramaticalização de <i>ainda mais</i>	207
3.3.3. Evidências para uma abordagem hierárquica da lexicalização/gramaticalização de <i>ainda que</i>	210
CONCLUSÃO	221
REFERÊNCIAS	230

INTRODUÇÃO

Entre os estudiosos da linguagem, é constante a preocupação em categorizar os diferentes itens ou formas que integram o inventário de uma língua, diferenciando-os em termos de classes de palavras, ou situando-os entre o léxico e/ou a gramática da língua.

Tais questões e inquietações remontam aos gregos, que, segundo Neves (2002, p. 120), traçavam uma proposta de distinção de classes de palavras com base nas partes do discurso aventadas pelos filósofos. Conforme assinala Bagno (2011, p. 406), é Platão quem inaugura, na tradição grega, uma definição de classes de palavras, dividindo o *lógos*, expressão de um juízo ou de uma entidade lógica, em duas partes principais: *ónoma* e *rhêma*, separando, respectivamente, o *nome* das *coisas* (cf. NEVES, 2002, p. 120). Aristóteles, discípulo de Platão, acrescenta uma terceira classe de palavra a essa divisão: os *sýndesmos*, que abrangem palavras que não têm significação própria, mas servem para articular ou conectar segmentos ou sentenças (cf. BAGNO, 2011, p. 410).

Os estóicos, de acordo com Bagno (2011), refinam o sistema de distinção das partes do discurso, prevendo, além das classes acima discutidas, outras três: *árthon* (pronomes e artigos), *metokhé* (particípio) e *epírrhema* (advérbio). Para Neves (2002, p. 120), é a obra de Dionísio o Trácio que mais representa o procedimento gramatical que surgiu na época alexandrina: na busca por uma língua considerada melhor e pura, a necessidade de se expor padrões estruturais a serem seguidos leva a uma definição de entidades propriamente linguísticas; sob tal perspectiva, oito classes de palavras são distinguidas: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção.

Essas propostas evidenciam não só a emergência de um pensamento e de uma abordagem linguística que buscam categorizar os elementos da língua/linguagem em *partes do discurso*, mas também a percepção, a partir de uma reflexão de cunho mais filosófico, da

natureza de cada uma dessas partes, de modo que já se pode observar uma divisão entre partes do discurso com conteúdo significativo próprio e partes do discurso sem significação própria, o que representa a base da distinção entre léxico e gramática. Essa ideia também se faz presente entre escritores chineses do século X, que, segundo Heine *et al* (1991, p. 5), preveem a existência de símbolos plenos e de símbolos vazios, defendendo que todos os símbolos vazios têm sua origem em símbolos plenos.

Meillet (1948), ao cunhar o termo gramaticalização, e seguindo uma tradição de estudos voltados à evolução das formas gramaticais, distingue três classes de palavras: as principais (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), as acessórias e as gramaticais (preposições, conjunções e auxiliares). Tal proposta segue entre os estudiosos da gramaticalização, que, segundo Gonçalves *et al* (2007, p. 19), partilham da ideia de que há uma distinção entre “itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos linguísticos ‘vazios’, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, de outro.”

Como se pode observar, é bastante presente, nos desdobramentos da linguística, a preocupação com a distinção entre léxico e gramática. Alguns linguistas traçam uma distinção bem nítida entre classes lexicais ou classes de palavras abertas (como substantivos, adjetivos, verbos, advérbios) e classes gramaticais ou classes de palavras fechadas (como pronomes, preposições, conjunções, artigos). Por outro lado, algumas abordagens, como a de Lehmann (2002) e a de Kortmann e König (1992), concebem que cada classe de palavra abriga tanto membros lexicais como membros gramaticais: um exemplo é o trabalho de Pezatti *et al* (2010), que defendem que a classe de preposições do português abriga exemplares gramaticais, como *de* e *a*, que somente abrigam informação estritamente sintática, e exemplares lexicais, como *durante* e *sob*, que apresentam algum traço de conteúdo.

Esta tese centra, então, sua atenção nessa temática acerca da distinção léxico-gramática, aspecto fundamental para a construção de um modelo de gramática funcional. A preocupação aqui é discutir a distinção lexical/gramatical no contexto do funcionalismo holandês (cf. DIK, 1997a; 1997b; HENGVELD; MACKENZIE, 2008), cuja tradição é a de abordar discreta e dicotomicamente o léxico e a gramática da língua.

Dik (1997a; 1997b), ao conceber a Gramática Funcional (doravante GF), estabelece uma rígida distinção entre elementos lexicais e gramaticais, de modo que estes abrigam operadores e funções que se aplicam a diferentes níveis da estrutura subjacente da expressão linguística, e aqueles são capturados por predicados básicos que figuram no léxico. Seguindo os rumos da GF, Hengeveld e Mackenzie (2008), na proposição da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), também traçam uma distinção bem nítida entre elementos lexicais, como núcleos, predicados e modificadores, e elementos gramaticais, como operadores e funções.

Outro aspecto presente na estrutura da GDF que toca a distinção léxico/gramática é a questão das classes de palavras. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 217) separam classes de Lexemas de classes de Palavras: enquanto os Lexemas (Palavras Lexicais) operam no Nível Representacional, as Palavras (Palavras Gramaticais) operam no Nível Morfossintático. Os Lexemas podem ter estatuto de núcleo ou de modificador e, além disso, no Nível Interpessoal, constituem Subatos; já as Palavras Gramaticais correspondem a operadores ou funções dos níveis Representacional e Interpessoal. Assim, Palavras Lexicais como substantivo (*casa*), adjetivo (*quente*) e advérbio (*ontem*) têm uma contrapartida gramatical, que são suas proformas, respectivamente o pronome (*ele/ela*), o proadjetivo (*tal*) e o proadvérbio (*então, aí, lá*). Além disso, consideram-se *enquanto* e *sob* como exemplares lexicais das conjunções e das preposições, respectivamente, e *que* e *de* como exemplares gramaticais.

Nota-se que a abordagem da GDF aproxima-se de propostas como a de Lehmann (2002) e a de Brinton e Traugott (2005) ao prever, em relação ao inventário da língua, certa organização contínua entre formas lexicais (como modificadores) e gramaticais (como operadores e funções). A problemática trazida para esta tese está no fato de a GDF considerar essa organização contínua entre léxico e gramática a partir de categorias definidas de modo estanque e discreto, não prevendo espaço para a *gradualidade* de elementos linguísticos, isto é, para categorias fluidas e/ou para formas híbridas e/ou não-discretas.

Alguns autores, como Keizer (2007; 2013; 2016), García Velasco (2016) e Olbertz (2016), vêm investindo em propostas que mostram como a GDF pode abordar o contínuo entre léxico e gramática de uma maneira não-discreta e gradual. A proposta de Keizer (2007), por exemplo, é um intento em abrandar a rígida distinção, presente na GDF, entre elementos lexicais e gramaticais, distinguindo, para tanto, um primitivo de estatuto intermediário entre léxico e gramática: o operador lexical.

Na sequência de tais trabalhos, esta tese objetiva, de modo mais geral, buscar, num diálogo entre os princípios da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; HEINE; KUTEVA, 2002; LEHMANN, 1995; 2002) e os avanços da GDF (KEIZER, 2007; 2008; 2009; 2012; 2013; 2016; GARCÍA VELASCO, 2007; 2009; 2016; HENGVELD, 2011; no prelo; HENGVELD; MACKENZIE, 2016; DALL'AGLIO-HATTNER; HENGVELD, 2016), mecanismos que permitam uma abordagem, dentro da GDF, da gradualidade entre léxico e gramática. A intenção é congrega parâmetros e/ou critérios que, no interior do modelo da GDF, permitam avaliar não só o estatuto (lexical, gramatical ou intermediário) de itens linguísticos específicos, mas também o de formas perifrásticas de natureza fixa ou semifixa.

Com base em Keizer (2007; 2013) e outros trabalhos que procuram rever o modelo da GDF, parte-se da hipótese de que o léxico e a gramática podem ser abordados, no interior da

GDF, sob uma perspectiva de contínuo e de que, no interior desse contínuo, há lugar para a representação da gradualidade de itens e formas linguísticas.

Para desenvolver tal proposta teórica, esta tese se pauta pela descrição, no português, do item *ainda* e de suas formas perifrásticas, isto é, expressões formadas a partir da combinação de *ainda* a outros itens, nomeadamente *ainda assim*, *ainda bem*, *ainda mais* e *ainda que*. Tal recorte se justifica uma vez que *ainda* configura um item cuja multifuncionalidade é bastante atestada em trabalhos diversos e, além disso, serve de base para a emergência de formas perifrásticas de natureza e estatuto bastante diversificados.

Portanto, de modo a atender o objetivo mais geral desta tese, pretende-se, especificamente: (i) caracterizar, com base na determinação de suas diferentes relações de escopo e de seus distintos estatutos categoriais, a multifuncionalidade de *ainda* de modo a mostrar que seus deslizamentos funcionais podem ser descritos e dispostos numa escala que parte do léxico para a gramática, incluindo aí estágios intermediários entre eles; e (ii) descrever a natureza composicional, a funcionalidade comunicativa e o estatuto categorial das formas perifrásticas com *ainda* (no caso *ainda assim*, *ainda bem*, *ainda mais* e *ainda que*) a fim de evidenciar que tais formas podem ser dispostos em diferentes pontos de um contínuo de lexicalidade/gramaticalidade, abrigando, assim, desde formas totalmente gramaticais ou lexicais até formas em processo de lexicalização/gramaticalização.

É por meio da descrição de *ainda* e de suas formas perifrásticas que se pretende chegar à proposição de diferentes mecanismos e dispositivos que, no escopo da GDF, permitem não só avaliar o estatuto gramatical e/ou lexical de itens e formas linguísticas, mas também abordar casos e representar itens e/ou formas linguísticas híbridas, de estágio intermediário entre léxico e gramática. Além disso, essa proposta de descrição permite discutir: (i) em que medida a multifuncionalidade de *ainda*, atestada com dados sincrônicos atuais, evidencia um processo de mudança linguística, especificamente de gramaticalização (HOPPER;

TRAUGOTT, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007; HENGVELD, no prelo); (ii) em que medida, com base na descrição das propriedades formais e funcionais das formas perifrásticas com *ainda*, pode-se caracterizar a emergência dessas formas como casos de lexicalização ou de gramaticalização (BRINTON; TRAUGOTT, 2005); e, por fim, (iii) quais dispositivos de análise o modelo da GDF oferece para abordar não só a multifuncionalidade/gramaticalização de *ainda*, mas também a funcionalidade e a lexicalização/gramaticalização de suas formas perifrásticas (KEIZER, 2007; 2013; HENGVELD, no prelo). Dessa maneira, na sequência de trabalhos como Hengeveld (2011; no prelo), Dall’Aglio-Hattner e Hengeveld (2016), Keizer (2007), Souza (2009; 2010a; 2010b; 2011; 2012), Casseb-Galvão (2011) e Silva-Surer (2014), esta tese também busca contribuir para o delineamento de uma abordagem hierárquica a casos de mudança linguística, como gramaticalização ou lexicalização.

Para demonstrar as conclusões a que chegamos, esta tese se divide em três capítulos. O primeiro capítulo discute, essencialmente, a distinção entre léxico e gramática no interior da GDF, trazendo também uma síntese a respeito da arquitetura geral do modelo gramatical conforme concebida por Hengeveld e Mackenzie (2008).

Os segundo e terceiro capítulos trazem as análises empreendidas e os resultados obtidos ao longo da investigação. O segundo capítulo caracteriza a multifuncionalidade de *ainda*, cotejando propriedades funcionais e formais para distinguir quatro diferentes usos desse item, e, além disso, dispõe tais usos num cline de gramaticalidade, evidenciando-se, assim, sua gramaticalização. Esse capítulo oferece, ao fim, uma abordagem hierárquica da gramaticalização, nos moldes de Hengeveld (no prelo).

O terceiro capítulo, por sua vez, trata da funcionalidade e do estatuto categorial das formas perifrásticas com *ainda*, evidenciando que sua emergência representa ou casos de lexicalização, ou de gramaticalização. Além disso, propõe-se uma abordagem hierárquica a esses dois processos. As considerações finais encerram esta tese.

CAPÍTULO 1

A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos que embasam esta tese. A primeira seção apresenta, em linhas gerais, o modelo teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008). A segunda caracteriza a abordagem da Gramática Discursivo-Funcional em relação à distinção léxico-gramática.

1. A ARQUITETURA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Segundo Dik (1997a, p. 12), um modelo de gramática funcional deve (i) abordar, completa e adequadamente, a organização gramatical do discurso de uma língua e (ii) tratar todas as expressões linguísticas de uma língua por meio de um sistema de regras e princípios que incorpore as mais significativas generalizações acerca dessa língua. Assim, para o autor, uma gramática funcional deve estar em conformidade com padrões de adequação descritiva, como as adequações pragmática, psicológica e tipológica.

Partindo do princípio mais básico de uma abordagem funcionalista – a concepção de língua enquanto instrumento de interação verbal –, a Gramática Discursivo-Funcional, proposta em Hengeveld e Mackenzie (2008), é um modelo de gramática funcional que procura estudar (i) o grau em que uma descrição linguística é relevante para explicar o uso da língua com objetivos comunicativos na interação verbal e (ii) o grau em que uma descrição linguística é compatível com o conhecimento sobre o processamento mental envolvido na produção de expressões linguísticas. Fica implicado, na construção desse modelo, o reconhecimento dos três padrões de adequação descritiva.

A adequação tipológica tem grande peso na concepção da GDF. Esse princípio, de acordo com Dik (1997a, p. 14), prevê que uma gramática funcional deve oferecer mecanismos para a descrição de línguas tipologicamente diferentes, sistematizando as similaridades e as

diferenças entre os diferentes sistemas linguísticos. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2012), a GDF, ao trabalhar a partir de categorias linguísticas cuja universalidade é atestada em investigações empíricas, fornece “um quadro para a enunciação e a comparação dos universais da linguagem e [...] um modelo coerente para o tipo de descrição linguística que supre as investigações tipológicas” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 49).

Essa forte orientação tipológica presente na GDF reflete na opção do modelo em dar conta somente de fenômenos formalmente codificados (morfossintática e/ou fonologicamente) nas línguas, sejam eles determinados por questões pragmáticas e/ou semânticas, sejam eles arbitrários, portando propriedades inerentemente formais (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2012). A postura funcionalista do modelo da GDF, conforme ressaltam Hengeveld e Mackenzie (2012), faz com que seu trabalho se paute primordialmente por fenômenos linguísticos funcionalmente motivados, isto é, suas explicações e descrições linguísticas levam em consideração, fundamentalmente, correspondências entre categoriais semânticas e/ou pragmáticas e categoriais formais; somente quando tais correlações não podem ser sistematizadas é que se assume a arbitrariedade como meio de descrição.

Essa proposta que embasa o modelo da GDF tem relação com a adequação pragmática. Para Dik (1997a), uma gramática funcional, para atender à adequação pragmática, deve, primeiramente, ser concebida no âmbito de uma teoria mais geral da interação verbal. A GDF, nesse sentido, é definida como o Componente Gramatical de um modelo global da interação verbal, que, conforme ilustra a figura 1-1, liga-se a três outros componentes não verbais: o Componente Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída.

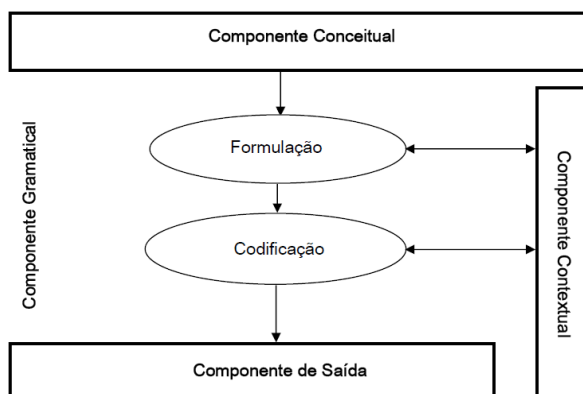


Figura 1-1. A GDF como parte de uma teoria da interação verbal (HENGEVELD & MACKENZIE, 2012, p. 46)

A relação entre o Componente Gramatical (a GDF propriamente dita) e os outros componentes não verbais pode ser descrita da seguinte maneira:

- (i) o Componente Conceitual é a força motriz do Componente Gramatical, fornecendo o *input* necessário para que se conduzam a produção e a estruturação de uma expressão linguística. É no Componente Conceitual que se desenvolvem, portanto, a intenção comunicativa do Falante e as conceituações relativas ao evento comunicativo;
- (ii) o Componente Contextual, por sua vez, abriga informações a respeito do contexto comunicativo em que é produzida uma expressão linguística. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 9) assumem que a intenção do Falante não surge no vácuo, mas sim em um multifacetado contexto comunicativo, e, dessa forma, o Componente Contextual lida com dois tipos de informação: (a) a informação imediata (de curto prazo) que, recebida do Componente Gramatical, diz respeito a um enunciado particular que é relevante para a forma que os enunciados subsequentes assumem, e (b) informações de longo prazo sobre a interação corrente que é relevante para as distinções que são requeridas na língua em uso e que influenciam a formulação e a codificação nesta língua (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 9-11);

- (iii) por fim, o Componente de Saída é responsável por gerar expressões acústicas, simbólicas ou ortográficas com base nas informações provenientes do Componente Gramatical.

Um segundo aspecto relativo à adequação pragmática e presente na estruturação da GDF diz respeito à predominância da pragmática sobre a semântica e a morfossintaxe. Segundo Dik (1997a, p. 13), uma gramática funcional deve dar conta das “propriedades de uma expressão linguística que são relevantes para explicar e descrever o modo como são usadas.”¹ Assim, a construção formal de uma expressão linguística é governada por dois tipos de sistemas de regras: (i) regras que governam a constituição das expressões linguísticas, como as regras semânticas, morfossintáticas e fonológicas, e (ii) regras que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões linguísticas são usadas, no caso as regras pragmáticas. O sistema de regra (i) é visto como instrumental com relação aos objetivos e propósitos do sistema de regra (ii), de modo que, numa análise funcionalista, as expressões linguísticas devem ser descritas e explicadas em termos da organização geral estabelecida pelo sistema pragmático de interação verbal. Desse modo, a pragmática representa o componente mais abrangente, no interior do qual se consideram a semântica e a sintaxe.

Tal metodologia evidencia uma visão não-arbitrária da sintaxe e da gramática (cf. BUTLER, 2003): uma gramática funcional, como a GF e a GDF, aborda, por um lado, as propriedades formais de um enunciado como derivadas de propriedades semânticas ou pragmáticas e relacionadas a funções sociais e comunicativas, e, por outro lado, concebe os sistemas sintáticos das línguas interagindo não só entre si, mas também com propriedades pragmáticas e discursivas, de forma que a gramática não é autossuficiente com relação aos fatores comunicativos e sociais.

¹ No original: “we want a functional grammar to reveal those properties of linguistic expressions which are relevant to the manner in which they are used.” (DIK, 1997a, p. 13)

Um terceiro ponto que revela o atendimento à adequação pragmática na construção do modelo da GDF é a definição de sua unidade de análise: rejeitando os limites decorrentes do recorte da GF à sentença, a GDF toma, como unidade de análise, Atos Discursivos, isto é, ela se propõe descrever unidades de caráter mais discursivo, tornando-se, então, um modelo de gramática orientado para o discurso. Para tanto, é necessário que se reconheçam vários níveis de análise e uma organização em camadas que se estenda ao nível do discurso. Hengeveld e Mackenzie (2008), então, organizam o modelo gramatical da GDF em quatro níveis: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico.

Por fim, a GDF, em sua concepção e estruturação, busca atender ao princípio de adequação psicológica. De acordo com Dik (1997a), uma descrição gramatical deve ser compatível com hipóteses psicológicas fortemente evidentes a respeito do processamento linguístico. Na GDF, isso se faz presente em dois pontos: (i) sua organização descendente (ou, no inglês, *top-down*) e (ii) a distinção de dois processos envolvidos na produção de uma expressão linguística, no caso a Formulação e a Codificação.

Com base nas evidências trazidas por alguns estudos psicolinguísticos, como a de que o processamento linguístico individual é de orientação descendente, começando pelas intenções comunicativas e terminando com a articulação da expressão linguística, Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem uma implementação dinâmica para a GDF: as intenções comunicativas de um Falante são processadas em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística, de modo que o Falante primeiro decide um propósito comunicativo, seleciona a informação mais adequada para alcançar seu propósito, codifica, então, essa informação gramaticalmente e fonologicamente, e, por fim, progride para a articulação.

Para dar conta dessa produção descendente da expressão linguística, Hengeveld e Mackenzie (2008) distinguem duas operações: (i) a Formulação, que, abarcando *regras de mapeamento*, converte as representações conceituais provenientes do Componente Conceitual

em representações pragmáticas e semânticas, e (ii) a Codificação, que, abrangendo *regras de codificação*, dá forma a essas representações pragmáticas e semânticas por meio de estruturas morfossintáticas e fonológicas. A figura 1-2 demonstra a organização geral da GDF.

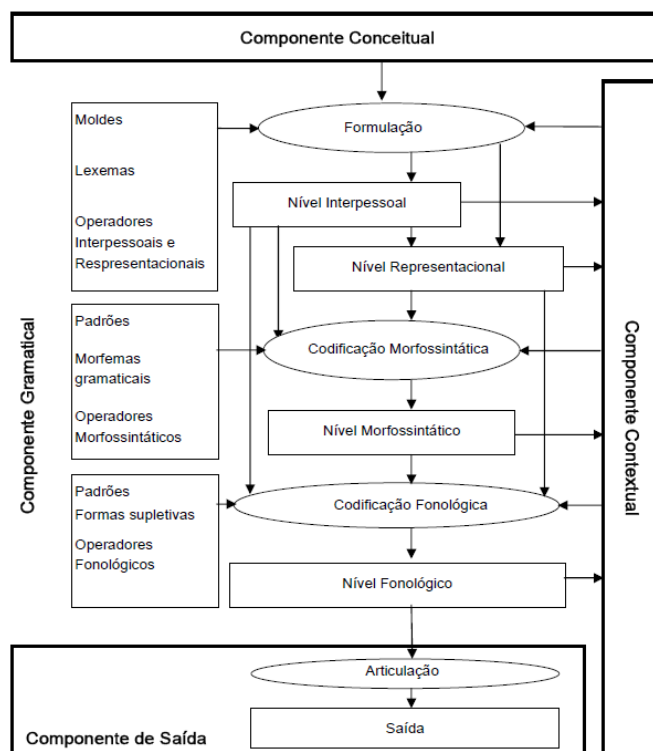


Figura 1-2. Arquitetura geral da GDF (cf. HENGELVED & MACKENZIE, 2012, p. 46)

Na figura 1-2, as elipses representam as operações de formulação e de codificação; os retângulos, os quatro níveis de representação produzidos pelas operações; e os quadrados contêm os primitivos usados nas duas operações. Cada um dos níveis da GDF é concebido como um módulo separado e internamente estruturado em camadas hierarquicamente organizadas. Em (1-1), dispõe-se uma representação da estrutura geral das camadas que compõem os níveis da GDF.

$$(1-1) \quad (\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi]: [\sigma (v_1)_\Phi])$$

Na formulação em (1-1), a camada relevante para a descrição linguística é representada pela variável v_1 . Essa camada é restringida por um *núcleo* ou por um *modificador* (σ), ambos tomando a variável como seu argumento. Além disso, a camada pode

ser especificada por um *operador* (π) e pode também conter uma *função* (Φ).² A seguir, tratamos, de forma sintética, dos três níveis mais importantes para o desenvolvimento de nossas análises: níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático.

1.1. O Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal, conforme propõem Hengeveld e Mackenzie (2008), dá conta de aspectos formalmente codificados que refletem o papel de uma unidade linguística no interior da interação entre Falante e Ouvinte, ou seja, capta distinções que dizem respeito ao modo como Falante e Ouvinte interagem entre si. Assim, sua estruturação parte do reconhecimento das contribuições advindas da *retórica* e da *pragmática*, abordando as propriedades interacionais das estratégias adotadas pelo Falante na obtenção de um objetivo comunicativo em relação ao Ouvinte e na estruturação de sua mensagem conforme suas expectativas em relação ao estado mental do Ouvinte. A Figura 1-3 representa o Nível Interpessoal.

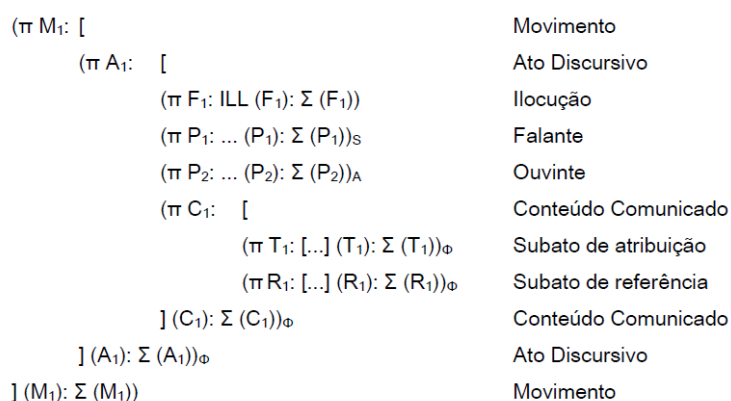


Figura 1-3. Relações hierárquicas do Nível Interpessoal (HENGELVED & MACKENZIE, 2012, p. 51)

O *Movimento* (M), maior camada do Nível Interpessoal, é definido, por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 50), como uma contribuição autônoma para a interação. Tal definição se apoia em Kroon (1995; 1997), que define o *Movimento* como uma unidade discursiva mínima e livre capaz de entrar em uma estrutura de troca. O núcleo do Movimento pode conter um único Ato Discursivo ou pode ser configuracional, abrigando dois ou mais Atos.

² A diferença entre essas categoriais será explicada na seção 2.

- (1-2) a A: What happened yesterday in the Scottish Premier League?
B: Celtic won. And Rangers lost.
b Watch out, because there will be trick questions in the exam.
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 53)

Em (1-2a), o Movimento de Iniciação de A é composto de um único Ato Interrogativo, que gera um Movimento de Reação de B, composto, por sua vez, de dois Atos, ambos com o mesmo peso ou estatuto comunicativo, o que define, entre eles, uma relação de equipolência. O Movimento em (1-2b) também contém dois Atos Discursivos, mas, diferentemente de (1-2a), os dois Atos não têm o mesmo estatuto comunicativo: o alerta (*watch out*) tem peso comunicativo maior do que a justificativa (*because there will be trick questions in the exam*), de forma que, entre esses dois Atos, estabelece-se uma relação de dependência, sendo o primeiro Ato, o Ato Nuclear, e o segundo, o Ato Subsidiário, ao qual se atribui a função retórica Motivação. Além da Motivação, a GDF prevê outras quatro funções retóricas: Orientação, Concessão, Correção e Aposição.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 60) definem o *Ato Discursivo* (A) com base no trabalho de Kroon (1995, p. 65), para quem Atos são “unidades minimamente identificáveis do comportamento comunicativo [que] não necessariamente promovem a conversação na tentativa de se alcançar um objetivo comunicativo.”³ O núcleo de um Ato Discursivo pode conter até quatro unidades: uma Ilocução (F₁), um Falante ((P₁)_S), um Destinatário ((P₂)_A) e um Conteúdo Comunicado (C₁). A partir desses componentes, podem ser distinguidos três diferentes moldes para os Atos Discursivos:

- (1-3) a (A₁: [F₁: ♦ (F₁) (P₁)_S] (A₁))
b (A₁: [(F₁: ♦ (F₁) (P₁)_S (P₂)_A] (A₁))
c (A₁: [(F₁: ♦/ILL (F₁))(P₁)_S (P₂)_A (C₁)] (A₁))

³ No original: “the smallest identifiable units of communicative behaviour. In contrast to the higher order units called Moves, they do not necessarily further the communication in terms of approaching a conversational goal” (KROON, 1995, p. 65).

(1-3a) é o esquema de um Ato Expressivo, que dá expressão direta do sentimento do Falante sem um propósito comunicativo, ou seja, o Falante deseja prioritariamente expressar sua emoção em vez de comunicar ao Ouvinte alguma informação. O Ato Expressivo, dessa forma, preenche apenas duas posições: a da Ilocução (F_1), especificamente a Ilocução Expressiva, preenchida por formas interjetivas como *oba!* e *poxa!*, e a do Falante ($(P_1)_S$).

Já o esquema em (1-3b) representa Atos Interativos, responsáveis por gerenciar, de alguma forma, a interação entre Falante e Ouvinte. Trata-se de classe bastante heterogênea, abrigando desde fórmulas de saudação, despedida e polidez, como *boa tarde* e *obrigado(a)*, até elementos linguísticos comumente denominados de Marcadores Discursivos orientadores da interação, como *olha!* e *né?* (cf. RISSO *et al*, 2006). Um Ato Interativo preenche, dessa forma, as posições da Ilocução (F_1) – uma Ilocução Interativa (geralmente alguma forma ou estrutura fixa) – e dos participantes da interação, Falante ($(P_1)_S$) e Ouvinte ($(P_2)_A$).

Por fim, em (1-3c), o Ato preenche todas as posições hierarquicamente inferiores: Ilocução (F_1), Participantes (Falante ($(P_1)_S$) e Ouvinte ($(P_2)_A$)) e Conteúdo Comunicado (C). Esses Atos são denominados Atos Ilocutivos e transmitem alguma informação do Falante para o Ouvinte, o que condiciona a presença de um Conteúdo Comunicado em seu esquema.

(1-4) Eu quero ir ao show.

$(A_1: [(F_1: \text{DECL} (F_1)) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: \text{eu quero ir ao show} (C_1))] (A_1))$

Um Ato como o de (1-4) contém, além dos dois participantes da interação, uma Ilocução abstrata (F), especificamente uma Ilocução Declarativa (DECL), e um Conteúdo Comunicado (C). Trata-se, claramente, da transmissão de uma totalidade comunicativa e informacional do Falante para o Ouvinte.

O *Conteúdo Comunicado* (C), enquanto parte do Ato Discursivo, corresponde à totalidade do que o Falante deseja evocar na comunicação com o seu Ouvinte (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p. 87). Todo Conteúdo Comunicado deve conter um ou mais

Subatos, que são usados para evocar uma Propriedade, no caso dos *Subatos de Atribuição* (T), ou um referente, no caso dos *Subatos de Referência* (R).

O exemplo em (1-5), retirado de Keizer (2015, p. 72), ilustra a organização do Conteúdo Comunicado, em que, conforme expõe a autora, o Falante evoca dois Subatos Referenciais (*that big dog* e *our cat*), relacionados por um Subato Atributivo, no caso *chased*.

(1-5) That big dog chased our cat. (KEIZER, 2015, p. 72)
 (A₁: [(F₁: DECL (F₁)) (C₁: [(R₁: *that big dog* (R₁)) (R₂: *our cat* (R₂)) (T₁: *chased* (T₁))] (C₁))] (A₁))

Em síntese, o Nível Interpessoal abriga unidades e mecanismos linguísticos que, envolvidos no jogo comunicativo estabelecido entre os participantes da interação, materializam qualquer estratégia comunicativa ou interacional de um usuário da língua.

1.2. O Nível Representacional

O Nível Representacional, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), trata dos aspectos formalmente codificados de uma unidade linguística que refletem seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve.

Conforme afirma Keizer (2015, p. 103), o *input* que vem do Nível Interpessoal pode ser preenchido, no Nível Representacional, com conteúdo semântico, isto é, com descrições de entidades conforme elas ocorrem em algum mundo não linguístico. Segundo a autora (KEIZER, 2015, p. 103), o Nível Representacional lida com os aspectos do significado que podem ser descritos independentemente da intenção comunicativa do Falante; dessa forma, enquanto o Nível Interpessoal descreve entidades em termos acionais e lida com a evocação, o Nível Representacional descreve entidades em termos descritivos e lida com a designação. A Figura 1-4 oferece uma representação das camadas hierarquicamente organizadas desse nível.

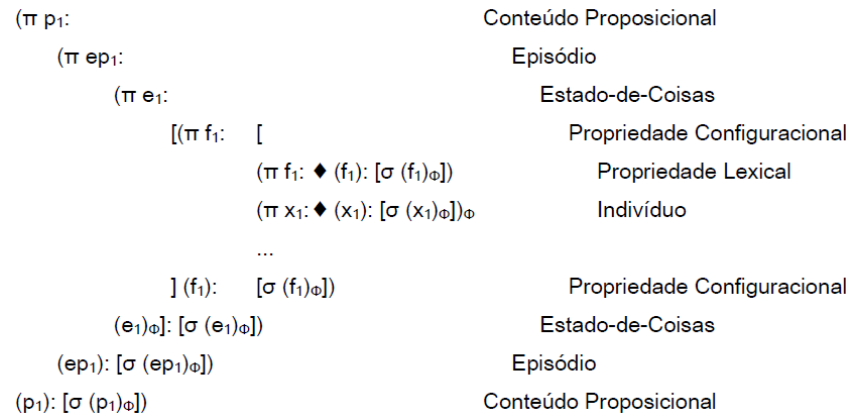


Figura 1-4. Relações hierárquicas do Nível Representacional (HENGELVED & MACKENZIE, 2012, p. 55)

A camada mais alta do Nível Representacional é a do *Conteúdo Proposicional* (p), que designa um construto mental que não pode ser localizado no espaço ou no tempo, mas tem lugar na mente dos participantes da interação verbal. Conteúdos Proposicionais podem conter, como núcleo, *Episódios* (ep), que correspondem a um conjunto de um ou mais *Estados-de-Coisas* (e) tematicamente coerentes no sentido de que apresentam uma unidade ou continuidade de *Tempo* (t), *Lugar* (l) e *Indivíduo* (x).

Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 56) ilustram, para o português, o Episódio com a ocorrência em (1-6), período que, enquanto parte de uma narrativa maior, abriga uma série de formas verbais não-finitas e finitas que, juntas, descrevem um Episódio, uma vez que há uma unidade de tempo, de espaço e de indivíduo entre todos os eventos listados.

(1-6) Ao sair, parando para verificar a caixa de correio, dando uma olhada para a calça e parando para ajustar o seu chapéu, ele caminhou até seu carro.

Esse trecho revela, além disso, um segundo aspecto que diferencia Episódios de Estados-de-Coisas: a localização em tempo absoluto. As orações em (1-6) representam todas Estados-de-Coisas que, ao integrar um conjunto único, são localizados temporalmente de forma absoluta, ou seja, a localização temporal ocorre apenas uma vez para a série como um todo (cf. HENGELVED & MACKENZIE, 2012, p. 56).

O núcleo de um Estado-de-Coisas pode ser uma Propriedade simples, no caso uma *Propriedade Lexical* (f), ou uma Propriedade complexa, chamada de *Propriedade*

Configuracional (fc), que abriga o inventário de moldes de predicação relevantes de uma língua. A predicação é entendida como a combinação de um predicado e seus argumentos de forma que, num molde de predicação, há um núcleo e seus dependentes, e essa dependência é mostrada por meio da presença de funções semânticas.

Com base em Keizer (2015), vemos que, em (1-7a), o Estado-de-Coisas (e) tem como núcleo uma Propriedade Configuracional (fc) que consiste em um predicado (o verbo *retirar*) que atribui uma Propriedade (f) a (predica sobre) seu argumento Ativo ((x_1)_A), o participante *o ladrão*; já em (1-7b), o Estado-de-Coisas consiste em uma Propriedade (o verbo *atacar*) que indica uma relação entre dois participantes, o argumento Ativo *o inimigo* ((x_1)_A) e o inativo *a cidade* ((x_2)_U); juntos, esses elementos formam o núcleo configuracional do Estado-de-Coisas.

- (1-7) a O ladrão se retirou.
 (e_1 : (fc_1 : [$(f_1$: retirar-se_V (f_1)) (x_1 : o ladrão (x_1)_A)] (fc_1)) (e_1))
 b O inimigo atacou a cidade.
 (e_1 : (fc_1 : [$(f_1$: atacar_V (f_1)) (x_1 : o inimigo (x_1)_A) (x_2 : a cidade (x_2)_U)] (fc_1)) (e_1))
 (adaptado de KEIZER, 2015)

As línguas, de modo geral, diferenciam-se a depender da natureza e do número de moldes de predicação que permitem com respeito às valências quantitativa e qualitativa. A valência quantitativa determina o número mínimo e máximo de unidades que podem integrar um esquema de predicação. Já a valência qualitativa diz respeito às categorias semânticas das unidades que compõem a predicação e o modo como as relações entre unidades são expressas em termos de funções semânticas.

As Propriedades Configuracionais, segundo Hengeveld e Mackenzie (2012), são formadas por categorias semânticas de vários tipos, como *Propriedades Lexicais* (f), que não têm existência autônoma e só podem ser avaliadas em termos de sua aplicabilidade a outras entidades, e *Indivíduos* (x), objetos concretos que podem ser localizados no espaço. Outras categorias semânticas que podem entrar na composição das Propriedades Configuracionais e

que podem, portanto, integrar o Nível Representacional (desde que apresentem algum reflexo formal na gramática da língua) são *Lugar, Tempo, Modo, Razão e Quantidade*.

Em síntese, deve-se destacar aqui que o Nível Representacional captura as propriedades semânticas formalmente codificadas dos enunciados, lidando com a descrição ou representação de diferentes categoriais ontológicas que se fazem presentes na relação entre usuário da língua e mundo extralinguístico.

1.3. O Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística e trabalha a partir do *input* fornecido pelos níveis da formulação: enquanto os níveis Interpessoal e Representacional dão conta de aspectos pragmáticos e semânticos envolvidos na formulação, o Nível Morfossintático se preocupa com um primeiro tipo de codificação, a codificação morfossintática, cuja tarefa é amalgamar o *input* vindo dos níveis Interpessoal e Representacional numa representação estrutural que, no Nível Fonológico, será convertida num construto fonológico por meio da codificação fonológica.

Esse *input*, que segue dos níveis da formulação para o Nível Morfossintático, pode conter informações lexicais (do componente lexical), preservadas no *output*, e informações não-lexicais, que podem ser, especificamente, (i) informações a respeito de *relações de dependência*, como a que se dá entre modificadores e núcleo ou entre unidades do mesmo nível (por exemplo, entre Ato Nuclear e Ato Subsidiário), (ii) informações sobre *funções*, como funções retóricas, pragmáticas e semânticas, (iii) informações sobre *operadores* e, por fim, (iv) informações abstratas do tipo que devem ser convertidas em proformas.

Tal sistemática da codificação morfossintática revela que muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado; a ordenação de constituintes, por exemplo, é altamente motivada por fatores como a iconicidade, a integridade de domínio e a preservação de relações de escopo. Entretanto, não se deve esquecer que esse nível apresenta

seus próprios princípios de organização, que podem não ser funcionalmente motivados. A figura 1-5 representa a organização do Nível Morfossintático.

(Le ₁ :	Expressão Linguística
(Cl ₁ :	Oração
(Xp ₁ :	Sintagma
(Xw ₁ :	Palavra
(Xs ₁)	Raiz
(Aff ₁)	Afixo
(Xw ₁))	Sintagma
(Xp ₁))	Frase
(Cl ₁))	Oração
(Le ₁))	Expressão Linguística

Figura 1-5. Relações hierárquicas do Nível Morfossintático (cf. HENGELVED & MACKENZIE, 2012, p. 59)

A *Expressão Linguística* (Le), camada mais alta do Nível Morfossintático, é, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 308), um conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática que pode ser usada independentemente. Nos casos em que a Expressão Linguística é composta por mais de uma unidade morfossintática, elas compartilham entre si propriedades morfossintáticas sem, necessariamente, ser parte uma da outra. As unidades que podem ser combinadas numa Expressão Linguística são Orações e Sintagmas.

Em (1-8), trazemos, a partir de Keizer (2015), possíveis exemplos do português que ilustram casos de Expressões Linguísticas com uma, duas e três unidades morfossintáticas.

- (1-8) a (Quantos livros você comprou?) Dois.
 (Le₁: (Gw₁: dois (Gw₁)) (Le₁))
- b Ele veio.
 (Le₁: (Cl₁: [(Np₁: (Nw₁: ele (Nw)) (Np)_{Subj}) (Vp₁: (Vw₁: veio (Vw)) (Vp))]) (Cl₁)) (Le₁))
- c João comprou livros, e Maria alugou um DVD.
 (Le₁: [(Cl₁: – João comprou livros – (Cl₁)) (Cl₂: – Maria alugou um DVD – (Cl₂))] (Le₁))

(adaptado de KEIZER, 2015, p. 182)

Em (1-8a), a Expressão Linguística é formada por uma única Palavra Gramatical (Gw) no caso o numeral *dois*. Por sua vez, em (1-8b), a Expressão Linguística se constrói a partir de uma Oração (Cl), formada por um Sintagma Nominal (Np), com a Palavra Nominal *ele* (Nw),

e por um Sintagma Verbal (Vp), com a Palavra Verbal *veio* (Vw). A Expressão Linguística em (1-8c), por fim, é formada por duas Orações (Cl₁ e Cl₂), numa relação de Coordenação.

A *Oração* (Cl), de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), pode configurar-se a partir de Sintagmas (Xp), de Palavras (Xw) e também de outras Orações (^{dep}Cl), nos casos de subordinação. Com base em Keizer (2015), podemos prever as seguintes possibilidades de combinação para o português (cf. (1-9)).

- (1-9) a O menino colocou o dinheiro no cofre.
 (Cl₁: [(Np₁: – o menino – (Np₁)_{Subj}) (Vp₁: (Vw₁: colocou (Vw₁)) (Vp₁)) (Np₂: – o dinheiro – (Np₂)_{Obj}) (Adpp₁: no cofre (Adpp₁))] (Cl₁))
 b Você sabe onde está Maria?
 (Cl₁: [(Np₁: (Nw₁: – você – (Nw₁)) (Np₁)_{Subj}) (Vp₁: (Vw₁: sabe (Vw₁)) (Vp₁)) (^{dep}Cl₂: – onde está Maria – (Cl₂)_{Obj})] (Cl₁))

Em (1-9a), a Oração absoluta (Cl) é composta de dois Sintagmas Nominais (Np), um com função sintática de Sujeito (Subj), e o outro, de Objeto (Obj), e por um Sintagma Adposicional (Adpp), relacionados pelo Sintagma Verbal (Vp). Já (1-9b) é um caso de Oração complexa (Cl₁), em que, junto ao predicado, o Sintagma Verbal (Vp), há um argumento codificado como Sintagma Nominal (Np), na função Sujeito, e outro codificado como outra Oração (^{dep}Cl₂), na função Objeto (Obj).

O *Sintagma* (Xp), por sua vez, pode consistir numa sequência de Palavras (Xw), de outros Sintagmas (Xp) ou de Orações encaixadas (^{dep}Cl), como as orações relativas. Com base em Keizer (2015), podemos prever as combinações em (1-10) para o Sintagma em português.

- (1-10) a um carro muito caro
 (Np₁: [(Gw₁: – um – (Gw₁)) (Nw₁: – carro – (Nw₁)) (Adj_{p1}: [(Adv_{p1}: (Adv_{w1}: – muito – (Adv_{w1})) (Adv_{p1})) (Adj_{w1}: – caro – (Adj_{w1}))] (Adj_{p1}))] (Np₁))
 b o dinheiro no cofre
 (Np₁: [(Gw₁: – o – (Gw₁)) (Nw₁: – dinheiro – (Nw₁)) (Adpp₁: [(Adp_{w1}: em (Adp_{w1})) (Np₂: [(Gw₂: – o – (Gw₂)) (Nw₂: – cofre – (Nw₂))] (Np₂))] (Adpp₁))] (Np₁))
 c o dinheiro que ele roubou
 (Np₁: [(Gw₁: – o – (Gw₁)) (Nw₁: – dinheiro – (Nw₁)) (Cl₁: – que ele roubou – (Cl₁))] (Np₁))

(adaptado de KEIZER, 2015, p. 218)

Em (1-10a), o Sintagma Nominal *um carro muito caro* (Np₁) se compõe de uma Palavra Gramatical (Gw), o artigo *o*, de uma Palavra Nominal (Nw), o Substantivo *carro*, núcleo desse Sintagma, e do Sintagma Adjetival *muito caro* (Adj_p), que, além do núcleo adjetival *caro* (Adj_w), contém um Sintagma Adverbial (Adv_p), cujo núcleo é o Advérbio *muito* (Adv_w). Já em (1-10b), o Sintagma Nominal *o dinheiro no cofre*, além de seu núcleo nominal *dinheiro* e da Palavra Gramatical *o*, é formado pelo Sintagma Adposicional, contendo uma Palavra adposicional *em* (Adp_w) e um Sintagma Nominal *o cofre*. Por fim, em (1-10c), o Sintagma Nominal *o dinheiro que ele roubou* tem como núcleo o substantivo *dinheiro* e, adjunto a esse núcleo, a Palavra Gramatical *o* e a Oração relativa *que ele roubou*.

O núcleo de um Sintagma sempre será um item lexical, transmitido ou do Nível Interpessoal, ou do Nível Representacional. Dessa forma, é possível distinguir os seguintes tipos de Sintagmas: Sintagma Verbal (Vp), Sintagma Nominal (SN), Sintagma Adjetival (Adj_p), Sintagma Adverbial (Adv_p) e Sintagma Adposicional (Adp).

Por fim, a *Palavra* (X_w) pode ser simples, quando constituída de um único morfema, ou complexa, consistindo numa sequência de Morfemas (X_m), como Raízes e Afixos, ou de outras Palavras (X_w), ou de Sintagmas (X_p) e/ou de Orações (Cl).

Em síntese, o Nível Morfossintático é o primeiro nível envolvido na Codificação dos aspectos determinados pela Formulação. Conforme se pode observar, a GDF não traça uma distinção entre Morfologia e Sintaxe, mas as integra num único nível, já que acredita que tanto a Morfologia como a Sintaxe respondem aos mesmos princípios.

2. LÉXICO E GRAMÁTICA NA GRAMÁTICA DICURSIVO-FUNCIONAL

No interior do modelo da GDF, um ponto que toca a distinção *lexical x gramatical* é a proposição de uma série de primitivos que têm estatutos (lexical ou gramatical) variados. Os primitivos são blocos construtores combinados conforme as regras de formulação e de

codificação da gramática da língua. A operação de Formulação, especificamente, envolve três processos interligados: (i) a seleção apropriada de *moldes* (ou *frames*) para os níveis Interpessoal e Representacional; (ii) a seleção de Lexemas apropriados a esses moldes; (iii) e a aplicação de operadores simbolizando as distinções gramaticais requeridas pelo sistema linguístico. Para cada um desses processos, um conjunto de primitivos está disponível.

Os *moldes* definem quais são as combinações possíveis de elementos para cada uma das camadas que integram os níveis Interpessoal e Representacional. Salientam-se, aqui, como peças importantes dentro de um molde, o **núcleo** e a **função**. *Núcleos* são sempre lexicais e correspondem à informação mais elementar dentro de um molde; assim, por exemplo, a Ilocução de um Ato Declarativo performativo como (1-11a) tem um núcleo lexical, preenchido com o verbo *prometer*, enquanto o núcleo de um Ato Imperativo como (1-11b) é abstrato. *Funções*, por outro lado, são estratégias altamente gramaticais e relacionais, de modo que estabelecem algum vínculo, semântico ou pragmático, entre unidades linguísticas. Por exemplo, em (1-11c), a clivagem constitui, segundo Pezatti (2014, p. 110), um mecanismo formal de marcação da função Contraste; ao atribuir-se a função Contraste ao Subato Referencial *a classe dominante*, contrasta-se tal informação com outros referentes disponíveis no co(n)texto.

- (1-11) a Eu prometo que me comportarei.
 (A₁: [F₁: **prometo** (F₁)] (P₁)_S (P₂)_A (C₁: me comportarei (C₁))] (A₁))
 b Comporte-se!
 (A₁: [F₁: **IMP** (F₁)] (P₁)_S (P₂)_A (C₁: comportar-se (C₁))] (A₁))
 c e então **é a classe dominante** **que** usufrui de, da, cultura (PEZATTI, 2014, p. 110)
 (A₁: [F₁: DECL (F₁)] (P₁)_S (P₂)_A (C₁: [(T₁: usufruir (T₁)) (R₁: a classe dominante (R₁)_{Cont}) (R₂: a cultura (R₂))] (C₁))] (A₁))

Além disso, no interior dos moldes, especificamente dos moldes de predicação (ou Propriedade Configuracional), pode-se distinguir os **predicados**, que correspondem a

elementos de natureza lexical que atribuem uma Propriedade a seu(s) argumento(s) e, assim, constroem diferentes tipos de predicação.

Os *Lexemas*, por sua vez, são unidades independentes que devem estar associadas aos moldes. Entre os Lexemas, é importante destacar os **modificadores**, estratégias lexicais empregadas pelo falante para restringir a denotação ou a evocação de uma camada. Por exemplo, em (1-12a), o modificador *felizmente* sinaliza, de acordo com Pezatti (2014), uma avaliação positiva do Falante em relação ao Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo por ele proferido; em (1-12b), por outro lado, o modificador *nessas zonas* assinala, segundo Pezatti (2014), o lugar de ocorrência do Estado-de-Coisas ali representado.

- (1-12) a ***Felizmente*** já toco alguma coisa. (PEZATTI, 2014, p. 114)
 (C₁: já toco alguma coisa (C₁): **felizmente** (C₁))
 b e agora recomeçam uma vida nova ***nessas zonas*** (PEZATTI, 2014, p. 123)
 (e₁: recomeçam uma vida nova (e₁): **nessa zonas** (e₁))

Por fim, os **operadores** representam expressões gramaticais em termos de conteúdo semântico e pragmático. Trata-se, na verdade, de especificadores de um conteúdo designado ou evocado por uma determinada camada. Por exemplo, de acordo com Pezatti (2014), em (1-13a), a construção-*que*, um operador de ênfase, realça o Subato *nunca*; já em (1-13b), o operador de polaridade negativa *não* incide sobre o Estado-de-Coisas, negando sua realidade.

- (1-13) a nós nunca ***que*** iríamos vender a nossa liberdade e a nossa independência
 (PEZATTI, 2014, p. 111)
 (**emph** T₁: nunca (T₁))
 b eu ***não*** tenho esses meios, em casa (PEZATTI, 2014, p. 120)
 (**não** e₁: eu tenho esses meios (e₁): em casa (e₁))

Hengeveld e Mackenzie (2016) salientam que a distinção de um conjunto de primitivos que alimentam a formulação permite descrever, na GDF, o significado lexical de elementos linguísticos, já que as definições de significado, nesse modelo, não fazem parte da gramática. Na visão dos autores, significados são experienciais por natureza e apontam, de

dentro do Componente Conceitual e por meio do processo de Formulação, para itens lexicais que têm o seu lugar dentro do Componente Gramatical. O significado lexical, dentro do Componente Gramatical, é, então, resultado da combinação de um Lexema com um molde específico. A GDF considera como parte de nosso conhecimento linguístico saber quais Lexemas podem ser mapeados em determinados moldes.

Nesse sentido, na tentativa de definir relações possíveis entre o componente lexical e o Componente Gramatical, Hengeveld e Mackenzie (2016) definem uma ligação estratégica entre o Componente Gramatical e o Componente Conceitual: os autores mostram que, para cada Ato Discursivo, o Componente Conceitual desenvolve uma Mensagem em dois estágios: (i) no primeiro, determinam-se configurações globais que são passadas para o Componente Gramatical e que engatilham a escolha de certos moldes na formulação; (ii) no segundo estágio, outros fatores entram em jogo, como as intenções do Falante, o contexto discursivo, a natureza da interação; juntos, tais fatores desencadeiam múltiplas escolhas detalhadas na Formulação, incluindo-se aí a seleção de operadores e, crucialmente, a inserção de Lexemas nos moldes. De acordo com García Velasco (2016), esse processo de inserção de Lexemas é direcionado por uma competência lexical do Falante, que corresponde à habilidade de usar eficientemente palavras com base em um conjunto de conhecimentos que emergem da experiência em ouvir e usar tais palavras.

Deve-se destacar, nesse ponto, que, na GDF, assim como na GF, mantém-se, no tocante à proposta de primitivos da formulação, uma rígida distinção entre elementos lexicais (predicados, núcleos e modificadores) e elementos gramaticais (operadores e funções). Essa categorização estanque e discreta dos elementos linguísticos, que não dá espaço para elementos de natureza híbrida e gradual, é objeto de questionamento de Keizer (2007).

Ao refletir sobre o estatuto lexical ou gramatical de determinadas classes de palavras ou itens linguísticos do inglês e sobre sua representação na GDF, Keizer (2007) distingue,

conforme demonstra a figura 1-6, quatro grandes grupos: (i) *elementos lexicais primários*: nomes e verbos altamente lexicalizados, adjetivos e advérbios; (ii) *elementos lexicais secundários*: combinações de Lexemas que passaram a comportar-se como um único Lexema, o que incluiria elementos descritivos, como as expressões idiomáticas, e elementos não-descritivos que mantêm traços do significado original, como casos incipientes de GR (no inglês, *sort of* e *in case* são exemplos); (iii) *elementos gramaticais secundários*: preposições, pronomes, numerais, demonstrativos, algumas conjunções etc.; (iv) *elementos gramaticais primários*: itens quase plenamente gramaticalizados, como artigos, modais e algumas conjunções e preposições.

itens de conteúdo		> palavras gramaticais		> afixos flexionais
Elementos lexicais primários	Elementos lexicais secundários	Elementos gramaticais secundários	Elementos gramaticais primários	
verbo pleno, substantivo, adjetivo	expressões idiomáticas; formas lexicalizadas	numerais, demonstrativos, pronomes	artigos, modais, algumas conjunções e preposições	- s - ed - ing
restritores (modificadores)		??????	operadores/funções	

Figura 1-6. *Cline* revisado de gramaticalidade (adaptado de KEIZER, 2007, p.47)

A partir dessa distinção, a autora propõe o *cline* de gramaticalidade disposto na figura 1-6, e, por meio desse *cline*, podemos observar que a autora traça algumas correspondências com os primitivos previstos na GDF: os elementos lexicais primários e secundários correspondem a modificadores, enquanto os elementos gramaticais primários e os afixos flexionais correspondem a operadores ou a funções. Para a autora, elementos gramaticais secundários não apresentam primitivo correspondente no modelo da GDF.

Para preencher essa lacuna e amenizar a perspectiva dicotômica da GDF no tratamento do léxico e da gramática, Keizer (2007) propõe um terceiro tipo de primitivo: os **operadores lexicais**. Segundo a autora, alguns itens linguísticos, como os demonstrativos, não restringem o significado da expressão (e, dessa forma, não podem ser considerados modificadores), mas

são empregados para ajudar o ouvinte a perceber a entidade evocada por meio de informações não-descriptivas, como proximidade, e, dessa forma, comportam-se como operadores. Entretanto, esses itens são considerados itens gramaticais secundários, tendo uma natureza mais lexical do que gramatical. Esses itens, enquanto elementos gramaticais secundários que cumprem o papel de operadores, são operadores lexicais.

Um segundo ponto que toca a questão da distinção *lexical x grammatical* na GDF é sua abordagem em relação às classes de palavras. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), essa questão deve ser abordada tanto no Nível Representacional, em que se distinguem classes de Lexemas, como no Nível Morfossintático, em que se distinguem classes de Palavras. Tal distinção se faz necessária, pois, como as línguas não são totalmente transparentes, pode haver alguns desajustes na correspondência entre Lexemas e Palavras. Os *dummies* são um exemplo (cf. (1-14)), já que, inseridos somente no Nível Morfossintático por razões exclusivamente formais, não apresentam qualquer correlato interpessoal ou representacional.

(1-14) *It rained.* (KEIZER, 2015, p. 237)

NI: (T_i: rain (T_i))

NR: (Past ep_i: (e_i: (f_i: rain_v (f_i)) (e_i)) (ep_i))

NM: (Cl: [(Gw: it (Gw)_{Subj}) (Vp: (Vw: rained (Vw)) (Vp))] (Cl))

A sentença impessoal do inglês em (1-14) é codificado, no Nível Morfossintático, como uma Oração contendo duas Palavras, uma Gramatical (Gw), no caso *it*, e uma Lexical (Lw), no caso *rain*: esta, enquanto item de conteúdo e, assim, um Lexema, corresponde a um Subato Atributivo (T), no Nível Interpessoal, e a uma Propriedade Lexical (f), no Nível Representacional, pertencente à classe dos Lexemas verbais (Vw); aquela, por outro, enquanto *dummy*, não tem representação no Nível Interpessoal ou no Nível Representacional, sendo inserida somente no Nível Morfossintático por razões estritamente formais, que, no caso do inglês, é a necessidade de preenchimento da função sujeito.

Hengeveld e Mackenzie (2016) sintetizam três importantes questões relacionadas à distinção de classes de palavras na GDF: (i) as classes de Lexemas são funcionalmente definidas em termos dos diferentes papéis que os Lexemas cumprem na construção dos níveis Interpessoal e Representacional;⁴ (ii) as diferentes categorias assumidas pelos Lexemas são especificadas nos níveis Interpessoal e Representacional, já que as classes de Lexemas são definidas em termos das funções específicas que os Lexemas cumprem na construção de configurações interpessoais e de representação; (iii) na codificação, mais especificamente no Nível Morfossintático, as classes de Palavras são determinadas por princípios totalmente diferentes, especificamente pela sua distribuição e por características morfossintáticas.

A funcionalidade dos Lexemas é definida por Hengeveld e Mackenzie (2008) a partir de dois parâmetros: (i) do seu estatuto como núcleo ou modificador, e (ii) o estatuto de Subato dessa categoria no Nível Interpessoal. Combinando esses dois parâmetros, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 218-219) apresentam quatro diferentes moldes funcionais:

(i) $(f_1: \blacklozenge (f_1))$: $[\overset{T}{\sigma} (f_1)_\phi]$, em que o Lexema ($\blacklozenge$) funciona como núcleo de uma Propriedade Lexical (f_1), que corresponde a um Subato Atributivo (T) independente, no Nível Interpessoal;

(ii) $(f_1: \blacklozenge (f_1))$: $[(f_2: \blacklozenge (f_2)) (f_1)_\phi]$, em que o Lexema ($\blacklozenge$) é núcleo de uma Propriedade Lexical (f_2) que, por sua vez, modifica outra Propriedade Lexical (f_1), sendo que essa última Propriedade Lexical corresponde a um Subato Atributivo (T) independente, no Nível Interpessoal;

(iii) $(v_1: [(f_1: \blacklozenge (f_1)) (v_1)_\phi])$: $[\overset{T}{\sigma} (v_1)_\phi]$, em que o Lexema ($\blacklozenge$) é núcleo de uma Propriedade Lexical (f_1) que, por sua vez, é núcleo de uma unidade representacional qualquer (v_1), sendo que essa unidade representacional qualquer corresponde, no Nível Interpessoal, a um Subato Referencial (R);

⁴ Vale lembrar que Lexemas correspondem tipicamente a itens ou formas de conteúdo (lexicais) que podem ser descritos, no Nível Interpessoal, como Subatos e, no Nível Representacional, como Propriedades Lexicais.

(iv) $\overset{R}{(v_1: [(f_1: \overset{T}{\diamond} (f_1)) (v_1)_\phi]: [(f_2: \overset{T}{\diamond} (f_2)) (v_1)_\phi])}$, em que o Lexema ($\diamond$) é núcleo de uma Propriedade Lexical (f_2) que, por sua vez, modifica outra Propriedade Lexical (f_1), sendo essa última Propriedade Lexical o núcleo de uma unidade representacional qualquer (v_1) que, no Nível Interpessoal, corresponde a um Subato Referencial (R).

De modo geral, é possível definir quatro funções dos Lexemas: (i) núcleo dentro de um Subato Atributivo independente; (ii) modificador dentro de um Subato Atributivo independente; (iii) núcleo dentro de um Subato Referencial; (iv) modificador dentro de um Subato Referencial. A ocorrência em (1-15), retirado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 219-220), e sua representação exemplificam essas quatro funções dos Lexemas.

(1-15) The tall girl sings well.

$$\begin{aligned} (e_i: [(f_i: [\overset{T}{f_j: \text{sing}_v} (f_j): [(f_k: \text{well} (f_k)) (f_j)_\phi]] \\ \overset{R}{(x_i: [(f_l: \text{girl} (f_l)) (x_i)_\phi]: [(f_m: \text{tall} (f_m)) (x_i)_\phi]] } \\ (f_i)) (e_i)_\phi]) \end{aligned}$$

Podemos observar que o Estado-de-Coisas (e_i) descrito em (1-15) tem como núcleo uma Propriedade Configuracional de um-lugar (f_i), em que o predicado, no caso a Propriedade verbal (ou o Lexema verbal) *sing* (f_j), seleciona um único argumento Ativo, no caso *the tall girl*, que descreve um indivíduo (x_i) no Nível Representacional e que corresponde a um Subato Referencial (R) no Nível Interpessoal. O Lexema verbal *sing*, um Subato Atributivo (T) no Nível Interpessoal, é modificado por uma Propriedade adverbial, no caso *well* (f_k), que também corresponde a um Subato Atributivo (T) no Nível Interpessoal. O argumento Ativo compõe-se de uma Propriedade nominal (f_l), no caso o Lexema substantivo *girl*, modificada por uma Propriedade adjetival (f_m), o Lexema *tall*; no Nível Interpessoal, ambos Lexemas correspondem a Subatos Atributivos (T).

Frente à explicação da ocorrência em (1-15), Hengeveld e Mackenzie (2008) distinguem quatro classes de Lexemas no Nível Representacional: (i) Verbos, núcleos de um

Subato Atributivo; (ii) Substantivos, núcleo de um Subato Referencial; (iii) Adjetivos, modificador de um Subato Referencial; (iv) Advérbio, modificador de um Subato Atributivo.

Os Lexemas, conforme Keizer (2015, p. 236), funcionam como núcleo de um Sintagma, e é a categoria sintática da Palavra Lexical que determina o tipo de Sintagma. Já as Palavras Gramaticais não são acionadas por informação lexical e, a depender do tipo de informação que captam nos níveis da Formulação, podem ser divididas em três classes:

- (i) Palavras Gramaticais que não correspondem a qualquer unidade representacional ou interpessoal, como os *dummies*, que, conforme afirmado com a ocorrência (1-14), preenchem posições morfossintáticas obrigatórias mesmo na ausência de qualquer informação lexical;
- (ii) Palavras Gramaticais que codificam operadores ou funções dos níveis Representacional e Interpessoal; por exemplo, em (1-16), o operador de aspecto perfectivo (*perf*), aplicado à Propriedade Configuracional (f_i), é codificado por meio do auxiliar *have* (*has*, em sua forma de terceira pessoa do singular), portanto uma Palavra Verbal no Nível Morfossintático que corresponde a um operador no Nível Representacional.

(1-16) The train *has arrived*. (KEIZER, 2015, p. 237)

NI: (C₁: [(+id, +s R₁: train (R₁) (T₁: arrive (T₁))] (C₁))

NR: (Pres ep: (e: [(**perf** f_i: [(f_j: arrive_v (f_j)) (x_i: train_N (x_i)_U)] (f_i))] (e_i)) (ep_i))

NM: (Cl: [(Np: [(Gw: the (Gw)) (Nw: train (Nw))] (Np)_{Subj}) (Vp: [(Vw₁: **have.pres.3.sg** (Vw₁)) (Vw₂: arrive.past-part (Vw₂))] (Vp))] (Cl))

- (iii) Palavras Gramaticais que correspondem a unidades interpessoais e/ou representacionais que não contêm um núcleo lexical, como é o caso dos pronomes pessoais; em (1-17), o pronome de primeira pessoa do singular *I*, por exemplo, não contém núcleo lexical pleno, apenas um núcleo abstrato, com informações interpessoais e/ou representacionais.

(1-17) I laughed. (KEIZER, 2015, p. 237)

NI: (C₁: [(R₁: [+S –A] (R₁)) (T₁: laugh (T₁))] (C₁))

NR: (Pres ep_i: (e_i: [(f_i: [(f_j: laugh_v (f_j)) (x_i)_A] (f_i))] (e_i)) (ep_i))

NM: (Cl: [(Np: (Nw: I (Nw)) (Np)_{Subj}) (Vp: (Vw: laugh.past (Vw)) (Vp))] (Cl))

A tabela 1-1 a seguir, conforme desenhado por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 401), representa a correspondência entre as classes de Lexemas, ou de Palavras Lexicais, e as classes de Palavras Gramaticais.

Palavras Lexicais	Exemplos	Palavras Gramaticais	Exemplos
Verbo	<i>limpar</i>	Verbo Auxiliar	<i>ir, estar</i>
Substantivo	<i>casa</i>	Pronome	<i>eu, ele, aquele</i>
Adjetivo	<i>bonito</i>	Proadjetivo	<i>tal</i>
Advérbio	<i>agora</i>	Proadvérbio	<i>lá, aí, então</i>
Aposição	<i>sob, sobre</i>	Aposição Gramatical	<i>de, em</i>
Conjunção	<i>enquanto</i>	Conjunção Gramatical	<i>que, porque</i>
Partícula	<i>hei, uau</i>	Partícula Gramatical	<i>só, até</i>

Tabela 1-1. Correspondências entre as classes de Palavras Lexicais e Gramaticais (adaptado de HENGVELD; MACKENZIE, 2008, p. 401)

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 401), todas as Palavras Lexicais, no Nível Morfossintático, têm um Lexema correspondente no Nível Representacional. Já as Palavras Gramaticais não: elas correspondem a operadores, funções ou unidades de núcleo abstrato nos níveis Interpessoal ou Representacional. Para ilustrar tal questão, os autores trazem a tabela 1-2, que exemplifica algumas correspondências entre Palavras Gramaticais introduzidas no Nível Morfossintático e elementos dos níveis Interpessoal e Representacional.

Forma	Nível Interpessoal	Nível Representacional
<i>must</i>	–	Operador inferencial
<i>you</i>	(R ₁ : [-S, +A] (R ₁))	(x ₁)
<i>such</i>	–	Operador aprox. de (f ₁)
<i>there</i>	(R ₁)	(dist l ₁)
<i>at</i>	–	Função Locativa em (l ₁) ou (t ₁)
<i>because</i>	–	Função Causa em (e ₁) ou (p ₁)

Tabela 1-2. Exemplos de correspondências entre Palavras Gramaticais e elementos dos níveis Interpessoal e Representacional (cf. HENGVELD; MACKENZIE, 2008, p. 402)

Com a tabela 1-2, o que se nota é que as Palavras Gramaticais podem corresponder a (i) unidades como *you* e *there*, formas morfossintáticas chamadas de proformas; (ii) operadores, como é o caso de *must* e *such*; (iii) funções, como é o caso de *at* e *because*, formas chamadas de relatores.

Em síntese, deve-se ressaltar que, conforme afirmam Hengeveld e Mackenzie (2016), a distinção *gramatical* x *lexical*, na GDF, diz respeito à divisão de trabalho entre primitivos que alimentam a Formulação, uma vez que o léxico, na GDF, deve ser visto como parte do Componente Gramatical, compondo, junto a esquemas e operadores, o conjunto de primitivos que sustentam as operações engendradas pelos níveis Interpessoal e Representacional.

CAPÍTULO 2

Multifuncionalidade de *ainda* no português

Este capítulo, com base no modelo da GDF, distingue quatro usos de *ainda* no português contemporâneo. Após apresentar o material e os parâmetros utilizados para a análise, caracteriza-se a multifuncionalidade de *ainda*, descrevendo as propriedades funcionais e formais subjacentes a cada um de seus usos. Encerram, este capítulo, considerações que levantam evidências para uma abordagem hierárquica da gramaticalização de *ainda*.

1. MATERIAL E METODOLOGIA DE ANÁLISE

Esta tese toma, como universo de investigação, ocorrências reais de uso de *ainda* retiradas a partir de dois *corpora*: o **Corpus mínimo do Projeto da Gramática do Português Falado**, composto por amostras do Projeto NURC/Brasil (Norma Urbana Culta), e o **Corpus do Português**, organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira, e disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>.

A análise desenvolvida toma uma perspectiva qualitativa: a preocupação é mapear propriedades funcionais (em termos de unidades pragmáticas e semânticas) e formais (em termos de unidades morfosintáticas) subjacentes a cada uso de *ainda*, sem qualquer controle de quantidades, frequências ou de produtividade da forma sob análise. Tal recorte encontra justificativa na própria concepção de gramática da GDF e em sua abordagem da gramaticalização (que começa a se delinear em trabalhos recentes, como o de Hengeveld (2011; no prelo)): a GDF preocupa-se com fenômenos linguísticos formalmente codificados nas línguas, independente de sua produtividade no sistema linguístico, ou seja, para a GDF, se um determinado fato ou fenômeno linguístico ocorre numa língua, ele, independente de sua frequência de ocorrência, integra o inventário dessa língua. Dessa forma, para atender ao objetivo mais geral desta tese, o de delinear possíveis categoriais fluidas e/ou híbridas para o tratamento do contínuo entre léxico e gramática no interior da GDF, uma análise qualitativa

pautada em parâmetros de natureza pragmática, semântica e morfosintática é suficiente e adequada.

A GDF, enquanto modelo de intenções e conceptualizações codificadas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 2), prevê que a produção linguística se inicia, na formulação, com a estruturação da intenção do Falante em unidades discursivas e desenvolve-se, por meio da operação de codificação, até a articulação. Levando em consideração esse modelo de processamento linguístico que dá suporte à organização descendente (ou *top-down*) da GDF, cotejamos, para a análise, um conjunto de oito parâmetros que buscam, por um lado, descrever as propriedades semânticas e pragmáticas subjacentes a cada uso de *ainda* e, por outro lado, determinar as propriedades formais que constroem padrões linguísticos a partir do *input* oferecido pelos níveis da formulação no que diz respeito aos usos de *ainda*. Apresentamos, a seguir, esses oito parâmetros de análise.

(1) **Nível de atuação de *ainda***

Este primeiro parâmetro procura determinar o nível de atuação de *ainda* na formulação de uma expressão linguística: no **Nível Interpessoal**, enquanto estratégia comunicativa do Falante em atingir a atenção do Ouvinte, ou no **Nível Representacional**, enquanto elemento que contribui para a representação de uma Proposição ou de um Estado-de-Coisas.

Em (2-1a), por exemplo, o uso de *ainda*, no sentido de *até hoje* ou *até agora*, faz com que se encare o estado de *não ter uma visão pronta e acabada da questão* em sua continuidade no tempo, isto é, *ainda* perspectiviza o Estado-de-Coisas em sua persistência no tempo, lidando, portanto, com aspectos de sua representação; *ainda*, em (2-1a), atua, assim, no Nível Representacional. Já em (2-1b), *ainda*, no sentido de *além disso* e *também*, sinaliza, ao Ouvinte, uma estratégia comunicativa do Falante, assinalando a expansão informacional operadora pelo Falante. *Ainda*, em (2-1b), atua, portanto, no Nível Interpessoal.

- (2-1) a Vim para o BNDES com uma solicitação do Ministério da Reforma Agrária e do Incra para estudar a organização de um programa de crédito fundiário. O assunto está sendo analisado, **mas não temos ainda uma visão pronta e acabada da questão**, apenas definições preliminares. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- b Eu tinha bolsa para um estágio na Radio e Televisão Italiana (RAI) e a Norma tentava fazer cinema na Europa, eu era “duro”, mas ela me levava para festas na casa do Ugo Tognazzi. **Ainda fui assistente do produtor Aloísio de Oliveira (Elenco), que lançou Edu Lobo, Nara Leão, Vinícius, Tom.** Era o começo da Bossa Nova. Vivi na Alemanha e Paris. (19Or:Br:Intrv:ISP)

(2) Relações de escopo de *ainda*

Este parâmetro examina o escopo de *ainda* a depender de seu nível de representação (Interpessoal ou Representacional). Parte-se, para tanto, da noção de escopo conforme aplicada pelo modelo da GDF, isto é, seguindo Hengeveld (2011; no prelo) e Dall’Aglio-Hattnher e Hengeveld (2016), relações de escopo, no âmbito da GDF, são definidas em termos das camadas que estruturam os níveis da formulação. Dessa forma, no Nível Representacional, cinco camadas semânticas podem figurar como escopo de *ainda*: **Propriedade Lexical, Propriedade Configuracional, Estado-de-Coisas, Episódio e Conteúdo Proposicional**; já no Nível Interpessoal, são cinco camadas pragmáticas que se mostram relevantes: **Subato Atributivo, Subato Referencial, Conteúdo Comunicado, Ilocução, Ato Discursivo e Movimento**.

Seguindo Hengeveld (no prelo), a expectativa é a de que, ao determinar as relações de escopo de *ainda* em termos de camadas representacionais ou interpessoais, caracterize-se, também, sua multifuncionalidade e prevejam-se indícios de mudança linguística via gramaticalização, já que, no contexto de um modelo gramatical estruturado em níveis e camadas (como a GDF), a ampliação do escopo de um elemento linguístico é evidência de uma mudança de conteúdo (*contentive change*, de acordo com Hengeveld (no prelo)).

(3) Estatuto de *ainda* enquanto primitivo da formulação

Ainda, enquanto elemento que subjaz à formulação e entra na estruturação de camadas e níveis de representação de uma expressão linguística, pode corresponder, a depender de seu

uso, a um dos primitivos: **modificador**, **operador lexical**, **operador** ou **função**. Trata-se de um primeiro passo na busca pela categorização de *ainda*, na tentativa de compreender uma (possível) mudança formal.

A proposição dos três parâmetros que seguem (parâmetros quatro, cinco e seis) parte da intenção de se mapear o contexto de ocorrência de cada uso de *ainda* e, também, a expansão de seus contextos de uso. Além disso, nossa ideia é a de que esses três parâmetros, ao descreverem, essencialmente, as propriedades semânticas com as quais cada uso de *ainda* interage, auxiliem na distinção entre usos representacionais e usos interpessoais de *ainda*.

(4) **Telicidade e momentaneidade do Estado-de-Coisas**

Segundo a *Nueva gramática de la lengua española* (2009), da *Real Academia Española*, os advérbios aspectuais *aún* e *todavía*, equivalentes a *ainda*, caracterizam um Estado-de-Coisas como continuativo ou persistente no tempo e, dessa forma, modificam predicados durativos, de forma que a combinação de *aún* e *todavía* com predicados não durativos torna toda a sentença agramatical (por exemplo, **llegó todavía/aún*).

Seguindo tal ideia, e pautados em Dik (1997a), este parâmetro descreve o modo como se dá a interação entre os distintos usos de *ainda* com parâmetros semânticos que estruturam o Estado-de-Coisas, como a **telicidade** e a **momentaneidade**. Ao controlar a interação dos usos de *ainda* com tais parâmetros, observando também as restrições de coocorrência, acreditamos que podemos distinguir melhor usos representacionais de usos interpessoais de *ainda*.

Estados-de-Coisas, de acordo com Dik (1997a), podem ser dinâmicos, ao envolverem algum tipo de dinamismo interno ou de mudança, ou não-dinâmicos, quando perduram algum intervalo temporal sem se modificar. Em (2-2a), por exemplo, a sentença em negrito designa um Estado-de-Coisas que permanece o mesmo por todo o intervalo temporal que contempla; trata-se de um Estado-de-Coisas não-dinâmico [-din]. Os Estados-de-Coisas em (2-2b-d)

envolvem algum tipo de mudança ou de dinamismo interno e, portanto, são dinâmicos [+din]. Somente Estados-de-Coisas dinâmicos podem ser avaliados em termos de telicidade e momentaneidade, já que Estado-de-Coisas não-dinâmicos são durativos por natureza.

Em (2-2a), o evento de *viver querendo interpretar a Maísa no palco* é atélico [-tel]: sua duração é ilimitada, de forma que o Estado-de-Coisas não atinge um ponto final, isto é, não chega a uma completude natural. Já os eventos em (2-2b-c) são télicos [+tel]: ambos atingem um ponto final natural e, assim, podem ser avaliados quanto à momentaneidade.

O evento de *sair às seis* (cf. (2-2c)) não tem uma duração interna, já que seu início coincide com seu ponto final; trata-se, portanto, de um Estado-de-Coisas momentâneo [+mom]. O evento de *escrever uma obra imensa* (cf. (2-2d)), por outro lado, tem certa duração, já que se pode distinguir seu ponto inicial e seu ponto final; trata-se, assim, de um evento não-momentâneo [-mom].

- (2-2) a uma coisa é necessário resgatar: o Cláudio Petroni fez um excelente administração, principalmente nos últimos meses, conseguindo segurar uma situação **que estava difícil**. (19Or:Br:Intrv:Cid)
- b Eu dividia o auditório juvenil de rádio em Cachoeiro com o Roberto Carlos e queria ser cantora. Acabei imitando a Maísa no programa Papel Carbono, do Renato Murce. Mas a própria Maísa boicotou meu disco, é claro, a Maísa era ela. **Por causa disso vivo querendo interpretar a Maísa no palco**. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- c meu pai é falecido há onze anos já ficou - resumido a família de oito pessoas pra quatro - a:: - minha mae - a minha irma - o meu irmão mais novo - tem dezessete anos e eu - **eu saio às seis e meia** - chego às seis horas da noite seis e meia da noite (19Or:Br:LF:Recf)
- d Identifico-me também com esse auto-exílio do Bocage, **que escreveu uma obra imensa** e só teve dois livros publicados em vida. (19Or:Br:Intrv:ISP)

(5) Tempo e modo verbais do enunciado

Outra correlação que pode ser bastante produtiva na análise dos usos de *ainda* diz respeito às categorias semânticas de tempo, como presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo, futuro

do presente, futuro do pretérito, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.

A nossa hipótese para este trabalho é a de que os usos representacionais de *ainda* combinam-se com tempos de natureza imperfectiva, como o presente e o pretérito imperfeito, tempos que, conforme afirma Corôa (2005, p. 52), não expressam os limites de um evento e, assim, marcam certa duração. Ao observar restrições de coocorrência de certos usos de *ainda* com determinados tempos verbais, teremos mais uma ferramenta analítica para auxiliar na distinção entre usos representacionais e usos interpessoais de *ainda*.

Os parâmetros a seguir (seis, sete e oito), parâmetros do eixo da codificação, procuram determinar as propriedades formais que constroem padrões linguísticos a partir do *input* oferecido pelos níveis da formulação no que diz respeito aos usos de *ainda*.

(6) Domínio morfossintático de atuação de *ainda*

Conforme apresentado no capítulo 1 desta tese, o Nível Morfossintático se organiza hierarquicamente em camadas, que correspondem a unidades morfossintáticas de análise formal da expressão linguística. Assumimos que *ainda*, no Nível Morfossintático, corresponde a uma Palavra (Lexical ou Gramatical) que pode entrar na constituição de *padrões* de camadas superiores: **Sintagma, Oração e Expressão Linguística**.

(7) Estatuto categorial da Palavra *ainda*

Após verificar o estatuto de *ainda* enquanto primitivo da formulação, este parâmetro nos leva a um segundo passo na definição do estatuto categorial e lexical/gramatical desse item: trata-se da determinação de seu estatuto enquanto Lexema (ou Palavra Lexical) ou Palavra Gramatical, segundo definem Hengeveld e Mackenzie (2008), ao estabelecerem a distinção entre classes de Lexemas e classes de Palavras.

(8) Ordenação de *ainda*

Supomos, aqui, que a ordenação de *ainda* nos diferentes padrões que pode integrar (Sintagma, Oração ou Expressão) é um mecanismo importante na delimitação de seus diferentes usos. Toma-se, para tanto, o modelo de descrição do fenômeno da ordem oferecida por Hengeveld e Mackenzie (2008) e as propostas de Pezatti (2014) a respeito da ordenação de constituintes no português.

Para a disposição de unidades morfossintáticas na camada da Expressão Linguística, a GDF prevê três diferentes posições: $P^{pré}$, P^{centro} e $P^{pós}$, sendo P^{centro} para a alocação da Oração, e $P^{pré}$ e $P^{pós}$ para a alocação de constituintes ou unidades que se alocam fora dos limites da Oração. Por exemplo, no caso de (2-3a), retirado de Pezatti (2014), a Oração se coloca na posição central ou medial (P^{centro}) da Expressão Linguística, e o Sintagma Nominal *o mais novo* se aloca na posição anterior à Oração, no caso $P^{pré}$. Já em (2-3b), o Sintagma Nominal *as senhoras* ocupa a posição posterior à Oração, no caso $P^{pós}$.

- (2-3) a o mais novo, esse estava sempre com a mãe (PEZATTI, 2014, p. 83)

$P^{pré}$	P^{centro}
o mais novo	esse estava sempre com a mãe

- b dói muito para nós, as senhora (PEZATTI, 2014, p. 84)

P^{centro}	$P^{pós}$
dói muito para nós	as senhora

Na camada da Oração, Hengeveld e Mackenzie (2008) preveem um padrão de ordenação que segue duas perspectivas: a organização hierárquica, que diz respeito à ordenação de constituintes não configuracionais, ou seja, opcionais, e a organização não-hierárquica, que diz respeito à ordenação de constituintes configuracionais, ou seja, argumentais. Dada a sistemática organização descendente da GDF, a ordenação de constituintes começa com a expressão morfossintática das partes hierarquicamente organizadas nos níveis Interpessoal e Representacional, iniciando pelas camadas mais altas, passando pelas mais baixas até chegar ao conteúdo e moldes de predicação.

A GDF prevê, quatro posições absolutas para ordenação de constituintes na Oração: a posição inicial (P^I), uma segunda posição, posterior à inicial (P^2), a posição medial (P^M) e a posição final (P^F), sendo as posições periféricas (P^I e P^F) psicologicamente salientes. Outras posições podem ser definidas relativamente a essas quatro posições absolutas, ou seja, as línguas, conforme demonstra a figura 2-1, podem fazer uso da posição inicial (P^I) e suas expansões para a direita (P^{I+1} , P^{I+n}), de P^2 e suas expansões à esquerda (P^{2+1} ; P^{2+n}), da posição final (P^F) e suas expansões para a esquerda (P^{F-1} , P^{F-n}) e da posição medial (P^M) e suas expansões para a direita (P^{M+1} , P^{M+n}), para a esquerda (P^{M-1} , P^{M-n}) ou para ambas as direções (P^{M-n} ; P^{M-1} ; P^M ; P^{M+1} ; P^{M+n}).

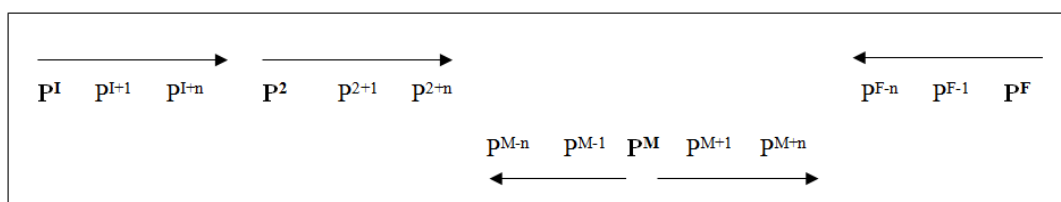


Figura 2-1. Posições absolutas e relativas da Oração (cf. HENGVELD; MACKENZIE, 2008)

Pezatti (2014) considera o português uma língua de predicado medial, isto é, o predicado da Oração sempre se aloca na posição absoluta P^M . Além disso, a autora considera que o português, na ordenação de constituintes oracionais, vale-se somente de três posições absolutas (P^I , P^M e P^F), e de suas posições relativas, conforme demonstra a figura 2-2.

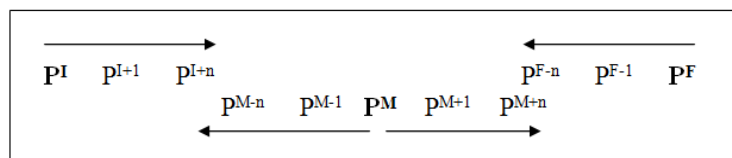


Figura 2-2. Posições absolutas e relativas da Oração no português (cf. PEZATTI, 2014)

Segundo Pezatti (2014), as posições P^I e P^F são reservadas para constituintes hierárquicos, e a posição P^M abriga constituintes não hierárquicos. Sob o domínio da ordenação hierárquica, os constituintes, no caso, modificadores, operadores e funções devem ser posicionados centripetamente, isto é, começando pelas margens da Oração e dirigindo-se para o centro. Modificadores do Nível Interpessoal preferem, quando não estiverem já

preenchidas, as posições fora dos limites da Oração, isto é, as posições extraoracionais. Já os modificadores do Nível Representacional preferem se posicionar junto à Oração, começando pelas margens esquerda e direita e preenchendo, primeiramente, as posições absolutas para, depois de preenchidas, criar as posições relativas. Já sob o domínio da ordenação configuracional (ou não-hierárquica), os constituintes oracionais são posicionados centrifugamente, iniciando pelo predicado, posicionado, no caso do português, em P^M , e dirigindo-se para as margens. Na Figura 2-3, é possível visualizar a atuação das ordenações hierárquica e configuracional na linearização dos constituintes.

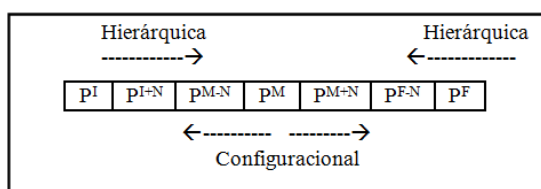


Figura 2-3. Ordenação de constituintes em português (cf. PEZATTI, 2014)

Vários fatores podem interferir na determinação da ordenação de constituintes: fatores relativos às funções pragmáticas e à referenciação associam-se ao Nível Interpessoal; os relacionados às funções semânticas e à designação, ao Representacional; e os relacionados às funções sintáticas e à complexidade estrutural do item linguístico, ao Morfossintático.

Para ilustrar, de modo geral, tais questões, recorreremos a exemplos e considerações retirados do estudo de Pezatti (2014) a respeito da ordem de palavras no português. Em (2-4a), verifica-se que o predicado verbal da Oração (*tenham*) está posicionado em P^M e seu argumento Inativo (*esse trabalho*), enquanto constituinte não hierárquico, se posiciona à direita do predicado, numa expansão de P^M , no caso P^{M+1} ; as posições P^I e P^F são preenchidas com constituintes hierárquicos: P^I abriga o Tópico da sentença, que ao mesmo tempo é o Sujeito da Oração (*vocês*), e P^{I+1} abriga um segundo constituinte topicalizado, o modificador temporal *todas as noites*; P^F , por fim, abriga um modificador representacional. Já em (2-4b), permanecendo o predicado verbal em P^M , seu argumento inativo se posiciona em P^F , já que,

no Nível Interpessoal, corresponde a um Subato com função pragmática Foco; nas expansões de P^F , P^{F-1} e P^{F-2} , alocam-se modificadores representacionais da camada do Estado-de-Coisas, uma vez que a posição P^F já se encontra preenchida com o constituinte focal.

- (2-4) a vocês todas as noites tinham esse trabalho, até mais ou menos ao amanhecer?

P^I	P^{I+1}	P^M	P^{M+1}	P^F
vocês _{Top}	todas as noites _{Top}	tinham	esse trabalho	até mais ou menos ao amanhecer

- b tínhamos só no primeiro nível em setenta e sete um milhão e vinte e seis mil

P^M	P^{F-2}	P^{F-1}	P^F
tínhamos	só no primeiro nível	em setenta e sete	um milhão e vinte e seis mil _{Foc}

(PEZATTI, 2014, p. 100-101)

Em termos gerais, Pezatti (2014, p. 131) traz as seguintes tendências de linearização dos constituintes em português: (i) a posição absoluta P^I e suas posições relativas, como P^{I+1} , P^{I+n} , abrigam o Tópico da Oração e constituintes hierárquicos como operadores dos níveis Interpessoal e Representacional ou modificadores de Ato Discursivo, de Conteúdo Comunicado e de Conteúdo Proposicional; (ii) a posição absoluta P^M e suas posições relativas, como P^{M-1} , P^{M-n} , P^{M+1} , P^{M+n} , abrigam o predicado da Oração e constituintes argumentais não marcados por funções pragmáticas; (iii) a posição absoluta P^F e suas posições relativas, como P^{F-1} , P^{I-n} , abrigam o Foco da Oração e todos os modificadores do Nível Representacional, independente da camada.

Além disso, a autora (PEZATTI, 2014, p. 131), rejeitando a afirmação de que o português é uma língua de ordenação livre, propõe três princípios para regular a ordem das palavras em português: (i) constituintes marcados pragmaticamente, como Tópico ou Foco, têm prioridade na alocação em P^I ou P^F sobre constituintes de natureza apenas semântica; (ii) modificadores e operadores representacionais assumem as posições P^I e P^F obedecendo às suas relações de escopo; e (iii) se nenhuma dessas duas restrições se aplicar, a ordem dos constituintes se determina pela complexidade formal.

O Sintagma, por fim, também apresenta seu próprio padrão de ordenação. Assim como ocorre na Oração, nele se podem distinguir três posições absolutas, P^I , P^M e P^F , e posições relativas a essas: (i) expansões à direita de P^I , como P^{I+1} , P^{I+n} ; (ii) expansões à esquerda de P^F , como P^{F-1} , P^{F-n} ; e (iii) expansões à direita ou à esquerda de P^M , como P^{M-1} , P^{M-n} e P^{M+1} , P^{M+n} . A disposição linear de constituintes do Sintagma, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), obedece aos mesmos direcionamentos hierárquicos e configuracionais da Oração.

Por exemplo, numa sentença como (2-5), conforme Pezatti (2014, p. 106), o Sintagma *já em sessenta e oito* se posiciona em P^I da Oração, uma vez que é o constituinte Tópico da sentença; a estrutura interna desse Sintagma prevê o posicionamento de *já* em P^I , por se tratar de um operador enfático do Subato, da preposição *em* em P^M , já que é o núcleo do Sintagma, e *sessenta e oito* na expansão de P^M , no caso P^{M+1} .

(2-5) *já em sessenta e oito houve um surto de escolas, que foram abertas*

P^I			P^M	P^F
P^I	P^M	P^{M+1}	houve	um surto de escolas, que foram abertas _{FOC}
já	em	sessenta e oito _{Top}		

(PEZATTI, 2014, p. 106)

A partir desses oito parâmetros, procuramos determinar significados e/ou funções associados a *ainda*, precisando, essencialmente, suas relações de escopo e seus domínios de representação dentro de um componente gramatical da língua.

2. USOS DE *AINDA* NO PORTUGUÊS

Seguindo a metodologia de análise anteriormente definida, um primeiro aspecto a se destacar é que *ainda* pode atuar em dois diferentes níveis da GDF: (i) no Nível Representacional (NR), enquanto elemento que, no plano da representação construída pelo Falante do mundo extralinguístico, traz traços semânticos para a descrição de eventos ou estados (cf. (2-6a-b)); ou (ii) no Nível Interpessoal (NI), enquanto elemento que, no plano da interação entre usuários da língua, está a serviço de alguma estratégia comunicativa do

Falante em moldar sua mensagem para ganhar a atenção do Ouvinte e/ou afetar, de algum modo, a sua (do Ouvinte) informação pragmática (cf. (2-6c-d)).

- (2-6) a Daí porque acho que melhorei muito. **Até a esquerda, que fez parte do MDB não melhorou *ainda***. Continua confrontando, questionando, ao invés de sentar na mesa e dar solução. (19Or:Br:Intrv:Pov)
 NR: (não e₁: (***ainda*** fc₁: [(f₁: melhorar_v (f₁)) (x₁: a esquerda, que fez parte do MDB (x₁)_A)] (fc₁)) (e₁))
- b No meu aniversário de 11 anos, fui apresentado ao Prestes que me deu sua foto com uma dedicatória, **a qual *ainda* guardo**. (19Or:Br:Intrv:ISP)
 NR: (***ainda*** e₁: a qual guardo (e₁))
- c Outra relação difícil, **mais complicada *ainda*** no passado, é com o diretor Chico Lopes. (19Or:Br:Intrv:ISP)
 NI: (***emph*** T₁: complicada (T₁): (T₂: mais (T₂)) (T₁))
- d Sei que o nosso voto vale tanto quanto o dos demais, mas acontece que o analfabetismo e a pressão psicológica em que a pessoa do campo vive, são muito fortes. **E *ainda* tem a fome**. Ninguém consegue pensar de barriga vazia. (19 Or:Br:Intrv:Com)
 NI: (A₁: (C₁: tem a fome (C₁)_{ContExp}) (A₁))

O uso de *ainda* em (2-6a-b) contribui com a representação ou a designação dos Estados-de-Coisas. Em (2-6a), *ainda* faz pressupor que, num momento temporal anterior, o Estado-de-Coisas de *a esquerda não melhorar* já se realizava. Já em (2-6b), além dessa pressuposição (*antes eu já guardava a foto*), *ainda* instaura uma perspectiva alternativa para o Estado-de-Coisas, implicando um contraste entre a fase positiva descrita e sua contraparte negativa (*não guardar a foto com dedicatória*), gerenciando assim a expectativa de que, no momento atual, essa situação já deveria ser diferente (*ainda guardo, quando já não deveria mais guardar*). Desse modo, nas ocorrências em (2-6a-b), *ainda* atua sobre a semântica dos Estados-de-Coisas descritos: em (2-6a), sua contribuição é de ordem aspectual, especificamente *aspecto fasal*; já em (2-6b), *ainda* joga com as polaridades do evento descrito numa sequência temporal contínua, o que van Baar (1997) denomina de *polaridade fasal*.

Por outro lado, em (2-6c-d), o uso de *ainda* corresponde a tentativas do Falante de modelar sua mensagem para atingir seus propósitos comunicativos com o Ouvinte. Em (2-6c), *ainda* reforça a comparação ali expressa, intensificando a desigualdade estabelecida pela

palavra de grau *mais*; trata-se, portanto, de um mecanismo de marcação de *ênfase*. Já em (2-6d), *ainda* assinala a expansão informacional promovida pelo Falante: após evocar situações como *analfabetismo* e *pressão psicológica*, o Falante sinaliza a adição à sua mensagem da situação de *fome*; *ainda* codificada, dessa maneira, a função pragmática *Contraste Expansivo*.

Outro ponto que contribui para a delimitação dos usos de *ainda* é a determinação de suas relações de escopo. Em (2-6a), o escopo de *ainda* é a Propriedade Configuracional (fc), já que, enquanto item aspectual, afeta diretamente a configuração interna da predicação. Já em (2-6b), *ainda*, enquanto expressão de polaridade fasal, escopa o Estado-de-Coisas (e). Em (2-6c), a ênfase expressa por *ainda* recai sobre o Subato Atributivo (T₁) modificado pela palavra de grau *mais*, também um Subato Atributivo (T₂) no Nível Interpessoal. Por fim, em (2-6d), a função *Contraste Expansivo* veiculada por *ainda* é atribuída a todo o Conteúdo Comunicado (C) evocado naquele Ato Discursivo. Outras relações de escopo podem ser distinguidas: Propriedade (cf. (2-7a)), Subato Referencial (cf. (2-7b)) e Ato Discursivo (cf. (2-7c)).

- (2-7) a Nada é tão bom como seria com ele ***ainda vivo***. Mas ele teve muita sorte porque todos aqueles que formou continuam zelando pelo seu legado.
(19Or:Br:Intrv:ISP)
NR: (***ainda*** f₁: vivo_{Adj} (f₁))
- b A expectativa do mercado são índices muito próximos de zero. **Tem *ainda* um terceiro componente para a queda da inflação**, que é o recuo dos preços dos serviços prestados pelo setor privado, por causa de uma concorrência mais acentuada. (19Or:Br:Intrv:ISP)
NI: (C₁: (R₁: um terceiro componente para a queda da inflação (R₁)_{ContExp}) (C₁))
- c ...então eu estou procurando eh...encaminhá-la para outra coisa não sei mas...é ginástica rítmica por exemplo...ela:...faz ginástica rítmica...**então *ainda*:...eu hesito em pôr no balé** mas eu vou ter que pôr sabe?...
NI: (***emph*** A₁: eu hesito em pôr no balé (A₁))

Em (2-7a), *ainda* assinala a persistência do estado expresso pela Propriedade Lexical *vivo* (f). Já em (2-7b), o Falante deseja incluir, em sua mensagem, a referência a *um terceiro componente para a queda da inflação* e, por meio de *ainda*, atribui a função *Contraste*

Expansivo a esse Subato Referencial (R). Em (2-7c), por fim, *ainda* opera ênfase sobre a unidade mínima daquela conversação, o Ato Discursivo (A).

Como se pode notar, há, em relação à funcionalidade de *ainda*, uma nítida separação entre usos representacionais, com escopo sobre a Propriedade Lexical, a Propriedade Configuracional e o Estado-de-Coisas, e usos interpessoais, com escopo sobre o Subato, o Conteúdo Comunicado e o Ato Discursivo. Outro aspecto que nos auxilia nessa distinção entre usos interpessoais e usos representacionais é o controle de traços semânticos dos Estados-de-Coisas (no caso *telicidade* e *momentaneidade*) e dos tempos verbais: *ainda*, em seus usos representacionais, impõe restrições à constituição do Estado-de-Coisas, isto é, por conta de seu significado fasal, *ainda*, no Nível Representacional, restringe sua ocorrência a contextos de duração, combinando-se somente com tempos verbais imperfectivos e com Estado-de-Coisas durativos; nos usos interpessoais, tais restrições não são mais observadas. Isso dá evidências da expansão dos contextos de uso de *ainda* e nos permite delinear uma mudança de estatuto categorial do Nível Representacional para o Nível Interpessoal.

Nesse sentido, enquanto primitivo da formulação, *ainda*, em seus usos representacionais, corresponde a um operador lexical (cf. KEIZER, 2007), e, em seus usos interpessoais, corresponde ou a um operador, ou a uma função.¹ Em termos de classes de palavras, *ainda*, em seus usos representacionais, corresponde a um Lexema, e, como Palavra Lexical, sua classe é determinada no Nível Representacional, especificamente Advérbio; já em seus usos interpessoais, *ainda* corresponde a uma Palavra Gramatical, e sua classe só é determinada no Nível Morfossintático, como Partícula.

Outro ponto que nos ajuda na delimitação de cada uso de *ainda* são os reflexos formais que tal distinção traz para a codificação morfossintática. *Ainda*, enquanto Palavra, pode integrar diferentes padrões morfossintáticos a depender de seus escopos nos níveis da

¹ Ao tratar de cada uso de *ainda*, explicaremos melhor o que nos leva a categorizar *ainda* dessa forma.

formulação: Sintagma, Oração ou Expressão Linguística. A determinação dos diferentes padrões de ordenação de *ainda* é fundamental para distinguirmos seus usos, já que, primeiramente, os usos interpessoais apresentam uma maior fixação em relação aos usos representacionais, e, em segundo lugar, os usos de camadas mais baixas, como Propriedade Lexical e Propriedade Configuracional, alocam-se nas imediações do predicado, enquanto usos mais interpessoais tendem a extrapolar os limites da Oração.

Essas diferentes propriedades do funcionamento de *ainda*, levantadas conforme os parâmetros utilizados em nossa análise e apresentadas de modo geral, serão sistematizadas e mais bem organizadas nas seções a seguir, em que caracterizamos os quatro diferentes usos de *ainda* aqui distinguidos: *ainda* fasal, *ainda* polar, *ainda* enfático e *ainda* expansivo.

2.1. *Ainda* fasal

No Nível Representacional, ao escopar a Propriedade Adjetival (cf. (2-8a)), a Propriedade Verbal (cf. (2-8b)) e a Propriedade Configuracional (cf. (2-8c)), *ainda*, conforme propõem autores como Longhin-Thomazi (2004; 2005), Ferreira (2011) e Gritti (2008; 2013), sinaliza a continuidade ou a persistência de um estado ou de um evento, não os situando em algum ponto do tempo, mas especificando a sua dimensão temporal interna, o que coloca esse item entre as formas de expressão de aspecto no português.

- (2-8) a Quem não precisa perguntar não precisa fazer dança. Pode escolher outro caminho. Entendi cedo, ***ainda* estudante na Folkwang, em Essen**, que todo e qualquer movimento, do mais simples pliê (pequeno movimento de flexionar os joelhos) à frase coreográfica mais complicada, deve ser feito apenas e tão somente se não puder deixar de ser executado daquela maneira. (19Or:Br:Intrv:ISP)

NR: (***ainda*** f_1 : estudante_{Adj} (f_1): na Folkwang, em Essen (f_1))

- b Nessa época do ano, ocorre normalmente uma queda de vendas - do final de agosto até o final de setembro. Além disso, há um aspecto nacional. **O país está vivendo *ainda* as acomodações do Plano Real** e isso provoca incertezas. (19Or:Br:Intrv:Com)

NR: (Pres e_1 : (Prog fc_1 : [(***ainda*** f_1 : viver_V (f_1)) (x_1 : o país (x_1)_A) (x_2 : as acomodações do Plano Real (x_2)_U)] (fc_1)) (e_1))

- c mas o que eu acho é que **o pessoal não se equipou *ainda* aqui para isso** (SSA-D2-98)

NR: (não e₁: [(**ainda** fc₁: [(f₁: se equipou_v (f₁)) (x₁: a equipe (x₁)_A)] (fc₁))] (e₁): [aqui] & [para isso] (e₁))

Nas sentenças em (2-8), o Falante, ao fazer uso de *ainda*, perspectiviza o estado e/ou o evento descritos em seu fluxo contínuo, adotando um ponto de vista em meio a eles para descrevê-los; esse estado/evento é apresentado em seu pleno curso, contrabalançando, numa relação de persistência, a sua fase atual com a anterior. Especificamente, com base no trabalho de van der Auwera (1998), percebemos que *ainda*, em (2-8), instaura, em relação ao estado ou evento ali representado, uma perspectiva pressuposicional que, por seu caráter retrospectivo, estabelece uma relação entre o Estado-de-Coisas e o tempo designados pela sentença e o Estado-de-Coisas e o tempo que o precedem. *Ainda*, em (2-8), figura, portanto, entre as formas de expressão de aspecto fasal no português.

Em (2-8a), *ainda*, ao escopar a Propriedade Adjetival (f) *estudante na Folkwang, em Essen*, é uma estratégia do Falante em representar o estado ali descrito (o de *ser estudante na Folkwang, em Essen*) não em sua completude/pontualidade (aspecto perfectivo), mas sim em sua dimensão temporal interna (aspecto imperfectivo), fazendo menção à fase em que se encontra seu desenvolvimento (aspecto fasal). Especificamente, *ainda* faz pressupor o curso do estado descrito, isto é, faz pressupor que o estado de *ser estudante na Folkwang, em Essen* já se aplicava em um momento anterior ao evento de *entender cedo*.

Já em (2-8b), o Estado-de-Coisas de *o país viver as acomodações do Plano Real* é apresentado, por meio da perífrase progressiva (Prog) *estar + gerúndio*, no curso de seu desenvolvimento; ao escopar a Propriedade Verbal (f) *viver*, *ainda* organiza a face qualificativa do aspecto, pressupondo que o curso desse evento já se dava em um momento anterior ao momento de fala e, dessa forma, trazendo um sentido continuativo ao enunciado.

Por fim, em (2-8c), o escopo de *ainda* recai sobre a Propriedade Configuracional (fc). O Estado-de-Coisa de *não se equipar aqui para isso* é apresentado em seu curso, de forma

que se pressupõe que a fase negativa ali descrita já se dava em um momento anterior (*antes a equipe já não estava equipada aqui para isso e continua a não estar*). Essa perspectiva pressuposicional a partir da qual se descreve esse evento é gerada pela aplicação de *ainda* à estrutura mais interna da predicação, isto é, à Propriedade Configuracional.²

Ao escopar a Propriedade Verbal ou a Propriedade Configuracional, o uso de *ainda* fasal impõe algumas restrições à constituição semântica do Estado-de-Coisas. Uma primeira restrição diz respeito ao traço *momentaneidade*, já que *ainda* fasal se combina com Estados-de-Coisas atélicos (cf. (2-9a)) e/ou télicos e não-momentâneos (cf. (2-9b)), não ocorrendo com Estados-de-Coisas télicos e momentâneos (cf. (2-9c)).

- (2-9) a As suas obras sempre foram ousadas e surpreendentes, como as cúpulas do Congresso Nacional e a Catedral de Brasília. **Sonha *ainda* em realizar alguma obra que seja mais inusitada do que as que fez até então?** (19Or:Br:Intrv:Com)
- b As empresas se modernizam ***ainda***.
- c #eu concluo ***ainda*** o meu mandato de deputado.
#eu me levanto ***ainda***.³

Não se pode considerar (2-9c) uma sentença agramatical. Em algum contexto específico, ela pode ser usada, porém, nesse caso, *ainda* não mantém o valor fasal e assume um significado expansivo, no sentido de *além disso*, de que trataremos em seção a seguir.

É o traço fasal de *ainda* que justifica essa restrição em relação ao traço *momentaneidade*. A fasalidade, enquanto face da categoria semântica de aspecto, perspectiviza o Estado-de-Coisas em sua duração e, portanto, combina-se com Estados-de-Coisas de duração ilimitada, como os Estados-de-Coisas não-dinâmicos e os Estados-de-Coisas dinâmicos e atélicos, ou com Estados-de-Coisas que, mesmo com uma duração mais limitada, ocupam certa porção no tempo, como os Estados-de-Coisas télicos e não-

² É a ordenação de *ainda* fasal que nos revela as diferentes relações de escopo por ele contraídas, o que será mais bem desenvolvido a seguir.

³ Utilizamos o sinal # para sinalizar orações que são gramaticais, mas que não figuram como ocorrências do uso de *ainda* que estamos descrevendo.

momentâneos. Estados-de-Coisas télicos e momentâneos, além de terem duração limitada, são concebidos como se não tivessem uma duração interna, isto é, como se seu começo coincidissem com seu ponto final, contexto que inviabiliza o uso de *ainda* fasal.

Um segundo tipo de restrição diz respeito à coocorrência com certos tempos verbais: *ainda* fasal combina-se com o presente do indicativo (cf. (2-10a)), com o pretérito imperfeito do indicativo (cf. (2-10b)) e com o futuro (cf. (2-10c)), não ocorrendo com o pretérito perfeito do indicativo (cf. (2-10d)).

- (2-10) a bom tinha a solenidade de formatura...hoje essa solenidade ao...caindo...até certo ponto é válido...em outro aspecto eu acho que não porque:...de qualquer forma a gente tem pai e mãe **que gostam *ainda* dessa/ desse tipo de formalidade** né? (SSA-DID-231)
- b eu me LEMbro desse piquenique assim foi uma coisa MUIto **eu era bem pequeninha *ainda*..**, não só às vezes a gente lembra assim pequenas coisas assim só um fatozinho daquilo né?... é que os que levaram a canoa... (POA-DID-45)
- c tem pai que gostarão ***ainda*** desse tipo de formalidade
eu serei bem pequeninha ***ainda***
- d #tem pai e mãe que gostaram ***ainda*** desse tipo de formalidade
#eu fui bem pequeninha ***ainda***

Se considerarmos, conforme o fazem Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 211) e Ilari e Basso (2008, p. 174), que a oposição entre perfectivo e imperfectivo indica se um Estado-de-Coisas é apresentado como um todo em bloco, considerando seu ponto final (aspecto perfectivo), ou é visto a partir de dentro, sem considerar seu ponto final (aspecto imperfectivo), é natural que, *ainda*, detendo um traço aspectual fasal, selecione tempos verbais imperfectivos, como presente e pretérito imperfeito, que marcam Estados-de-Coisas mais durativos, e restrinja os perfectivos, que marcam Estados-de-Coisas mais pontuais.

Ao combinar-se com o futuro (cf. (2-10c)), tempo que localiza temporalmente os eventos em um momento posterior ao momento de fala, *ainda* faz pressupor que, no momento de fala, os eventos descritos já ocorrem (*pai e mãe já gostam desse tipo de formalidade* e *eu*

já sou bem pequeninha); permanece a ideia de persistência de uma fase do Estado-de-Coisas e, portanto, *ainda* traz uma perspectiva pressuposicional para o Estado-de-Coisas descrito.

Frases como as de (2-10d) não podem ser consideradas agramaticais. Em contextos específicos, elas podem ser usadas, porém *ainda*, nesse caso, não está sendo usado como um item aspectual, mas sim como uma partícula aditiva, no sentido de *além disso* ou *também*.

Em contextos de negação, tais restrições não se mantêm. Segundo Ilari e Basso (2014, p. 156), “a aplicação da negação a um predicado pontual cria uma situação durativa.” Dessa forma, é possível que, além de Estados-de-Coisas atélicos (cf. (2-11a)) e de télicos e não-momentâneos (cf. (2-11b)), *ainda* aspectual se combine com Estados-de-Coisas télicos e momentâneos (cf. (2-11c)).

- (2-11) a as notícias não passam **ainda** na TV
 b O Brasil gasta mal porque não tem o poder no sentido sério, as estruturas de poder continuam as mesmas da primeira metade do século XIX, **não se modernizaram ainda**. (19Or:Br:Intrv:Pov)
 c eu não concluo **ainda** meu mandato de deputado

Por outro lado, também é possível que, além do presente (cf. (2-12a)) e do pretérito imperfeito (cf. (2-12b)), haja combinações com o pretérito perfeito (cf. (2-11c)), ou seja, mesmo com Estados-de-Coisas télicos e momentâneos e com o perfeito do indicativo, a negação gera um Estado-de-Coisa durativo e, portanto, imperfectivo, o que licencia a aplicação de *ainda* fasal.

- (2-12) a entao você tem que recorrer mesmo... àquilo que já existe que é a dogmática... e interpretar e dar a sentença... nao é? com bom senso... **porque você não possui ainda... fundamentação... ah... científica...** (REC-EF-337)
 b E como o TBC podia ser esteticamente novo? **Afinal, no mundo todo, o teatro experimental não tinha ainda a importância que veio a ter mais tarde.** Quando fui aos EUA, em 1957, tive a impressão de que eles nunca fariam um teatro de vanguarda. (19Or:Br:Intrv:ISP)
 c mas o que eu acho é que **o pessoal não se equipou ainda aqui para isso** (SSA-D2-98)

As restrições apontadas deixam mais evidente o significado fasal de *ainda*, o que corrobora sua atuação, no Nível Representacional, junto às camadas mais internas da predicação, como a Propriedade Lexical e a Propriedade Configuracional. Enquanto primitivo da formulação e do Nível Representacional, *ainda* fasal corresponde a um operador lexical (cf. KEIZER, 2007), isto é, um primitivo de natureza intermediária entre léxico e gramática. Para sustentar essa defesa, tomamos por base os seis critérios a seguir.

Os três primeiros critérios revelam traços lexicais de *ainda* fasal. O primeiro é o de **dessemantização**. Segundo Hopper e Traugott (2003), a emergência de formas ou construções gramaticais envolve (i) o rebaixamento de um significado lexical, geralmente o significado mais básico ou concreto da forma sob gramaticalização, e (ii) a promoção de outro(s) significado(s), de cunho mais abstrato e de grande importância para a expressão de noções temporais, para o estabelecimento de relações interpessoais e para a conectividade discursiva. Assim, em termos semânticos, a gramaticalização envolve a perda de boa parte, se não total, das especificidades do significado lexical (KEIZER, 2007, p. 40).

Heine e Kuteva (2002) abordam esse aspecto da gramaticalização a partir de dois parâmetros: um de cunho mais pragmático, a extensão, e outro de cunho mais semântico, a dessemantização. O primeiro tem a ver com a emergência de novos significados gramaticais quando o uso de certas expressões linguísticas é estendido a novos contextos; o segundo, por sua vez, é consequência do primeiro, já que o uso de uma determina expressão linguística em um novo contexto acarreta a perda de um conteúdo semântico que é incompatível com o novo contexto. Bybee (2003), por fim, afirma que significados mais básicos e concretos tornam-se, durante o processo de gramaticalização, mais generalizados e abstratos e, como resultado, tornam-se apropriados para um conjunto maior de contextos.

Frente a tais considerações, não podemos conceber *ainda*, enquanto marcador de aspecto fasal, como uma expressão ou forma dessemantizada, uma vez que, por um lado, a

fasalidade é seu significado mais básico e concreto, a partir do qual outros significados emergem, e, por outro, seu uso não está expandido a uma gama variada de contextos, já que seu significado fasal restringe sua ocorrência a tempos perfectivos e Estados-de-Coisas não durativos. Portanto, segundo esse primeiro critério, *ainda* fasal tem estatuto lexical.

O segundo critério, por sua vez, diz respeito ao grau de ***isolamento*** (cf. BAAR, 1996) ou de ***autonomia*** (cf. BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994) do item. Segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), conforme um item gramatical se distancia de seu significado lexical, mais sua interpretação é dependente do contexto e, eventualmente, determinada por ele. Já para van Baar (1996), itens mais lexicais, como os advérbios, podem ser isolados do resto da sentença sem causar qualquer tipo de estranheza.

Observando as estruturas em (2-13), pode-se dizer que *ainda* fasal tem estatuto autônomo, isto é, pode configurar, sozinho, um enunciado, ou, nos termos da GDF, um Movimento de Reação: em (2-13a), o Movimento de Reação de B se compõem de duas unidades interacionais com distintas forças ilocucionárias e distintos contornos entoacionais (o Ato declarativo *ainda*, e o Ato interrogativo *acredita*); já em (2-13b-c), *ainda* funciona, sozinho, como uma reação (um Movimento de Reação) ao Ato Interrogativo (cf. (2-13b)) ou ao Ato Declarativo (cf. (2-13c)) que compõe o Movimento de Iniciação de A.

- (2-13) a A: Ele está aqui?
B: Ainda, acredita?
- b A: Ele está aqui ainda?
B: Ainda.
- c A: Ele está aqui (ainda).
B: Ainda?

A possibilidade de se isolar *ainda* fasal de um enunciado, isto é, a possibilidade de *ainda* fasal formar um enunciado (ou um Movimento de Reação) por si só, com força ilocucionária e contorno entoacional próprios, é revelador do estatuto mais lexical desse item.

O terceiro critério, por fim, diz respeito à **ordenação**. Segundo Lehmann (1985; 1992; 1995), “a fixação da ordem de um item pode ser consequência da gramaticalização”, ou seja, “a gramaticalização está associada à perda de liberdade na ordenação.”⁴ Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), na mesma direção de Lehmann, afirmam que, ao lado da generalização semântica e da redução fonológica, o aumento no enrijecimento da posição sintática de um item acompanha a emergência de um item gramatical. Segundo os autores, elementos lexicais podem ser facilmente manipuláveis por propósitos semânticos e pragmáticos, enquanto elementos mais gramaticais apresentam posições mais fixas.

No caso de *ainda* fasal, podemos notar, de modo geral, que: (i) quando escopa uma Propriedade Lexical, Verbal ou Adjetival, *ainda* pode ser posicionado à esquerda (cf. (2-14a-c)) ou à direita (cf. (2-14d-e)) do núcleo (verbal ou adjetival); (ii) nos casos em que escopa uma Propriedade Adjetival e se aloca à direita do Adjetivo, *ainda* pode ocupar a posição imediatamente anterior a ele (cf. (2-14a)) ou uma mais periférica ao Sintagma (cf. (2-14b)); (iii) quando escopa a Propriedade Configuracional, *ainda* situa-se necessariamente à direita do predicado que escopa, assumindo posições mais periféricas à Oração (cf. (2-14f)). Essa flexibilidade de ordenação de *ainda*, sujeita a motivações mais discursivas, exhibe um traço lexical de *ainda* aspectual.⁵

- (2-14) a Essa é uma questão muito séria. Nada é tão bom como seria com ele ***ainda vivo***. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- b Erramos em nossa política de alianças, ***ainda bastante limitada*** e sem tratamento igual em regiões (19Or:Br:Intrv:Cid)
- c e esta idéia de criação é que ainda está confusa e **o limite entre realidade e representação... não foi *aINda*... estabelecido...** na medida em que as duas coisas são reais... (SP-EF-405)
- d então tira aquilo ali, limpa bem o camarão, passa uma água fervendo, não deixa cozinha(r) o camarão, só água fervendo no camarão, por isso que ele

⁴ No original: “the fixation of any word order can be a consequence of grammaticalization” (LEHMANN, 1992, p. 412) e “[...] grammaticalization goes hand in hand with the loss of word order freedom” (LEHMANN, 1992, p. 415).

⁵ Trataremos mais detalhadamente da disposição linear de *ainda* fasal, segundo o modelo da GDF, em seguida. Por isso, aqui, traçamos um panorama mais geral de sua linearização.

fica um pouco cor de rosa, não de todo, **branquinho *ainda***, aí põe aquele refogado, mexe, apaga o fogo e põe, dois ovos, mas a gema dura, ovo duro, só a gema bem amassada, põe ali, salsa, enfim aí o tempero que a pessoa quer, aí está ao lado um piréx todo forrado com queijo fatias mais ou menos de um centímetro, põe aquele refogado ali dentro e tapa, vai ao forno (POA-D2-291)

- e O assunto está sendo analisado, **mas não temos *ainda* uma visão pronta e acabada da questão, apenas definições preliminares** (19 Or:Br:Intrv:ISP)
- f Tivemos, até, notícia de que talvez estivessem protestando um título da Câmara. **Não tenho oficialmente *ainda***. (19Or:Br:Intrv:Cid)

Os três últimos critérios revelam traços gramaticais de *ainda* aspectual. O primeiro diz respeito à ***modificabilidade***. Itens gramaticais não podem ser modificados por elementos lexicais (cf. BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; KEIZER, 2007), e isso se aplica a *ainda* fasal: ele não pode ser modificado por advérbios como *aproximadamente* (**aproximadamente ainda*) ou *quase* (**quase ainda*), o que evidencia seu estatuto gramatical. Outros advérbios aspectuais, como *geralmente*, podem facilmente ser modificados (*quase geralmente*), o que evidencia seu estatuto lexical e, assim, de modificador.

O segundo é defendido por Keizer (2007) e Hengeveld e Mackenzie (2016) como um critério relevante para a distinção lexical/gramatical no contexto da GDF: ***a possibilidade de constituir predicado***. Somente elementos lexicais podem ser materiais para as regras de formação de predicado; tais regras se aplicam tipicamente a predicados verbais, nominais e adjetivais. *Ainda*, em seu uso fasal, não pode constituir predicado de uma predicação, e isso revela um maior grau de gramaticalidade.

Por fim, o terceiro critério toma a ***origem histórica*** de *ainda*, que, apesar de pouco esclarecida, teria se originado, segundo apontam alguns autores (BARRETO, 1999; BAGNO, 2011), a partir de gramaticalizações no latim. Barreto (1999), por exemplo, defende que a gramaticalização de *ainda* se dá a partir de cinco processos: (i) recategorização da preposição latina *ad* e do advérbio locativo latino *inde* em *ainda* (*ad + inde > ainda*); (ii) morfologização, com a aglutinação das formas componentes; (iii) sintaticização, com a reinterpretação do item como advérbio, e, por fim, (v) semanticização, com a passagem de um conteúdo mais

concreto (espaço) a um mais abstrato (tempo). Sendo *ainda* um item proveniente do latim a partir da gramaticalização de uma locução adverbial, pode-se prever que seu estatuto se distancia do polo lexical.

Em suma, *ainda* fasal, independente de seu escopo, se a Propriedade Lexical (Adjetival ou Verbal) ou a Propriedade Configuracional, qualifica a entidade ali descrita em termos de propriedades aspectuais. Enquanto item fasal, *ainda* não parece se comportar como um típico restritor, ou modificador, limitando a denotação de uma expressão por meio da atribuição de uma propriedade a uma entidade designada pela expressão. Ao contrário, ele se comporta mais como um operador, especificando uma propriedade mais abstrata de uma entidade, isto é, contribuindo para a percepção de uma entidade com informações semânticas não-descriptivas sobre essa entidade designada. Mesmo funcionando como um operador, seus traços lexicais permanecem evidentes, principalmente no que toca à sua ordenação, à sua autonomia e à presença de conteúdo semântico, o que coloca *ainda* em uma classe intermediária entre modificadores e operadores, isto é, coloca-o como um operador lexical.

Hengeveld e Mackenzie (2008) tratam das distinções aspectuais na camada da Propriedade Configuracional, prevendo somente a existência de operadores aspectuais. Ao defender que *ainda* fasal, no Nível Representacional, corresponde a um operador lexical da Propriedade Lexical ou da Propriedade Configuracional, apontamos para duas revisões na organização da GDF: (i) primeiro, a GDF deve dar lugar, na camada da Propriedade Lexical, a categoriais e/ou a distinções de base aspectual; (ii) segundo, além de operadores lexicais aspectuais, como é o caso de *ainda*, a GDF deve prever também, na organização das camadas mais internas à predicação, como a Propriedade Lexical e a Propriedade Configuracional, modificadores aspectuais, como é o caso do advérbio *diariamente*, em *diariamente* ou *quase diariamente eles chegam atrasados* (cf. ILARI, 2002a, p. 139).

No Nível Representacional, *ainda* fasal corresponde, portanto, a um Lexema e sua classe é determinada nesse nível: Advérbio (Adv_w). Do Nível Representacional, tal informação é passada para o Nível Morfossintático, nível em que *ainda* fasal pode integrar três padrões morfossintáticos diferentes a depender das relações de escopo por ele contraídas no Nível Representacional: (i) quando o escopo é a Propriedade Adjetival, *ainda* é codificado no interior do Sintagma Adjetival (Adj_p; cf. (2-15a)); (ii) quando o escopo é a Propriedade Verbal, *ainda* é codificado no interior do Sintagma Verbal (V_p; cf. (2-15b)); e (iii) quando o escopo é a Propriedade Configuracional, sua codificação se dá na Oração (Cl; cf. (2-15c)).

- (2-15) a Os cadiueus estão entre as tribos guerreiras guaicurus ***ainda encontradas em Mato Grosso do Sul***. (19Or:Br:Intrv:ISP)
 NR: (***ainda*** f₁: encontradas_{Adj} em Mato Grosso do Sul (f₁))
 NM: (**Adj_p**: [(Adv_w: ***ainda*** (Adv_w)) (Adj_w: encontradas (Adj_w)) (Adpp: em Mato Grosso do Sul (Adpp))] (**Adj_p**))
- b Talvez mostrar que se trata de um país com diversas culturas, ***mas não sabemos ainda o tema***. (19Or:Br:Intrv:ISP)
 NR: (não e₁: (fc₁: [(***ainda*** f₁: sabemos_V (f₁)) (x₁)_A (x₂: o tema (x₂))] (fc₁)) (e₁))
 NM: (**V_p**: [(V_w: sabemos (V_w)) (Adv_w: ***ainda*** (Adv_w))] (**V_p**))
- c diante disso eu acho que ***não está...né?...difundido o esporte ainda...né?*** (SSA-DID-231)
 NR: (não e₁: (***ainda*** fc₁: [(f₁: difundido_{Adj} (f₁)) (x₁: o esporte (x₁)_U]) (fc₁)) (e₁))
 NM: (**Cl**: [(G_w: não (G_w)) (V_p: está difundido (V_p)) (N_p: o esporte (N_p)) (Adv_w: ***ainda*** (Adv_w))] (**Cl**))

É basicamente a ordenação de *ainda* fasal que reflete essas diferentes relações de escopo no Nível Representacional. No domínio do Sintagma Adjetival, por exemplo, devemos levar em conta que (i) o Adjetivo, enquanto núcleo, aloca-se na posição medial, especificamente em P^M, e (ii) *ainda*, enquanto operador lexical desse núcleo adjetival e, portanto, constituinte hierárquico da mesma camada do núcleo adjetival, ocupa posições relativas a P^M (P^{M-n} ou P^{M+n}).

Quando à direita do Adjetivo, *ainda* fasal ocupa necessariamente a posição P^{M+1} do Sintagma Adjetival, conforme ilustram as ocorrências em (2-16).

- (2-16) a por isso que ele fica um pouco cor de rosa, nao de todo, **branquinho ainda** (POA-D2-291)

P^M	P^{M+1}
branquinho	ainda

- b eu assisti à boda de ouro dele, quer dizer, uma coisa **rara ainda**, né, boda de ouro (RJ-D2-355)

P^M	P^{M+1}
rara	ainda

- c As considerações nacionais vão ter algum peso. Mas o quadro é **muito embrionário ainda para se dizer alguma coisa**. (19Or:Br:Intrv:Com)

P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	P^{M+2}
muito	embrionária	ainda	para se dizer alguma coisa

Quando à esquerda do Adjetivo, *ainda* pode ocupar a posição imediatamente anterior ao núcleo adjetival, isto é, P^{M-1} (cf. (2-17a)), ou a posição P^{M-2} , quando o núcleo adjetival vem modificado por uma palavra de grau como *bastante*, *tão* ou *muito* (cf. 2-17b-d).

- (2-17) a Já chamei isso de realismo poético, isto é, algo **ainda ligado ao realismo**, não o estrito, mas o que usava a imaginação, como o dos autores americanos do pós-guerra: Tennessee Williams e Arthur Miller. (19Or:Br:Intrv:ISP)

P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
ainda	ligado	ao realismo

- b Erramos em nossa política de alianças, **ainda bastante limitada** e sem tratamento igual em regiões (19Or:Br:Intrv:Cid)

P^{M-2}	P^{M-1}	P^M
ainda	bastante	limitada

- c Minha geração se voltou muito para o Brasil, talvez, por influência dos modernistas de 22, que, como nós, receberam muita influência estrangeira, mas redescobriram o País, **ainda tão primitivo**. (19Or:Br:Intrv:ISP)

P^{M-2}	P^{M-1}	P^M
ainda	tão	primitivo

- d Tenho impressão que vamos passar um período em trânsito **ainda muito grande** (19Or:Br:Intrv:ISP)

P^{M-2}	P^{M-1}	P^M
ainda	muito	grande

Essa variabilidade de ordenação quando à esquerda do núcleo adjetival é motivada pela organização descendente da gramática, já que, numa ordenação direcionada centripetamente, o posicionamento de modificadores precede o de operadores lexicais. Nos casos de (2-17b-d), e tomando uma direção centrípeta, a alocação de palavras como *bastante*,

tão e muito, enquanto modificadores da Propriedade Lexical, precede a alocação de *ainda*, enquanto operador lexical da Propriedade Lexical.

Já no domínio do Sintagma Verbal, devemos levar em conta que:

- (i) considerando que, conforme Pezatti (2014), o português é uma língua de predicado medial e os constituintes configuracionais (no caso, predicado e argumentos) assumem as posições de P^M na Oração, devemos ter mente que o Sintagma Verbal, formado pela palavra verbal e por *ainda* fasal, assume a posição P^M da Oração, e o argumento interno do verbo assume a primeira posição à direita do Sintagma Verbal, no caso P^{M+1} (cf. (2-18));

- (2-18) a de qualquer forma a gente tem pai e mãe **que gostam *ainda* dessa/ desse tipo de formalidade** né? (SSA-DID-231)

P^I	P^M		P^{M+1}
que	gostam	ainda	desse tipo de formalidade
	P^M	P^{M+1}	

- b A idéia desse encontro é apresentar um Brasil sem clichês, como Ipanema, carnaval ou mesmo a devastação da Amazônia. Talvez mostrar que se trata de um país com diversas culturas, **mas não sabemos *ainda* o tema.** (19 Or:Br:Intrv:ISP)

P^I	P^M		P^{M+1}
não	sabemos	ainda	o tema
	P^M	P^{M+1}	

- c Nessa época do ano, ocorre normalmente uma queda de vendas - do final de agosto até o final de setembro. Além disso, há um aspecto nacional. **O país está vivendo *ainda* as acomodações do Plano Real** e isso provoca incertezas. (19Or:Br:Intrv:Com)

P^I	P^M			P^{M+1}
o país	está	vivendo	ainda	as acomodações do Plano Real
	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	

- (ii) tal questão é mais evidente com as ocorrências em (2-19): nessas sentenças passivas, *ainda* fasal se interpõe entre o verbo auxiliar *ser* e o particípio do verbo principal, o que deixa mais visível a atuação de *ainda* fasal nos domínios do Sintagma Verbal e seu posicionamento nos seus limites;

- (2-19) a Estado - Você acha que a música contemporânea é auto-referencial como a literatura? Gismonti - De certa forma, sim. Pode não ser para a grande maioria, porque essa antena, esse decodificador, **não foi *ainda* colocado à venda pelos japoneses.** (19Or:Br:Intrv:ISP)

P ^I	P ^M			P ^{M+1}	P ^{M+2}
não	foi	ainda	colocado	à venda	pelos japoneses
	P ^{M-2}	P ^{M-1}	P ^M		

- b e esta idéia de criação é que ainda está confusa e **o limite entre realidade e representação... não foi *aINda*... estabelecido...** na medida em que as duas coisas são reais... (SP-EF-405)

P ^I	P ^{I+1}	P ^M		
o limite entre realidade e representação	não	foi	ainda	colocado
		P ^{M-2}	P ^{M-1}	P ^M

- (iii) assim, no interior do Sintagma Verbal, enquanto o Verbo, núcleo do Sintagma, aloca-se em P^M, *ainda* fasal pode alocar-se à direita do Verbo, especificamente em P^{M+1} (cf. (2-18)), ou à esquerda do Verbo, especificamente em P^{M-1} (cf. (2-19)).

Por fim, quanto à ordenação de *ainda* fasal no domínio da Oração, deve-se levar em conta que: (i) a Palavra Verbal, enquanto predicado da Propriedade Configuracional, aloca-se na posição absoluta P^M; (ii) *ainda* fasal, portanto, assume posições nas imediações de P^M: quando adjacente ao verbo (cf. (2-20a)), assume a posição P^{M+1}; quando a adjacência ao verbo é quebrada por algum constituinte, sua posição é P^{M+2} (cf. (2-20b-d)).

- (2-20) a O Brasil gasta mal porque não tem o poder no sentido sério, as estruturas de poder continuam as mesmas da primeira metade do século XIX, **não se modernizaram *ainda*.** (19Or:Br:Intrv:Pov)

P ^I	P ^{M-1}	P ^M	P ^{M+1}
não	se	modernizaram	ainda

- b Tivemos, até, notícia de que talvez estivessem protestando um título da Câmara. **Não tenho oficialmente *ainda*.** Mas, uma coisa é necessário resgatar: o Cláudio Petroni fez uma excelente administração, principalmente nos últimos meses, conseguindo segurar uma situação que estava difícil. (19Or:Br:Intrv:Cid)

P ^I	P ^M	P ^{M+1}	P ^{M+2}
não	tenho	oficialmente	ainda

- c então ele cai no cinema mesmo né?...eu acho que **o público prefere cinema *ainda*** (SP-DID-234)

P^I	P^M	P^{M+1}	P^{M+2}
o público	prefere	cinema	ainda

- d e então agente... qualquer tempinho que a gente Tinha., **eu não tinha as crianças *ainda* naquele tempo *ainda*..**, e então nós:: ficávamos jogando... (POA-DID-45)

P^I	P^{I+1}	P^M	P^{M+1}	P^{M+2}	P^F
eu	não	tinha	as crianças	ainda	naquele tempo ainda

Em síntese, devemos destacar que: (i) enquanto primitivo da formulação, *ainda* fasal corresponde, no Nível Representacional, a um operador lexical, estabelecendo relações de escopo com a Propriedade Lexical (Adjetival ou Verbal), ou com a Propriedade Configuracional; (ii) por conta de seu significado fasal, *ainda* impõe restrições à constituição semântica do Estado-de-Coisas representado pela expressão linguística em que é usado, bloqueando sua co-ocorrência com tempos verbais perfectivos e com Estado-de-Coisas télicos e momentâneos; (iii) no Nível Morfossintático, sua codificação pode se dar no interior dos padrões do Sintagma, Adjetival ou Verbal, ou da Oração; (iv) há um alinhamento entre as diferentes relações de escopo contraídas por *ainda* fasal no Nível Representacional e sua ordenação no Nível Morfossintático: ao escopar uma Propriedade Lexical, seja ela Verbal ou Adjetival, sua ordenação se dá nos limites do Sintagma que integra, à direita (P^{M+1}) ou à esquerda (P^{M-1} ou P^{M-2}) do seu núcleo; por outro lado, ao escopar a Propriedade Configuracional, sua ordenação se dá nos limites da Oração, especificamente à direita do predicado verbal, em P^{M+1} ou em P^{M+2} .

2.2. *Ainda* polar

No Nível Representacional, na camada do Estado-de-Coisas (cf. (2-21)), *ainda*, além de fazer pressupor que a fase positiva ou negativa do evento ali assertado já ocorria antes do momento temporal ao qual se faz referência (traço fasal), traz, conforme aponta Gritti (2008; 2013), uma segunda contribuição para a representação do estado ou evento descrito: implica uma expectativa de mudança em termos de polaridade (de positivo para negativo ou de

negativo para positivo), gerando um contraste entre a fase atual do evento e a sua potencial fase contrária em termos polares.

- (2-21) a E nós esperamos que isso também seja resolvido ao lado de outros como os escândalos dos precatórios e do orçamento. **Tudo isso *ainda* está no ar**. O povo tem exigido apuração. (19Or:Br:Intrv:Pov)
 NR: (**ainda** e₁: tudo isso está no ar (e₁))
- b Sinto grande potência no Matalanamao e na Eletron Soul, de Candeias. Não sei porque **a Eddie *ainda* não gravou**. Na coletânea Brasil Compacto, a Eddie era o melhor disparado. (19Or:Br:Intrv:Com)
 NR: (neg **ainda** e₁: a Eddie gravou (e₁))

Em (2-21a), por exemplo, descreve-se a fase positiva de um estado, especificamente *tudo isso estar no ar*; a aplicação de *ainda* a esse Estado-de-Coisas gera a pressuposição de que, num momento temporal anterior, esse Estado-de-Coisas já se realizava (*tudo isso já estava antes no ar e continua a estar*), o que assinala o caráter persistente ou contínuo da situação descrita. Além disso, *ainda* implica um contraste entre essa fase positiva descrita e sua contraparte negativa (*tudo isso não estar no ar*), gerenciando ou a expectativa de que, no momento atual, essa situação já deveria ser diferente (*tudo isso está ar, quando já não deveria mais estar*), ou a expectativa de que, em algum momento posterior, tal situação será diferente (*tudo isso está no ar, mas não estará mais*).

Já em (2-21b), assevera-se a fase negativa de um evento (a de *a Eddie não gravar*); a aplicação de *ainda* gera a pressuposição de que, num momento temporal anterior, esse Estado-de-Coisas também não se realizava (*a Eddie não gravou antes ou até agora*), o que assinala o caráter persistente ou contínuo da situação negativa descrita. Implica-se, por outro lado, um contraste com sua contraparte positiva, representado na expectativa de que, num momento futuro, isso será diferente (*a Eddie não gravou, mas gravará*).

Fica claro que, em (2-21), *ainda* traz uma dupla contribuição para a representação do Estado-de-Coisas: a **pressuposição** do conhecimento de um estado (ou fase) prévio(a), anterior ao momento de referência, e a **implicação** de um contraste entre a fase assertada do

Estado-de-Coisa e sua potencial fase contrária em termos polares. O esquema em (2-22), elaborado por Garrido (1992) para a análise dos advérbios *ya* e *todavía* do espanhol, sistematiza esse jogo de pressuposições e implicações.

(2-22)		pressuposição	asserção	expectativa
	todavía (a p)	antes (a p)	a p	b p
	ya (b p)	antes (a p)	b p	a p
			(GARRIDO, 1992, p. 367)	

Segundo o autor, ao se aplicar *todavía* a uma proposição (p) de valor (a), afirma-se (a p) e pressupõe-se que a situação continua, isto é, que antes já se dava o fato, a situação anterior se mantém no tempo de referência (antes (a p)). Além disso, *todavía* implica a expectativa de uma mudança de (a p) para (b p), ou melhor, quando o falante usa *todavía* ele afirma que tal mudança não ocorreu, indo contra a suposição de que já teria acontecido.

O mesmo se aplica às ocorrências em (2-21): *ainda* faz com que a fase do Estado-de-Coisas descrita na sentença seja contrastada com sua oposta de uma perspectiva polar – se a sentença descreve uma fase positiva, *ainda* faz com que essa fase seja contrastada com sua contraparte negativa (cf. (2-21a)); já se a sentença descreve uma fase negativa, *ainda* faz com que essa fase seja contrastada com sua contraparte positiva (cf. (2-21b)). Essas duas fases, tanto a descrita como a implicada, estão relacionadas de forma contínua ou sequencial.

Tal descrição faz com que, em (2-21), consideremos *ainda* como uma expressão de polaridade fasal, conforme denomina van Baar (1997). O jogo de pressuposições, implicações e contrastes acionado por *ainda* em ocorrências como (2-21) não é propriedade das polaridades básicas (*positivo/negativo*), já que a simples negação de uma situação faz referência à ausência de seu oposto (no caso, o estado positivo), sem nenhuma pressuposição sequencial. De acordo com van Baar (1997, p. 40), “expressões de polaridade fasal são meios

estruturados de expressão de polaridade numa perspectiva sequencial.”⁶ São meios **estruturados**, pois a semântica dessas expressões é tal que elas podem ser distinguidas de outros tipos de expressão na língua. Expressam **polaridade**, pois, ao usar uma expressão de polaridade fasal, o falante relaciona uma situação (ou a ausência dela) a uma situação oposta, em termos polares, num estágio anterior/posterior ou no atual momento discursivo. Tal situação oposta é pressuposta, e ela figura no discurso, e/ou na mente do Falante, do Ouvinte, ou de ambos, como alternativa real da situação factual descrita na sentença. E, por fim, tomam uma perspectiva **sequencial**, pois o uso de expressões de polaridade fasal se restringe a contextos específicos, em que as oposições polares são avaliadas como sequenciais.

O uso polar de *ainda* comporta, assim, a combinação de dois significados: a fasalidade e a polaridade. Em decorrência do significado fasal, *ainda* polar restringe seus contextos de ocorrência do mesmo modo que *ainda* fasal. No que diz respeito aos traços semânticos do Estado-de-Coisas, *ainda* polar preserva a restrição em relação ao traço *momentaneidade*, combinando-se com Estados-de-Coisas atélicos (cf. (2-23a)) ou com Estados-de-Coisas télicos e não-momentâneos (cf. (2-23b)), e restringindo sua ocorrência em Estados-de-Coisas télicos e momentâneos (cf. (2-23c)).

- (2-23) a a gente vai pensar no homem do paleolítico superiOR... como um homem que ainda nao conseguiu se organizar socialmente nem politicamente... **eles ainda vivem em BANDos...** ainda existe... o individualismo marcado... (e) ainda nao existe o sentido de comunidade... (SP-EF-405)
- b **Por que a Previdência ainda dá prejuízo?** Há perspectiva de dar superávit? (19Or:Br:Intrv:Pov)
- c #Eu **ainda** concludo meu artigo.
#Eu **ainda** consigo a transferência de cargo.

Uma sentença como (2-23c) não pode ser considerada agramatical em português; em contextos específicos, ela até pode ser usada, porém, *ainda* perde o traço fasal e assume o traço enfático, conforme mostraremos adiante.

⁶ No original: “expressions of Phasal Polarity are structured means of expressing polarity in a sequential perspective”. (VAN BAAR, 1997, p. 40)

Em relação à seleção de tempos verbais, *ainda* polar, assim como *ainda* fasal, combina-se com o presente do indicativo (cf. (2-24a)), com o pretérito imperfeito do indicativo (cf. (2-24b)) e com o futuro (cf. (2-24c)), não ocorrendo com o pretérito perfeito do indicativo (cf. (2-24d)).

- (2-24) a Por mais que a gente ajude, *ainda* é pouco. Viajo há mais de 20 anos pelo Brasil e **situações como essas *ainda* me surpreendem**. E me dá raiva a falta de oportunidades para um garoto como esse. Aí o Brasil não é legal. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- b Quando fui substituído na direção do PCBR por Mário Alves, em 1969 - ele estava voltando de Cuba, impregnado das idéias de lá -, ele achou que estávamos atrasados, porque, sob a minha direção, **o partido *ainda* se preparava para a ação**. (19 Or:Br:Intrv:ISP)
- c Este mês duas bandas pernambucanas estão gravando, Cascabulho e Querozene Jacaré. Acredita que **daqui *ainda* sairão mais contratos?** (19Or:Br:Intrv:Com)
- d #situações como essas *ainda* me surpreenderam
#o partido *ainda* se preparou para a ação

Sentenças como as de (2-24d) não podem ser consideradas agramaticais no português. Na verdade, elas são gramaticalmente adequadas a contextos específicos de usos, porém *ainda*, nesses contextos, não marca a continuidade ou persistência, no tempo, de um evento ou de uma situação, mas, no sentido de *além disso* ou *também*, funciona como uma partícula aditiva, de que trataremos numa próxima seção. No contexto de negação, combinações com o pretérito perfeito (cf. (2-25)) são possíveis, como também ocorria com *ainda* fasal.

- (2-25) Então, a globalização da economia gera uma série de problemas **que os governos *ainda* não solucionaram**, mas que passa necessariamente pela redução da estrutura estatal, que é obstáculo em todo o mundo. (19Or:Br:Intrv:Pov)

O significado polar de *ainda* se manifesta pelo contraste entre a fase assertada e sua potencial fase contrária. Esse contraste entre fases (a assertada e a implicada) é organizado pelo esquema temporal aplicado ao Estado-de-Coisas, e é isso que mostraremos a seguir, utilizando, para tanto, as representações gráficas temporais de van der Auwera (1998).

Para esse autor, o uso de advérbios fasais instauram dois tipos de perspectivas para uma sentença: (i) uma pressuposicional, que é retrospectiva por definição e instaura uma

relação entre o Estado-de-Coisas e o tempo designados pela sentença com o Estado-de-Coisas e o tempo que o precedem, e (ii) uma alternativa, que pode ser tanto retrospectiva, como prospectiva, a depender de se instaurar um estado alternativo para antes ou depois do estado e do tempo referidos. Como exemplo, van der Auwera (1998) analisa o seguinte caso do russo.

- (2-26) Igor' *eščë* v Moskve.
 Igor ainda em Moscou
 Igor ainda está em Moscou.

Em (2-26), *eščë* expressa a continuação de um estado positivo, isto é, de uma perspectiva pressuposicional, pode-se afirmar que Igor já estava em Moscou antes do tempo de referência. Além disso, de uma perspectiva alternativa, tal estado é visto da perspectiva de seu potencial estado negativo, isto é, da perspectiva de seu possível término, que pode vir a ocorrer no futuro. Em suma, *eščë* assinala que, retrospectivamente, o estado positivo continua e que, prospectivamente, tal estado positivo pode vir a terminar ou já terminou. Para ilustrar esse funcionamento de *eščë*, van der Auwera (1998) se vale do esquema na figura 2-4.

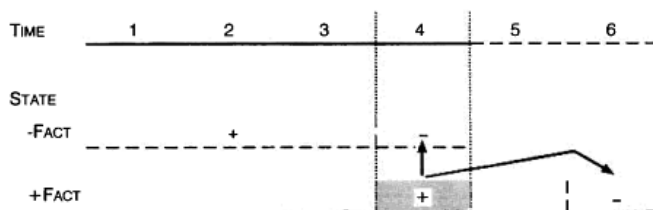


Figura 2-4. A semântica de *eščë* (VAN DER AUWERA, 1998, p. 39)

A figura 2-4 tem uma linha do tempo e uma linha de dupla camada para o estado. A linha do tempo no topo simboliza o fluxo temporal, com o tempo progredindo da esquerda para a direita e com seis unidades temporais. O tempo real referido por *eščë* é t4. Tanto na linha do tempo como na do estado, uma linha ininterrupta simboliza que o estado ou o tempo são ou foram reais, enquanto tempos e estados potenciais ou contrafactuais são representados por linhas horizontais tracejadas. Em t4, o estado em questão (representado pela área sombreada) é positivo. Em relação a (2-26), isso significa que Igor está presente em Moscou em t4. Em t3, o trecho temporal imediatamente anterior a t4, o estado é também positivo. As

linhas verticais simbolizam a perspectiva alternativa, isto é, o possível término do estado (a mudança de um estado positivo para negativo), e o contraste entre o estado atual e seu potencial contrário é representado pelas setas. A seta para cima revela uma expectativa de mudança para o mesmo tempo referido pelo estado, no caso t4, enquanto a seta para baixo revela uma expectativa de mudança para o futuro.

Para lidar com o funcionamento de *ainda* enquanto item de polaridade fasal, agregamos à proposta de esquemas de van der Auwera (1998) os três momentos temporais de Reichenbach (1947 *apud* ILARI; BASSO, 2014): momento de evento (ME), momento de referência (MR) e momento de fala (MF).

Em sentenças marcadas pelo presente do indicativo (cf. (2-27)), em que há simultaneidade entre MF, MR e ME, *ainda*, retrospectivamente, sinaliza a continuação da fase positiva (cf. (2-27a-b)) ou da fase negativa (cf. (2-27c-d)) de um Estado-de-Coisas; prospectivamente, *ainda* implica uma expectativa de mudança, em termos polares, dentro do próprio momento de referência (cf. (2-27a); (2-27c)) ou para um momento posterior ao momento de referência (cf. (2-27b); (2-27d)).

- (2-27) a Mas também é preciso que a EMTU e as operadoras ajustem alguns aspectos administrativos, como a fiscalização. Ela é melhor do que antes, **mas ainda está atrasada.** (19Or:Br:Intrv:Com)
- b Também temos um síndico mirim e pretendo, quando possível, arrumar uma pessoa para coordenar as atividades da criança. **Mas esse último ainda está nos sonhos.** (19Or:Br:Intrv:Cid)
- c a menina faz fonoaudiologia porque ela está com três anos e pouco...**e ainda não fala...**fala muito pouco... (SP-D2-360)
- d Já elaboramos um manual para o vereador. **Ainda não está impresso** porque está em fase de correção, sugestões e críticas.(19Or:Br:Intrv:Pov)

Nas ocorrências em (2-27), *ainda* marca a continuidade da fase positiva (cf. (2-27a-b)) ou negativa (cf. (2-27c-d)) dos Estados-de-Coisas descritos, isto é, faz pressupor que esses estados, em suas fases positivas ou negativas, já se faziam presentes em um momento anterior ao momento de referência. Além disso, *ainda* implica expectativas de mudança em relação à

fase dos Estados-de-Coisas: em (2-27a) e (2-27c), a expectativa é a de que a mudança (de positivo para negativo e de negativo para positivo) já deveria ter acontecido e, assim, o contraste entre as fases se dá dentro do próprio momento de referência; já em (2-27b) e (2-27c), a expectativa é a de que essa mudança venha a ocorrer num momento posterior ao momento de referência, e, assim, o contraste entre as duas fases se dá fora do momento de referência. As figuras 2-5 e 2-6 representam essa sistemática.

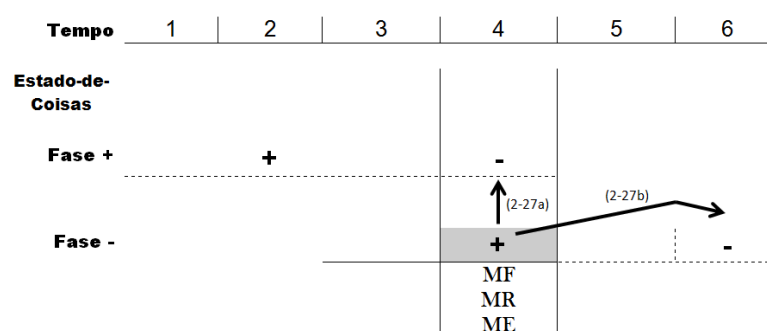


Figura 2-5. A semântica de *ainda* polar com presente do indicativo em sentenças afirmativas.

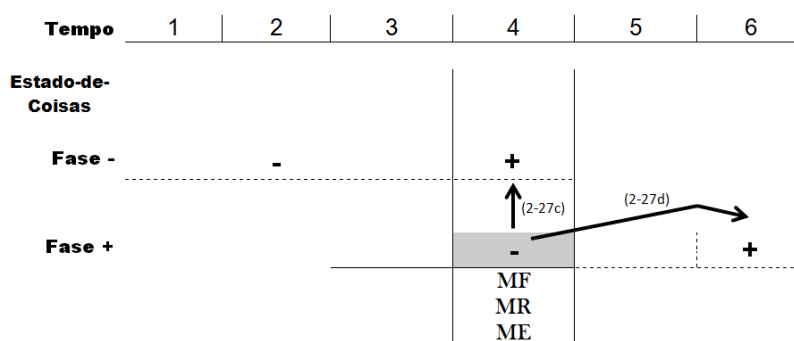


Figura 2-6. A semântica de *ainda* polar com o presente do indicativo em sentenças negativas

O uso do pretérito imperfeito do indicativo (cf. (2-28)), segundo Corôa (2005), marca um evento anterior ao momento de fala e, além disso, coloca o falante numa perspectiva também de passado para contemplar o evento na sua ocorrência. Dessa forma, ME e MR são simultâneos e anteriores ao MF.

- (2-28) a quando eu matriculei quando ela cursou começou a cursar em março ela tinha um ano e seis meses...***ainda* levava mamadeira para escola** levava o leite (SSA-DID-231)
- b Ensaíamos durante três meses e **a uma semana do início das filmagens eu *ainda* não estava convencido de que o papel seria dele.** Decidi arriscar e acho que valeu a pena. O resultado é esse que você viu. (19Or:Br:Intrv:ISP)

As ocorrências em (2-28), ao fazerem uso do pretérito imperfeito do indicativo, descrevem Estados-de-Coisas (*levar mamadeira para a escola e não estar convencido de que o papel seria dele*) cuja realização se encontra em um momento anterior ao MF, ou seja, sendo o MF correspondente a t4, o ME, que coincide com o MR, está em t2. O uso de *ainda* traz a pressuposição de que, em um momento anterior ao MR/ME, como t1, os Estados-de-Coisas descritos já se realizam, o que assinala o caráter contínuo ou persistente de suas fases positiva e/ou negativa. Há, além disso, a expectativa de que, no MF, a mudança de fases dos Estados-de-Coisas descritos já tenha acontecido, isto é, em t4, *ela não mais leva mamadeira para a escola e ele está convencido de que o papel é/será dele*. As figuras 2-7 e 2-8 representam tais relações de polaridade fasal com o pretérito imperfeito do indicativo.

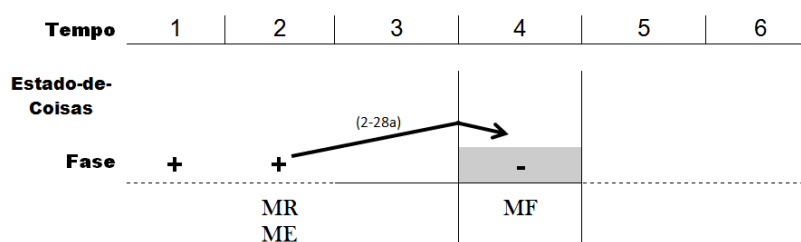


Figura 2-7. A semântica de *ainda* polar com pretérito imperfeito do indicativo em sentenças afirmativas

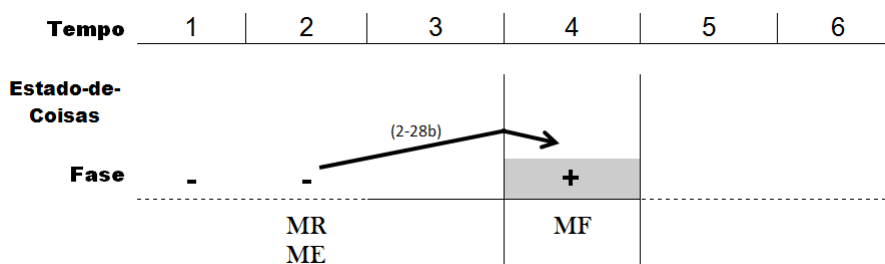


Figura 2-8. A semântica de *ainda* polar com pretérito imperfeito do indicativo em sentenças negativas

O uso do pretérito perfeito do indicativo (cf. (2-29)), segundo Corôa (2005, p. 53), faz ver um evento em retrospectiva, isto é, “expressa-se um fato já ocorrido visto a partir do momento da enunciação, tendo-se como referência algo ‘atual’, pois o resultado é [...] muitas vezes mais importante que o próprio evento”. Dessa forma, marca-se um evento como anterior ao momento de fala, como o faz qualquer tempo passado, e a referência temporal

transmitida do falante para o ouvinte está ligada ao momento da enunciação. Ou seja, neste tempo, MR e MF são simultâneos, e ME é anterior a eles.

- (2-29) a O comércio, como o Brasil, mudou. É claro que a gente vai perceber que **algumas empresas *ainda* não se acostumaram com esse novo Brasil que a gente está vivendo**. E nele há três coisas importantíssimas: primeiro, o mercado, que dita as regras do jogo; segundo, a qualidade; e terceiro, preço. (19Or:Br:Intrv:Com)
- b OP – Você foi suspenso preventivamente pelo Secretário da Segurança Pública (general Cândido Vargas). Quando entregará a arma e a carteira de policial? JAF – Assim que eu for convocado. **Segundo o meu advogado (Flávio Jacinto) *ainda* não houve comunicação oficial**. (19Or:Br:Intrv:Pov)

Em (2-29), *ainda* marca, no MF, que coincide com o MR, o caráter contínuo, desde o ME, das fases negativas dos Estados-de-Coisas descritos. Pressupõe-se, portanto, que, num momento anterior ao MF-MR, as fases negativas dos Estados-de-Coisas já ocorriam. Por outro lado, implica-se uma expectativa de mudança (de negativo para positivo) para momentos posteriores, isto é, o falante deixa implicada a possibilidade de que, em momentos futuros, essas fases negativas dos Estados-de-Coisas venham a se transformar. A figura 2-9 representa tal funcionamento de *ainda* em sentenças negativas com o pretérito perfeito.

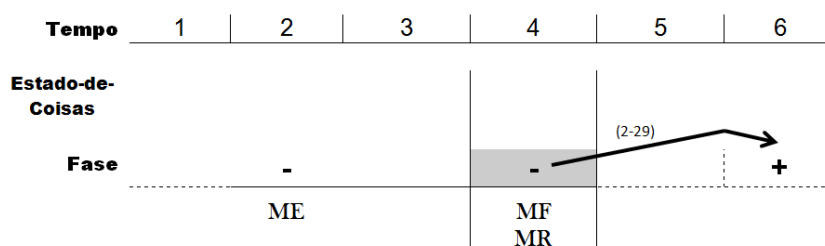


Figura 2-9. A semântica de *ainda* polar com pretérito perfeito do indicativo em sentenças negativas

O futuro, manifestado em forma sintética, como em (2-30a), ou em forma perifrástica, como em (2-30b), expressa, conforme expõe Corôa (2005), um evento que se realiza em um tempo diferente do de MF, especificamente em um momento posterior, ou seja, ME é posterior a MF. Por outro lado, esse evento é visto de uma perspectiva do MF, isto é, o futuro mostra um evento não começado com ponto de referência simultâneo ao MF, ou seja, MF e MR coincidem.

- (2-30) a JC – Este mês duas bandas pernambucanas estão gravando, Cascabulho e Querozene Jacaré. Acredita que **daqui *ainda* sairão mais contratos?** (19Or:Br:Intrv:Com)
- b O POVO – O senhor já está há 100 dias administrando Fortaleza. ***Ainda* vai demorar muito para aparecer os resultados de seus primeiros trabalhos?** (19Or:Br:Intrv:Com)

Em (2-30), conforme representa a figura 2-10, *ainda* faz pressupor que os Estados-de-Coisas realizados em um momento posterior ao MF são contínuos em relação ao momento de referência (MR), que é o próprio MF. Ou seja, pressupõe-se que, em um momento anterior ao ME, que coincide com o MF, o qual, por sua vez, coincide com o MR, a fase positiva do Estado-de-Coisas descrito já ocorria. Além disso, *ainda* implica a expectativa de que, nesse ME que segue o MR e o MF, essa fase positiva do Estado-de-Coisas poderia ser diferente.

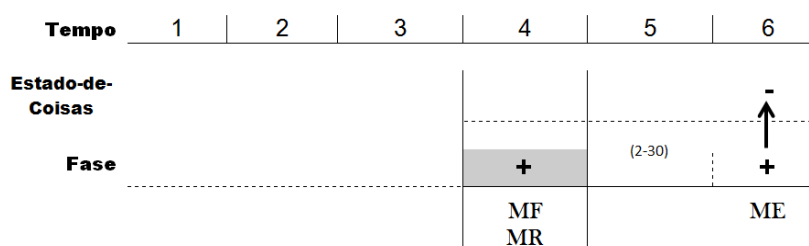


Figura 2-10. A semântica de *ainda* polar com futuro em sentenças afirmativas

As ocorrências em (2-31) revelam um segundo contexto de associação de *ainda* polar ao futuro, bastante diferente do que ocorre em (2-30). De acordo com a proposta de classificação de Longhin-Thomazi (2004; 2005), *ainda*, nas sentenças negritadas em (2-31), marca tempo futuro, remetendo a algum fato que pode acontecer num tempo posterior. Já para Ferreira (2011), *ainda*, nesses contextos, comporta-se como um epistêmico, sinalizando a possibilidade de realização futura de um evento.

Entretanto, parece-nos que, nesse tipo de ocorrência, tanto a marcação de tempo futuro como o significado epistêmico estão mais associados à morfossintaxe do enunciado: em (2-31a) e (2-31b), o uso das formas verbais no presente e no futuro do presente localizam temporalmente os eventos de *aparecer* e *inaugurar* em um momento posterior ao momento de fala; já em (2-31c), a modalização epistêmica atualizada pelo auxiliar *poder* manifesta a

crença do Falante na possibilidade de concretização de um Estado-de-Coisas, o que claramente aponta para uma realização em um momento posterior ao momento de fala.

- (2-31) a Ernani dos Santos garante que **Nossa Senhora *ainda* aparece** (19Or:Br:Intrv:Pov)
- b No momento não há como se falar de diferenças, porque a tônica desses seis meses foi a continuidade. E aí está a quarta etapa do canal do Jordão concluída, faltando apenas as duas pistas de rodagens. Aí está o Hospital de Olhos, que não parou um dia sequer, **e este ano *ainda* será inaugurado**. Estou apenas esperando a confirmação do Ministério da Saúde para a liberação de R\$ 1,6 milhão. (19Or:Br:Intrv:Com)
- c No momento estamos passando um período muito sério. A sensação que tenho é que **a inflação *ainda* pode ser mantida sob controle até o fim do ano**. Mas já tenho minhas dúvidas sobre o ano seguinte, o ano da reeleição, em que ele (FHC) vai pretender a reeleição. (19Or:Br:Intrv:Pov)

Segundo Gritti (2013, p. 93), as ocorrências em (2-31) figuram como *sentenças sem evento ocorrido*: nelas não há e nem houve o evento de *Nossa Senhora aparecer*, de *o Hospital de Olhos ser inaugurado* ou de *a inflação ser mantida sob controle*. A autora propõe, então, que *ainda*, nesse contexto, seja visto como um item alternativo, ou um item de polaridade negativa, que ativa asserções pressupostas no fundo conversacional.

De fato, em (2-31), *ainda*, ao instaurar uma perspectiva pressuposicional para os Estados-de-Coisas descritos, marca sua negação. Ao se localizar o ME em um momento posterior ao MF, que coincide com o MR, *ainda* faz pressupor que, no MF-MR, predomina a fase negativa do evento descrito, isto é, em (2-31), pressupõe-se que, no MF-MR, *Nossa Senhora não apareceu*, *o Hospital de Olhos não foi inaugurado* e *a inflação não foi mantida sob controle*. Por outro lado, numa perspectiva prospectiva, dentro do próprio ME, *ainda* faz implicar um contraste entre a expectativa do Falante pela continuidade da fase negativa do Estado-de-Coisas e a fase positiva assertada desse Estado-de-Coisas. A figura 2-11 representa adequadamente esse funcionamento de *ainda* polar em sentenças sem evento.

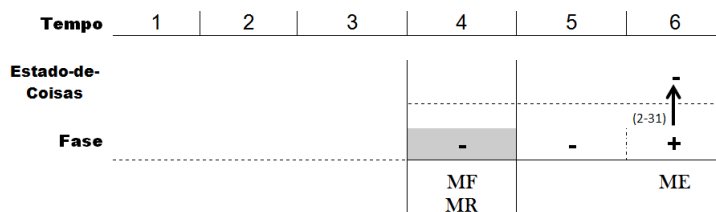


Figura 2-11. A semântica de *ainda* polar com futuro em sentenças sem evento

Ao criar uma perspectiva que combina traços de fasalidade e de polaridade sobre a entidade descrita numa Expressão Linguística, *ainda* polar não mais atua sobre as camadas mais internas à predicação (como o faz *ainda* fasal), mas sim expande seu escopo para todo o evento ou estado designado pela predicação, isto é, para o Estado-de-Coisas. Assim, enquanto primitivo da formulação no Nível Representacional, *ainda* polar corresponde a um operador lexical da camada do Estado-de-Coisas.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), tanto os itens de polaridade como os itens de polaridade fasal correspondem, na GDF, a operadores do Estado-de-Coisas. A nosso ver, no português, itens de polaridade, como *sim* e *não*, são operadores, enquanto itens de polaridade fasal, especificamente, no caso deste trabalho, *ainda*, constituem operadores lexicais (cf. KEIZER, 2007), isto é, assim como *ainda* fasal, têm um estatuto intermediário entre modificadores e operadores. O que sustenta tal defesa são os mesmos critérios usados na seção anterior para definir o estatuto intermediário entre léxico e gramática de *ainda* fasal.

Em relação ao critério **dessementização**, não podemos conceber *ainda*, enquanto expressão de polaridade fasal, como dessementizado, já que preserva o significado de fasalidade e, a ele, combina a polaridade; além disso, devido aos traços fasais, seu uso não está expandido a uma gama variada de contextos. Por outro lado, *ainda* polar, assim como *ainda* fasal, tem estatuto **autônomo**, podendo ocorrer de forma isolada: em contextos como (2-32), pode-se observar que *ainda* polar, com força ilocucionária e contorno entoacional próprios, constitui um enunciado por si só, ou melhor, um Movimento de Reação ao Movimento de Iniciação do interlocutor A.

- (2-32) a A: Ele está aqui?
B: Ainda, acredita?
- b A: Ele ainda está aqui?
B: Ainda.
- c A: Ele ainda está aqui.
B: Ainda?

Em termos de **ordenação**, conforme mostraremos a seguir, *ainda* polar se posiciona, necessariamente, à esquerda do predicado, ocupando, especificamente, a margem esquerda da Oração (P^I ou suas expansões à direita). Enquanto constituinte do Nível Representacional e do Estado-de-Coisas, sua ordenação está sujeita à linearização de constituintes hierarquicamente superiores, como constituintes do Nível Interpessoal. Isso revela uma flexibilidade de ordenação de *ainda* polar, sujeita a motivações mais discursivas.

Por fim, assim como *ainda* fasal, *ainda* polar não pode ser **modificado** e não pode **constituir um predicado**. Essas duas últimas propriedades revelam traços gramaticais de *ainda* polar, enquanto as três primeiras revelam traços lexicais; isso, então, justifica categorizarmos *ainda* polar como operador lexical. No Nível Representacional, portanto, assim como *ainda* fasal, *ainda* polar é um Lexema, e sua classe é também determinada nesse nível: Advérbio (Advw). Como, nesse nível, seu escopo é somente o Estado-de-Coisas, no Nível Morfossintático, *ainda* polar integra somente o padrão da Oração (cf. (2-33)).

- (2-33) São 70 velhos que pretendemos abrigar num terreno aqui ao lado. Já é nosso, **mas ainda não temos condições de construir**. (19Or:Br:Intrv:Pov)
NR: (neg **ainda** e_1 : temos condições de construir (e_1))
NM: (CI: [(Advw: **ainda** (Advw)) (Gw: não (Gw)) (Vp: temos (Vp)) (Np: condições de construir (Np))] (CI))

Em termos de ordenação, *ainda* fasal, diferentemente de *ainda* polar, assume as posições à esquerda do predicado. Especificamente, conforme defende Pezatti (2014), *ainda*, enquanto constituinte hierárquico da camada do Estado-de-Coisas, deve ser posicionado

centripetamente nas posições marginais da Oração, mais precisamente em P^I (cf. (2-34a-b) ou em suas expansões à direita (P^{I+n} ; cf. (2-34c-h).

- (2-34) a ***Ainda não perdi as provas que nadei*** (19Or:Br:Intrv:Cid)

P^I	P^{I+1}	P^M	P^{M+1}
ainda	não	perdi	as provas que nadei

- b Para o ano que vem, o orçamento será maior, ***mas ainda estamos discutindo o porcentual***. (19Or:Br:Intrv:ISP)

P^{pre}	P^I	P^M	P^{M+1}
mas	ainda	estamos discutindo	o porcentual

- c ***Vocês ainda enfrentam problemas para levantar dinheiro no Brasil?*** (19Or:Br:Intrv:ISP)

P^I	P^{I+1}	P^M	P^{M+1}
vocês	ainda	enfrentam	problemas para levantar dinheiro no Brasil

- d ***mas em Olinda ainda se usa*** (REC-D2-05)

P^{pre}	P^I	P^{I+1}	P^{M-1}	P^M
mas	em Olinda	ainda	se	usa

- e ***o material vocês ainda não recebem hoje*** (POA-EF-278)

P^I	P^{I+1}	P^{I+2}	P^{I+3}	P^M	P^F
o material	vocês	ainda	não	recebem	hoje

- f ***Por que a Previdência ainda dá prejuízo?*** (19Or:Br:Intrv:Pov)

P^I	P^{I+1}	P^{I+2}	P^M	P^F
por que	a Previdência	ainda	dá	prejuízo

- g ***Naquela época, o basquete feminino do Brasil ainda estava começando*** (19Or:Br:Intrv:Cid)

P^I	P^{I+1}	P^{I+2}	P^M
naquela época	o basquete feminino do Brasil	ainda	estava começando

- h ***neste momento... as coisas para eles ainda estão muito confusas*** (SP-EF-405)

P^I	P^{I+1}	P^{I+2}	P^{I+3}	P^{M-1}	P^M
neste momento	as coisas	para eles	ainda	estão	muito confusas

Para alocar-se na posição absoluta inicial (em P^I), *ainda* não pode estar acompanhado de nenhum constituinte hierárquico superior, como funções, modificadores ou operadores interpessoais (cf. (2-34a-b)), já que, conforme propõem Hengeveld e Mackenzie (2008), primeiramente se posicionam funções, e a colocação de modificadores e/ou operadores interpessoais precede a colocação de modificadores e/ou operadores representacionais.

Em (2-34a), não há nenhum constituinte antecedendo o item *ainda*, que, dessa forma, ocupa a posição absoluta P^I . Já em (2-34b), o item *mas* precede *ainda*, o que não interfere em

sua colocação em P^I. Segundo Pezatti (2014, p. 84), modificadores e operadores interpessoais tem preferência por posições externas à Oração, se estiverem disponíveis; é o que acontece com o operador de Ato Discursivo *mas*, que é posicionado em P^{pré}.

Caso haja algum constituinte hierárquico superior, *ainda* assume as posições relativas a P^I. Em (2-34c-d), *ainda* aloca-se em P^{I+1} ao seguir o Subato *vocês* com função pragmática Tópico (cf. (2-34c)) ou o Sintagma Adverbial locativo *em Olinda* (cf. (2-34d)), um modificador da camada do Estado-de-Coisas que, no Nível Interpessoal, carrega a função Tópico. Já em (2-34e-g), *ainda* assume a posição P^{I+2} ao seguir dois constituintes de hierarquias superiores: em (2-34e), *ainda* segue dois Subatos Referenciais com função Tópico; em (2-34f), segue um Subato Referencial focalizado (*por que*) e um Subato Referencial topicalizado (*a previdência*); em (2-34g), *ainda* segue o modificador temporal topicalizado (*naquela época*) e o Subato Referencial Tópico (*o basquete feminino brasileiro*). Por fim, em (2-34h), *ainda* segue o modificador temporal topicalizado (*neste momento*), o Subato Referencial Tópico (*as coisas*) e o modificador (*para eles*), o que o aloca em P^{I+3}.

Em síntese, a distinção de dois usos de *ainda* no Nível Representacional não se dá somente com base em suas propriedades semânticas, mas também nos reflexos formais que essa distinção pode acarretar na codificação no Nível Morfossintático. Um primeiro aspecto a ser considerado é que ambos os usos partilham de um significado fasal, isto é, tanto *ainda* fasal como *ainda* polar geram uma perspectiva pressuposicional para o Estado-de-Coisas descrito. Em decorrência desse significado fasal, outro ponto comum a esses dois usos representacionais de *ainda* são as restrições que impõem à constituição semântica do Estado-de-Coisas, não ocorrendo com tempos verbais perfectivos e nem com Estados-de-Coisas não durativos. A diferença entre eles está no significado polar associado somente a *ainda* polar, o que implica, para o Estado-de-Coisas descrito, uma perspectiva de alternativa.

Assim, as relações de escopo contraídas por *ainda* fasal limitam-se às camadas mais internas da predicação (a Propriedade Lexical e a Propriedade Configuracional), enquanto o escopo de *ainda* polar se amplia para o Estado-de-Coisas. No Nível Morfossintático, essas diferenças de escopo alinham-se às unidades morfossintáticas de atuação de *ainda*: *ainda* fasal pode integrar o Sintagma, quando seu escopo, no Nível Representacional, é a Propriedade, ou a Oração, quando seu escopo, no Nível Representacional, é a Propriedade Configuracional, enquanto *ainda* polar integra somente a Oração.

É a ordenação que mais reflete a distinção entre esses dois usos representacionais de *ainda*: o fasal, cuja atuação é mais interna à predicação, ocupa posições relativas a seu predicado, situando-se nos limites de P^M (P^{M-n} ou P^{M+n}), quando integra um Sintagma (escopo é a Propriedade), ou as expansões à direita de P^M (P^{M+1} ou P^{M+2}), quando integra a Oração (escopo é a Propriedade Configuracional); o polar, por outro lado, necessariamente aloca-se à esquerda de seu predicado e posiciona-se na margem esquerda da Oração, especificamente em P^I ou em suas expansões à direita (P^{I+n}). Dessa forma, a distinção entre *ainda* polar e *ainda* fasal na camada da Propriedade Configuracional reflete-se, basicamente, na ordem por eles assumida: o primeiro posiciona-se à esquerda do predicado, em P^I ou em suas expansões à direita; o segundo, à direita do predicado, nas expansões à direita de P^M .

2.3. *Ainda* enfático

No Nível Interpessoal, *ainda*, em diferentes camadas, corresponde a um operador de Ênfase.⁷ Na GDF, a Ênfase é uma operação pragmática e pode atuar como modificador ou operador das diversas camadas que compõem o Nível Interpessoal. Seguindo Hengeveld e Mackenzie (2008) e Moutaouakil (2011), consideramos a Ênfase como um mecanismo de intensificação, ou seja, um recurso linguístico que serve ao propósito comunicativo do falante

⁷ Outro uso de *ainda*, no Nível Interpessoal, corresponde à função pragmática Contraste Expansivo, de que trataremos na próxima seção sob a denominação de *ainda* expansivo.

em destacar ou colocar em proeminência uma determinada (parte de) informação, chamando a atenção de seu ouvinte para ela.

Em (2-35), por exemplo, Pezatti (2014) defende que *ainda* é uma estratégia comunicativa do Falante em ressaltar *o momento antecipado da lassidão das ovelhas* e, assim, reforça o Subato *com sol*. Conforme as propostas de Martelotta (1993; 1998), Longhin-Thomazi (2004; 2005) e Ferreira (2011), trata-se do uso intensificador de *ainda*, em que o item enfatiza a ideia expressa por um advérbio ou por uma expressão de natureza adverbial.

(2-35) *ainda* com sol [as ovelhas] já estão encostadas (PEZATTI, 2014, p. 106)

Na intenção de oferecer uma proposta que capte melhor a natureza da Ênfase dentro do modelo da GDF, Moutaouakil (2011) defende que, no âmbito desse modelo, pode-se distinguir dois diferentes tipos de Ênfase: a Ênfase emotiva ou **Exclamação**, e a Ênfase argumentativa ou **Reforço**. Segundo o autor (MOUTAOUAKIL, 2011, p. 4), ambas servem como dispositivos de intensificação: enquanto a Exclamação (ou Ênfase emotiva) intensifica um Ato Discursivo realizado como uma reação emocional (entusiasmada) a um Conteúdo Comunicado ou a um Subato, o Reforço (ou Ênfase argumentativa) intensifica (uma parte de) um Ato, que ocorre como um argumento ou como um elemento de uma cadeia argumentativa.

As ocorrências em (2-36) mostram a natureza enfática de *ainda*, que, na verdade, abriga duas propriedades: a intensificação e a argumentação, isto é, a intensificação de algum tipo de informação textualizada na expressão linguística serve a um propósito argumentativo maior do Falante. Isso nos leva a caracterizar *ainda* como um operador de Reforço (ou de ênfase argumentativa), nos termos de Moutaouakil (2011).

(2-36) a O próprio Lula diz que não é o eterno candidato. O que ele diz é que o PT sair sozinho, com candidato próprio, e com pequenos partidos juntos, não tem viabilidade política. O próprio Lula reconhece que o PT é muito grande hoje e tem boas alternativas. **Agora ele *ainda* hoje é a liderança mais forte** e isso tem que ser levado em conta, mas tem tempo pela frente. (19Or:Br:Intrv:Cid)
NI: (**emph** T₁: hoje (T₁))

- b L1 bom...o pior horário...de saída...da cidade de manhã...
 L2 fica mais ou menos entre SEis e oito horas né?
 L1 não **de seis *ainda* sai bem**...mas entre sete...até umas:oito e meia...é a pior...hora de saída... (SSA-D2-98)
 NI: (**emph** C₁: de seis sai bem (C₁))
- c ...quer dizer o teatro eu acho que está caminhando está melhorando...porque o o...essa parte estudantil que está se interessando para isso por isso...está tomando assim::ma/...maior impulso...**mas *ainda* eu acho que é uma pequena é uma parte menor** (SP-DID-234)
 NI: (mas **emph** A₁: eu acho que é uma pequena é uma parte menor (A₁))

Nas ocorrências em (2-36), *ainda* intensifica partes do fluxo de informação que compõem todo um movimento argumentativo desenvolvido pelo Falante. Em (2-36a), o escopo do operador de Reforço recai sobre o Subato Atributivo *hoje*, um modificador temporal no Nível Representacional. A Ênfase expressa por *ainda* interage fortemente com o valor temporal desse advérbio, reforçando o momento temporal em que *Lula é a liderança mais forte*, o que atende ao propósito argumentativo maior do Falante em influenciar, de alguma forma, a informação pragmática de seu Ouvinte, convencendo-o daquela informação.

Já em (2-36b-c), o escopo da intensificação expressa por *ainda* é mais amplo, de modo que *ainda*, conforme explica Martelotta (1998), indica que a oração que ele inicia tem um peso maior dentre o conjunto de informações apresentado pelo Falante. Em (2-36b), o escopo de *ainda* enfático abriga todo o conteúdo evocado pela reação do interlocutor L1 ao que diz o interlocutor L2, ou seja, reforça-se todo o Conteúdo Comunicado. O Falante, no caso L1, salienta a informação de que *no horário das seis sai bem*, chamando a atenção de seu Ouvinte, no caso L2, para essa informação. Essa proeminência conferida a todo o conteúdo informativo ali evocado corrobora o movimento argumentativo de L1: o de provocar uma mudança na informação pragmática de L2, corrigindo-a.

Em (2-36c), por outro lado, o escopo da intensificação expressa por *ainda* é ainda mais amplo, tomando toda a asserção do Falante, toda a unidade comunicativa enunciada pelo Falante em seu movimento comunicativo, isto é, seu escopo está sobre o Ato Discursivo. O marcador de contraste *mas* sinaliza a articulação do Ato *eu acho que é uma pequena é uma*

parte menor ao restante do Movimento, especificamente o Ato anterior *essa parte estudantil que está se interessando para isso por isso...está tomando assim::ma/...maior impulso...*; ao introduzir o Ato que, naquele Movimento, contraste com o Ato anterior, o Falante opta por salientar esse segundo Ato, fazendo uso, para tanto, de *ainda*.

Nossa defesa é a de que *ainda* enfático, no Nível Interpessoal, corresponde a um operador das camadas do Subato, do Conteúdo Comunicado e do Ato Discursivo. Trata-se de um operador por sua alta gramaticalidade: (i) seu uso se encontra em um estágio bastante dessemantizado/pragmatizado, em que traços semânticos como imperfectividade e polaridade se perderam e, em decorrência disso, seus contextos de uso se expandiram (nota-se que, enquanto operador enfático, *ainda* não impõe restrições à constituição semântica do Estado-de-Coisas); (ii) seu grau de autonomia é praticamente nulo, já que não pode ocorrer de forma isolada; (iii) sua ordenação é mais fixa em relação aos usos representacionais; (iv) não é modificável e (v) não pode construir predicação.

Em (2-37), observamos mais ocorrências de *ainda* enfático escopando Subatos Atributivos, que, no Nível Representacional, correspondem a algum tipo de modificador.

- (2-37) a ah::também()... quando (tenho que ir)... sempre é em função dessa socieDAde que meu marido está já está há dez anos... assim:: na diretoria.., uma vez ele era tesouRElro... outra vez vice-presiDENTE outra:: agora ele é::... **eu disse vice-presidente *ainda* agora** né? mas não vice-presidente é o outro... ele FI no ano passado...ele é:: como é que se diz a pessoa que cuida do CLUbe... que toma:: não é ecônomo é o que toma conta assim do:: ... dessa parte:: que ele tem que cuidar da das Obras tudo (POA-DID-45)
- b JC – Alguém chegou a impressionar vocês dentro desse festival? Suzana – Não podemos falar. Estamos apenas no segundo dia e seria muito precipitado falar qualquer coisa. Na verdade, conhecemos muito pouco do que se faz no Nordeste e temos uma semana pela frente. Agora é bom deixar claro que não faremos restrição a nenhuma modalidade. Poderemos premiar o clássico, o moderno, o contemporâneo, o popular, o folclórico e até a dança de salão. **As indicações do primeiro semestre saem *ainda* este mês** e o resultado final será em dezembro. (19Or:Br:Intrv:Cid)
- c O manual terá em anexo vários modelos de requerimento, de projetos de lei, de resolução, de ofícios. Ele será a bíblia do vereador. Esse será o primeiro. Depois lançaremos outros. **A idéia é lançá-lo *ainda* na primeira semana de maio.** (19Or:Br:Intrv:Pov)

- d M – Houve uma aceleração do ritmo de desenvolvimento da engenharia nacional após a construção de Brasília, ou não? JC – Não estou muito a par desse desenvolvimento, mas estou certo de que ele existe. Não tanto, acredito, quanto na França ou na Inglaterra. Neste último país, por exemplo, já se construiu um edifício de muitos andares sem pilares; as lajes de ferro apoiavam-se nas esquadrias externas. ***Ainda na Inglaterra, já se usou concreto trabalhando a “ 92a “ de 800 quilos***, é bem verdade que usando o cimento aluminoso e o material inerte que tem o nome de ALAG. (19Or:Br:Intrv:Com)
- e O "sabadoye" teve origem nas visitas que o Drummond fazia. ***Ele era meu amigo ainda da Livraria José Olympio***. Ele consultava tanto que acabou fazendo os índices das minhas velhas revistas, sempre acrescentando alguma coisa e assinando embaixo. Lia uma nota numa A Cigarra, nas sete fases completas da Revista Brasileira, fazia uma crônica, virou um hábito. Os amigos que precisavam falar com ele já sabiam onde encontrá-lo. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- f não ele teve escritório no início da carreira...teve escritório durante...oito anos::mais ou menos...depois...***ainda com escritório...e como ele tinha liberdade de advogar ele também...exercia a::a profi/ o a advocacia do Estado né?... (19Or:Br:Intrv:Pov)***
- g NO – Talvez por uma estratégia política. O Governo achou que com o problema da reeleição ele conseguiria unificar sua base de sustentação e com isso viabilizar com mais facilidade as reformas, mas o objetivo maior são as reformas. A reeleição é um problema complicado porque envolve interesses pessoais, corporativistas, mas o instituto da reeleição é altamente sadio. O plebiscito seria somente perda de tempo e gasto de dinheiro. Qual o plebiscito mais efetivo que o dia da eleição? OP – ***Ainda em relação ao FEF, alguns parlamentares de oposição dizem que este dinheiro vai para pagamento da dívida interna brasileira, e não para programas sociais como educação, saúde***. Afinal, onde é empregado o recurso? (19Or:Br:Intrv:Com)

Em (2-37a), a Ênfase expressa por *ainda* recai sobre o advérbio *agora*, um modificador temporal no Nível Representacional e um Subato Atributivo no Nível Interpessoal. A sentença em negrito abre um parêntese em que o Falante tenta corrigir ou retocar alguma informação anteriormente situada; *ainda* faz com que a informação temporal ganhe, então, certa proeminência na direção argumentativa do Falante em mostrar a proximidade temporal de sua enunciação ao momento da fala. Já em (2-37b), a proeminência enfática instaurada por *ainda* se aplica ao Sintagma *este mês*, que localiza temporalmente o Estado-de-Coisas de *as indicações do primeiro semestre sair*; o reforço a essa localização temporal rompe com a expectativa de que *as indicações poderiam não sair este mês*. Em (2-37c), por fim, o Sintagma *na primeira semana de maio* localiza temporalmente a perspectiva

de lançamento do manual; ao realçar esse momento temporal em que ocorrerá o evento (*primeira semana de maio*), contrasta-se com a expectativa de que *o lançamento não se daria dentro desse prazo*. O que vemos, portanto, é que a ênfase aplicada por *ainda* a esses constituintes traz a ideia de que estes não eram esperados naquele contexto comunicativo.

Já em (2-37d-e), a ênfase veiculada por *ainda* recai sobre as locuções adverbiais *na Inglaterra* e *da Livraria José Olympio*, modificadores espaciais no Nível Representacional e Subatos Atributivos no Nível Interpessoal. Em (2-37d), *ainda* ressaltando e reforçando a localização espacial expressa por *na Inglaterra*; além disso, *ainda* instaura a ideia de que continuar a referir-se a essa localização espacial é, de certa forma, inesperado, ou que não se efetivou, até aquele momento comunicativo, uma troca no que diz respeito à evocação de um novo cenário espacial. Isso também se confirma em (2-37e): ao ressaltar a localização espacial *da Livraria José Olympio*, é inesperado, naquele contexto comunicativo, que a amizade entre Drummond e o Falante fosse da livraria.

Por fim, em (2-37f-g), *ainda* marca, segundo Ferrari (2011), a duração do tópico (*com escritório*, em (2-37f), e *em relação ao FEF*, em (2-37g)) desde o passado ao presente. O escopo de *ainda*, nesses casos, está sobre Sintagmas Preposicionais que, no Nível Interpessoal, assinalam o ponto de partida da asserção, ou melhor, são constituintes que assinalam a relação do conteúdo evocado naquele Ato Discursivo com o comentário construído gradualmente dentro do contexto comunicativo; trata-se, portanto, de Subatos Atributivos a que se atribui a função Tópico. *Ainda*, ao salientar essa parte de informação, direciona a atenção para esses Subatos, marcando que tais informações são inesperadas dentro do cenário comunicativo estabelecido entre Falante e Ouvinte.

Alinhado à natureza enfática e argumentativa de *ainda* em (2-37), pode-se notar a persistência do significado fasal típico dos usos representacionais de *ainda*. Ou melhor, o uso enfático de *ainda* nas ocorrências em (2-37) preserva nuances de fasalidade, já que se enfatiza

a permanência ou continuidade da evocação de uma determinada referência.⁸ Verifica-se, dessa forma, uma extensão gradual entre o uso de *ainda* como operador lexical de polaridade fasal e o uso de *ainda* como operador de ênfase, por meio de dois principais mecanismos de pragmaticização ou dessemanticização: o enfraquecimento do significado semântico de fasalidade, e, por outro lado, o ganho de propriedades pragmáticas, como o de saliência e realce informacional, característicos de uma operação de ênfase.

Nos casos em que se preserva o significado fasal (cf. (2-37)), a representação de *ainda*, dentro do modelo da GDF, como um operador de ênfase na camada do Subato no Nível Interpessoal, alinha-se a uma representação desse item no Nível Representacional como um operador de aspecto imperfectivo, já que a ênfase expressa por *ainda* no Nível Interpessoal salienta a imperfectividade da referência ou da propriedade descritas no Nível Representacional. Por exemplo, em (2-38), *ainda* é representado nos dois níveis da formulação: como operador de ênfase de Subato Atributivo (T₁) e como operador de aspecto imperfectivo da Propriedade Lexical (f₁). Isso nos permite captar a gradualidade da extensão metafórica *polaridade fasal* > *ênfase*.

- (2-38) a Lembro-me perfeitamente de que eu não sentia nenhuma tensão, que eu errava muito e ria, sem medo de mostrar nada. Curiosamente, **é esse mesmo espírito que me define na companhia *ainda* hoje**. (19Or:Br:Intrv:ISP)
 NI: (**emph** T₁: hoje (T₁))
 |
 NR: (**imperf** f₁: hoje_{Adv} (f₁))
 |
 NM: (Adv_P: (L_W: hoje_{Adv} (L_W)) (**G_W**: **ainda**_{part} (G_W)) (Adv_P))
- b Então, sexta-feira passada, dia 9, o posto de Canindé. **Devemos inaugurar *ainda* este mês o posto de Itapajé** e depois virão Pacatuba, Santa Quitéria [...] (19Or:Br:Intrv:Pov)
 NI: (**emph** +prox T₁: mês (T₁))
 |
 NR: (**imperf** f₁: mês_N (f₁))
 |
 NM: (Adv_P: ((**G_W**: **ainda**_{part} (G_W)) (N_P: este mês (N_P)) (Adv_P))

⁸ Hopper (1991), ao tratar do princípio da persistência, afirma que, ao passo que um item ou forma linguística se gramaticaliza, alguns traços de seu significado original tendem a permanecer.

- c **Houve um momento, *ainda no governo Itamar Franco*, que Pedro Malan convidou Chico Lopes para o BC** e o sr. divergiu. (19Or:Br:Intrv:ISP)

NI: (**emph** +id, +s T₁: governo Itamar Franco (T₁))

NR: (**imperf** f₁: governo Itamar Franco_N (f₁)_{Loc})

NM: (Adv_P: ((G_W: **ainda**_{part} (G_W)) (G_W: em_{prep} (G_W)) (N_P: o governo Itamar Franco (N_P)) (Adv_P))

A ocorrência em (2-39), por outro lado, ilustra um segundo contexto de uso de *ainda* enfático: em construções comparativas de desigualdade (NEVES, 2011, p. 909). Segundo Silva (2014, p. 44), trata-se de casos de reforço ou graduação/intensificação de grau.

- (2-39) Outra relação difícil, **mais complicada *ainda no passado***, é com o diretor Chico Lopes (19Or:Br:Intrv:ISP)

Segundo Silva (2014, p. 44), “em diversos contextos, é possível verificar que a atribuição de grau vem acrescida de outros elementos graduadores, numa espécie de reforço/ênfase a uma noção já graduada, amplificando-a/elevando-a ou reduzindo-a/rebaixando-a ainda mais.” A nosso ver, em (2-39), *ainda* é um elemento que reforça e/ou amplifica a graduação de superioridade ou inferioridade estabelecida pelo marcador de comparação *mais* ou *menos*, respectivamente. Trata-se, na visão de Neves e Dall’Aglio-Hattner (2002, p. 169), de um mecanismo de valorização da relação comparativa.

Além disso, o fato de a ênfase se dar em um contexto de comparação, especificamente de comparação de superioridade, faz com que fique implicada uma contraexpectativa: o Subato Atributivo ali evocado (no caso, o de ser *complicada*) vai além das expectativas do falante, isto é, o falante já considera, no momento atual, a *relação* de que fala *difícil* e *complicada*, mas, em algum momento anterior, tal relação, em termos de *complicações*, superou suas expectativas.

Antes de passarmos à análise de *ainda* enfático na estrutura comparativa, precisamos estabelecer o estatuto de *mais* no âmbito do modelo da GDF. Segundo García Velasco (2013, p. 81), palavras de grau como *mais* especificam, por meio da intensificação, o grau da

propriedade denotada pelo adjetivo ao longo de uma escala. Na proposta do autor, palavras graduadoras como *so* e *more* do inglês constituem, na GDF, elementos lexicais predicativos. Na ocorrência em (2-40), por exemplo, *so...that* funciona como um modificador da propriedade designada pelo adjetivo *intelligent*. A palavra de grau *so* e a oração *that he got an A* formam uma unidade semântica cuja base está numa relação de predicado/argumento. Dessa forma, conforme visualizamos na representação de (2-40), *so* é um elemento lexical que toma uma proposição como seu argumento.

(2-40) *so intelligent that he got an A* (GARCÍA VELASCO, 2013, p. 91)

$(f_i: \text{intelligent}_A(f_i): [(f_j: \text{so}_{\text{Deg}}(f_j)) (p_i: \text{---that he got an A---} (p_i))_{\text{Result}}] (f_i))$

Consideramos que essa análise também se aplica à palavra de grau *mais*, no português: *mais*, na ocorrência em (2-41), por exemplo, modifica, no Nível Representacional, a propriedade designada pelo adjetivo *interessante*, e o sintagma *a aula teórica* é a proposição tomada como argumento por *mais*.⁹ No Nível Interpessoal, *mais* deve ser analisado como um Subato Atributivo, o adjetivo *interessante* também constitui um Subato Atributivo, e o sintagma *a aula teórica* corresponde a um Conteúdo Comunicado, composto, nesse caso, de um único Subato Referencial.

(2-41) *A aula prática é muito mais interessante do que a aula teórica* (NEVES; DALL'AGLIO-HATTNER, 2002, p. 142)

NI: $(T_i: \text{interessante}(T_i): [(T_j: \text{mais}(T_j)(C_k: \text{---do que a aula teórica---}(C_k))] (T_i))$

NR: $(f_i: \text{interessante}_A(f_i): [(f_j: \text{mais}_{\text{Deg}}(f_j)) (p_i: \text{---do que a aula teórica---}(p_i))_{\text{Result}}] (f_i))$

Em (2-41), a comparação ali construída é intensificada pelo operador *muito*, mas não é difícil visualizar o operador enfático *ainda* atuando sobre essa comparação (cf. (2-42)). Em (2-42), conforme demonstram suas representações, a ênfase operada por *ainda* pode se dar em duas vias: (i) escopando a comparação como um todo, como em (2-42a), o que determina seu posicionamento ao final do Sintagma comparativo, à direita do núcleo adjetival; (ii)

⁹ Em (2-41), há elipse do elemento comum na base da construção comparativa (NEVES; DALL'AGLIO-HATTNER, 2002, p. 133): *a aula prática é muito mais interessante do que a aula teórica (é interessante)*.

escopando apenas o Subato Atributivo *mais*, como em (2-42b), o que determinado seu posicionamento no início do Sintagma comparativo, à esquerda da palavra de grau *mais*.

- (2-42) a A aula prática é **mais interessante ainda** do que a aula teórica.
 NI: (**emph** T_i: interessante (T_i): [(T_j: mais (T_j) (C_k: —do que a aula teórica— (C_k))] (T_i))
 NR: (f_i: interessante_A (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j) (p_i:—do que a aula teórica— (p_i))_{Result}] (f_i))
 b A aula prática é **ainda mais interessante** do que a aula teórica.
 NI: (T_i: interessante (T_i): [(**emph** T_j: mais (T_j) (C_k: —do que a aula teórica— (C_k))] (T_i))
 NR: (f_i: interessante_A (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j) (p_i:—do que a aula teórica— (p_i))_{Result}] (f_i))

Essa dupla via de representação e de codificação de *ainda* enfático na estrutura comparativa está ligada ao tipo de reforço ou intensificação expressa pelo item. Kohler (2006) estabelece duas categorias para a Ênfase: a *Ênfase para foco*, que destaca elementos do discurso, tornando-os mais salientes do que outros, e a *Ênfase para intensidade*, que intensifica o significado contido em algum elemento. Especificamente, no caso da *Ênfase para foco*, trata-se de uma proeminência especial conferida a certas palavras para destacá-las e/ou contrastá-las com o que foi dito anteriormente; já no caso da *Ênfase para intensidade*, trata-se de um reforço especial conferido a certos elementos do texto/discursivo de modo a amplificar o seu significado e a expressar um grau particularmente maior implicado por elas.

Quando escopa toda a comparação e, portanto, posiciona-se na posição final do Sintagma comparativo (à direita do núcleo adjetival), *ainda* veicula *Ênfase para foco*: trata-se de um mecanismo de salientar a comparação ali estabelecida, conferindo destaque a ela (cf. (2-42a)). Já quando escopa a palavra de grau *mais* e, portanto, posiciona-se na posição inicial do Sintagma comparativo, *ainda* veicula *Ênfase para intensidade*: trata-se de um mecanismo de amplificação da desigualdade projetada pela estrutura comparativa (cf. (2-42b)).

Em (2-43), a quantificação expressa pelo graduador *mais* recai sobre os substantivos *sucessos* e *conquistas*, Subatos Referenciais no Nível Interpessoal, e *ainda* enfático escopa, em (2-43a), o domínio focal da comparação (cf. NEVES; DALL'AGLIO-HATTNER, 2002, p. 133), isto é, o modificador que sinaliza a dimensão da comparação (*mais*) e o foco da

comparação (as propriedades designadas pelos substantivos *sucessos*), reforçando e/ou destacando esse domínio comparativo, e, em (2-43b), o graduador *mais*, operando uma amplificação da desigualdade.

- (2-43) a Parabéns!!! Você é merecedora de todo esse sucesso.
E te desejo mais sucesso ainda!!! (<http://www.helenabordon.com/boas-novas/>. Acesso em 19.6.15, às 10:48)

NI: (**emph** R_i : sucesso (R_i): [(T_j : mais (T_j))] (R_i))

NR: (f_i : sucesso_N (f_i): [(f_j : mais_{Deg} (f_j))] (f_i))

- b Quero te desejar um feliz ano novo! **Que 2015 te traga ainda mais conquistas do que 2014 trouxe.** Pode contar sempre com a gente! (<http://camilacoelho.com/2014/12/30/esfumado-colorido-pro-ano-novo-maquagem-reveillon/>. Acesso em 19.6.15, às 10:50)

NI: (R_i : conquistas (R_i): [(**emph** T_j : mais (T_j)) (C_k : —do que 2014 trouxe— (C_k))] (R_i))

NR: (f_i : conquistas_N (f_i): [(f_j : mais_{Deg} (f_j)) (p_i : —do que 2014 trouxe— (p_i))] (f_i))

Além disso, ao desejar *mais sucesso* ou *mais conquistas*, o Falante assume que seu Ouvinte (destino de seu desejo) já tem algum sucesso ou algumas conquistas e deseja-lhe uma maior quantidade desse sucesso ou dessas conquistas. Aplicando *ainda*, como em *ainda mais sucesso* ou *ainda mais conquistas*, veicula-se uma expectativa (do Falante) de que seu Ouvinte já tenha um alto grau de sucesso ou já tenha atingido um alto grau de conquistas; o desejo do Falante é que o Ouvinte supere essa sua expectativa, tendo mais sucesso ou conquistas do que o Falante assume que o Ouvinte já tenha.

Já em (2-44), observamos casos de comparativas de base adjetival. Em (2-44a), a comparação se estabelece pelo uso do comparativo sintético do advérbio *grande*, enquanto em (2-44b-c), a quantificação expressa pelo graduador *mais* recai sobre os adjetivos *feia* e *grave*, Subatos Atributivos no Nível Interpessoal. *Ainda*, em (2-44b), reforça a comparação estabelecida, escopando o domínio focal da comparação, isto é, o modificador que sinaliza a dimensão da comparação (*mais*) e o foco da comparação (a propriedade designada pelo adjetivo *feia*), e, em (2-44c), amplifica a desigualdade veiculada pela estrutura comparativa, escopando o Subato Atributivo *mais*.

- (2-44) a JC – Mas esse procedimento não atrapalha o cronograma de investimento das empresas? Koblitz – **Isso leva a um efeito maior *ainda* com relação a novos investimentos.** (19Or:Br:Intrv:Com)¹⁰
- b Imagine se eu tivesse feito declarações sobre o que eu penso do companheiro Ricardo Berzoini, do que eu penso do companheiro João Vaccari (ex-secretário geral da CUT e atual vice-presidente, também bancário). **Aí a coisa iria ficar mais feia *ainda*.** (19Or:Br:Intrv:ISP)
 NI: (**emph** T_i: feia (T_i): [(T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: feia_A (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))
- c **A realidade fica *ainda* mais grave com o déficit do Governo...** (19Or:Br:Intrv:Pov)
 NI: (T_i: grave (T_i): [(**emph** T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: grave_A (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))

Em (2-44a), a Ênfase expressa por *ainda* escopa o comparativo sintético *maior*, um Subato Atributivo no Nível Interpessoal, reforçando a desigualdade ali estabelecida. Já no caso de (2-44b-c), a comparação de superioridade se constrói por meio do operador de gradação *mais* e, dessa forma, ao reforçar a atribuição das Propriedades *feia* e *grave*, respectivamente, instaura-se a pressuposição de que o grau de *fealdade* da situação descrita ou de *gravidade* da realidade atinge um ponto que supera as expectativas do Falante.

Por fim, em (2-45), a quantificação expressa pelo graduador *mais* (ou *menos*) recai sobre os verbos *complicar*, *investir* e *gostar*, Subatos Atributivos no Nível Interpessoal. Assim como em (2-44), a Ênfase operada por *ainda* se dá em duas vias: em (2-45a-b), *ainda* opera Ênfase para foco, escopando toda a estrutura comparativa (núcleo verbal e palavra de grau), de forma a destacá-la, e posicionando-se ao fim do Sintagma Verbal (especificamente, à direita do núcleo verbal); já em (2-45c), *ainda* opera Ênfase para intensidade, escopando somente a palavra de grau *mais*, de forma a amplificar ou potencializar a desigualdade veiculada, e posicionando-se no início do Sintagma Verbal (adjacente à palavra de grau, mais especificamente à sua esquerda).

¹⁰ Optamos por não representar (2-45a) pois, conforme García Velasco (2013), o tratamento de comparativos sintéticos dentro da abordagem oferecida pelo autor persiste um tanto quanto problemático.

- (2-45) a Nós resolvemos suspender os trabalhos da Comissão porque aquelas pessoas que foram ouvidas queriam voltar a depor **para complicar mais *ainda* a vida daqueles que já estavam implicados**. Então seria uma rosca sem fim. (19Or:Br:Intrv:Pov)
 NI: (**emph** T_i: complicar (T_i): [(T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: complicar_v (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))
- b Estado - O que você acha das montagens de Gerald Thomas, com quem as "Fernandas" trabalharam algumas vezes? Torres - **Desse eu gosto menos *ainda*** - não gosto do texto, da direção, de nada. As peças do Gerald Thomas não são estrangeiras e não são brasileiras. Aliás, elas não têm nada a ver com o Brasil. São peças que só interessam a ele. (19Or:Br:Intrv:ISP)
 NI: (**emph** T_i: gostar (T_i): [(T_j: menos (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: gostar_v (f_i): [(f_j: menos_{Deg} (f_j))] (f_i))
- c Tenho pretensão de entrar mais sério em áreas que Roberto deu destaque total, **inclusive investir *ainda* mais**, como em educação de trânsito e na área da informática. (19Or:Br:Intrv:Com)
 NI: (T_i: investir (T_i): [(**emph** T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: investir_v (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))

Observa-se que a ênfase expressa por *ainda* faz com que a intensificação das ações expressas pelas Palavras Verbais exceda as expectativas: em (2-45a), por exemplo, se houvesse *novo depoimento das pessoas já ouvidas*, a complicação sobre a vida das pessoas envolvidas atingiria um grau que excede o esperado; já em (2-45b), Fernanda Torres, em resposta ao entrevistador do Estadão, demonstra que seu *gostar menos* excede, de algum modo, algum padrão já estabelecido anteriormente; em (2-45c), finalmente, o Falante se propõe a *investir* num grau que vai além do que já tem investido.

No contexto de comparação, *ainda* enfático não mais preserva nuances de fasalidade, permanecendo somente o valor enfático. Trata-se, portanto, de um uso mais pragmatizado de *ainda*, que é somente representado no Nível Interpessoal, não se alinhando a nenhuma representação no Nível Representacional.

A ênfase operada por *ainda* pode, por fim, escopar todo um Conteúdo Comunicado ou todo o Ato Discursivo, conforme demonstram as ocorrências em (2-46).

- (2-46) a então isso é muito sé:rio... e **a responsabilidade de vocês... co:mo futu:ros profissionais do direito *ainda* se torna maior...** porque vocês de novo... vão estar com aquilo que é mais importante... que é o ordenamento jurídico...

(REC-EF-337)

- b A Geração 70 também deixou de ver-se como uma geração? Loyola - Hoje, vemo-nos muito pouco, paramos de nos corresponder, afastamo-nos. **Quem *ainda* tinha o hábito de escrever com mais frequência era o João Antônio**, mas agora ele morreu. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- c mas eu trago muito processo para casa e faço em casa...que para eu voltar lá à tarde cria muito problema com as crianças eu ficar tempo to/...tempo todo fora de casa...tempo integral fora de casa realmente dá muito...problema com eles...então::eu trabalho (no) horário que eles estão na escola...e o resto eu trago para casa...***ainda* eu tenho essa possibilidade** (SP-D2-360)

Em (2-46), *ainda* não preserva nenhum de seus traços semânticos mais básicos, como fasalidade, imperfectividade e polaridade; trata-se, na verdade, de um recurso pragmático de reforço e proeminência, tomando, sob seu escopo, todo o Conteúdo Comunicado evocado no Ato Discursivo. A ocorrência em (2-46a) se dá no contexto de sala de aula e representa a fala de um professor direcionada a seus alunos de direito; ao evocar o conteúdo que deseja transmitir (o de que *a responsabilidade dos alunos como futuros profissionais do direito se torna maior*), o Falante (no caso, o professor) opta por não o veicular de um modo neutro, mas sim por conferir-lhe certa proeminência, chamando mais a atenção de seus Ouvintes (no caso, os alunos). Já em (2-46b), *ainda* reforça o Conteúdo Comunicado de *ser João Antônio a pessoa que tinha o hábito de escrever com mais frequência*, o que atrai maior atenção do Ouvinte a essa parte de informação dentro do enunciado. Em (2-46c), por fim, ao trazer uma série de declarações a respeito de seu trabalho e relatar o modo como compatibiliza o trabalho e o cuidado com os filhos, ele comenta que costuma trazer serviço para casa e reforça a declaração de *ela ter essa possibilidade*.

No Nível Morfossintático, *ainda*, enquanto operador de ênfase no Nível Interpessoal, corresponde a uma Palavra Gramatical, especificamente uma Partícula (cf. BAAR, 1996). Segundo van Baar (1996, p. 260), Partículas, enquanto um tipo específico de classe de palavras, só podem ser negativamente definidas: “elementos gramaticalizados são partículas

somente se não pertencerem a nenhuma outra classe de palavra”.¹¹ Partículas são, portanto, elementos altamente gramaticais que derivam de outras classes de palavras, perdendo, nesse processo, propriedades ou significados essenciais às suas classes de palavras fontes.

De certa forma, tal descrição se aplica a *ainda* enfático: em relação aos usos representacionais de *ainda* (fasal e polar), *ainda* enfático “perde” uma série de traços significativos, como a fasalidade, e de traços lexicais, como autonomia e flexibilidade na ordenação, o que não o permite ser integrado à classe dos Advérbios; dessa forma, nossa opção aqui é seguir com a proposta de van Baar (1996) e considerar *ainda* enfático como membro da classe das Partículas.

As diferentes relações de escopo contraídas por *ainda* enfático no Nível Interpessoal determinam os padrões morfossintáticos que integra no Nível Morfossintático: ao escopar Subatos, *ainda* enfático integra o padrão do Sintagma (cf. (2-47a)); quando seu escopo é o Conteúdo Comunicado, integra o padrão da Oração (cf. (2-47b)); já quando seu escopo é o Ato Discursivo, integra o padrão da Expressão Linguística (cf. (2-47c)).

- (2-47) a ***Ainda* agora** participei de uma reunião muito importante realizada no Chile, com juristas de toda a América Latina. (19Or:Br:Intrv:Pov)
 NI: (**emph** T₁: agora (T₁))
 NM: (Advp: [(Gw: **ainda** (Gw)) (Advw: agora (Advw))] (Advp))
- b então isso é muito sério... e **a responsabilidade de vocês... co:mo futu:ros profissionais do direito *ainda* se torna maior...** (REC-EF-337)
 NI: (**emph** C₁: a responsabilidade de vocês... co:mo futu:ros profissionais do direito se torna maior (C₁))
 NM: (Cl: [(Np: a responsabilidade de vocês... co:mo futu:ros profissionais do direito (Np)) (Gw: **ainda** (Gw)) (Vp: se torna (Vp)) (Adjp: maior (Adjp))] (Cl))
- c e o resto eu trago para casa...***ainda* eu tenho essa possibilidade** (SP-D2-360)
 NI: (**emph** A₁: eu tenho essa possibilidade (A₁))
 NM: (Le: [(Gw: **ainda** (Gw)) (Cl: eu tenho essa possibilidade (Cl))] (Le))

Em termos de ordenação, *ainda* enfático mostra uma tendência maior de fixação do que em seus usos representacionais. Novamente, a ordem é uma pista bastante útil para a

¹¹ No original: “grammaticalized elements are only particles if they do not belong to any of the other parts of speech” (BAAR, 1996, p. 260).

delimitação dos diversos usos de *ainda*. Trataremos, primeiramente, da ordenação de *ainda* enfático fora dos contextos de comparação de desigualdade, para depois tratar desses casos.

Ao integrar Sintagmas Adverbiais, como em (2-48), *ainda* enfático ocupa a posição absoluta P^I , e o núcleo do Sintagma, a posição P^M , como os Advérbios *hoje* e *agora*, em (2-48a-b), o Sintagma Nominal *este mês*, em (2-48c), ou os Sintagmas Preposicionais *no governo Itamar Franco* e *em relação ao FEF*, em (2-48d-e).

- (2-48) a eu joguei cinco anos no Maranhão e dei três títulos e ***ainda hoje*** sou abraçado e saudado como herói (19Or:Br:Intrv:Pov)

P^I	P^M
<i>ainda</i>	hoje

- b eu disse vice-presidente ***ainda agora*** né? (POA-DID-45)

P^I	P^M
<i>ainda</i>	agora

- c Só que a corda foi esticando e, um dia, a corda quebra. E parece que vai quebrar, ***ainda este ano***, no Centro-Sul. (19Or:Br:Intrv:Com)

P^I	P^M
<i>ainda</i>	este ano

- d Houve um momento, ***ainda no governo Itamar Franco***, que Pedro Malan convidou Chico Lopes para o BC e o sr. Divergiu (19Or:Br:Intrv:ISP)

P^I	P^M
<i>ainda</i>	no governo Itamar Franco

- e ***Ainda em relação ao FEF***, alguns parlamentares de oposição dizem que este dinheiro vai para pagamento da dívida interna brasileira, e não para programas sociais como educação, saúde. Afinal, onde é empregado o recurso? (19Or:Br:Intrv:Pov)

P^I	P^M
<i>ainda</i>	em relação ao FEF

Já em (2-49), *ainda* enfático ocupa a posição final do Sintagma Adverbial: o núcleo do Sintagma ocupa a posição P^M , e *ainda* enfático o segue, ocupando a posição P^F .

- (2-49) a primeiro porque você pega o congestionamento ***na área urbana ainda*** (SSA-D2-98)

P^M	P^F
na área urbana	<i>ainda</i>

- b Sempre que ela partia receava tê-la afugentado com a minha intransigência e que não mais tornasse. Mas voltou ***hoje ainda..*** para se lhe encherem de lágrimas os olhos. (19:Fic:Pt:D'Arcos:Diario)

P ^M	P ^F
hoje	ainda

- c Os projectos de Fernando Costa para as Caldas da Rainha são de envergadura. O presidente da câmara diz que " o grande desafio deste mandato é o desporto ". Assim, **este ano ainda**, começará a ganhar forma um complexo municipal que integra um estádio virado para o atletismo e rugby, uma zona de ténis, piscinas, sedes de colectividades e um pavilhão gimnodesportivo com capacidade para 3.500 pessoas. (19N:Pt:Leira)

P ^M	P ^F
este ano	ainda

Essas diferentes ordenações assumidas por *ainda* enfático em (2-48) e (2-49) está também ligada à veiculação de Ênfase para intensidade (cf. (2-48)) e Ênfase para foco (cf. (2-49)): quando ocupa a posição absoluta inicial, como em (2-48), *ainda* opera Ênfase para intensidade, potencializado o atributo evocado pelo Subato escopado; já quando ocupa a posição absoluta final, como em (2-49), *ainda* opera Ênfase para foco, destacando o Subato escopado. Assim, em (2-48a-b), por exemplo, *ainda* potencializa a referência temporal dos advérbios *hoje* e *agora*, e, em (2-49), *ainda* destaca a informação locativa expressa pela locução adverbial (cf. (2-49a)) ou as referências temporais expressas pelo advérbio *hoje* (cf. (2-49b)) e pela locução adverbial *este ano* (cf. (2-49c)).

Esse mesmo padrão de ordenação de *ainda* enfático pode ser encontrado no contexto de comparativas. Junto ao Sintagma Nominal (cf. (2-50a-b)) ou Adjetival (cf. (2-50c-d)), considerando que o Substantivo ou o Adjetivo se posiciona na posição P^M do Sintagma, *ainda* pode ocupar ou a posição absoluta P^F (cf. (2-50a) e (2-50c)), ou a posição absoluta P^I (cf. (2-50b) e (2-50d)). No primeiro caso, a palavra de grau se aloca em P^F; já no segundo, há uma adjacência entre *ainda* e a palavra de grau: esta segue *ainda*, ocupando uma posição relativa a P^I, no caso a posição imediatamente a seguir, P^{I+1}. Com comparativos sintéticos, como é o caso de (2-50e-f), *ainda* ocupa a posição absoluta inicial (P^I) ou final (P^F). Já ao integrar um Sintagma Verbal, considerando que a palavra verbal ocupa a posição medial, *ainda* se aloca na margem direita do Sintagma, ou na posição final, P^F (cf. (2-50g)), à direita da palavra de grau, ou em P^{F-1} (cf. (2-50h)), à esquerda da palavra de grau.

- (2-50) a Desejo **mais** **sucesso** ***ainda!!*** (disponível em <https://www.facebook.com/pamfitalimentacaosaudavel/posts/801189389967329>; acesso em 28.1.16, às 15:30)

P^I	P^M	P^F
mais	sucesso	<i>ainda</i>

- b Destaque do Flamengo em 2015, Jorge espera ***ainda*** **mais** **sucesso** na nova temporada. (disponível em <http://globoplay.globo.com/v/4714986/>; acesso em 28.1.16, às 15:30)

P^I	P^{I+1}	P^M
<i>ainda</i>	mais	sucesso

- c A realidade fica ***ainda*** **mais** **grave** com o déficit do Governo... (19Or:Br:Intrv:Pov)

P^I	P^{I+1}	P^M
<i>ainda</i>	mais	grave

- d Outra relação difícil, **mais complicada** ***ainda*** no passado, é com o diretor Chico Lopes. (19Or:Br:Intrv:ISP)

P^I	P^M	P^F
mais	complicada	<i>ainda</i>

- e representar o Brasil tornou-se uma responsabilidade **maior** ***ainda***, pois o maior poeta brasileiro convidado não estava lá (19Or:Br:Intrv:Com)

P^M	P^F
maior	<i>ainda</i>

- f O momento é agora, quando estamos diante desse desafio enorme de transformar a estrutura social brasileira. **Era a hora de fazer um ritual** ***ainda*** **maior do que esse que Clinton e os ex-presidentes americanos fizeram.** (19Or:Br:Intrv:ISP)

P^I	P^M
<i>ainda</i>	maior

- g Nós resolvemos suspender os trabalhos da Comissão porque aquelas pessoas que foram ouvidas queriam voltar a depor para **complicar** **mais** ***ainda*** a vida daqueles que já estavam implicados. (19Or:Br:Intrv:Pov)

P^M	P^{F-1}	P^F
complicar	mais	<i>ainda</i>

- h o Governo só vai manter a moeda estável com uma profunda recessão e com uma defasagem cambial que vai **sucatear** ***ainda*** **mais** o parque nacional com geração de desemprego. (19Or:Br:Intrv:Pov)

P^M	P^{F-1}	P^F
sucatear	<i>ainda</i>	mais

Ao integrar o padrão da Oração, *ainda* posiciona-se na posição absoluta inicial P^I , como em (2-51a), ou em P^{I+1} , caso em que se posiciona após algum constituinte hierarquicamente superior, como em (2-51b), em que o constituinte em P^I carrega a função pragmática de Tópico. Já ao integrar o padrão da Expressão Linguística (cf. (2-51c)), *ainda*

ocupa uma posição extraoracional, isto é, uma posição fora dos limites oracionais, especificamente a posição anterior à Oração, no caso $P^{pré}$.

- (2-51) a entao a gente já limitou bastan::te nesse período extremamente vasto de seiscentos mil anos... embora... de vinte mil a doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos... ***ainda* seja... um período MUIto maiOR do que... o que nós conhecemos... historicamente...** que abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até hoje portanto... por volta de sete mil anos... certo?... (SP-EF-405)

P^I	P^M	P^{M+1}	P^F
<i>ainda</i>	seja	um período MUIto maiOR do que... o que nós conhecemos...	historicamente...

- b e a responsabilidade de vocês... ***co:mo futu:ros profissionais do direito ainda se torna maior...*** (SSA-D2-98)

$P^{pré}$	P^I	P^{I+1}	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
e	a responsabilidade de vocês... co:mo futu:ros profissionais do direito _{Top}	<i>ainda</i> _{Enf}	se	torna	maior

- c entao::eu trabalho (no) horário que eles estão na escola...e o resto eu trago para casa...***ainda eu tenho essa possibilidade*** (SP-D2-360)

$P^{pré}$	P^M
<i>ainda</i>	eu tenho essa possibilidade

Em síntese, *ainda* enfático, no Nível Interpessoal, constitui um operador que atua nas camadas do Subato, do Conteúdo Comunicado e do Ato Discursivo. São três nuances enfáticas veiculadas por *ainda*: uma que preserva traços de fasalidade, outra que veicula Ênfase para foco, e, por fim, uma que veicula Ênfase para intensidade. No Nível Morfossintático, *ainda* é uma Palavra Gramatical, especificamente uma Partícula, e integra o padrão do Sintagma, ocupando posições como P^I , P^F ou P^{F-1} , ou da Oração, ocupando P^I ou P^{I+1} , ou da Expressão Linguística, ocupando a posição $P^{pré}$.

2.4. *Ainda* expansivo

Em (2-52), *ainda* representa uma estratégia pragmática de marcação do estatuto informacional de unidades linguísticas, ou melhor, corresponde a um mecanismo estrategicamente usado na sinalização das ações discursivas do Falante em relação ao Ouvinte e a seus propósitos comunicativos. Especificamente, *ainda*, no sentido de *além disso*,

inclusive ou *também*, sinaliza a inclusão de novas informações no fluxo discursivo, ou melhor, materializa linguisticamente a ação comunicativa do Falante em demonstrar a seu Ouvinte a necessidade de expansão de sua (do Ouvinte) informação pragmática a partir das informações já colocadas no registro gradualmente construído junto ao componente contextual.

- (2-52) a Analisando as ações culturais do Estado a gente não vê o que via no Governo Joaquim Francisco, que era a Fundarpe e tão somente a Fundarpe fomentando a cultura. Na realidade, hoje tem a Secretaria de Cultura com a embaixada que Ariano desenvolve com maestria; tem a Fundarpe executando o que a gente procurou executar, com deficiências lamentáveis de verba e que conseguiu ainda desenvolver o importante projeto O Livro Por um Real, que movimentou todo Estado. **Há ainda a Secretaria de Imprensa desenvolvendo ações culturais como marketing para o Estado, como esse Festival de Cuba.** Então há, na verdade, três ações culturais, três caminhos, com verbas reservadas para cada uma dessas ramificações, sem que entrem em choque. (19Or:Br:Intrv:Com)

NI: (C₁: (R₁: a Secretaria de Imprensa desenvolvendo ações culturais como marketing para o Estado, como esse Festival de Cuba (R₁)_{ContExp}) (C₁))

- b JC - O que fez você abandonar a carreira de jogadora? Simone - Não sei muito bem, mas acho que eu já me achava meio velha para aquilo, aos 25 anos. Tinha uma geração de novas jogadoras e eu estava interessada em ensinar. Comecei a trabalhar como treinadora da equipe bauruense **e ainda fiz alguns jogos como atleta até 1991.** (19Or:Br:Intrv:Cid)

NI: (A₁: (C₁: fiz alguns jogos como atleta até 1991 (C₁)_{ContExp}) (A₁))

Em (2-52a), o Falante, ao longo de seu turno, vem informando ao Ouvinte as novas ações culturais do Estado adotadas no novo governo e, após enumerar a Secretaria de Cultura e a Fundarpe, adiciona a referência à Secretaria de Imprensa, assinalando, para seu ouvinte, que tal informação referencial deve ser acrescida ao conjunto de informações que já foram enumeradas dentro daquele contexto. Por outro lado, em (2-52b), após explicar alguns motivos que justificam o abandono de sua carreira de jogadora, a falante elucida seus feitos na época, como seu trabalho como treinadora da equipe do bauruense e a atuação como atleta em alguns jogos, sendo esta última informação sinalizada, por meio de *ainda*, como uma expansão informacional a partir do núcleo de informações que se vinha construindo anteriormente e um acréscimo de informação ao conjunto de conhecimentos do Ouvinte.

Conforme se pode notar, tratamos, aqui, do que tem sido chamado de uso inclusivo de *ainda*. Conforme afirmam diversos autores (MARTELOTTA, 1993; 1996; LONGHIN-THOMAZI, 2005; 2006; FERREIRA, 2011), trata-se de uma estratégia linguística altamente gramatical de vinculação entre unidades discursivas. É Longhin-Thomazi (2005; 2006) que delimita bem o caráter relacional de *ainda* expansivo/inclusivo: segundo a autora, ao somar argumentos favoráveis à mesma conclusão, *ainda* remete a uma porção informacional precedente e, ao mesmo tempo, engatilha o acréscimo de uma nova informação. Dessa forma, frente a tais propriedades, podemos afirmar que, no âmbito do modelo da GDF:

- (i) *ainda* expansivo corresponde a um **primitivo da formulação** que serve aos propósitos comunicativos do Falante em termos da atenção que dispensa a seu Ouvinte, e deve ser representado no **Nível Interpessoal**;
- (ii) por sua natureza gramatical e relacional, isto é, enquanto estratégia de vinculação pragmática entre unidades de um mesmo domínio interpessoal, trata-se de um marcador de **função pragmática**, já que seu uso está envolvido num jogo de expectativas do Falante em relação ao estado mental do Ouvinte. A natureza gramatical de *ainda* expansivo pode ser atestado pelos parâmetros que utilizamos com os outros usos: (i) seu uso se encontra em um estágio desbotado semanticamente e altamente pragmatizado; (ii) seu grau de autonomia é praticamente nulo, já que não pode ocorrer de forma isolada; (iii) sua ordenação é mais fixa em relação aos usos representacionais; (iv) não é modificável e (v) não pode construir predicação;
- (iii) constitui um mecanismo especializado de atribuição da função pragmática **Contraste**, especificamente **Contraste Expansivo**, materializando o desejo comunicativo do Falante em expandir a informação pragmática de seu Ouvinte.

O escopo do Contraste Expansivo veiculado por *ainda* expansivo pode ser um Subato, como em (2-52a), ou todo o Conteúdo Comunicado, como em (2-52b).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 96), a função pragmática Contraste “assinala o desejo do falante em contrastar diferenças particulares entre Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e informações disponíveis contextualmente.”¹² Os autores não preveem subdivisões para a função pragmática Contraste, de modo que, aqui, seguimos a proposta de Pezatti (2014) que, retomando Dik (1997a), distingue tipos de Contraste especificados por itens como *também* (Contraste Expansivo), *apenas e só* (Contraste Restritivo) e *principalmente e sobretudo* (Contraste Seletivo).

Nas ocorrências em (2-53), tanto a referência a *um grupo de atores contratados* como a totalidade comunicada de *mostrar que a direção da CUT não está coesa* são informações a que se atribui uma saliência comunicativa dentro daquele contexto; *ainda*, nesses casos, estabelece um contraste entre a informação sob seu escopo e alguma informação pressuposta, ancorado no contexto precedente.

- (2-53) a Barbara - Muitos eram pequenos papéis, que podiam ser dobrados. Mas existia basicamente um núcleo de atores-sócios, que eram a essência da companhia. **Havia ainda um grupo de atores contratados** e também os aprendizes. Quando entrava um, ele era aprendiz do fulano de tal, daquele ator que transmitia tudo o que sabia a respeito de interpretação. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- b O congresso, apesar disso, aprovou propostas pouco realistas e **ainda mostrou que a direção da CUT não está coesa**. Isso vai prejudicar o desempenho da central daqui para a frente? (19Or:Br:Intrv:ISP)

Em (2-53a), *ainda* estabelece um contraste entre a informação sob seu escopo e alguma informação pressuposta, ancorado no contexto precedente, isto é, o Falante assume que seu Ouvinte sabe da existência de *atores-sócios na companhia*, mas também reconhece que a existência de *atores contratados* não faz parte de sua informação pragmática; seu movimento

¹² No original: “signals the Speaker’s desire to bring out the particular differences between two or more Communicated Contents or between a Communicated Content and contextually available information” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 96).

discursivo, ao fazer uso de *ainda*, é indicar ao Ouvinte a necessidade de acrescentar tal informação ao seu conjunto de conhecimentos sobre *os atores da companhia*. O mesmo se aplica a (2-53b): o Falante sabe que seu Ouvinte conhece um conjunto de fatos associados ao congresso, mas deseja sinalizar que a esse conjunto deve ser acrescido o fato de *o Congresso mostrar que a direção da CUT não está coesa*.

No geral, devemos notar que, em (2-53), o Falante vem trazendo, em seu discurso, uma série de informações, de forma a transmiti-las ao Ouvinte; a referência ao *grupo de atores contratados* e a evocação do conteúdo de *o Congresso mostrar que a direção da CUT não está coesa* não são suficientes para indicar ao Ouvinte o desejo comunicativo do Falante em expandir sua informação pragmática; é o uso de *ainda* que sinaliza esse acréscimo de informação, o que não se dá de forma neutra: o falante, além de marcar o estatuto mais saliente dessa informação em relações às outras anteriormente colocadas, sinaliza linguisticamente que a informação ali evocada deve ser encarada como uma expansão ou um acréscimo a partir do que se registrou anteriormente.

Nesse sentido, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 97) consideram que tanto Foco como Contraste (e também Ênfase) envolvem algum tipo de saliência, e, dessa forma, além do Contraste Expansivo, *ainda* expansivo implica necessariamente um grau de saliência para a informação que escopa (de certa maneira, podemos encarar que a saliência comunicativa é condição necessária para a atribuição de funções pragmáticas como Foco e Contraste).

Notamos, dessa forma, que, além da propriedade da *saliência*, *ainda* expansivo abriga significados bastante pragmáticos, como a *contrastividade* e a *expansão informacional*. Ao escopar Conteúdos Comunicados, *ainda* expansivo abriga uma última propriedade: a *escalaridade*.

Segundo König (1991, p. 37), algumas partículas focais podem selecionar alternativas que são ordenadas, de alguma maneira, em relação ao valor do elemento focal. Por exemplo,

em (2-54), a partícula *even*, do inglês, enquanto partícula aditiva, faz pressupor que *John reads something other than Shakespeare* e, além disso, ordena essas outras variáveis pressupostas em uma escala, por exemplo uma escala de probabilidade, sendo que essas variáveis incluídas se posicionam abaixo da variável dada na sentença (ou seja, os *outros autores que John lê* estão numa posição inferior a *Shakespeare* numa escala de *probabilidade de leitura*).

(2-54) John even reads SHAKESPEARE. (KÖNIG, 1991, p. 37)

O autor (KÖNIG, 1991, p. 39), na linha de Horn (1972) e Gazdar (1979), compreende *escala* como um conjunto de expressões contrastivas de uma mesma categoria, que podem ser dispostas numa ordem linear de acordo com sua força semântica. Assim, um conjunto de expressões linguísticas do tipo $\langle e_1, e_2, e_3, \dots, e_n \rangle$ é uma escala se seguir as seguintes condições: (i) se e_1 é substituída por e_2 em um frame sentencial $S(\quad)$, obtém-se uma sentença bem formada; (i) $S(e_1)$ implica $S(e_2)$, $S(e_2)$ implica $S(e_3)$, $S(e_3)$ implica $S(e_4)$, etc., mas nunca o contrário. Assim, por exemplo, numa escala como $\langle \text{all, many, some, few} \rangle$: (i) *all* em *all members attended the meeting* pode ser substituído por *many* sem afetar sua gramaticalidade: *many members attended the meeting*; (ii) $S(\text{all})$ implica $S(\text{many})$, $S(\text{many})$ implica $S(\text{some})$, $S(\text{some})$ implica $S(\text{few})$.

Em (2-55), por exemplo, *ainda* faz pressupor que *o Estado conseguiu desenvolver outras atividades além do importante projeto O Livro Por um Real*, sendo que, numa escala de *importância das ações culturais do Estado*, o *desenvolvimento do projeto O Livro Por um Real* ocupa uma posição superior a outras ações ali pressupostas.

(2-55) Analisando as ações culturais do Estado a gente não vê o que via no Governo Joaquim Francisco, que era a Fundarpe e tão somente a Fundarpe fomentando a cultura. Na realidade, hoje tem a Secretaria de Cultura com a embaixada que Ariano desenvolve com maestria; tem a Fundarpe executando o que a gente procurou executar, com deficiências lamentáveis de verba **e que conseguiu *ainda desenvolver o importante projeto O Livro Por um Real*, que movimentou todo Estado.** (19Or:Br:Intrv:Com)

Segundo Schwenter (2000), as partículas espanholas *incluso* e *hasta*, nas ocorrências em (2-56), podem ser interpretadas de duas maneiras: (i) em relação a sua natureza escalar, já que ambas têm a função de situar *Sara* em um ponto extremo de uma escala pragmática que ordena os estudantes conforme as possibilidades que têm de ir (ou não) a uma aula; (ii) e em relação a sua natureza aditiva, por ambas implicarem que outros estudantes que tinham mais possibilidades de ir à aula do que Sara também vieram à aula.

- (2-56) a **Incluso** Sara vino hoy a clase.
 b **Hasta** Sara vino hoy a clase.
 (SCHWENTER, 2000, p. 170)

Essas duas naturezas (a escalar e a aditiva) estão presentes no uso expansivo de *ainda*. De fato, seguindo o autor, *ainda* expansivo pode ser considerado uma partícula escalar relativa, já que não marca inerentemente o ponto final de uma escala pragmática, mas situa a informação assertada em uma posição superior a uma (parte de) informação pressuposta, dada contextualmente, o que se pode observar nos exemplos em (2-57).

- (2-57) Antigamente, as liquidações eram anuais, passaram a semestrais e, hoje, têm de ser semanal. A indústria está estocada, ela oferece um lote, dá prazo **e ainda paga a propaganda**. A própria indústria traz a oferta. As vezes, há duas ou três no mesmo dia. (19Or:Br:Intrv:Com)

Em (2-57), ao enumerar as ações da indústria, o Falante salienta o conteúdo de que *a indústria paga a propaganda*, sinalizando, também, seu estatuto de Contraste Expansivo; além disso, na escala pragmática de *ações da indústria* construída contextualmente, a informação de *pagar a propaganda* situa-se em uma posição superior a outras ações, como *a indústria oferecer lote* e *a indústria dar prazo*.

Seguindo a proposta de Ferrari *et al* (2011), *ainda* pode ser caracterizado como um focalizador inclusivo: sua função é assinalar a existência de uma escala pragmática ancorada no contexto em que aparece o enunciado, e no extremo superior dessa escala está a porção

informacional escopada por *ainda*. *Ainda*, dessa forma, abriga, segundo Ferrari *et al* (2011), os seguintes componentes pragmáticos em seu terceiro uso: (i) ênfase, por ressaltar ou salientar o constituinte focalizado; (ii) exaustividade, por incluir este constituinte entre os elementos de uma escala pragmática implicada; (iii) alternatividade, por contrastá-lo com os componentes dessa escala.

É interessante notar que *ainda*, em seu uso expansivo, pode parrear-se a juntores adverbiais como as conjunções *se* (cf. (2-58a)) e *quando* (cf. (2-58b)).

- (2-58) a Se já é difícil a baldeação dos cavalos! Só lhe sobra mesmo se embarafustar pelos ermos e caminhos desabitados a torar léguas, ao lado do filho e do marido, remando aí por brenhas, cafundós, de buraco em buraco.. de biboca em biboca.. de ceca a meca.. como uma peregrina padecente, cigana malsinada. ***Ainda se fosse mais perto..*** Quando se monta só pra umas voltinhas, é até bom. (19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)
- b As desditas do casal se haviam agravado quando, apesar da derrota à vista, os nazistas continuavam a praticar os mesmos crimes e violências contra os judeus, ***ainda quando ocupavam temporariamente uma localidade.*** Joseph, seu pai, conseguira asilo na Suíça, logo ao princípio da guerra. (19:Fic:Br:Beltrao:Greve)

Em (2-58), *ainda*, no sentido de *inclusive*, assinala a adição, ao segmento textual, de uma circunstância especificada pelo juntor. O que percebemos é que há um contraste entre a circunstância ali focalizada com outras possíveis circunstâncias, ali pressupostas. Em (2-58b), por exemplo, a circunstância temporal de os nazistas ocupar temporariamente uma localidade opõe-se a uma série de outras circunstâncias temporais, inclusive a que vem explicitada anteriormente: a de os nazistas continuar a praticar os mesmos crimes e violências contra os judeus. Trata-se, então, de ocorrências de *ainda* expansivo no contexto de subordinação adverbial.

No Nível Morfossintático, *ainda*, enquanto função Contraste Expansivo no Nível Interpessoal, corresponde a uma Palavra Gramatical, especificamente a uma Partícula, assim como *ainda* enfático. Ele pode integrar o padrão do Sintagma Nominal (Np; cf. (2-59a)), quando escopa o Subato Referencial, ou, quando escopa o Conteúdo Comunicado, da Oração (cf. (2-59b)) ou da Expressão Linguística (cf. (2-59c)).

- (2-59) a A expectativa do mercado são índices muito próximos de zero. **Tem ainda um terceiro componente para a queda da inflação**, que é o recuo dos preços dos serviços prestados pelo setor privado, por causa de uma concorrência mais acentuada. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- NI: (A₁: (C₁: [(R₁: um terceiro componente para a queda da inflação (R₁)_{ContExp}]) (C₁)) (A₁))
- NM: (Cl: [(Vp: tem (Vp)) (Np: [(Gw: **ainda** (Gw)) (Gw: um (Gw)) (Adjp: terceiro (Adjp)) (Nw: componente (Nw)) (Prepp: para a queda da inflação (Prepp))] (Np))] (Cl))
- b mas a gente podia andar na:: na Avenida Farrapos andávamos em fila de SEIS naquele tempo não tinha moviMENTo.., **e ainda fazia ziguezague** NE? Para ver que hoje não dá nem para chegar uma bicicleta até ali.., (POA-DID-45)
- NI: (A₁: (C₁: fazia ziguezague (C₁)_{ContExp}) (A₁))
- NM: (Cl: [(Gw: **ainda** (Gw)) (Vp: fazia (Vp)) (Np: ziguezague (NP))] (Cl))
- c - Mas estes homens não param na labuta de fazê mal p' ro próximo. Todo santo dia é uma novidade a respeito deste ou daquele. Prenderam Fulano, meteram muchinca em Sincrano, tomaram filho de Beltrano. Não sei mais de que possam se valê esse categorias. - **Ainda se fosse contra gente da terra**, vá, lá! - disse o coronel Anastácio, mas é contra gente do céu. (19:Fic:Br:Morais:Igaraunas)
- NI: (A₁: (C₁: se fosse contra gente da terra (C₁)_{ContExp}) (A₁))
- NM: (Le: [(Gw: **ainda** (Gw)) (Cl: se fosse contra gente da terra (Cl))] (Le))

Em termos de ordenação, atestamos novamente uma tendência de fixação de posição.

No domínio do Sintagma (cf. (2-60)), *ainda* ocupa preferencialmente a posição inicial, especificamente P^I (cf. (2-60a)), ou a posição final, especificamente P^F (cf. (2-60b)).

- (2-60) a é a sacolinha dela com a roupa e a merendeira **porque ela leva ainda uma muda de roupa dentro da sacola** (SSA-DID-231)

P ^I	P ^{I+1}	P ^M
ainda	uma	muda de roupa

- b na Amazônia tem um tipo de macaco lá que se prepara e aí, eu confesso, toda serenidade, provei e achei bom, nao é ruim nao, **mas tem um ainda que eu acho mais exótico do que essa**, bom rabo de jacaré nao tem problema, né, isso é... (POA-D2-291)

P ^M	P ^F
um	ainda

Já no domínio da Oração (cf. (2-61)), *ainda* se situa na posição inicial, em P^I (cf. (2-61a)) ou em P^{I+1} (cf. (2-61b)), caso haja algum constituinte Tópico, que se aloca em P^I.

- (2-61) a através de uma tradução, sobre isso, aqui, até os autores que (ininteligível) eram Bloom, **ainda fez (fizeram) uma subdivisão**, ela não é de maior importância mas vale a pena apenas para, a título de, de esclarecimento, de maior compreensão (POA-EF-278)

P ^I	P ^M	P ^F
ainda	fez (fizeram)	uma subdivisão

- b Acho que querem ainda por cima incluir nele pessoas que não têm nada a ver com Judiciário como empresários, comerciantes, etc. **Na parte administrativa ainda tem o TCE que fiscaliza as contas**, então, não vejo necessidade do controle externo. (19Or:Br:Intrv:Pov)

P^I	P^{I+I}	P^M	P^F
na parte administrativa	ainda	tem	o TCE que fiscaliza as contas

Nos casos em que *ainda* expansivo ocorre em contextos de subordinação oracional, seu posicionamento se dá fora dos domínios da Oração, ou melhor, ele integra o padrão da Expressão Linguística e aloca-se na posição extraoracional à esquerda da Oração subordinada, especificamente $P^{pré}$, conforme se observa com o dado em (2-62).

- (2-62) As desditas do casal se haviam agravado quando, apesar da derrota à vista, os nazistas continuavam a praticar os mesmos crimes e violências contra os judeus, ***ainda quando ocupavam temporariamente uma localidade***. Joseph, seu pai, conseguira asilo na Suíça, logo ao princípio da guerra. (19:Fic:Br:Beltrao:Greve)

$P^{pré}$	P^M
ainda	quando ocupavam temporariamente uma localidade

Em síntese, os dois usos interpessoais de *ainda* constituem mecanismos de processamento da informação e de construção da mensagem a ser destinada ao Ouvinte. Aos dois usos, é comum a propriedade pragmática da *saliência*: *ainda* enfático, enquanto operador, salienta um Subato, um Conteúdo Comunicado ou um Ato Discurso de forma a reforçá-los ou amplificar seu conteúdo informativo; já *ainda* expansivo, enquanto função pragmática, salienta um Subato Referencial ou um Conteúdo Comunicado para, sinalizando seu estatuto expansivo, contrastá-los com alguma.

No Nível Morfossintático, ambos são Partículas, já que, em relação aos usos representacionais de *ainda* (operador lexical de aspecto fasal e de polaridade fasal; Advérbio), perdem, gradualmente, seu significado fonte original, a fasalidade, e muitos de seus traços lexicais originais, como, por exemplo, as restrições de co-ocorrência com determinados tempos verbais e tipos acionais de Estado-de-Coisas (o que acompanha uma crescente expansão dos seus contextos de uso), a autonomia e a flexibilidade na sua ordenação.

Em relação a essa última questão, o enrijecimento da posição de *ainda* acompanha, na verdade, a hierarquização de seu estatuto categorial: do domínio representacional para o domínio interpessoal, *ainda*, enquanto operador ou função, assume um estatuto cada vez mais gramatical, e isso determina que a alocação de *ainda* enfático ou expansivo, nos diferentes padrões morfossintáticos (Sintagma, Oração e Expressão Linguística) que integra, seja feita antes que outros elementos linguísticos hierarquicamente inferiores.

Na seção a seguir, defenderemos que os quatro usos de *ainda* distinguidos e descritos nesta seção evidenciam um processo de gramaticalização. Além disso, buscaremos, no interior da GDF, mecanismos de abordar esse processo de gramaticalização, contribuindo, dessa forma, com a construção de uma abordagem hierárquica da gramaticalização.

3. EVIDÊNCIAS PARA UMA ABORDAGEM HIERÁRQUICA DA GRAMATICALIZAÇÃO DE *AINDA*

Nossa análise demonstra que a GDF, mais especificamente a proposta de Hengeveld (2011; no prelo), permite caracterizar e representar a multifuncionalidade de um item a partir da determinação de dois aspectos: (i) as diferentes relações de escopo que o item contrai em cada um de seus usos, sendo tais relações de escopo descritas em termos das camadas que estruturam os níveis da formulação (Interpessoal e Representacional); e (ii) os diferentes estatutos categoriais que o item, enquanto primitivo da formulação, assume a depender de seu uso, sendo que tais categorias evidenciam inclusive seu estatuto lexical ou gramatical. Dessa forma, conforme demonstra a Figura 2-12, caracterizamos a multifuncionalidade de *ainda* no português contemporâneo a partir de quatro diferentes usos: (i) ***ainda fasal***, especificamente *operador lexical das camadas da Propriedade Lexical e da Propriedade Configuracional*; (ii) ***ainda polar***, especificamente *operador lexical da camada do Estado-de-Coisas*; (iii) ***ainda enfático***, especificamente *operador das camadas dos Subatos Referencial e Atributivo, do*

*Conteúdo Comunicado e do Ato Discursivo; e (iv) **ainda** expansivo, especificamente função das camadas dos Subatos Referencial e do Conteúdo Comunicado.*

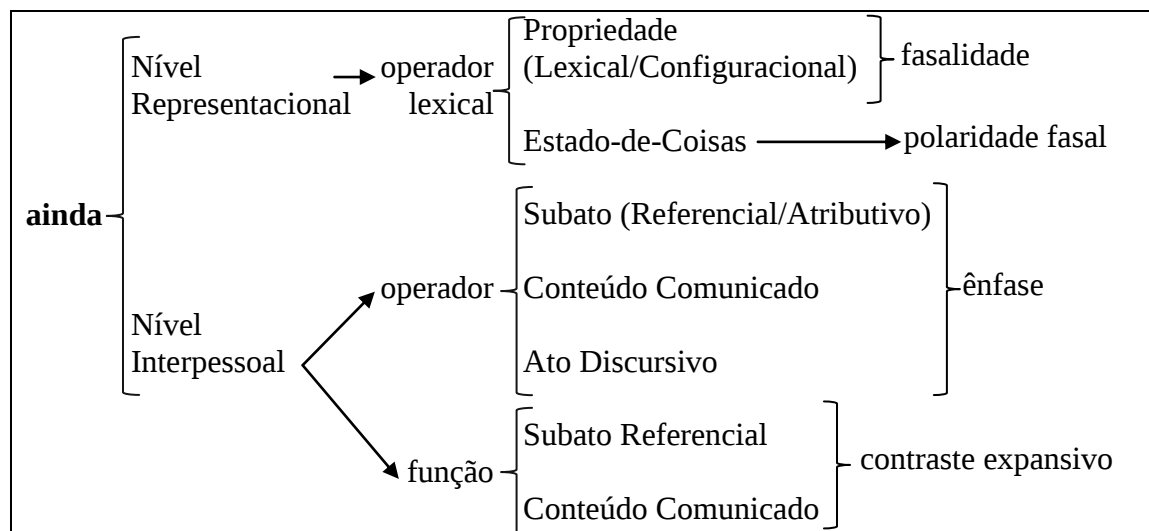


Figura 2-12. Abordagem hierárquica da multifuncionalidade de *ainda*

Na linha do trabalho de Hengeveld (no prelo), outro ponto a ser aqui defendido é que essa multifuncionalidade de *ainda*, atestada com dados sincrônicos do português contemporâneo, evidencia um processo de gramaticalização que pode ser sistematicamente descrito usando o aparato teórico-metodológico da GDF. Com base em Hengeveld (2011; no prelo) e Dall’Aglio-Hattner e Hengeveld (2016), assumimos que a gramaticalização pode ser abordada enquanto processo em que um elemento linguístico, no caso *ainda*, amplia seu escopo, de forma que elementos com baixo escopo se desenvolvem em elementos com alto escopo. Decorre dessa visão a ideia de que, devido à natureza gradual desse processo, os diferentes significados de *ainda*, em sua distribuição sincrônica, devem ter escopos contíguos, e o uso de *ainda* de mais baixo escopo é a base para o desenvolvimento de seus usos com escopos mais amplos.

De modo geral, concebemos a gramaticalização enquanto processo que envolve um crescente ganho de gramaticalidade por parte de um item ou de uma construção. Duas concepções bastante tradicionais nos norteiam na definição de gramaticalização: (i) a de Kuryłowicz (1975 [1965], p. 52), que considera a gramaticalização como “o aumento da

extensão de um morfema, que avança de um estatuto lexical a um gramatical ou de um estatuto menos gramatical para um mais gramatical”;¹³ e (ii) a de Hopper e Traugott (2003, p. 18), que consideram a gramaticalização como processo de mudança linguística em que itens ou construções lexicais passam, em certos contextos, a cumprir funções gramaticais e, uma vez já gramaticalizados, podem continuar a desenvolver novas funções gramaticais.

Assentados numa perspectiva sincrônica, nosso posicionamento, aqui, é o mesmo que o de Neves e Braga (1998) ao avaliar os diferentes graus de gramaticalização em construções hipotáticas temporais e condicionais:

tratamos a gramaticalização, aqui, não no sentido estrito de evolução diacrônica, mas no sentido funcional de acionamento de possibilidades concomitantes, representativas de diferentes graus de coalescência semântica e/ou sintática na organização do enunciado. Mais do que evolução, o caráter gradual da gramaticalização representa escolha entre construções mais, ou menos, gramaticalizadas, entre paradigmas mais, ou menos, estabelecidos, entre itens que estão mais, ou menos, dentro da gramática.¹⁴

Hengeveld (no prelo) parte da ideia de que, num processo de gramaticalização, tanto o conteúdo (semântico-pragmático) como a forma de um item podem mudar, não necessariamente de forma simultânea. O autor então propõe que se aborde a gramaticalização a partir de dois processos independentes, um mais relacionado ao conteúdo, e outro de caráter mais formal, que seguem caminhos previsíveis: no lado do conteúdo, há um aumento sistemático e gradual em termos de escopo, enquanto no lado formal, há uma diminuição sistemática e gradual em termos de lexicalidade.

Para o autor, uma mudança de conteúdo envolve, essencialmente, mudanças nas relações de escopo de um item, definidas, no âmbito do modelo gramatical da GDF, em termos das camadas que organizam seus níveis. Dessa forma, conforme se representa na

¹³ No original: “grammaticalisation consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status.” (KURYŁOWICZ, 1975 [1965], p. 52)

¹⁴ NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e Gramaticalização: uma Análise das Construções de Tempo e de Condição. *DELTA* [online]. 1998, vol.14, n.spe, pp.00-00. ISSN 0102-4450. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000300013>. Acesso em: 28.3.16, às 14h.

figura 2-13, o aumento de escopo pode ser visto de três maneiras diferentes: no interior de cada nível, isto é, o aumento de escopo pode ter lugar (i) no interior do Nível Representacional ou (ii) no interior do Nível Interpessoal, desenvolvendo-se de uma camada mais baixa para uma camada mais alta no interior de cada nível; ou (iii) entre os níveis, isto é, o aumento de escopo pode partir do Nível Representacional em direção ao Nível Interpessoal.

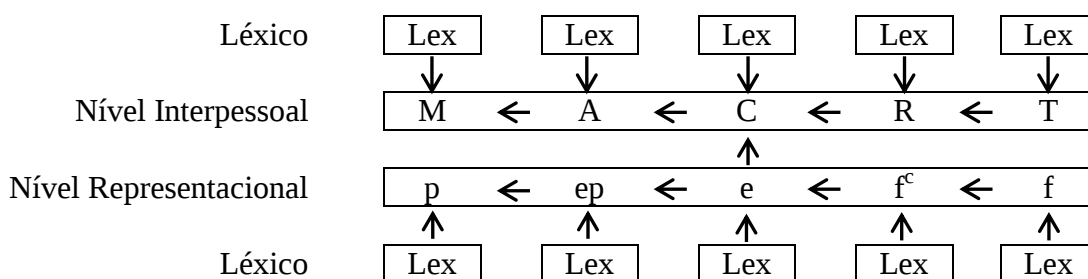


Figura 2-13. Mudança contentiva na GDF (HENGEVELD, no prelo)

A gramaticalização começa quando um elemento lexical entra no sistema gramatical, o que pode acontecer em qualquer ponto do modelo representado na figura 2-13, isto é, em qualquer camada ou nível da GDF. Hengeveld (no prelo), entretanto, prevê uma restrição que esse modelo impõe: uma vez que o ponto de entrada do item lexical foi selecionado, ele não pode se deslocar para um ponto mais baixo na escala interpessoal ou representacional. Tal restrição, na verdade, materializa o princípio da unidirecionalidade, que diz respeito ao percurso que a mudança linguística via gramaticalização deve tomar: segundo esse princípio, a gramaticalização, por correlacionar-se a um aumento gradual de gramaticalidade, prevê um percurso que se direciona do *[lexical]* para o *[gramatical]* ou do *[-gramatical]* para o *[+gramatical]*, e nunca o inverso.

No caso de *ainda*, o seu uso mais básico e concreto se representa no Nível Representacional, nas camadas da Propriedade Lexical e da Propriedade Configuracional, como operador lexical de aspecto fasal. Isso nos diz que, ocupando um estatuto intermediário entre o léxico e a gramática, *ainda*, em seu primeiro uso, já integra o sistema gramatical da língua, sendo seu ponto de entrada pela camada da Propriedade Lexical.

Tomando por base a multifuncionalidade de *ainda*, observa-se, conforme se dispõe na figura 2-14, um aumento em suas relações de escopo em três vias: numa via horizontal, (i) no interior do Nível Representacional, o escopo de *ainda* direciona-se da Propriedade Lexical (f), para o a Propriedade Configuracional (fc) até o Estado-de-Coisa (e), e (ii) no interior do Nível Interpessoal, o escopo de *ainda* direciona-se do Subato Atributivo (T), para o Subato Referencial (R) até o Conteúdo Comunicado (C) e o Ato Discursivo (A); (iii) numa via vertical, o escopo de *ainda* desenvolve-se do Nível Representacional, especificamente da camada do Estado-de-Coisas (e), para o Nível Interpessoal.

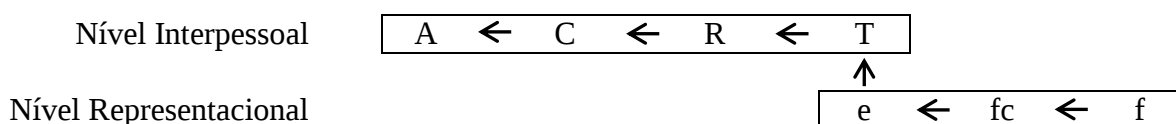


Figura 2-14. Mudança contentiva de *ainda*

A nosso ver, a GDF permite, em termos de mudança de conteúdo, não só atestar uma ampliação nas relações de escopo de um item, mas também a mudança semântico-pragmática por que passa esse item. Nesse sentido, defendemos aqui que a abordagem hierárquica da gramaticalização oferecida pelo modelo da GDF deve prever que a expansão nas relações de escopo de um item acompanha alterações em seus significados. A figura 2-15, por exemplo, permite-nos observar, em relação aos usos de *ainda*, como significados mais concretos passam a codificar significados mais abstratos, atestando, além disso, uma crescente perda de traços semânticos e um crescente ganho de traços pragmáticos.

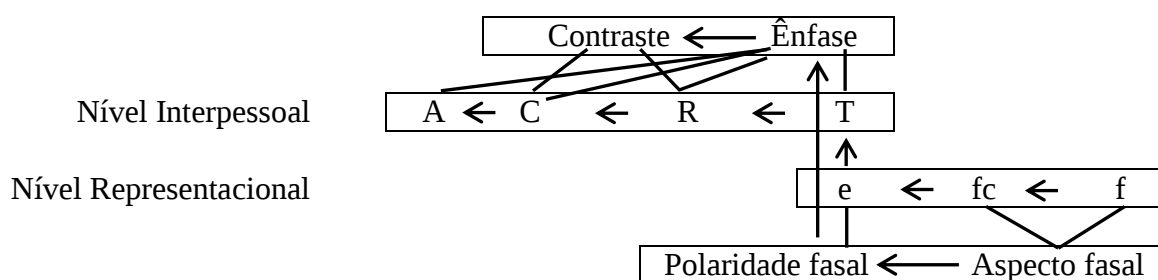


Figura 2-15. Mudança semântico-pragmática de *ainda*

Na Figura 2-15, as setas apontam ora para a ampliação nas relações de escopo de *ainda*, ora para sua mudança semântico-pragmática; os traços ligam os diferentes significados veiculados por *ainda* ao seu escopo, de forma que, por exemplo, Ênfase é veiculada por *ainda* nas camadas do Subato Atributivo (T), so Subato Referencial (R), do Conteúdo Comunicado (C) e do Ato Discursivo (A).

Um primeiro aspecto a ser notado é que a ampliação das relações de escopo de *ainda* se compatibiliza ao percurso *proposicional (>textual) > expressivo* defendido por Traugott (1982; 1989), em que significados de conteúdo altamente proposicional (ou ideacional) podem ganhar tanto significados textuais (relacionados à construção da coesão textual) como significados expressivos (como, por exemplo, os de caráter pressuposicional). A verticalidade da mudança de *ainda*, isto é, o direcionamento de seu escopo do Nível Representacional para o Nível Interpessoal também dá evidências de que esse item deixa de codificar significados representacionais ou ideacionais, como *fasalidade* e *polaridade*, e passa a codificar significados expressivos, como *ênfase* e *contraste expansivo*, significados altamente calcados em conteúdos pressuposicionais, como a contraexpectativa e a escalaridade.

Além disso, a mudança contentiva de *ainda* está em conformidade com uma das tendências de mudança semântico-pragmática citada por Traugott (1987; 1989): significados baseados em situações extralinguísticas passam a codificar, gradualmente, significados baseados nas atitudes do falante ou nas crenças do falante sobre o que ele disse. Em seus usos mais representacionais (ou semânticos), como *aspecto fasal* e *polaridade fasal*, *ainda* materializa uma perspectiva tomado pelo Falante na descrição de um evento ou de uma situação do mundo extralinguístico; já em seus usos mais interpessoais (ou pragmáticos), como *ênfase* e *contraste expansivo*, *ainda* passa a codificar atitudes do Falante em relação ao modo como deseja comunicar sua mensagem ao Ouvinte. Nas palavras de Martelotta (2011, p. 92), o item *ainda*

deixa de atuar no nível representacional, característico dos elementos que fazem referência a dados mais objetivos associados ao nosso mundo biossocial, para atuar no nível interpessoal, que engloba as expressões de valor processual, ou seja, aquelas cujas funções estão relacionadas aos processos através dos quais o falante elabora seu enunciado para um determinado ouvinte em um contexto específico de uso.

Um segundo ponto a se destacar é que, seguindo a visão de Heine e Kuteva (2007), a mudança de conteúdo de *ainda* pode ser descrita a partir de dois parâmetros de gramaticalização: (i) *extensão* (ou generalização de contextos) e *dessemantização* (ou redução semântica).

A extensão, parâmetro pragmático por natureza, diz respeito, segundo Heine e Kuteva (2007), ao desenvolvimento de novos significados quando uma expressão linguística é usada em novos contextos. De acordo com os autores, esse parâmetro envolve três componentes distintos: (i) um sociolinguístico, que concerne ao fato de, em termos ideais, uma inovação linguística surgir de um ato individual e se estender a outros falantes; (ii) um pragmático, que diz respeito à difusão gradual de um item ou de uma construção a novos contextos discursivo-pragmáticos; e (iii) um semântico, que, conforme um item ou construção se espalha a novos contextos, atribui a esse elemento linguísticos novos significados.

No caso de *ainda*, um cline de seus usos como *fasalidade* > *polaridade fasal* > *ênfase* > *contraste expansivo* representa não só a progressiva gama de novos significados que *ainda*, a partir de seu significado mais básico (aspecto fasal), passa a codificar (o componente semântico da extensão), mas também uma expansão de contextos de uso. Nesse sentido, *ainda* gradativamente amplia suas relações de escopo: de escopos hierarquicamente mais baixos, como Propriedade Lexical, Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas, *ainda*, em seus usos mais gramaticais, adquire escopos hierarquicamente superiores, como Subato (Referencial e Atributivo), Conteúdo Comunicado e Ato Discursivo. Por outro lado, conforme o escopo de *ainda* se amplia e seus significados se alteram, perdem-se as restrições impostas por seus usos mais básicos: os usos representacionais de *ainda*, marcados pelo significado fasal, ocorrem

somente em contextos de Estados-de-Coisas durativos, restringindo sua ocorrência a contextos de Estados-de-Coisas não-durativos; já os usos mais interpessoais não mais impõem tais restrições, e o uso de *ainda* se estende a contextos durativos e não-durativos.

Isso, de certa forma, exemplifica um caso de generalização semântica, que, segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 6), correlaciona-se a uma generalização de contextos em que a nova forma gramatical pode ser usada: a emergência de novos significados de *ainda*, especialmente a emergência de sua forma mais gramatical (*ainda* expansivo), acompanha o aumento de suas relações de escopo e também a expansão de seu uso a novos contextos, no caso de contextos de Estado-de-Coisas mais durativos a contextos de Estado-de-Coisas não-durativos.

Como consequência da extensão, a dessemantização envolve a perda de conteúdo semântico: uma vez que um item ou uma construção passa a ser usado em um novo contexto, perde-se gradualmente parte de seu significado, incompatível com esse novo contexto.¹⁵ Isto é, no novo contexto, o elemento linguístico tende a ser reinterpretado, o que gera o desgaste gradual de seu significado base. Para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), ao longo do processo de generalização semântica, certos componentes do significado do item fonte são perdidos, o que os autores denominam de redução semântica.

No caso de *ainda*, a emergência de novos significados interpessoais, mais voltados à estrutura informacional da mensagem, como a marcação de ênfase e de contraste expansivo, acarreta a perda de seu significado mais original e básico, o de fasalidade, mais voltado à perspectivização de eventos e situações do mundo extralinguístico. Na visão de Hopper e Traugott (2003, p. 98), uma característica da mudança semântica é o rebaixamento de um significado lexical frente a promoção de outros significados; dessa forma, o rebaixamento do significado fasal de *ainda* é paralelo à promoção de seus significados enfático e expansivo.

¹⁵ É interessante frisar, aqui, que se, por um lado, *ainda* perde em termos de conteúdo semântico, por outro lado o item enriquece em termos de significado pragmático.

Ainda em relação à mudança semântico-pragmática, devemos lembrar que, segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 15), conforme um item ou uma construção se gramatilizava, com seu conteúdo semântico evoluindo e o significado fonte determinando o significado gramatical, pode-se reter, em certos contextos, certas nuances semânticas mais específicas do significado fonte. Hopper (1991) descreve esse fato sob o *princípio da persistência*, que, relacionando o significado e a função de uma forma gramatical a sua história enquanto morfema lexical, revela a manutenção de traços da forma fonte na forma gramaticalizada. Para o autor, nos estágios intermediários de gramaticalização, espera-se que “a forma seja polissêmica e que um ou mais de seus significados reflitam um significado anterior dominante.”¹⁶

Nesse sentido, com base na organização em níveis da GDF, esta tese oferece um modo de mapear a gradualidade da mudança, precisando a base metafórica de transferência de significados e o gatilho da gramaticalização. Na via vertical de mudança funcional, podemos dizer que a extensão metafórica *polaridade fasal* > *ênfase* está na proeminência conferida pelo uso enfático de *ainda* à imperfectividade (ou continuidade) da propriedade descrita. Além disso, a contraexpectativa implicada pelo uso de *ainda* enfático é, nesses casos, de base polar: assera-se a fase positiva de uma propriedade, contrastando com a expectativa pela fase negativa dessa mesma propriedade. Na GDF, como mostramos na seção 2.3. deste capítulo, ao tratar do uso enfático de *ainda*, esse uso que preserva os traços de fasalidade (ou imperfectividade) e de polaridade deve ser representado nos níveis Interpessoal e Representacional, alinhando sua representação como operador enfático na camada do Subato (Referencial ou Atributivo) à sua representação como operador imperfectivo na camada da Propriedade. Como se pode ver, a propriedade do alinhamento entre níveis, altamente presente na organização do modelo da GDF, permite que se dê conta do princípio de

¹⁶ No original: “during intermediate stages it may be expected that a form will be polysemous, and that one or more of its meanings will reflect a dominant earlier meaning.” (HOPPER, 1991, p. 28)

persistência, que prevê a manutenção de alguns traços semânticos do uso básico (e fonte) em usos mais gramaticalizados.

Na via horizontal, por sua vez, a extensão metafórica *Ênfase > Contraste Expansivo* tem por base a propriedade de saliência, determinante para a operação de ênfase e comum a funções pragmática de Foco e Contraste: a Ênfase salienta uma informação de forma a destacá-la e dar proeminência a ela, chamando a atenção do Ouvinte; já o Contraste Expansivo salienta uma informação de forma a direcioná-la para o ponto extremo de uma escala pragmática, moldando sua mensagem às expectativas que tem em relação ao estado cognitivo do ouvinte.

Passando agora à mudança formal, Hengeveld (no prelo) oferece uma abordagem alternativa que leva em consideração o comportamento funcional do item em gramaticalização. Essa alternativa é apresentada em Keizer (2007) que, com base na arquitetura da GDF, define uma escala de mudanças formais contendo três primitivos da formulação: lexemas, operadores lexicais e operadores. A esse *cline*, que vai do lexical para o gramatical, Souza (2012, p. 90) acrescenta duas outras categorias: núcleo, de estatuto altamente lexical, e função, uma estratégia altamente gramatical. Dessa forma, um percurso de mudança formal poderia ser descrito conforme o seguinte *cline*: núcleo > modificador (ou lexema) > operador lexical > operador > função.

Essa mudança formal, representada na figura 2-16, é atestada nos usos de *ainda* no português: em seu primeiro uso, na camada do Estado-de-Coisas, *ainda* corresponde a um operador lexical; em seu segundo uso, *ainda*, nas camadas dos Subatos (Atributivo e Referencial) e do Conteúdo Comunicado, corresponde a um operador; e, por fim, em seu terceiro uso, *ainda*, nas camadas do Subato Referencial e do Conteúdo Comunicado, corresponde a uma função.

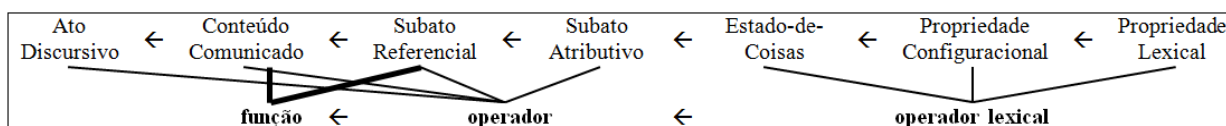


Figura 2-16: Mudança formal de *ainda*

Na Figura 2-16, as setas apontam ora para a ampliação nas relações de escopo de *ainda*, ora para as mudanças de estatuto categorial desse item (mudança formal); os traços ligam os diferentes escopos de *ainda* ao seu estatuto categorial, de forma que, por exemplo, *ainda* operador lexical escopa três distintas entidades: Propriedade Lexical, Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas.

De fato, o que se percebe nesse cline de mudança formal é uma descategorização, nos termos de Hopper (1991) e de Heine e Kuteva (2007). Segundo os últimos autores (HEINE; KUTEVA, 2007, p. 40), uma vez que uma expressão linguística foi dessemantizada de um significado lexical a um mais gramatical, ela tende a perder propriedades morfológicas e sintáticas características de seu uso original, que não serão mais relevantes em seu novo uso.

Essa mudança categorial e a perda de traços lexicais pode ser representada em um segundo cline (cf. figura 2-17), que leva em consideração não só o estatuto de *ainda* enquanto primitivo da operação de formulação, mas também o seu estatuto enquanto membro de uma classe de palavras. Em seu primeiro uso, *ainda*, enquanto operador lexical de polaridade fasal, é um Lexema e sua classe de palavra se define já no Nível Representacional: trata-se de um Advérbio, uma Palavra Lexical. Em seus usos no Nível Interpessoal, *ainda* é codificado, no Nível Morfossintático, como uma Palavra Gramatical, especificamente como uma Partícula. Essa passagem *Advérbio* > *Partícula* é evidência da perda de lexicalidade do item e de mudança categorial, o que atesta de fato sua gramaticalização. Dessa forma, a nossa proposta é que se aborde a mudança formal não só em termos de primitivos da formulação, mas também em termos de classes de palavras.

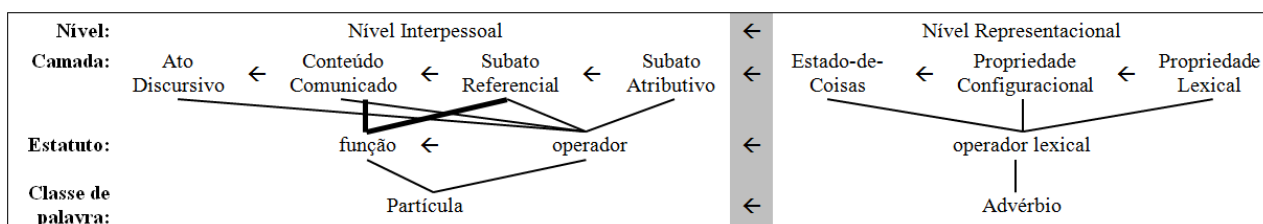


Figura 2-17. Abordagem hierárquica da gramaticalização de *ainda*

Dessa forma, o modelo da GDF dá conta de abordar, em sua estrutura organizada hierarquicamente em níveis e camadas, a gramaticalização de *ainda* a partir de dois tipos de mudança, que não necessariamente ocorrem alinhadas: (i) uma mudança funcional, que não só descreve o aumento nas relações de escopo do item, mas também revela uma crescente pragmatização/dessemantização de significados e uma crescente extensão de contextos de uso; (ii) uma mudança formal, que pode ser representada não só em termos dos primitivos da formulação, mas também em termos de classes de palavras.

CAPÍTULO 3

Formas perifrásticas com *ainda* no português

Este capítulo trata das formas perifrásticas com *ainda*, como *ainda assim*, *ainda bem*, *ainda mais* e *ainda que*. Após apresentar os procedimentos metodológicos adotados para a análise, descrevem-se, com base no modelo da GDF, as propriedades funcionais e formais de tais formas, precisando sua natureza estrutural, seu estatuto categorial e sua funcionalidade discursiva. Por fim, defende-se que a emergência dessas formas representa casos de lexicalização ou de gramaticalização e, além disso, propõe-se uma abordagem hierárquica a esses dois processos.

1. MATERIAL E METODOLOGIA DE ANÁLISE

Nesta segunda etapa de nossa pesquisa, tomam-se, como universo de investigação, os dois *corpora* utilizados na investigação em torno aos usos de *ainda*: o **Corpus mínimo do Projeto da Gramática do Português Falado** e o **Corpus do Português** (DAVIES; FERREIRA, 2006). Para proceder com a análise, traçamos uma divisão metodológica, cotejando um conjunto de critérios para descrever formas como *ainda assim*, *ainda bem* e *ainda mais*, e outro conjunto para o tratamento de *ainda que*.

Isso se justifica por duas propriedades de *ainda que*: (i) seu caráter juntivo, consistindo, segundo Longhin-Thomazi (2004; 2005), numa perífrase conjuncional de base adverbial, e (ii) sua polifuncionalidade (cf. KORTMANN, 1997), já que, conforme aponta Neves (1999; 2011), *ainda que* articula orações numa relação concessiva ou numa relação concessivo-condicional (concessiva eventual).¹ Assim, uma descrição da natureza juntiva e polifuncional de *ainda que* demanda, em relação às formas *ainda assim*, *ainda bem* e *ainda mais*, uma outra série de critérios, já que essas outras formas não constituem itens juntivos e, a priori, não apresentam uma natureza polifuncional.

¹ Não seguimos, neste trabalho, a terminologia de Neves (1999; 2011), que denomina as construções concessivas eventuais de *condicionais-concessivas*. Neste trabalho, optamos por seguir com a denominação que vem sendo usada em trabalhos que se pautam pela GDF, como o de Parra (2016): *concessivo-condicionais*.

Para a análise de *ainda assim*, *ainda bem* e *ainda mais*, toma-se uma perspectiva qualitativa, buscando descrever sua estrutura composicional e seu funcionamento discursivo-pragmático. Muitos dos critérios utilizados foram aplicados na análise da multifuncionalidade de *ainda*, no caso: no eixo da formulação, focamos (i) o nível de representação dessas formas, (ii) a(s) relação(ões) de escopo, em termos de camadas e níveis da formulação, e (iii) o estatuto dessas formas enquanto primitivos da formulação; já no eixo da codificação, focamos (iv) o(s) domínio(s) morfossintático(s) de codificação dessas formas, (v) o seu estatuto enquanto Palavra, e (vi) a sua disposição linear (ordenação).

Por outro lado, a descrição de *ainda que* implica duas questões a serem investigadas: (i) os tipos de relações instauradas pelo juntivo, precisando seu domínio de atuação, em termos de níveis e camadas da GDF; e (ii) o grau de vinculação semântico-sintático entre as orações articuladas por *ainda que*. Em relação a (ii), Galbiatti (2008) afirma que a investigação em torno do grau de integração entre orações reflete o estágio de mudança de um juntivo à medida que quanto maior for a integração entre a oração hipotática e a nuclear, mais avançado o processo de mudança e, assim, maior o estatuto gramatical e conjuncional do juntivo. Assim, seguindo as considerações de Galbiatti (2008) e Sousa (2007), acreditamos que, para avaliar o estatuto gramatical de um juntor como *ainda que*, é necessário avaliar o grau de integração ou de vinculação entre as orações articuladas por ele. Especificamente, nossa ideia é a de que, enquanto juntor polifuncional, o estatuto gramatical e conjuncional de *ainda que* concessivo é maior do que o de *ainda que* concessivo-condicional.

Para seguir com tal análise, selecionamos o seguinte conjunto de critérios: (i) entidades designadas pela oração principal e pela oração encabeçada por *ainda que* no Nível Interpessoal; (ii) entidades designadas pela oração principal e pela oração encabeçada por *ainda que* no Nível Representacional; (iii) tempo e modo verbal da oração principal e da oração encabeçada por *ainda que*; (iv) referência temporal; (v) identidade de participantes;

(vi) correferencialidade entre sujeitos; (vi) expressão formal do sujeito. Cada um desses critérios será elucidado na exposição da análise e de seus resultados.

Uma análise qualitativa que se pautar por esses critérios nos leva à determinação de alguns padrões para as construções com *ainda que*. Uma análise quantitativa, por outro lado, permite aferir a frequência de ocorrência desses padrões e, assim, avaliar os distintos graus de integração entre as orações articuladas por *ainda que*; por exemplo, quando um mesmo padrão é compartilhado entre as construções concessivo-condicionais com *ainda que* e as concessivas, é a frequência desse padrão nos diferentes tipos de construções que evidencia o grau de integração entre as orações e determina os diferentes estatutos (gramatical/lexical ou conjuncional) de *ainda que*.

A conjugação dessas duas perspectivas para a análise das construções com *ainda que* faz com que tracemos um recorte em nosso *corpus* em relação à quantidade de ocorrências analisadas: Galbiatti (2008), ao traçar uma comparação entre o grau de gramaticalidade das perífrases *já que* e *agora que* e, assim, avaliar a vinculação sintático-semântica entre orações articuladas por esses dois conjuntivos, lida com 63 ocorrências de *agora que* e 140 de *já que*; frente a tais números, analisamos um total de cem ocorrências da forma *ainda que*. Como o *Corpus* mínimo do Projeto da Gramática do Português Falado nos forneceu um único dado, buscamos, junto ao *Corpus* do Português, as 99 ocorrências restantes, coletando as primeiras 99 ocorrências geradas pelo sistema de busca desse *corpus*.

2. (MULTI)FUNCIONALIDADE DAS FORMAS PERIFRÁSTICAS COM AINDA

Antes de apresentar os resultados de análise, devemos, como ponto de partida, traçar algumas considerações a respeito da natureza composicional (se fixa ou semi-fixa) das formas perifrásticas com *ainda* e de seu estatuto categorial (se lexical, gramatical ou intermediário).

Em relação à forma *ainda assim*, Ferreira (2011) não a considera como uma forma fixa, analisando-a como partículas justapostas que preservam, distintamente, suas funções;

assim, em (3-1), *ainda*, conforme defende a autora, atua como uma partícula contrastiva de reforço, sinalizando a ideia de contraposição.

- (3-1) ... bom eu gosto muito de Veja... ou da revista Veja... eu sou assinante ... eu sou leitor sistemático... acredito que quando leio pouco leio setenta e cinco por cento portanto três quartos do conteúdo da revista...mesmo de assuntos que aparentemente eu não leio nos jornais...são determinadas partes que afastam-se assim daquele meu ramo de interesse mas **ainda** assim acabo lendo no Veja...

(FERREIRA, 2011, p. 511; grifos do autor)

Esta não é a posição de Lopes-Damasio (2011), que concebe *ainda assim* como uma forma com certo grau de fixação. Para a autora, *ainda assim* é uma forma variável de *mesmo assim*, e ambas integram um padrão (*P, mesmo assim Q* ou *P, ainda assim Q*) que apresenta, no português atual, um valor contrastivo (cf. (3-2)).

- (3-2) a A tarefa é fácil, *mesmo assim* exige esforço. (LOPES-DAMASIO, 2011, p. 228)
b A tarefa é fácil, *ainda assim* exige esforço.

Assim como Lopes-Damasio (2011), assumimos, nesta tese, que o uso de *ainda assim* constrói, junto ao enunciado em que ocorre, um sentido contrastivo, instaurando um jogo de contra-expectativa, num movimento retroativo-propulsor (cf. TAVARES, 1999; PEREIRA, 2013): *ainda assim* retoma o que se menciona anteriormente e, ao mesmo tempo, direciona para o segmento subsequente, estabelecendo um contraste entre essas informações.

Observa-se, dessa forma, o que Carballo (1998) denomina de *especialização semântica*: à forma *ainda assim* associa-se, gradativamente, um novo significado, o de contraste/concessividade. Entretanto, diferentemente de Lopes-Damasio (2011), e próximos à proposta de Ferreira (2011), não acreditamos que *ainda assim* seja uma forma fixa do português: a presença do traço retroativo-propulsor no uso de *ainda assim* evidencia a gradualidade na fixação dessa forma e na convencionalização de seu novo significado, isto é, o movimento retroativo instaurado por *ainda assim* corresponde à preservação da função

anafórica de *assim*, enquanto o movimento propulsor se relaciona ao valor aditivo/expansivo de *ainda* enquanto função Contraste Expansivo.

Nesse sentido, a forma *ainda assim* constitui um exemplar revelador da gradualidade na emergência de novas construções. Diante disso, optamos por não caracterizar *ainda assim* como uma expressão fixa do português, mas sim, conforme proposta de Keizer (2013), como uma expressão semifixa, ou melhor, uma construção mista.

Keizer (2013) demonstra que uma estrutura semifixa, ou construção mista, tem um estatuto intermediário entre uma estrutura fixa, ou construção composicional, e um item lexical simples. Segundo a autora, um primeiro traço das estruturas semifixas é a possibilidade de variação: no caso de *ainda assim*, a posição de *ainda* pode ser preenchida por *mesmo* (*mesmo assim*), e, conforme aponta Lopes-Damasio (2011), *ainda assim* é uma forma variante de *mesmo assim*. Em segundo lugar, a estrutura de construções mistas é parcialmente predizível: no estado atual do português, é possível decompor a forma *ainda assim*, de forma que o valor aditivo de *ainda* e a função anafórica de *assim* se preservam na base dessa construção, à qual se adiciona gradativamente o significado concessivo.

Em síntese, é claro que, na forma *ainda assim*, preservam-se nuances dos significados de seus componentes (adição e anaforicidade), porém o significado contrastivo/concessivo se faz também bastante evidente, o que nos leva a considerar *ainda assim* numa posição intermediária entre um lexema simples e uma expressão fixa, isto é, trata-se de uma expressão semifixa, nos termos de Keizer (2013).

Keizer (2013) assume que as construções mistas, por apresentarem um significado não totalmente predizível, devem ser listadas no léxico da língua. Dessa forma, *ainda assim*, na GDF, integra o conjunto de Lexemas disponíveis para a operação de formulação. Além de sua variabilidade e de seu significado parcialmente idiossincrático, o estatuto lexical de *ainda assim* se comprova (i) pela possibilidade de ocorrer isoladamente, isto é, em certos contextos,

ainda assim é autônomo, conforme demonstra (3-3a), e (ii) por sua mobilidade na Oração, que pode ocorrer na adjacência de constituintes (cf. (3-3b)) ou no início da Oração, seguido (cf. (3-3c)) ou não (cf. (3-3d)) de um conectivo.

- (3-3) a A: Eu não vou à festa.
B: E se a Maria pedir?
A: ***Ainda assim!***
- b Preocupado, querendo mostrar-se atento, **o dr, Álvaro *ainda assim* ensaiava diversas vezes interromper o desembargador.** (19:Fic:Br:Teixeira:Rua)
- c Eu não estava gostando da conversa **e *ainda assim* tinha a tentação de assombrar aquele pessoal todo, até Laurindo, contando a verdadeira história de Lua Nova, o bandido da cara escura.** (19:Fic:Br:Queirós:Dora)
- d Por isso, quando chegamos, me pus de alcatéia, até que a surpreendi falando com ele através do gradil! Imaginem que ousadia! Chamei-a. ***Ainda assim* demorou a obedecer, e foi trancar-se no quarto.** (19:Fic:Br:Teixeira:Rua)

Segundo Gritti (2008; 2013), o esquema *ainda* + *advérbio* é bastante produtivo na emergência de formas perifrásticas com *ainda*. Em (3-4), trazemos duas formas apontadas pela autora em seus trabalhos.

- (3-4) a João gosta de sair com Maria, ***ainda mais que ela paga a conta.*** (GRITTI, 2008, p. 43; grifo nosso)
- b ***Ainda bem que nos encontramos.*** (GRITTI, 2013, p. 36; grifo nosso)

Em (3-4a), Gritti (2008, p. 44) considera que a forma *ainda mais*, no sentido de *principalmente*, detém um valor inclusivo, já que, *dentre tantos fatores que Maria apresenta para que João goste de sair com ela, ainda mais* acrescenta o de *ela pagar a conta*. Já em (3-4b), Gritti (2013, p. 36) considera a união entre *ainda* e *bem* como uma expressão idiomática. A autora, para tanto, compara (3-4b) a (3-5): em (3-5), *ainda* claramente reforça a referência temporal expressa pelo advérbio *ontem*, enquanto em (3-4b) essa leitura enfática não mais se sustenta, pois o que se expressa é o contentamento do Falante em relação ao *encontro*. Segundo a autora, a expressão *ainda bem* equivale a *que bom* e não pode ser desmembrada, já que o sentido de contentamento por ela expresso só se mantém com a união dos dois termos.

(3-5) Ainda ontem falamos de você. (GRITTI, 2013, p. 36)

Com base nas considerações de Keizer (2013), trataremos *ainda mais* e *ainda bem* como expressões fixas do português. Conforme afirma Carballo (1998, p. 70), pode-se compreender a fixação de certas combinações de palavras como algo estabelecido que o falante armazena e tende a reproduzir sem o decompor em seus elementos constituintes. Diferente de *ainda assim*, em que há ainda a possibilidade de decomposição de seus elementos constituintes, acreditamos que *ainda mais* e *ainda bem* já se convencionalizaram, respectivamente, em seu valor inclusivo e na expressão de contentamento.

Isso se evidencia contrapondo (3-4a-b) a (3-6a-c). Em (3-6a), *ainda* opera sobre a graduação expressa por *mais*, enfatizando a comparação ali expressa. Já em (3-6b-c), *ainda* corresponde a um operador lexical de aspecto imperfectivo, e seu escopo é a Propriedade Configuracional (cf. (3-6b)), sinalizando a continuidade do estado de *bem peneirado*, ou a Propriedade Lexical (cf. (3-6c)), sinalizando a continuidade da propriedade *bem quente*.

- (3-6) a Tenho pretensão de entrar mais sério em áreas que Roberto deu destaque total, inclusive **investir *ainda mais***, como em educação de trânsito e na área da informática. Sem elas funcionando a pleno vapor, não se tem um resultado positivo. (19Or:Br:Intrv:Com)
- b Mas o rolo ia também para o pão? INF1 Ia também. Depois a gente tinha era.. A minha mãe, ia lá ver: " **Isso não está *ainda bem peneirado*** "! E a gente toca de peneirar a farinha. (19Or:Pt:CVC)
- c O Senhor abaixou os olhos depressa para o prato colocado diante dele, ***ainda bem quente***, pois fora passado em água fervendo para conservar o calor, c nada respondeu. (19:Fic:Br:Penna:Menina)

Como a base de formação de *ainda mais* e *ainda bem* está no esquema *ainda* + *advérbio*, *ainda*, no caso de *ainda mais*, opera enfaticamente sobre o advérbio *mais*, e, no caso de *ainda bem*, *ainda* modifica, na indicação de aspecto imperfectivo, o advérbio *bem*. Tais formas não mais preservam, entretanto, essas nuances em sua composição, e seus novos significados não mais predizem os seus significados básicos, o que revela seu alto grau de fixação.

Em termos formais, há vários aspectos que nos revelam a fixação dessas combinações. Um primeiro diz respeito à impossibilidade de transformação dessas formas, retirando, por exemplo, um de seus termos.

- (3-7) a João gosta de sair com Maria, *ainda mais* que ela paga a conta. (GRITTI, 2008, p. 43; grifo nosso)
 *João gosta de sair com Maria, *mais* que ela paga a conta.
 *João gosta de sair com Maria, *ainda* que ela paga a conta.
- b *Ainda bem* que nos encontramos. (GRITTI, 2013, p. 36; grifo nosso)
 ?*Bem* que nos encontramos.
 **Ainda* que nos encontramos.

Nas transformações de (3-7a), a retirada de algum dos elementos de *ainda mais* não mais sustenta seu significado contrastivo e, além disso, não gera enunciados bem formados. Já nas transformações de (3-7b), a retirada de *ainda* gera uma estrutura com a forma *bem que*, um enunciado gramatical e bem formado, porém que não expressa contentamento; por outro lado, a retirada de *bem* gera a perífrase concessiva *ainda que*, que necessariamente deve vir conectada a um segmento matriz, o que gera um enunciado agramatical.

Seguindo com a impossibilidade de alteração dessas formas, nota-se, nas estruturas resultantes de (3-8a-b), que a ordenação de seus constituintes não pode ser alterada e que seus componentes não podem ser substituídos por qualquer elemento de valor semelhante.

- (3-8) a João gosta de sair com Maria, *ainda mais* que ela paga a conta. (GRITTI, 2008, p. 43; grifo nosso)
 *João gosta de sair com Maria, *mais ainda* que ela paga a conta.
 *João gosta de sair com Maria, *ainda muito* que ela paga a conta.
- b *Ainda bem* que nos encontramos. (GRITTI, 2013, p. 36; grifo nosso)
 **Bem ainda* que nos encontramos.
 **Ainda bom* que nos encontramos.

Outro ponto a se considerar é a impossibilidade de modificação dos constituintes dessas formas, isto é, nenhum tipo de elemento ou constituinte, como modificadores como *muito* e *quase*, pode intervir nas expressões *ainda mais* e *ainda bem* (cf. (3-9a-b)).

- (3-9) a João gosta de sair com Maria, *ainda mais* que ela paga a conta. (GRITTI, 2008, p. 43; grifo nosso)
 *João gosta de sair com Maria, *ainda bem mais* que ela paga a conta.
 *João gosta de sair com Maria, *ainda muito mais* que ela paga a conta.
- b *Ainda bem* que nos encontramos. (GRITTI, 2013, p. 36; grifo nosso)
 **Ainda quase bem* que nos encontramos.
 **Ainda muito bem* que nos encontramos.

Frente ao alto grau de fixação de *ainda mais* e *ainda bem*, marcado pela convencionalização de um novo significado a essas formas e pela impossibilidade de decomposição dessas formas em seus elementos constituintes, consideramos tais formas como expressões fixas do português. No Componente Gramatical da língua, essas duas formas ocupam lugares distintos: ambas figuram entre os primitivos disponíveis para a formulação; entretanto, enquanto *ainda bem* constitui um Lexema, *ainda mais* é um elemento altamente gramatical, uma Palavra Gramatical.

O principal fator que nos leva a propor tais categorizações é o grau de autonomia dessas formas. Enquanto a forma *ainda bem* pode, sozinha, compor um enunciado (cf. (3-10a)), isso não se aplica a *ainda mais*, que necessariamente deve vir acompanhado de outro constituinte (cf. (3-10b-c)). Dessa forma, enquanto *ainda bem* apresenta alto grau de autonomia/isolamento, *ainda mais* não configura uma forma autônoma.

- (3-10) a INF1 E tudo correu bem.
 INF2 *Ainda bem*. (19Or:Pt:Cordial)
- b INF1 E tudo correu bem.
 INF2 **Ainda mais*.

Nossa defesa é a de que é possível distinguir a composição formal e funcional de *ainda assim*, *ainda bem* e *ainda mais* pela determinação de sua natureza estrutural, se semifixa ou fixa, e de seu estatuto, se lexical ou gramatical. A figura 3-1 representa a convergência dessas propriedades na caracterização dessas três formas perifrásticas com *ainda*: enquanto *ainda assim* corresponde a uma estrutura semifixa de estatuto lexical, *ainda*

bem e *ainda mais* correspondem a estruturas fixas, a primeira de estatuto lexical, e a segunda de estatuto gramatical.

	Semifixa	Fixa
Lexical	ainda assim	ainda bem
Gramatical		ainda mais

Figura 3-1. Natureza estrutural e categorial de *ainda assim*, *ainda bem* e *ainda mais*

Por fim, em relação a *ainda que*, Longhin-Thomazi (2004; 2005) e Ferreira (2011), ao abordarem a gramaticalização de *ainda*, consideram tal forma uma perífrase conjuncional de base adverbial, articulando orações numa relação de concessão. Em (3-11), por exemplo, *ainda que* articula uma oração, a oração concessiva, cujo conteúdo (o de *nós termos condições de pagar um caseiro que lá existia*) contrasta com o conteúdo expresso na oração anterior (o de *meu sogro ser imediatamente chamado para residir como primeiro morador*).

- (3-11) ... o nome de propriedade era o nome do antigo proprietário... então nessas condições havia que se mudar o nome...**meu sogro foi imediatamente chamado para residir como primeiro morador ainda que nós tivéssemos condições de pagar um caseiro que lá existia** mas o sogro estava... estabelecido num sítio...

(FERREIRA, 2011, p. 510; grifos do autor)

Neves (1999) distingue dois tipos de construções concessivas no português: as de carácter factual, chamadas de *concessivas* (cf. (3-12a)), e as de carácter eventual, chamadas de *condicionais-concessivas* (cf. (3-12b)). A diferença reside no fato de que, nas concessivas, os conteúdos proposicionais expressos tanto pela oração principal como pela oração subordinada são verdadeiros, e, nas condicionais-concessivas, somente o conteúdo da proposição principal é verdadeiro, sendo o da subordinada hipotético. Para a autora, no português, essa subcategorização das construções concessivas está relacionada ao tipo de conectivo. Enquanto os conectivos *embora*, *se bem que* e *apesar (de) que* instauram, exclusivamente, relações concessivas factuais, os conectivos *mesmo que*, *ainda que* e *por mais que* podem ocorrer tanto em concessivas factuais como em condicionais-concessivas.

- (3-12) a contei também o número de estudantes ... quarenta e um ... e: eu tenho quase certeza, **embora** não tenhamos a lista (NEVES, 1999, p. 549, grifos do autor)
- b nós temos as reuniões ... muito mais participação, porque, **mesmo que** alguns professores faltem porque tenham outros ... outros afazeres no ambulatório, mas sempre tem um bom número de reuniões (NEVES, 1999, p. 548, grifos do autor)

Dessa forma, acreditamos que *ainda que* configura, no português, o que Kortmann (1997) chama de conector polifuncional, vinculando segmentos numa relação concessiva, ou numa relação concessivo-condicional. Cabe-nos, então, determinar as propriedades que permitem distinguir os tipos de relações estabelecidas por *ainda que* e, além disso, determinar, à luz da GDF, o estatuto de *ainda que* na gramática do português.

2.1. A forma *ainda assim*

Conforme já mencionamos, a funcionalidade de *ainda assim* é determinada por dois aspectos discursivos fundamentais: (i) o movimento reativo-propulsor, e (ii) a expressão de um significado concessivo/contrastivo.

Segundo Tavares (1999, p. 19), conectores reativo-propulsores como *e*, *aí* e *então* introduzem uma nova informação no discurso e, ao mesmo tempo, sequenciam-nas, estabelecendo uma ponte entre um enunciado anterior e um enunciado subsequente de modo a sinalizar que o primeiro é base para o que se informará no segundo. Em (3-13), é possível visualizar o modo como *ainda assim* articula esse tipo de movimentação discursiva.

- (3-13) a Foi só depois de comendador que Teodoro se sentiu vexado daquela habitação e se mudou para um segundo andar da rua da Candelária, que mobiliou a vinhático, com exuberância de cromos pelas paredes. **Achou, *ainda assim*, que à sua casa alegre faltava qualquer coisa.** Viera-lhe a dispepsia. Que insônias! (19:Fic:Br:Lopes:Falência)
- b O Prodetur foi iniciativa dos governadores do Nordeste e o governo federal só fez emprestar o Banco do Nordeste para ser repassador de recursos. Finalmente o BNDES passou a emprestar uma parte da contrapartida, ***mas ainda assim o projeto tem andado lentamente.*** (19Or:Br:Intrv:Tar)
- c A sua pronúncia nasalada, os seus cabelos alourados, as suas luvas com punhos até os cotovelos foram suficientes para não lhe pedirem os documentos; ***ainda assim teve que assinar a transferência;*** meteu o dinheiro na bolsa. (19:Fic:Br:Vieira:Mais)

Em (3-13a), por exemplo, ao sinalizar a introdução da informação *achar que à sua casa alegre faltava qualquer coisa, ainda assim* remete ao enunciado anterior, em que se descreve o modo como *Teodoro mobiliou sua nova residência*, base para a compreensão da nova informação introduzida. Já em (3-13b), a introdução da afirmação de que *o projeto tem andado lentamente* toma por base a informação anterior de que *o BNDES passou a emprestar uma parte da contrapartida*, e é *ainda assim* que gere a expectativa de introdução de uma nova informação no discurso a partir do que já está dado e estabelecido contextualmente. Por fim, em (3-13c), *ainda assim* encabeça a informação de *ter que assinar a transferência*, retomando, ao mesmo tempo, a informação anterior de *não lhe pedirem os documentos*.

Esse movimento, que busca uma ancoragem numa porção preliminar do discurso e, ao mesmo tempo, sequencia o fluxo de informações, não se dá de forma neutra, mas instaura uma quebra de expectativa, uma contraexpectativa, nos termos de Heine *et al* (1991): em (3-13a), frente a *exuberância da decoração da habitação de Teodoro*, a informação de que *faltava algo à casa* vai contra a expectativa de que *tudo corria normalmente*; em (3-13b), por outro lado, a informação de que *o projeto está se desenvolvendo lentamente* vai contra a expectativa criada com a informação a respeito do *investimento do BNDS*; em (3-13c), por fim, *assinar a transferência* é uma porção informacional que vai contra a expectativa criada pela porção preliminar do texto, especificamente de *não lhe pedir os documentos*.

Isso evidencia o valor concessivo, ou contrastivo, de *ainda assim*. Seguindo Neves (2011), em suas análises sobre os juntivos adversativos, pode-se dizer que, em (3-13b), o conectivo *mas* estabelece uma contraposição entre o segmento que prefacia e o segmento anterior numa negação de inferências: “na primeira *oração* há asseveração, com admissão de um fato; na segunda *oração* expressa-se a não aceitação da inferência daquilo que foi asseverado” (NEVES, 2011, p. 275-6); *ainda assim*, segundo a autora, é um recurso formal na indicação da “insuficiência da asseveração para permitir a inferência” (NEVES, 2011, p. 276).

É a presença desses dois aspectos discursivos governando o funcionamento de *ainda assim* que nos leva a caracterizar tal forma como uma estrutura semifixa, isto é, o movimento retroativo-propulsor evidencia seu grau intermediário de composicionalidade e de fusão interna: é a partir da preservação e da combinação dos usos expansivo de *ainda* e fórico de *assim* que se constrói esse movimento discursivo, o que demonstra que tais elementos não se encontram totalmente fundidos e, dessa forma, preservam suas fronteiras morfossintáticas. Por outro lado, há evidências de especialização dessa forma, na expressão de um significado concessivo/contrastivo, o que demonstra uma emergente fixação.

Essa especialização (mesmo que incipiente) de *ainda assim*, aliada a sua natureza lexical, leva-nos a considerar tal forma, no âmbito do modelo da GDF, como um modificador com dois escopos diferentes no Nível Interpessoal: o Conteúdo Comunicado (cf. (3-13a)) e o Ato Discursivo (cf. (3-13b-c)).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 64), modificadores de Ato permitem ao Falante tecer qualquer comentário em relação ao Ato, podendo indicar suas propriedades estilísticas (cf. (3-14a)) ou sinalizar seu estatuto dentro do Movimento (cf. (3-14b-c)).

- (3-14) a *Briefly*, Murray won and Federer lost. (KEIZER, 2015, p. 59)
 b porque, *primeiro*, é que eu tive problemas mesmo com a família (PEZATTI, 2014, p. 113)
 c *por exemplo*, em S. Vicente isso já não acontece dessa maneira (PEZATTI, 2014, p. 113)

Em (3-14a), a partícula do inglês *briefly*, conforme aponta Keizer (2015), sinaliza uma propriedade estilística do Ato ali enunciado – o de ser breve – e constitui, assim, um modificador de Ato. Já em (3-14b-c), segundo Pezatti (2014), *primeiro* indica a precedência do Ato que escopa em relação aos outros que compõem o Movimento, e *por exemplo* caracteriza o Ato que precede como uma exemplificação do que se expressou anteriormente; trata-se, portanto, de modificadores de Ato que sinalizam seu estatuto dentro do Movimento.

Ainda assim funciona de modo similar a *primeiro* e *por exemplo*, indicando o estatuto concessivo de uma unidade linguística (no caso, o Conteúdo Comunicado ou o Ato Discursivo) em relação a outra(s) unidade(s). Para a análise que aqui queremos construir, algumas revisões devem ser propostas no interior da GDF: (i) primeiro, é necessário prever modificadores que permitem ao Falante comentar sobre o Conteúdo Comunicado (e não só sobre o Ato Discursivo), e, (ii) em segundo lugar, entre esses modificadores, tanto da camada do Conteúdo Comunicado, como da camada do Ato, devem ser distinguidos os modificadores concessivos. Dessa forma, *ainda assim*, enquanto modificador concessivo, assinala o estatuto concessivo/contrastivo do Conteúdo Comunicado ou do Ato Discursivo que escopa em relação ao que já se disse anteriormente, numa quebra de expectativa.

Em (3-15), representamos as ocorrências em (3-13) para melhor elucidar o estatuto de *ainda assim* como modificador concessivo do Conteúdo Comunicado (cf. (3-15a)) ou do Ato Discursivo (cf. (3-15b-c)).

- (3-15) a (A₁: [(C₁: - achou que à sua casa alegre faltava qualquer coisa – (C₁): *ainda assim* (C₁))] (A₁))
 b (A₁: [- o projeto tem andado lentamente -] (A₁): *ainda assim* (A₁))
 c (A₁: [- teve que assinar a transferência -] (A₁): *ainda assim* (A₁))

A decisão por analisar *ainda assim* como modificador da camada do Conteúdo Comunicado se justifica por sua disposição linear no enunciado. Em (3-16), *ainda assim* se insere na fronteira entre constituintes oracionais, rompendo a adjacência sintática entre constituintes oracionais: em (3-16a-b), por exemplo, *ainda assim* se encaixa entre o SN sujeito (*o dr. Álvaro* ou *quem me faz companhia*) e o SV predicado (*ensaiava diversas vezes interromper o desembargador e é ela*); o mesmo ocorre em (3-16c), em que *ainda assim* se interpõe entre SN (gestos) e o SAdj (muito discretos).

- (3-16) a Lembremo-nos de que na Ásia, dr. Álvaro, na Sibéria, quando por lá ainda criavam barbas e piolhos os anarquistas de Dostoiévski e os complexados de Tolstoi, já havia o transcaucasiano e o transiberiano. Sim, do Cáspio a Samarcande e de Orenburgo a Vladivostok. **Preocupado, querendo mostrar-se**

atento, o dr. Álvaro *ainda assim* ensaiava diversas vezes interromper o desembargador. (19:Fic:Br:Teixeira:Rua)

NI: (A₁: [(C₁: - preocupado, querendo mostrar-se atento, o dr. Álvaro *ainda assim* ensaiava diversas vezes interromper o desembargador – (C1): *ainda assim* (C1))]) (A₁)

- b Eu não tenho o teu coração. Vivo aqui sozinha e, **quem me faz companhia, *ainda assim*, é ela.** (19:Fic:Br:Neto:Turbilhão)

NI: (A₁: [(C₁: - quem me faz companhia é ela – (C1): *ainda assim* (C1))]) (A₁)

- c Os três homens e a mulher sentados no sofá nem se mexiam. De longe, como não dava para ouvir o que estava dizendo, mas apenas o som daquela voz que eu tinha ouvido pela primeira vez em E, a cena estática poderia lembrar uma fotografia se não fosse pelos eventuais movimentos dele. **Eram gestos *ainda assim* muito discretos,** o suficiente para salientar uma passagem do que dizia, ou reflexos de um raríssimo arrebatamento. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

NI: (A₁: [(C₁: - eram gestos muito discretos – (C1): *ainda assim* (C1))]) (A₁)

A linearização de *ainda assim* na adjacência entre constituintes da oração revela não só o escopo dessa forma (modificador concessivo de Conteúdo Comunicado), mas também seu estatuto parentético: ao não interromper a continuidade sintática da frase, *ainda assim* figura como um breve desvio no tópico em desenvolvimento, instaurando o movimento retroativo-propulsor e sinalizando o significado concessivo/contrastivo. Dessa forma, ao focalizar a própria elaboração tópica, *ainda assim* insere uma observação sobre a abrangência referencial de um enunciado, restringindo seu âmbito de significação (cf. JUBRAN, 2006).

Já a decisão por analisar *ainda assim* como modificador da camada do Ato Discursivo encontra apoio nos seguintes fatos: (i) sua preferência pela posição inicial (cf. (3-17a)) ou, até mesmo, pela posição extraoracional (cf. (3-17b)), sugere escopo abrangente;² (ii) sua combinatória com diferentes ilocuições, como Declarativa (cf. (3-17a-b)) e Interrogativa (cf. (3-17c)); (iii) seu escopo sobre modificadores de Ilocução (cf. (3-17d)).

- (3-17) a Felizmente, dentre esses, surgiu Eduardinho, que tomou a seu cargo desfazer o engano, **porém *ainda assim* não evitava as visitas maçantes.** Ele já era um homem de negócios e não podia estar a perder tempo. (19:Fic:Br:Rocha:Dusa)

(porém A₁: [- não evitava as visitas maçantes -] (A₁): *ainda assim* (A₁))

- b Quando foi para a companhia, fiquei com seu solo. Ela foi maravilhosa, ensinou-

² Traremos na sequência maiores considerações a respeito da questão da ordenação de *ainda assim*.

me muito, ***ainda assim foi difícilimo conseguir fazer.*** (19Or:Br:Intrv:ISP)

(A₁: [- foi difícilimo conseguir fazer -] (A₁): *ainda assim* (A₁))

- c E se eu fosse feia.. bem feia.. se.. por exemplo, eu tivesse bexigas e ficasse marcada, sem olhos, com a pele repuxada.. ***ainda assim vocês gostariam de mim?*** (19:Fic:Br:Lopes:Falência)

(A₁: [- vocês gostariam de mim? -] (A₁): *ainda assim* (A₁))

- d Quando foi para a companhia, fiquei com seu solo. Ela foi maravilhosa, ensinou-me muito, ***ainda assim, francamente, foi difícilimo conseguir fazer.***

(A₁: [- francamente foi difícilimo conseguir fazer -] (A₁): *ainda assim* (A₁))

Devido à sua estrutura semifixa, e tomando por base a proposta de análise de Keizer (2013) para a construção *(the) {thing/point/fact/etc.} is (is) (that)*, analisamos *ainda assim* como um *modificador de estrutura interna complexa*, isto é, trata-se de um modificador cuja estrutura interna se compõe de um Subato Referencial com núcleo vazio (♦), codificado pela forma anafórica *assim*, ao qual se atribui a função Contraste Expansivo, codificada pelo item *ainda*. Em (3-18), representamos, novamente, as ocorrências em (3-13), destacando, dessa vez, a estrutura interna complexa do modificador concessivo *ainda assim*.

- (3-18) a (A₁: [(C₁: - achou que à sua casa alegre faltava qualquer coisa – (C₁): [(R₁: ♦ (R₁)_{Cont})] (C₁))] (A₁))
 b (A₁: [- o projeto tem andado lentamente -] (A₁): [(R₁: ♦ (R₁)_{Cont})] (A₁))
 c (A₁: [- teve que assinar a transferência -] (A₁): [(R₁: ♦ (R₁)_{Cont})] (A₁))

Devemos destacar que, em alguns casos, o Ato Discursivo escapado pelo modificador *ainda assim* pode ter como núcleo um único Subato, ou um Subato Referencial (cf. (3-19a)) ou um Subato Atributivo (cf. (3-19b)).

- (3-19) a A grande maioria dos industriais que viajaram para a Alemanha foi do Interior e quase todas de pequeno porte. Apenas 32 abriram sua barraquinha na mostra e tentaram vender os seus produtos. Uma insignificância diante dos 7.300 expositores de 70 países, ***mas ainda assim a mais consistente participação brasileira, extraído São Paulo.*** (19N:Br:PA)
 (*mas* A₁: (R₁: a mais consistente participação brasileira, extraído São Paulo (R₁)) (A₁): [(R₁: ♦ (R₁)_{Cont})] (A₁))
 b O Sr. Curvelo de Mendonça estende-se longamente: I Este primeiro quesito reporta-me a um tempo já afastado, longínquo, impalpável, de que me resta hoje apenas uma consciência nebulosa, ***mas ainda assim caríssima ao meu espírito.*** (19:Fic:Br:Rio:Momento)
 (*mas* A₁: (T₁: caríssima ao meu espírito (T₁)) (A₁): [(R₁: ♦ (R₁)_{Cont})] (A₁))

No Nível Morfossintático, a forma *ainda assim* é capturada por um padrão (ou *template*) semifixo, conforme proposta de Keizer (2013). Essa ideia da autora em prever, no Nível Morfossintático, um padrão semifixo capta bem estruturas em que há um nível intermediário de composicionalidade e de fusão interna, já que as formas preservam suas fronteiras morfossintáticas, mas também se encontram numa incipiente fixação.

Em (3-20), representamos as ocorrências em (3-13) e verificamos que, no interior de um padrão do tipo $[(X_w) (X_w)]$, *ainda* e *assim* preservam suas fronteiras morfológicas. Além disso, notamos que essa forma semifixa pode ocorrer em dois domínios morfossintáticos distintos: o da Oração (cf. (3-20a)), quando seu escopo no Nível Interpessoal, é o Conteúdo Comunicado, e o da Expressão Linguística, quando seu escopo no Nível Interpessoal, é o Ato Discursivo (cf. (3-20b-c)).

- (3-20) a $(Cl_1: (V_p: - \text{achar} - (V_p)) [(G_w: - \text{ainda} - (G_w)) (G_w: - \text{assim} - (G_w))] (Cl_2: \text{à sua casa alegre faltava qualquer coisa} (Cl_2)) (Cl_1))$
- b $(El_1: [(G_w: - \text{ainda} - (G_w)) (G_w: - \text{assim} - (G_w))] (Cl_1: \text{o projeto tem andado lentamente} (Cl_1)) (El_1))$
- c $(El_1: [(G_w: - \text{ainda} - (G_w)) (G_w: - \text{assim} - (G_w))] (Cl_1: \text{teve que assinar a transferência} (Cl_1)) (El_1))$

Em relação a sua ordenação, no domínio da Oração, ao romper a adjacência de constituintes, *ainda assim* tem uma posição mais variável, podendo ocupar a posição P^{I+1} , quando interrompe a adjacência entre sujeito e predicado (cf. (3-21a)), ou a P^{F-1} , quando interrompe a adjacência entre verbo e complemento (cf. (3-21b)).

- (3-21) a Preocupado, querendo mostrar-se atento, **o dr. Álvaro *ainda assim* ensaiava diversas vezes interromper o desembargador.** (19:Fic:Br:Teixeira:Rua)

P^{pre}	P^I	P^{I+1}	P^M	P^{F-1}	P^F
preocupado, querendo mostrar-se atento	o dr. Álvaro	ainda assim	ensaiava	diversas vezes	interromper o desembargador

- b E a comenda chegou. Foi só depois de comendador que Teodoro se sentiu vexado daquela habitação e se mudou para um segundo andar da rua da Candelária, que mobiliou a vinhático, com exuberância de cromos pelas paredes.

Achou, *ainda assim*, que à sua casa alegre faltava qualquer coisa. Viera-lhe a dispepsia. Que insônias! (19:Fic:Br:Lopes:Falência)

P^M	P^{F-1}	P^F
achou	ainda assim	que à sua casa alegre faltava qualquer coisa. Viera-lhe a dispepsia

Quando sua codificação se dá no domínio da Expressão Linguística, *ainda assim* tende a ocorrer preferencialmente na posição extraoracional $P^{pré}$ (cf. (2-22a-b)) e só ocupa a posição inicial da Oração, especificamente P^I , quando a posição $P^{pré}$ já está ocupada por um constituinte hierarquicamente superior, como os conectivos *e*, *mas* e *porém* (cf. (2-22c-e)).

- (3-22) a A Idalina reclamou da minha mania de fechar a porta à chave. ***Ainda assim vivo conferindo se os cadernos estão na gaveta.*** (19:Fic:Br:Resende:Braco)

$P^{pré}$	P^{centro}
ainda assim	vivo conferindo se os cadernos estão na gaveta

- b Decadente, a família tinha desmembrado a fazenda de cana e se desfeito aos poucos de lotes de terra numa espécie de reforma agrária involuntária, não sem antes restaurar por uma pequena fortuna, pelo que diziam, gastando o que lhes restava, o interior da casa com o auxílio de um célebre arquiteto americano, que se encarregou de dar à sede na serra a incongruência horizontal de um interior típico das pradarias. ***Ainda assim, era uma casa fabulosa.*** (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

$P^{pré}$	P^{centro}
ainda assim	era uma casa fabulosa

- c Mário de Andrade fez uma tiragem de 800 exemplares de Macunaíma ***e, ainda assim, guardava um monte deles em sua casa.*** (19Or:Br:Intrv:ISP)

$P^{pré}$	P^I	P^M	P^{M+1}	P^F
e	ainda assim	guardava	um monte deles	em sua casa

- d Isso provoca confusão e o interesse de cientistas. A explicação quando chega pode decepcionar alguns, ***mas ainda assim a fita mantém o interesse.*** (19N:Br:Cur)

$P^{pré}$	P^I	P^{I+1}	P^M	P^{M+1}
mas	ainda assim	a fita	mantém	o interesse

- e Felizmente, dentre esses, surgiu Eduardinho, que tomou a seu cargo desfazer o engano, ***porém ainda assim não evitava as visitas maçantes.*** (19:Fic:Br:Rocha:Dusa)

$P^{pré}$	P^I	P^{I+1}	P^M	P^{M+1}
porém	ainda assim	não	evitava	as visitas maçantes

Em síntese, defendemos que *ainda assim* corresponde, no Nível Interpessoal, a um *modificador concessivo de estrutura interna complexa* com dois escopos: o Conteúdo Comunicado e o Ato Discursivo. No Nível Morfossintático, tal forma é codificada por meio de um padrão semifixo em dois diferentes domínios, a depender de seu escopo no Nível Interpessoal: na Oração, quando seu escopo é o Conteúdo Comunicado, ou na Expressão Linguística, quando seu escopo é o Ato Discursivo. Uma evidência a mais para o duplo escopo de *ainda assim* é sua ordenação: ao escopar o Conteúdo Comunicado, *ainda assim* ocupa necessariamente uma posição na adjacência entre constituintes, alocando-se em P^{I+1} ou em P^{F-1} ; já ao escopar o Ato Discursivo, *ainda assim* ocupa ou a posição P^I ou a posição $P^{pré}$, o que deixa claro seu amplo escopo sobre a unidade comunicativa.

2.2. A forma *ainda bem*

Nossa proposta aqui é tratar a forma *ainda bem* como uma interjeição do português. Segundo Caixeta (2015), as interjeições são (i) fenômenos da linguagem, (ii) suportes de expressividade, (iii) marcas de envolvimento, (iv) unidades de informação e (v) satélites de relações retóricas, e o funcionamento discursivo da forma *ainda bem* se conforma a esses cinco traços linguísticos.

Segundo Caixeta (2015, p. 123), “tratar as interjeições como fenômeno da linguagem significa levar em consideração que elas envolvem, quando de suas manifestações, uma semiotização abundante e complexa.” Segundo o autor, a enunciação de uma interjeição envolve três aspectos: (i) o uso de recursos de natureza linguística, paralinguística e cinésica, (ii) o condicionamento pragmático bem marcado que subjaz seu funcionamento, e (iii) a consideração de recursos linguísticos e extralinguísticos.

Essa defesa do autor se faz necessária à medida que ele analisa variadas formas interjetivas, lidando com interjeições lexicais, como *salve!* e *que bom!*, e com interjeições não lexicais, como *Chi!*, *Ah!*, *Oh!*. No nosso caso, a forma *ainda bem*, enquanto interjeição de

base lexical, tem seu estatuto de palavra bem marcado e seu funcionamento pragmático se firma na expressão de uma avaliação positiva (de um contentamento) do Falante em relação a algum conteúdo da interação, conforme demonstra a ocorrência em (3-23).

- (3-23) Ela já fez o teste para a AIDS? já, ela é negativa, ***ainda bem***, pois não sei como seria se não fosse, é mais fácil suportar o meu diagnóstico, tenho certeza,.. não gosto nem de pensar... (19Ac:Br:Lac:Thes)

A avaliação positiva expressa por *ainda bem* se associa ao que Caixeta (2015) denomina de *suporte de expressividade*. Segundo o autor, “as interjeições são um lugar privilegiado para a expressividade, marcando a intenção/emoção dos usuários da língua nas trocas comunicacionais” (CAIXETA, 2015, p. 131). Em (3-23), *ainda bem* é a clara expressão de um estado emotivo do Falante, especificamente de sua positividade e/ou contentamento em relação ao conteúdo de *ela ser negativa*.

Nessa perspectiva, Caixeta (2015, p. 139) defende que as interjeições funcionam como veículos de instruções para uma ação, orientando o destinatário, numa troca comunicativa, para uma determinada direção. Assim, enquanto *marcas de envolvimento*, as interjeições “só podem ser analisadas se se considerarem as relações sociais das quais os falantes da língua fazem parte e nas quais se expressam emocional e emotivamente” (CAIXETA, 2015, p. 146). Em (3-23), o uso de *ainda bem* para expressar uma avaliação positiva do Falante em relação ao conteúdo exposto só se sustenta se direcionar o Ouvinte rumo a um efeito de sentido: há, conforme Caixeta (2015), uma solidarização entre Falante e Ouvinte; no caso de *ainda bem*, o Falante direciona o Ouvinte a se solidarizar em direção à boa notícia que traz.

Outro ponto levantado por Caixeta (2015) é a ideia de que as interjeições têm autonomia comunicativa e, assim, funcionam como *unidades de informação*. Dessa forma, as interjeições são capazes de gerar enunciados, especificamente enunciados interjetivos. Em (3-23), *ainda bem* constitui, por si só, um enunciado: uma unidade de informação dotada de intencionalidade e situada sociocomunicativamente. Nesse sentido, *ainda bem*, assim como

qualquer interjeição, configura o que Dik (1997b) denomina de Constituinte Extraoracional de especificação de atitude: a forma *ainda bem* (i) pode preceder, interromper ou seguir a oração, (ii) destaca-se da oração por mudanças na entoação (quando se trata de língua falada), (iii) não se submete às regras gramaticais que operam dentro dos limites da oração, e (iv) não é essencial à estrutura interna da oração, podendo ser retirados sem que deixe de ser gramatical.

Adotando a perspectiva da Teoria da Estrutura Retórica, Caixeta (2015) defende que as interjeições constituem *satélites de relações retóricas*. Dessa forma, as interjeições, porções satélites, entram numa relação interjetiva com uma porção núcleo. No caso de *ainda bem*, estabelece-se um subtipo de relação interjetiva: *relações retóricas interjetivas emocionais*. A figura 3-2 representa esse tipo de relação com base na ocorrência (3-23).

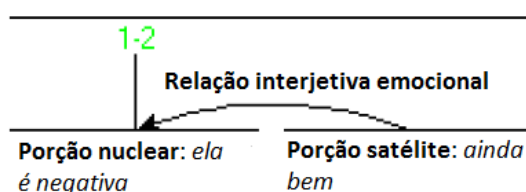


Figura 3-2. *Ainda bem* e a expressão da relação retórica interjetiva emocional

Com essas considerações, vemos que *ainda bem*, no interior da GDF, atua no Nível Interpessoal. Enquanto forma interjetiva, *ainda bem* ocupa a posição de núcleo da Ilocução ou de Atos Expressivos, ou de Atos Interativos. O que diferencia Atos Expressivos de Atos Interativos é o preenchimento da posição de Ouvinte (P_2)_A: ao contrário dos Atos Expressivos, que apenas dão expressão direta dos sentimentos do Falante, os Atos Interativos são heterorrelacionados, pois requerem a atenção do Destinatário, o que faz com que a posição do Destinatário (P_2)_A esteja preenchida.

Por seu caráter emotivo, a tendência seria considerar *ainda bem* como núcleo de uma Ilocução Expressiva; porém, a emoção veiculada por *ainda bem* necessariamente cria um canal interlocutivo favorável entre Falante e Ouvinte, o que nos leva a tratar tal forma como

núcleo de uma Ilocução Interativa, ou seja, como um Ato Interativo. A representação da ocorrência em (3-24) demonstra esse tratamento da GDF à forma *ainda bem*.

(3-24) - E meu vinho?

- A mando do Senhor Maurício trouxe reserva bastante para sua sede.

- **Ainda bem** - e, pela primeira vez, Santo Tirso inverteu a ordem das palavras: " não seria o bem um ainda ". (19:Fic:Br:Novaes:Mao)

(M_I: [(A_I: [(F_I: **ainda_bem** (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A] (A_I)) (M_I))

Em (3-24), há um diálogo entre Fulgêncio e Santo Tirso. A resposta de Fulgêncio à pergunta de Santo Tirso sobre o vinho provoca uma reação (um Movimento de Reação) em Tirso: ele demonstra a Fulgêncio sua avaliação positiva em relação à informação de *trazer, a mando do Senhor Maurício, reserva bastante de vinho para sua sede*. E é a forma *ainda bem*, um Ato Interativo, que atua na expressão dessa avaliação positiva.

Conforme afirma Keizer (2015, p. 57), o Falante, ao fazer uso de um Ato Interativo, realiza uma ação comunicativa por meio de uma elocução fática: a expressão linguística, altamente convencional e invariável, presta-se a uma função social ou discursiva, assim como o fazem formas como *Parabéns*, *Obrigado(a)* e *Oi/Olá*. O Ato Interativo *ainda bem* funciona dessa maneira, sinalizando, ao Ouvinte, uma avaliação positiva do Falante em relação a uma informação posta na interação pelo Ouvinte, como em (3-24) e (3-25a), ou em relação a uma informação trazida pelo próprio Falante, como em (3-25b-c).

(3-25) a - Ninguém escreve poesia como ele - disse Lúcia passando o braço em torno da cintura de Beny. - **Ainda bem**, não é? - provocou Lena. (19:Fic:Br:Amaral:Amigos)

(M_I: [(A_I: [(F_I: **ainda_bem** (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A] (A_I)) (A_J: [F_J: não é? (F_J)) (P₁)_S (P₂)_A] (A_J))] (M_I))

b E as esposas, coitadas, ficam encostadas de banda, com a penca de meninos, paridos de ano a ano, reguladas que nem máquina. Felizmente, ela só teve um, e maninhou. **Ainda bem**. Em contrapartida, em termos de afeto e miúdos cuidadinhos, Romeu se devota tanto a Barrosinho, o chamando de menino-homem, de coração alegre e derretido, que dá pra encher de felicidade todo um batalhão. (19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(M_I: [(A_I: - E as esposas, coitadas, ficam encostadas de banda, com a penca de meninos, paridos de ano a ano, reguladas que nem máquina - (A_I)) (A_J: - Felizmente, ela só teve

um, e maninhou – (A_J)) (A_K: [(F_K: **ainda_bem** (F_K)) (P₁)_s (P₂)_A] (A_K)) (A_M: – Em contrapartida, em termos de afeto e miúdos cuidadinhos, Romeu se devota tanto a Barrosinho, o chamando de menino-homem, de coração alegre e derretido, que dá pra encher de felicidade todo um batalhão – (A_M)))] (M_I))

- c Essa pauta foi muito legal fazer. O interesse pelo crime e bizarrices é tudo isso: curiosidade mórbida, análise social, fonte pra ficção que acumulo no meu computador e no meu blog - <http://digitador.tk>. Porque a realidade sempre vai ser mais estranha que a ficção. É um mundo estranho, **ainda bem**. (19Or:Br:Intrv:Web)

(M_I: [(A_I: – Essa pauta foi muito legal fazer – (A_I)) (A_J: – Felizmente, ela só teve um – (A_J)) (A_K: – O interesse pelo crime e bizarrices é tudo isso: curiosidade mórbida, análise social, fonte pra ficção que acumulo no meu computador e no meu blog - <http://digitador.tk> – (A_K)) (A_M: – Porque a realidade sempre vai ser mais estranha que a ficção – (A_M)) (A_N: – É um mundo estranho – (A_N)) (A_P: [(F_P: **ainda_bem** (F_P)) (P₁)_s (P₂)_A] (A_P)))] (M_I))

Em (3-25a), há um diálogo entre Lúcia e Lena. O Movimento de Iniciação de Lúcia, declarando que *ninguém escreve como Beny*, provoca um Movimento de Reação por parte de Lena, que demonstra, a sua interlocutora, seu contentamento em relação a essa declaração. O Movimento de Reação de Lena é, na verdade, composto por duas unidades acionais e comunicativas: *ainda bem* é o Ato Interativo que, encabeçando o Movimento de Reação de Lena, expressa sua positividade em relação à informação anteriormente firmada por Lúcia, e o Ato Interativo *não é?*, um *tag* ou forma de checagem que encerra o Movimento de Reação, busca a aprovação discursiva do interlocutor, no caso Lúcia, numa espécie de automonitoramento da fala de Lena (URBANO, 2006; FONTES; PEZATTI, 2011).

Já em (3-25b-c), o Ato Interativo *ainda bem* integra o único Movimento produzido pelo Falante, numa relação de equipolência com o Ato Declarativo anterior, isto é, a avaliação positiva expressa por *ainda bem* se dá em relação ao conteúdo do Ato declarativo anterior: em (3-25b), o Falante expressa, em meio ao Movimento, sua positividade em relação ao fato de *ela só ter um filho e ter maninhado*, enquanto, em (3-25c), o Falante finaliza seu Movimento ao expressar sua avaliação positiva em relação à informação de *ser um mundo estranho*.

O estatuto de Ato Interativo de *ainda bem* é mais evidente se considerarmos as ocorrências em (3-26).

- (3-26) a Mesmo sem jamais se ter deparado com alguma ocasião de vê-lo sofrer sorrindo - **e *ainda bem!*** - e às vezes afracada vacilando, Arcanja bota fé e avaliza a justa fama: Vespasiano foi sobretudo - e muito bem destaca-do - homem de prol e primevo no rude trato com as dores! (19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)
- b JN - Mas neste Governo a ministra Elisa Ferreira domina os dossiers do Ave.. JC - **E *ainda bem.*** Nós fizemos um trabalho muito interessante, de planeamento do território, com um interlocutor de cada um dos ministérios envolvidos neste processo em consonância com as autarquias. (19Or:Pt:Intrv:Jrnl)

O conectivo *e*, em (3-26a-b), assinala a adição de uma nova ação comunicativa, expressa por meio do Ato Interativo *ainda bem*, ao desenrolar da interação e do Movimento: em (3-26a), a nova ação comunicativa interrompe o fluxo do tópico que está sendo desenvolvido pelo Falante, o que confere a *ainda bem* o estatuto de parênteses; já em (3-26b), *ainda bem* inicia o Movimento de Reação de JC à afirmação posta anteriormente por JN sobre *a ministra Elisa Ferreira dominar neste Governo os dossiers do Ave.* O estatuto parentético de *ainda bem* em (3-26a) e a sua introdução pelo conectivo *e* em (3-26a-b) nos apontam para seu estatuto como “unidade mínima do comportamento comunicativo” (KROON, 1995, p. 65), isto é, como um Ato Discursivo, especificamente um Ato Interativo.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 77) afirmam que muitos Atos Interativos podem ser expandidos por um Conteúdo Comunicado, e é isso o que acontece com *ainda bem* nas ocorrências em (3-27).

- (3-27) a Solange Castro - Rs.. E pensar que vi o povo vibrar, suar, sorrir com "Pelos tabelas" e outras maravilhas poética do samba carioca.. E desnecessário - hoje em dia os analfabetos que ordenam o que será gravado fica com medo de colocar coisas interessantes porque acha que nosso povo é burro. Claudia Telles - Pois é, ***ainda bem que ainda existem rádios que não se corrompem e tocam o que tem de bom na nossa música.*** (19Or:Br:Intrv:ISP)
- (A_I: [(F_I: *ainda_bem*_{Int} (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A (C_I: – ainda existem rádios que não se corrompem e tocam o que tem de bom na nossa música – (C_I))_φ] (A_I))
- b L₁- Eu devia ter invadido sua casa quando soube que você estava doente.
L₂- ***Ainda bem que não fez isso!*** (19:Fic:Br:Amaral:Amigos)
- (A_I: [(F_I: *ainda_bem* (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A (C_I: – não fez isso – (C_I))_φ] (A_I))
- c L₁- Dona Olívia se sentiu mal e vieram buscá-la no sábado.
L₂- ***Ainda bem que a ajudaram!*** - exclamou a falsa doutora. (19:Fic:Br:Rey:Crimes)
- (A_I: [(F_I: *ainda_bem* (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A (C_I: – a ajudaram – (C_I))_φ] (A_I))

Em (3-27), temos algo bastante similar ao exemplo trazido por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 77) em (3-28). Segundo os autores, para que ocorra esse tipo de expansão, requer-se que o Conteúdo Comunicado contenha informação pressuposta.

(3-28) Congratulations on winning the race!

(A_I: [(F_I: Congratulations (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A (C_I: – on winning the race – (C_I))_φ] (A_I))

Em (3-27a), o Falante, no caso Claudia Telles, inicia seu Movimento de Reação demonstrando estar de acordo com o que foi dito pelo seu interlocutor, no caso Solange Castro. Abre-se esse Movimento de Reação, então, com o Ato Interativo *pois é*. Segue a essa ação comunicativa outro ato de comunicação, o Ato Interativo *ainda bem*, que, na expressão de uma avaliação positiva, é expandido pelo Conteúdo Comunicado *ainda existem rádios que não se corrompem e tocam o que tem de bom na nossa música*.

Já em (3-27b), a declaração de L₁ de que *deveria ter invadido a casa de L₂ quando soube que estava doente* provoca uma reação em L₂: uma avaliação positiva acerca do fato de isso não ter acontecido, ou melhor, de que *L₁ não fez isso*. Por fim, em (3-27c), a declaração de L₁ de que *buscaram D. Olivia no sábado* provoca o contentamento de L₂, que o expande com uma informação pressuposta (a de que *a ajudaram*).

Em síntese, *ainda bem*, enquanto interjeição, integra o inventário de Lexemas disponíveis na língua e sua entrada, para a gramática, se dá por meio da operação de formulação, pelo Nível Interpessoal, ocupando o núcleo da Ilocução de um esquema de Ato Interativo. Do Nível Interpessoal, o Ato Interativo é mandado diretamente para o Nível Fonológico; quando se encontra expandido por um Conteúdo Comunicado, somente a porção expansiva recebe representação no Nível Representacional e formalização no Nível Morfossintático. Assim, é somente no Nível Morfossintático que a conjunção gramatical *que* é inserida para preficiar a Oração ou Sintagma que expande a forma interjetiva.

2.3. A forma *ainda mais*

Com base em Gritti (2008), que associa a forma *ainda mais* ao valor inclusivo, parafraseando-a por *principalmente*, assumimos que tal forma constitui um expediente formal que reflete o papel de uma unidade linguística dentro da interação, ou melhor, trata-se de um mecanismo linguístico usado pelo Falante para modelar sua mensagem tendo em vista suas expectativas em relação ao estado mental do Ouvinte. Nas ocorrências em (3-29), *ainda mais* confere certo estatuto informativo a constituintes ou porções textuais, tendo por base o contexto comunicativo maior em que são usados.

- (3-29) a Ter pobres na África, na América Latina, na Ásia - ***ainda mais pobres analfabetos*** - infelizmente, é uma forma de reforçar a dominação do atual modelo econômico-político. (19Or:Br:Intrv:Web)
- b Aquela segunda visão me fez lembrar da carta que o psiquiatra me entregara. Eu já tinha adiado ao máximo. Não podia estender mais aquela espera, ***ainda mais se o tumor estivesse se manifestando***. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

De modo geral, em (3-29), *ainda mais* materializa a seleção de uma porção correta de informação a partir de uma gama de possibilidades. Em (3-29a), o Falante destaca e/ou seleciona uma parte específica do conjunto de *pobres na África, na América, na Ásia*, no caso os *pobres analfabetos*, isto é, o Subato Referencial *pobres analfabetos*, sob o escopo de *ainda mais*, opera uma redução na abrangência referencial de *pobres na África, na América Latina, na Ásia*, configurando o que Jubran (2006) denomina de *inserção parentética de ressalva*.

Já em (3-29b), do conjunto de condições que levariam o Falante a *não poder estender mais a espera*, *ainda mais* assinala a seleção estratégica da condição de *o tumor estar se manifestando*. Nesse caso, fica implicado um conjunto de condições que possivelmente poderiam afetar a ocorrência do evento expresso no segmento anterior; desse conjunto implicado, *ainda mais* materializa a seleção de uma condição específica.

Seguindo as considerações de Ilari (2002b, p. 183), podemos descrever a forma *ainda mais* a partir das seguintes propriedades:

- (i) *ainda mais* não se aplica somente a constituintes da oração (cf. (3-29a)), mas também à oração/sentença como um todo (cf. (3-29b));
- (ii) *ainda mais* explicita que um segmento proporciona informação mais exata que a média do texto, isto é, formaliza a seleção, operada pelo Falante, de informações mais corretas e exatas para preencher a informação pragmática do Ouvinte;
- (iii) *ainda mais* estabelece uma comparação implícita com algum modelo ou parâmetro recuperável no co(n)texto, ou seja, tal forma instaura uma comparação ou um contraste implícito com um modelo recuperável no co(n)texto. Em (3-29a), por exemplo, *pobres analfabetos* contrasta com o conjunto de *pobres na África, na América Latina, na Ásia*, informação recuperável no próprio cotexto. Em (3-29b), por outro lado, a condição de *o tumor estar se manifestando* contrasta com um conjunto de outras condições possíveis que, naquele contexto, ficam implícitas.

Por outro lado, seguindo as considerações de König (1991), pode-se dizer que *ainda mais* quantifica um conjunto de alternativas agregadas ao valor da expressão escopada pela forma. Em (3-30a), por exemplo, *ainda mais* assinala a seleção da circunstância de *estar desfigurado* para justificar a dificuldade em *ver suas feições*; essa seleção é feita a partir de um conjunto de circunstâncias que, naquele contexto, ficam implicadas, sendo uma delas o fato de *ele estar numa sala fria e escura*. Dessa forma, podemos dizer que, em (3-30a), *ainda mais* destaca o conteúdo *estar desfigurado* e, ao mesmo tempo, a interação entre *ainda mais* e seu escopo não só assevera (3-30b), mas também implica (3-30c), permitindo a substituição de uma informação β por um quantificador como *alguma outra circunstância além de β* .

- (3-30) a Quando o encontrei pela primeira vez, ele estava numa sala fria e escura, o que dificultava ver suas feições, ***ainda mais por estar desfigurado***. Não sei se teria ido em frente se tivesse visto seu rosto da primeira vez. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)
- b *Estar desfigurado* dificultava ver suas feições.
- c *Alguma outra circunstância além de estar desfigurado* dificultava ver suas feições.

À luz das propostas de Dik (1997a) e Hengeveld e Mackenzie (2008), *ainda mais* figura como um marcador de função pragmática. Segundo Dik (1997a), trata-se da marcação de Foco Seletivo, um tipo específico de Foco Contrastivo. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), que, como já assinalamos, distinguem Foco de Contraste, *ainda mais* constitui um mecanismo de atribuição da função pragmática Contraste, especificamente de Contraste Seletivo, conforme tipologia de Pezatti (2014).

O escopo de *ainda mais*, enquanto função Contraste Seletivo, pode ser o Subato Referencial (cf. (3-31a)), o Subato Atributivo (cf. (3-31b-c)) ou o Conteúdo Comunicado (cf. (3-31d-e)).

- (3-31) a eu achava mais fácil...porque o estudante...eram:...mais tímidos...eu achava que o estudante ***ainda mais o estudante de medicina*** o primeiro doente que ele pegava ele já não t/ tinha como se comunicar com o doente (SSA-EF-049)
(+id, +s R₁: estudante de medicina (R₁)_{ContSel})
- b éh: tá lá quer dizer eu não sei que tipo de ((ri)) - porque esses problema de saúde de criança ***ainda mais abandonada*** eu acho que é o problema mais sério que a gente tem né? no Brasil (19Or:Br:LF:Recf)
(T₁: abandonada (T₁)_{ContSel})
- c Apesar do constrangimento que a sua determinação causou no meio do jantar, ninguém ousou contrariá-lo, como os personagens que não se revoltam contra o autor, eu pensei, incomodado com aquela situação absurda, já que era evidente que ele não tinha condições de ir ao vilarejo sozinho, ***ainda mais à noite***, e dirigindo (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)
(T₁: noite (T₁)_{ContSel})
- d Para espanto da família o emissário jamais tocou no assunto dote, comércio fundamental para a concretização de qualquer casamento, ***ainda mais sendo o consorte um banqueiro endinheirado e afobado***. O homem parecia também não entender do que tradicionalmente se supunha ser o enxoval de uma donzela. (19:Fic:Br:Comparato:Guerra)
(C₁: ser o consorte um banqueiro endinheirado e afobado (C₁)_{ContSel})
- e O bilhete chegou, a princesa precisa se embrenhar pela calada da noite e eu sou o mensageiro do poder divino e do poder temporal. Que tudo tome seu curso, ***ainda mais que de frei vou ser designado a cônego e, quem sabe, bispo***. Bateu na porta. (19:Fic:Br:Novaes:Mao)
(C₁: de frei vou ser designado a cônego e, quem sabe, bispo (C₁)_{ContSel})

Nas ocorrências em (3-31), *ainda mais* sinaliza a seleção de uma parte de informação a partir de um conjunto que está expresso no cotexto ou que fica implicado no contexto. Em (3-31a-b), temos casos de ressalva, em que *ainda mais*, ao destacar e selecionar o Subato Referencial *o estudante de medicina* (cf. (3-31a)) e o Subato Atributivo (cf. (3-31b)) *abandonada*, promove uma restrição da abrangência referencial de um Subato anteriormente expresso, no caso, respectivamente, *o estudante* e *criança*.

Já em (3-31c-e), *ainda mais* seleciona uma determina circunstância a partir de um conjunto possível de circunstâncias implicadas naquele contexto. Em (3-31c), por exemplo, seleciona-se a circunstância temporal *à noite*, entre tantas outras possíveis, para mostrar que *ele não tinha condições de ir ao vilarejo sozinho*. Por outro lado, em (3-31d), o fato de *o consorte ser um banqueiro endinheirado e afobado* é destacado a partir de tantas outras circunstâncias para justificar o espanto da família. Por fim, em (3-31e), dentre tantas justificativas possíveis, a de *ser designado a cônego e, quem sabe, bispo* ganha destaque para que *tudo tome seu curso*.

Há outro significado associado ao uso de *ainda mais*: o de *escalaridade*. O que se deve ressaltar, nesse caso, é que *ainda mais* estabelece um Contraste Seletivo de base escalar, isto é, tal forma, nos termos de König (1991), seleciona alternativas que são ordenadas, de alguma maneira, em relação ao valor do elemento focal. *Ainda mais*, assim, instaura uma escala pragmática a partir da qual se seleciona a peça de informação de maior relevo ou destaque em comparação a outras alternativas ali implicadas.

Em (3-31a-b), por exemplo, do conjunto de estudantes e/ou crianças possíveis evocados pelos Subatos Referenciais *o estudante* e *criança*, seleciona-se o de maior importância ou destaque para aquele momento discursivo, respectivamente *o estudante de medicina* e *abandonada*. Já em (3-31c-e), do conjunto de circunstâncias possíveis que naquele contexto ficam implicadas, *ainda mais* promove a seleção daquelas de maior peso para

mostrar que *ele não tinha condições de ir ao vilarejo sozinho* (cf. (3-31c)), para justificar o *espanto da família* (cf. (3-31d)) e para que *tudo tome seu curso* (cf. (3-31e)).

Nos termos de Schwenter (2000), *ainda mais* é uma partícula escalar absoluta, já que necessariamente marca o ponto final de uma escala pragmática. Em (3-32), por exemplo, o escopo de *ainda mais* está sobre o Conteúdo Comunicado de *a coisa apertar*. Nessa ocorrência, o evento de *a coisa apertar* é selecionado como a circunstância temporal mais proeminente, dentre tantas outras possíveis, para o acontecimento de *a vida depende da oferta*. Assim, *ainda mais*, nesse contexto, estabelece uma escala de circunstâncias que afetam o evento de *a vida depender da oferta* e seleciona a circunstância mais extrema dessa escala para trazer ao fluxo discursivo.

- (3-32) Parece que discutiam a possibilidade de vender o próprio corpo. As duas defendiam, rindo, a idéia de que tudo na vida depende da oferta, "***ainda mais quando a coisa apertar***". O armador aposentado garantia que não hesitaria nem um minuto em vender o seu, no caso de necessidade e, é lógico, se alguém ainda se dispusesse a comprá-lo. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

Como se pode observar, *ainda mais*, no Nível Interpessoal, corresponde a uma função pragmática, especificamente Contraste Seletivo, associando-se a um valor escalar absoluto. Nesse nível, *ainda mais* contrai relações de escopo com duas camadas pragmáticas, o Subato (Referencial ou Atributivo) e o Conteúdo Comunicado, o que determina seu domínio morfossintático de codificação: no domínio do Sintagma (cf. (3-33a-c)) ou no domínio da Expressão Linguística (cf. (3-33d)).

Quando seu escopo é o Subato Referencial, *ainda mais* antecede um Sintagma Nominal (N_P; cf. (3-33a)); já quando seu escopo é o Subato Atributivo, *ainda mais* antecede o Sintagma Adjetival (Adj_P; cf. (3-33b)) ou o Sintagma Adverbial (Adv_P; cf. (3-33c)). Por fim, quando seu escopo é o Conteúdo Comunicado, *ainda mais* antecede uma Oração (Cl; cf. (3-33d)).

- (3-33) a É perigoso e arriscado para qualquer ser humano depender de uma única pessoa. De um único confidente. **Ainda mais um poderoso como o papa.** (19:Fic:Br:Comparato:Guerra)
 NI: (+id,-s R₁: poderoso como o papa (R₁)_{ContSel})
 NM: (N_p: [(G_w: ainda_mais_{part} (G_w)) (N_p: um poderoso como o papa (N_p))] (N_p))
- b Enxerga-se, no semblante insolente, que o figurão se indaga, descansado: pra que despende fumaça com uma criatura indesejável, **ainda mais assim fragilizada?** (19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)
 NI: (T₁: assim fragilizada (T₁)_{ContSel})
 NM: (Adj_p: [(G_w: ainda_mais_{part} (G_w)) (Adj_p: assim fragilizada (Adj_p))] (Adj_p))
- c “Diretamente de Deus, já que sou muito religioso e Deus costuma recompensar seus servos fiéis”, dizia, insistindo ao mesmo tempo com M, que sempre cultivara a imagem de efebo, **ainda mais naquela época**, quando era jovem, que tirasse pelo menos a camisa. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)
 NI: (T₁: naquela época (T₁)_{ContSel})
 NM: (Adv_p: [(G_w: ainda_mais_{part} (G_w)) (Prep_p: naquela época (Prep_p))] (Adv_p))
- d Continuem procurando. Se esse cara sumir, vamos ser ridicularizados, ele esteve em nossas mãos. Desaparecer em seguida ao assassinato da mãe de Rose era muita coincidência, **ainda mais quando a seu favor havia apenas “uma cara que não era de assassino”** (19:Fic:Br:Garcia:Silencio)
 NI: (C₁: quando a seu favor havia apenas “uma cara que não era de assassino” (C₁)_{ContSel})
 NM: (Le: [(G_w: ainda_mais_{part} (G_w)) (Cl: quando a seu favor havia apenas “uma cara que não era de assassino” (Cl))] (Le))

Em termos de ordenação, *ainda mais*, enquanto função (pragmática) no Nível Interpessoal e, portanto, um constituinte hierarquicamente superior, ocupa uma posição fixa, especificamente a posição inicial (P^I) do Sintagma que integra (cf. (3-34a-c)) ou a posição anterior à Oração (cf. (3-34d)), no caso P^{pré}.

- (3-34) a
- | | |
|-------------------|-------------------------|
| P ^I | P ^M |
| ainda mais | um poderoso como o papa |
- b
- | | |
|-------------------|-------------------|
| P ^I | P ^M |
| ainda mais | assim fragilizada |
- c
- | | |
|-------------------|----------------|
| P ^I | P ^M |
| ainda mais | naquela época |
- d
- | | |
|-------------------|---|
| P ^{pré} | P ^{centro} |
| ainda mais | quando a seu favor havia apenas “uma cara que não era de assassino” |

Em síntese, *ainda mais*, forma fixa do português, integra o inventário da língua como forma gramatical e, assim, corresponde, no Nível Interpessoal, a uma função pragmática, no caso Contraste Seletivo, com escopo sobre o Subato ou sobre o Conteúdo Comunicado. No Nível Morfossintático, *ainda mais* pode integrar os padrões do Sintagma e da Expressão, a depender de seu escopo no Nível Interpessoal. Isso, de certa forma, influi sobre sua ordenação, que se fixa ou na posição P^I do Sintagma, ou em P^{Pré} da Expressão Linguística.

2.4. A forma *ainda que*

Junto a tantos outros autores (cf. BARRETO, 1999; FERREIRA, 2011; LONGHINTHOMAZI, 2004; 2005), defendemos que *ainda que* é um conectivo que promove a articulação entre Orações (cf. (3-35a)) ou entre Sintagmas (cf. (3-35b)).

- (3-35) a A peça faz sua primeira apresentação sem a verba de incentivo à produção teatral que deveria receber como prêmio da Secretaria de Estado da Cultura. Infelizmente, **o dinheiro não chegou a tempo, *ainda que* o governo estadual tenha anunciado oficialmente o repasse imediato de 60% do valor.** (19N:Br:PA)
- b Para nossa agradável surpresa, a Fiesp e Abimaq estão registrando melhoras apreciáveis no discurso. Além disso, **há uma recuperação, *ainda que* insuficiente, nas quantidades exportadas de produtos básicos e manufaturados.** (19Or:Br:Intrv:ISP)

Em (3-35a), *ainda que* promove a articula entre a Oração principal *infelizmente, o dinheiro não chegou a tempo* e a Oração subordinada *o governo estadual tenha anunciado oficialmente o repasse imediato de 60% do valor*. Já em (3-35b), *ainda que* articula o Sintagma Adjetival dependente *insuficiente* ao Sintagma Nominal principal *uma recuperação*. Em termos de frequência, entre as cem ocorrências da forma *ainda que*, 75 são casos de articulação de Orações, enquanto 25 são de articulações de Sintagmas.

Zamproneo (2014) distingue, para as orações e conjunções concessivas, além do uso concessivo propriamente dito, outros dois valores de natureza mais pragmática: a restrição e a correção. Numa construção concessiva, articulam-se segmentos numa relação lógico-

semântica em que ficam negadas uma causa e uma condição, ambas pressupostas pelo segmento concessivo. Entre os dois valores mais pragmáticos, tais relações causais e condicionais não mais se sustentam, já que o segmento concessivo não mais nega uma causalidade e/ou uma condicionalidade implicadas pelo segmento nuclear. Na restrição, o segmento restritivo/concessivo restringe a validade do segmento nuclear, e, na correção, o segmento concessivo questiona ou corrige a validade do segmento nuclear.

Partindo de tais considerações, demonstraremos, ao longo desta seção, que orações encabeçadas por *ainda que* podem estabelecer, em relação à oração principal, três tipos de relações: (i) a concessiva-condicional, (ii) a concessiva propriamente dita e (iii) a restrição. Mostraremos também que, entre esses tipos de relações articuladas por *ainda que*, há diferentes graus de vinculação ou de integração oracional, o que evidencia diferentes graus de gramaticalidade da forma *ainda que*. Por outro lado, sintagmas concessivos encabeçados por *ainda que* podem veicular, em relação ao sintagma principal, somente o valor de restrição. Encerra esta seção uma avaliação do estatuto categorial de *ainda que* à luz dos princípios teórico-metodológicos da GDF.

2.4.1. A articulação de orações por meio de *ainda que*

2.4.1.1. A natureza das relações

Nossa proposta de análise aqui se baseia no trabalho de König (1985a; 1985b; 1986) ao distinguir *condicionais*, *concessivas* e *concessivo-condicionais*. Um primeiro ponto abordado pelo autor diz respeito à distinção entre condicionais e concessivas, que se diferenciam pelo tipo de relação implicativa (*entailment*, no inglês) estabelecida entre antecedente (p) e consequente (q). No esquema em (3-36a), tanto o antecedente como o consequente não são implicados pela enunciação da construção condicional *se p, então q*, e, assim, tanto antecedente como consequente são hipotéticos. Já em (3-36c), tanto o

antecedente como o consequente são implicados pela enunciação da construção concessiva *embora p, q*, e, assim, antecedente e consequente são, ambos, factuais.

- (3-36) a **Condicionais:**
 (a) forma típica: *se p, então q*
 (b) implicação: -
- b **Concessivo-condicionais:**
 (a) forma típica: a. *quer p ou não-p, q*
 b. $(Vx) (se p_x, q)$
 c. *mesmo se p, q*
 (b) implicação: q
- c **Concessivas:**
 (a) forma típica: *embora p, q*
 (b) implicação: p, q
 (adaptado de KÖNIG, 1986, p. 234)

Um segundo ponto do trabalho de König (1985a; 1985b; 1986) é a proposição de um terceiro tipo de relação adverbial que compartilha traços das condicionais e das concessivas: as concessivo-condicionais, também chamadas de concessivas impróprias. Na enunciação de construções concessivo-condicionais, conforme esquema em (3-36b), somente o consequente q é implicado, ou seja, ao se enunciar *mesmo se p, q*, o antecedente p é hipotético, e o consequente q é factual. Dessa forma, enquanto construções condicionais são tipicamente hipotéticas, e construções concessivas são tipicamente factuais, construções concessivo-condicionais são tipicamente semifactuais.

As ocorrências em (3-37) ilustram orações articuladas por *ainda que* numa relação concessiva, isto é, *ainda que* articula dois conteúdos que são normalmente incompatíveis entre si (cf. KÖNIG, 1985b, p. 366).

- (3-37) a **O deputado e economista Antônio Delfim Netto gostou das medidas de ajuste, *ainda que* elas necessitem de uma análise mais detalhada.** "Antes tarde do que nunca", disse ele. (19N:Br:Recf)
- b **O bom ator Patrick Tinsit é um executivo que disfarça suas preferências sexuais com a ajuda de uma dona de boate Fanny Ardant (*que ganhou o César de melhor atriz por este filme, ainda que não faça lá grandes coisas*)** (19N:Br:Cur)

Em (3-37a), a proposição central de *o deputado e economista Antônio Delfim Netto gostar das medidas de ajuste* se mantém e é verdadeira apesar da proposição designada pela oração subordinada (*essas medidas necessitar de uma análise mais detalhada*). Já em (3-37b), o fato de *Fanny Ardant não fazer grandes coisas no filme* cria uma série de expectativas, entre elas a de *não ganhar o César de melhor atriz*; esse disjuncto, entretanto, figura como irrelevante, já que a oração principal descreve um resultado que contraria essa expectativa.

König (1985b, p. 4) representa a incompatibilidade entre antecedente e consequente com o seguinte esquema: *embora p, q → se p, então normalmente não-q*. Construções concessivas, portanto, são usadas para asseverar duas proposições que contrariam a suposição de que, normalmente, tais proposições não se dão conjuntamente, ou melhor, a situação descrita em uma oração é uma condição desfavorável para a situação descrita na outra oração (HASPELMATH; KÖNIG, 1998, p. 566).

Em (3-37a), por exemplo, o fato de *as medidas de ajuste necessitar de uma análise mais detalhada* impediria, normalmente, a realização do evento de *o deputado e economista Antônio Delfim Netto gostar das medidas de ajuste*; entretanto, para a realidade descrita em (3-37a), a proposição central ocorre independente da situação desfavorável descrita pela proposição expressa na oração subordinada. O mesmo se aplica a (3-37b): o fato de *Fanny Ardant não fazer grandes coisas no filme* impediria, normalmente, o evento de *ganhar o César de melhor atriz*; entretanto, para a realidade ali descrita, esse impedimento não surte efeito. Assim, podemos representar as ocorrências em (3-37) conforme o esquema da concessão em (3-38).

- (3-38) a se as medidas de ajuste necessitam de uma análise mais detalhada (p) → então normalmente o deputado e economista Antônio Delfim Netto não gostaria dessas medidas (q)
- b se a atriz não faz lá grandes coisas (p) → então normalmente não ganharia o César de melhor atriz (q)

As ocorrências em (3-39), por outro lado, são casos de construções concessivo-condicionais com *ainda que*. As orações encabeçadas por *ainda que* em (3-39) são descritas por Neves (2011) como eventuais ou potenciais, ou melhor, com base em Hengeveld (1998), podemos dizer que as orações encabeçadas por *ainda que* em (3-39) são não-factuais: elas designam proposições irreais, proposições que, frente à referência temporal instaurada pelo evento expresso na proposição principal, não são verdadeiras, mas projeções possíveis para um momento posterior. Em síntese, as construções em (3-39) articulam uma oração subordinada de caráter hipotético a uma oração principal de caráter factual.

- (3-39) a Para o PAN tampouco será uma vitória, porque ***ainda que obtenha uma votação nacional de mais de 30%, perderá no Distrito Federal.***(19Or:Br:Intrv:ISP)
- b Delfino tinha um grande respeito pela mulher quando resolvia fazer alguma coisa. Sabia, por exemplo, que ***ela ia discutir o caso dele, Delfino, com padre Estêvão, ainda que o mundo viesse abaixo.*** (19:Fic:Br:Callado:Madona)

As construções concessivo-condicionais em (3-39), em virtude de sua natureza e dos traços que compartilham, podem ser situadas junto a um espaço nocional entre a condicionalidade e a concessividade. Em relação aos traços condicionais, essas construções estabelecem um vínculo condicional entre a oração introduzida por *ainda que*, oração que exprime uma condição, e a oração principal, oração que exprime o que é condicionado: em (3-39a), por exemplo, o fato de *obter uma votação nacional de mais de 30%* é uma condição desfavorável para a realização da situação de *perder no Distrito Federal*; já em (3-39b), a proposição de *o mundo vir abaixo* figura como uma condição desfavorável para *a mulher de Delfino discutir seu caso com padre Estêvão*.

O valor concessivo dessas construções se evidencia pelo fato de a oração principal ocorrer independentemente da situação desfavorável hipotética expressa na oração introduzida por *ainda que*: em (3-39), a realização das situações de *perder no Distrito Federal* (cf. (3-39a)) e de *a mulher de Delfino discutir seu caso com padre Estêvão* (cf. (3-39b)) independe

da realização das condições desfavoráveis de *obter uma votação nacional de mais de 30% e de o mundo vir abaixo*.

A diferença entre condicionais e concessivo-condicionais recai, conforme König (1985a; 1985b; 1986), sobre a natureza da oração concessivo-condicional: nas construções concessivo-condicionais, ao contrário das condicionais, não é somente uma única condição que se articula à proposição principal; essa proposição, na verdade, articula-se a um conjunto de condições expressas explícita ou implicitamente pela oração concessivo-condicional. Assim, em (3-39a), a condição desfavorável de *obter uma votação nacional de mais de 30%* implica outras condições desfavoráveis para a realização do fato de *perder no Distrito Federal*; o mesmo se aplica a (3-39b): a condição de *o mundo vir abaixo* é uma, entre tantas, que desfavorecem a realização de *a mulher de Delfino discutir seu caso com padre Estêvão*.

Ao implicar, em relação às orações principais, outra série de condições desfavoráveis, as orações concessivo-condicionais de (3-39) assinalam as condições desfavoráveis mais extremas dentro de uma escala (que fica, no contexto, implicada), o que mostra a associação de um valor escalar às orações concessivo-condicionais encabeçadas por *ainda que*.

As concessivo-condicionais escalares, conforme Haspelmath e König (1998), caracterizam a condição expressa pela oração concessivo-condicional como um valor extremo frente ao conjunto de condições a que se relaciona a proposição principal, de modo que, ao se asseverar a condição para os casos extremos, implica-se que ela também se aplica aos casos menos extremos.³ Em (3-39a), por exemplo, o evento de *obter uma votação nacional de mais de 30%* é uma condição extrema frente a outras condições que, naquele contexto, ficam implícitas; na construção concessivo-condicional escalar ali expressa, o evento de *perder no*

³ Haspelmath e König (1998) distingue, além das concessivo-condicionais escalares, as concessivo-condicionais alternativas, cuja prótase contém uma junção de dois segmentos condicionais que se diferem pelo fato de o segundo segmento ser a versão negada do primeiro, e as concessivo-condicionais universais, cuja prótase, ao trazer uma quantificação sobre a proposição designada, deixa implícita uma série de outros valores.

Distrito Federal se mantém independente da condição extrema expressa pela prótase ou de qualquer outra condição menos extrema que essa prótase implica.

Dessa forma, nas ocorrências em (3-39), ficam evidentes: (i) o vínculo condicional entre as orações articuladas por *ainda que*, uma vez que a realização da proposição principal é totalmente condicionada à realização da proposição concessivo-condicional; (ii) a natureza escalar da oração concessivo-condicional, especificando um valor extremo para a condição ali expressa; e (iii) o vínculo concessivo entre as orações, já que a articulação se dá entre uma condição desfavorável para a realização do segmento principal, ou seja, articulam-se dois segmentos incompatíveis.

Portanto, em construções concessivo-condicionais, *ainda que* apresenta o que Neves (1999, p. 590) chama de duplo papel semântico: ela expressa uma condição hipotética (valor condicional eventual), cuja relevância para o cumprimento da proposição da oração nuclear é, ao mesmo tempo, negada (valor concessivo). Segundo Kortmann (1997, p. 203), a concessão, enquanto relação entre orações mais complexa, desenvolve-se tardiamente em relação à causa e à condição. Conforme o próprio autor afirma, subordinadores com leitura secundária de causa ou de condição e leitura primária de concessão são raros de serem encontrados. A polifuncionalidade de subordinadores no domínio CCC está subordinada à seguinte hierarquia implicacional: condicional > concessivo-condicional > concessiva. Assim, um subordinador polifuncional só pode marcar duas das relações alocadas nessa hierarquia implicacional: ou condicional e concessivo-condicional, ou concessivo-condicional e concessiva. No português, conforme demonstramos, a forma *ainda que* se enquadra no segundo caso.

Além dos valores concessivo-condicional e concessivo, *ainda que* pode articular orações numa relação de natureza mais pragmática, especificamente, conforme define Zamproneo (2014), a relação de restrição, de que são exemplos as ocorrências em (3-40).

- (3-40) a Ela já tinha partido e nada sofreu. Tenta ultrapassar as convenções, ainda que uma única vez, em nome de algo mais humano. Não te ofendas. **Esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez. Ainda que te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha.** Somos como nuvens. Elas passam e se misturam, se confundem umas nas outras. Não vamos ficar. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)
- b Segundo: só com princípios éticos e morais tu não vai conseguir. **Tu precisa, também, princípios técnicos de jornalismo, que tu começa a aprender no interior e, depois, aprimora em Porto Alegre, ainda que tu não tenha a faculdade de jornalismo.** Eu tenho convicção de que, se eu tivesse feito a faculdade, talvez eu pudesse ser um jornalista com mais qualidade. (19Or:Br:Intrv:Web)

Nas ocorrências em (3-40), o conteúdo das orações introduzidas por *ainda que* não representa um obstáculo para a realização do que está descrito nas orações principais. Há, na verdade, um obstáculo para a realização do Ato Discursivo expresso pelo Falante na oração principal. Em (3-40a), por exemplo, a oração encabeçada por *ainda que* não traz uma circunstância desfavorável para a proposição expressa na oração principal, mas sim para a ordem que essa oração expressa num âmbito mais discursivo. Em (3-40b), é a declaração performada pelo Falante na oração principal que encontra, num âmbito mais discursivo, um obstáculo para sua enunciação, expresso na oração encabeçada por *ainda que*.

Com base em Zamproneo (2014), vemos que, em (3-40), o segmento concessivo introduzido por *ainda que* enfraquece a força argumentativa do segmento principal, isto é, o segmento concessivo restringe qualquer conclusão que se possa tirar a partir do segmento principal. Em (3-40a), o Falante traz uma restrição à ordem de *esquecer os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez*: a de *o pedido parece obsceno* ao interlocutor. Já em (3-40b), a informação de que *o interlocutor não tem a faculdade de jornalismo* enfraquece a força argumentativa da declaração anterior, a de *o interlocutor precisa de princípios técnicos de jornalismo*. Assim, em (3-40), não temos casos de concessivas propriamente ditas, mas sim uma relação mais discursivo-pragmática, como a restrição.

Em síntese, podemos observar que a distinção entre concessivo-condicionais, concessivas e restritivas encabeçadas por *ainda que* reside em dois parâmetros discutidos em Hengeveld (1998): (i) entidade designada pela oração adverbial e (ii) factualidade.

Com base em (i), é possível distinguir concessivo-condicionais e concessivas de restritivas. As concessivo-condicionais e concessivas descrevem um Conteúdo Proposicional (cf. (3-41)), isto é, um construto mental que não existe no espaço ou no tempo, mas está presente na mente dos falantes; já as restritivas (cf. (3-40)) são Atos Discursivos, isto é, “são unidades mínimas do comportamento comunicativo” (KROON, p. 1995, p. 65).

- (3-41) a De acordo com Landau, ***ainda que fosse possível medir o que se deverá perder de receita por conta da crise***, é correta a manutenção do cronograma já traçado. (19N:Br:Recf)
- b A conta, no nome de uma ex-namorada do filho do sócio brasileiro, tinha sido desativada. De início, ficou perplexa, e demorou a aceitar, mas quando passou a receber as ameaças anônimas, que lhe diziam para voltar para os Estados Unidos, entendeu finalmente, ***ainda que fosse difícil imaginar que ele nunca tivesse lhe dito nada***. Desde o início, tudo tinha sido um mero problema de imaginação. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

Em (3-41a), o Falante admite que a hipotética ideia de *medir o que se se deverá perder de receita por conta da crise* não interfere na *manutenção do cronograma já traçado*, ideia avaliada por ele como correta. Já em (3-41b), o fato descrito na oração principal, o de *entender finalmente*, se dá independentemente da situação desfavorável criada na mente do falante, a de *ser difícil imaginar que ele nunca tivesse lhe dito nada*.

Essas duas ocorrências mostram que, em construções concessivo-condicionais e concessivas, *ainda que* articula dois conteúdos de natureza proposicional, isto é, dois conteúdos que necessariamente passam pela avaliação do falante. Já no caso da restrição, como se nota em (3-40), ambos segmentos articulados são Atos Discursivos. Em (3-40a), o estatuto de Ato dos segmentos articulado é mais evidente, uma vez os dois apresentam

ilocuções diferentes: o segmento nuclear designa um ato imperativo, enquanto o segmento restritivo designa um ato declarativo.⁴

O parâmetro (ii), por outro lado, permite distinguir concessivo-condicionais de concessivas e restritivas, já que as concessivo-condicionais, ao designarem uma proposição hipotética e, assim, não-real, são não-factuais, enquanto as concessivas e restritivas, ao designarem, respectivamente, uma proposição verdadeira/real e um Ato assertivo, são factuais. A conjugação entre esses dois parâmetros e a sua contribuição para essa distinção tripartida se encontra representada no quadro 3-1 abaixo.

Construções com <i>ainda que</i>	Entidades articuladas	Factualidade
Concessivo-condicional:	p – p	Não-factual
Concessiva:	p – p	Factual
Restritiva:	A – A	Factual

Quadro 3-1. Distinções entre concessivo-condicionais, concessivas e restritivas com *ainda que*

2.4.1.2. Graus de integração entre orações articuladas por *ainda que*

A polifuncionalidade de *ainda que* entre a concessão-condicional e a concessão se reflete no grau de integração entre as orações articuladas. Galbiatti (2008), ao investigar o grau de gramaticalidade das perífrases conjuncionais *já que* e *agora que*, afirma que a investigação do grau de integração reflete o estágio de mudança de uma perífrase conjuncional à medida que quanto maior for a integração entre a oração hipotática e a nuclear, mais avançado o processo de gramaticalização. Aplicando isso ao caso de *ainda que*, devemos lembrar que König (1985b) e Kortmann (1997) consideram as sentenças concessivo-condicionais como origem histórica de concessivas.

⁴ Conforme discutiremos mais detalhadamente na seção 1.3., essa distinção, na GDF, é operada na formulação da Expressão Linguística e reflete-se em termos de nível e camadas envolvidas na formulação da Expressão Linguística. No caso das concessivo-condicionais e concessivas, a articulação entre a oração encabeçada por *ainda que* e a oração principal se dá no Nível Representacional, sendo que as duas orações articuladas designam Conteúdos Proposicionais. No caso da restrição, a articulação entre as duas orações se dá no Nível Interpessoal, já que *ainda que* articula dois Atos Discursivos. Esses dois padrões funcionais trazem consequências para o estatuto categorial de *ainda que* enquanto primitivo da formulação.

Dessa forma, ficam-nos duas hipóteses: (i) o grau de articulação entre orações com *ainda que* concessivo é maior do que o grau de articulação entre orações com *ainda que* concessivo-condicional; em decorrência disso, (ii) o estatuto gramatical de *ainda que* concessivo é maior que o de *ainda que* concessivo-condicional.

Para desenvolver essa ideia, pautamo-nos, principalmente, nas proposições de Givón (2001) e Lehmann (1988) e nos trabalhos de Sousa (2007) e Galbiatti (2008). Seleccionamos quatro parâmetros para avaliar o grau de vinculação entre os diferentes tipos de orações articuladas por *ainda que*, dois de natureza mais semântico-cognitiva – referência temporal e identidade de participantes –, e outros dois de natureza mais formal – forma verbal da oração encabeçada por *ainda que* e expressão formal do sujeito.

Givón (2001, p. 40) se debruça principalmente sobre as dimensões sintáticas e semânticas da complementação e avalia diferentes graus de integração entre uma oração completiva e sua oração matriz. A predição mais central de seu trabalho é a de que “quanto mais forte é a ligação semântica entre dois eventos, mais extensiva será a integração sintática de duas orações em uma única (embora complexa).”⁵ Segundo o autor, esse princípio não se aplica somente à complementação, e, seguindo tal afirmação, assim como o faz Galbiatti (2008), aplicamo-lo às orações adverbiais aqui estudadas.

Lehmann (1988), por outro lado, examina aspectos envolvidos na formação de uma sentença complexa, lançando mão de um conjunto de parâmetros sintático-semânticos para avaliar o grau de ligação entre orações. Sousa (2007), na análise de construções completivas introduzidas por *se*, parte das considerações de Givón (2001) e de Lehmann (1988) para avaliar o grau de vinculação sintático-semântico entre o complemento oracional introduzido por *se* e a oração matriz. Nossa ideia aqui é seguir nesse caminho para avaliar os diferentes

⁵ No original: “The stronger is the *semantic bond* between the two events, the more extensive will be the *syntactic integration* of the two clauses into a single though complex clause.” (GIVÓN, 2001, p. 40)

graus de integração/vinculação entre uma oração concessivo-condicional ou concessiva introduzida por *ainda que* à oração principal.

2.4.1.2.1. Referência temporal

Segundo Givón (2001), a referência temporal é um dos fatores relevantes para avaliar, num domínio semântico, a integração entre a oração completiva e a matriz. Para o autor (GIVÓN, 2001, p. 45), “quanto mais cotemporais são dois eventos, maior é a probabilidade de que eles não sejam independentes um do outro, mas que constituam um único evento (embora complexo).”⁶

Ao restringir-se à análise de completivas com predicados do tipo manipulativo, Givón (2001) associa a cotemporalidade a sequências temporais prospectivas, em que o evento expresso na oração subordinada se dá em momento temporal posterior ao evento expresso na oração principal. Para Sousa (2007), é possível estender essa noção de Givón (2001) e abrigar, no conjunto de referências cotemporais, também as sequências temporais simultâneas, em que a ocorrência do evento expresso na oração subordinada é paralela ao momento temporal de ocorrência do evento expresso na oração principal. Dessa forma, seguindo Sousa (2007), consideramos como cotemporais as correlações do quadro 3-2.

(1) presente na principal – futuro na subordinada (2) passado na principal – futuro na subordinada	Sequências temporais prospectivas
(3) presente na principal – presente na subordinada (4) passado na principal – passado na subordinada (5) futuro na principal – futuro na subordinada	Sequências temporais simultâneas

Quadro 3-2. Relações cotemporais (cf. SOUSA, 2007)

Sequências não-cotemporais abrigam correlações como as listadas no quadro 3-3, em que o evento da oração subordinada ocorre em momento temporal anterior ao evento expresso na oração principal.

⁶ No original : “The more co-temporal the two events are, the higher is the probability that they are not independent of each other, but rather constitute a single if complex event.” (GIVÓN, 2001, p. 45)

(1) passado na principal – passado anterior na subordinada (2) presente na principal – passado na subordinada (3) futuro na principal – presente na subordinada (4) futuro na principal – presente na subordinada (5) passado na nuclear – presente na subordinada	Sequências não-cotemporais
--	----------------------------

Quadro 3-3. Relações não-cotemporais (cf. SOUSA, 2007)

Ao analisar as correlações modo-temporais e a referência temporal em construções concessivo-condicionais e concessivas com *ainda que*, devemos atentar para dois fatos:

- (i) diferentemente de Givón (2001), que lida com orações que designam eventos, lidamos aqui com a correlação modo-temporal entre proposições; isso, de certa forma, não gera qualquer problema para nossa investigação, visto que proposições são entidades de ordem superior a eventos, e, na GDF, Conteúdos Proposicionais podem ter como núcleo um ou mais Episódios, os quais, por sua vez, podem ter como núcleo um ou mais Estados-de-Coisas;
- (ii) as formas verbais em orações encabeçadas por *ainda que* se flexionam no Subjuntivo, e nem sempre a perspectiva temporal da proposição ali descrita corresponderá à da forma flexionada do verbo. Segundo Matte Bon (1995, p. 57), o tipo de operação efetuada pelos tempos do Subjuntivo está mais relacionado a fenômenos metaoperacionais do que à temporalidade, de forma que o Presente do Subjuntivo, por exemplo, pode ter referência prospectiva ou atual, assim como o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, além da referência temporal anterior, pode veicular uma referência temporal prospectiva.

Os dados de construções concessivo-condicionais com *ainda que* nos permitem identificar oito diferentes correlações modo-temporais, dispostas em (3-42).

- (3-42) a **Pretérito Imperfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo**⁷
 - Ora, meu caro amigo - disse Alfredo, de quem Delfino gostava cada vez menos - , ***ainda que não visse mais ninguém, seu Juca Vilanova, grande colecionador de objetos de arte, podia passar o resto da vida vendo os tesouros que acumulou.*** Garanto-lhe que não se cansaria. (19:Fic:Br:Callado:Madona)
- b **Presente do Indicativo + Presente do Subjuntivo**
ainda que isso aconteça, a cobrança é indevida, nestes casos, esclarece Geová Lustosa. (19N:Br:Recf)
- c **Futuro do Presente do Indicativo + Presente do Subjuntivo**
 Para o PAN tampouco será uma vitória, porque ***ainda que obtenha uma votação nacional de mais de 30%, perderá no Distrito Federal.*** O rumo da mudança é confuso. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- d **Infinitivo + Presente do Subjuntivo**
 Mas, acima de tudo, ***ainda que estes espaços não sejam ocupados, seguramente, aperfeiçoar o que estou fazendo, através de muita informação, muita leitura, que é uma coisa básica, fundamental para o jornalista.*** Então, acima de tudo, quero aperfeiçoar o que estou fazendo ocupando outros espaços da Gaúcha. (19Or:Br:Intrv:Web)
- e **Infinitivo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo**
 Pedi a Lena e a Bia que dissessem que eu sempre perguntava por você, na esperança de ***receber uma mensagem, ainda que fosse apenas um abraço,*** mas nunca havia retorno. (19:Fic:Br:Amaral:Amigos)
- f **Presente do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo**
 De acordo com Landau, ***ainda que fosse possível medir o que se deverá perder de receita por conta da crise, é correta a manutenção do cronograma já traçado.*** "Se você cancela o leilão da CPFL, passa uma imagem ruim do Brasil e desvaloriza todo o portfólio (estoque de empresas à venda)" (19N:Br:Recf)
- g **Pretérito Perfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo**
 Eles tinham onde publicar e eram lidos em todo o País. ***Ainda que tivesse ocorrido esse boom mineiro, não houve deslocamento para o Sul.*** Aqui, entre os escritores conhecidos, o número de romancistas é maior. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- h **Futuro do Pretérito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo**
 Provavelmente ***ainda que eu denunciasse seu Juca Vilanova à polícia ninguém me acreditaria,*** mas era o que eu devia fazer. (19:Fic:Br:Callado:Madona)

As construções concessivo-condicionais em (3-42a-b) apresentam sequências temporais prospectivas, já que as proposições concessivo-condicionais, ao ter perspectiva temporal futura, situam-se num momento temporal posterior ao da proposição principal. Em (3-42a), por exemplo, a proposição hipotética de *não se ver mais ninguém* se localiza temporalmente em um momento posterior ao da proposição de *seu Juca não poder passar o*

⁷ Ao trazer o tipo de correlação modo-temporal das construções aqui estudadas, optamos por colocar primeiro o tempo da oração principal e, depois, o tempo da oração subordinada, conforme o seguinte esquema: (tempo da oração principal) + (tempo da oração subordinada).

resto da vida vendo os tesouros que acumulou; dessa forma, a futuridade da proposição concessivo-condicional articula-se à referência temporal pretérita da proposição principal. Já em (3-42b), o Presente do Indicativo situa a proposição principal no momento presente da enunciação, enquanto o Presente do Subjuntivo situa a proposição concessivo-condicional em um momento futuro; trata-se, portanto, da articulação entre uma referência futura e uma referência presente.

Em termos quantitativos, das 23 ocorrências de concessivo-condicionais com *ainda que* analisadas, duas apresentam uma correlação como em (3-42a), o que representa 8,7% dos casos, e quatro apresentam uma correlação como em (3-42b), o que representa 17,4% dos casos. Dessa forma, totaliza-se um número de seis ocorrências de concessivo-condicionais com sequência temporal prospectiva, o que representa 26,1% dos casos.

Por outro lado, em (3-42c-e), as sequências temporais são simultâneas: tanto a proposição concessivo-condicional como a proposição principal tem referência temporal futura, e, portanto, a referência temporal de uma é paralela à da outra. Em (3-42c), por exemplo, a proposição de *perder no Distrito Federal* ocorre, num momento futuro, paralelamente à proposição de *obter uma votação nacional de mais de 30%*. Esse caso de sequência temporal simultânea representa 34,8% dos dados (oito ocorrências).

As ocorrências em (3-42f-h), por fim, apresentam sequências não-cotemporais. Em (3-42f), a proposição principal de *ser correta a manutenção do cronograma já traçado* tem referencial temporal presente, enquanto a proposição concessivo-condicional *ser possível medir o que se deverá perder de receita por conta da crise* tem referência temporal pretérita; há, portanto, uma articulação do tipo *presente na principal + passado na subordinada*, o que representa 8,7% dos dados (duas ocorrências). Já em (3-42g), a proposição principal de *não haver deslocamento para o Sul* tem referência temporal pretérita, e a proposição concessivo-condicional *ocorrer esse boom mineiro* se dá em um passado anterior ao da proposição

principal; trata-se de uma articulação do tipo *passado na principal – passado anterior na subordinada*, com uma única ocorrência (o que representa 4,3% dos dados). Em (3-42h), a proposição principal de *ninguém me acreditar* tem referência temporal futura, e a proposição concessivo-condicional *eu denunciar seu Juca Villanova à polícia* situa-se em um momento anterior ao da proposição principal; a articulação temporal é, portanto, do tipo *futuro na principal – passado na subordinada*, que representa 26,1% dos dados (seis ocorrências).

O quadro 3-4 sistematiza as correlações modo-temporais e a referência temporal em construções concessivo-condicionais com *ainda que*, trazendo dados relativos às suas frequências de ocorrência.

(3-42a)	Pretérito Imp. do Ind. + Pretérito Imp. do Subjuntivo	passado na principal + futuro na subordinada	2 (8,7%)	Sequência temporal prospectiva	6 (26,1%)
(3-42b)	Presente do Indicativo + Presente do Subjuntivo	presente na principal + futuro na subordinada	4 (17,4%)		
(3-42c)	Futuro do Presente + Presente do Subjuntivo	futuro + futuro	8 (34,8%)	Sequência temporal simultânea	8 (34,8%)
(3-42d)	Infinitivo + Presente do Subjuntivo				
(3-42e)	Infinitivo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo				
(3-42f)	Presente do Ind. + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	presente na principal + passado na sub.	2 (8,7%)	Sequência não-cotemporal	9 (39,1%)
(3-42g)	Pretérito Perfeito do Ind. + Pretérito Imp. do Subjuntivo	passado na princ. + passado anterior na sub.	1 (4,3%)		
(3-42h)	Futuro do Pretérito + Pretérito Imperf. do Subj.	futuro na principal + passado na sub.	6 (26,1%)		

Quadro 3-4. Correlação modo-temporal e referência temporal em construções concessivo-condicionais com *ainda que*

Em relação às construções concessivas com *ainda que*, os dados coletados nos permitem identificar 15 diferentes correlações modo-temporais, dispostas em (3-43).

- (3-43) a **Presente do Indicativo + Presente do Subjuntivo**
São filmes que, *ainda que tenham simplicidade na sua história, apresentam produções sofisticadas na sua realização*. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- b **Presente do Indicativo + Gerúndio**
Sem ganância, o presidente Fernando Henrique Cardoso aproveita o bate-boca da Corte para repreender a turma da ganância: "O desastre não está em gastar muito, mas em gastar mal, *ainda que gastando pouco*". (19N:Br:Cur)
- c **Infinitivo + Presente do Subjuntivo**
E daí a provável crítica de C. sobre este texto ser ou não um mero pastiche de M. não ter a menor relevância, *ainda que proceda* de um ponto de vista exterior. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

d **Infinitivo + Gerúndio**

O fato de Monje querer ele mesmo ser o líder da revolução, *ainda que recusando-se a ir para o lugar onde se travava a luta principal*, é questão de pormenor. (19Or:Br:Intrv:Com)

e **Pretérito Perfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo**

De início, ficou perplexa, e demorou a aceitar, mas *quando passou a receber as ameaças anônimas, que lhe diziam para voltar para os Estados Unidos, entendeu finalmente, ainda que fosse difícil imaginar que ele nunca tivesse lhe dito nada*. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

f **Pretérito Perfeito do Indicativo + Gerúndio**

Optei por ser patriótico, *ainda que não sendo* popular. Tive de abandonar o culto à deusa-cadela da popularidade. (19N:Br:PA)

g **Pretérito Imperfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo**

Mas não foi nada brigado, *ainda que eu tivesse lá minhas diferenças com o Flávio e com o Nei, a gente era também super amigo*, nunca deixei de ser amigo do Flávio e do Nei. (19Or:Br:Intrv:Web)

h **Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo + Pretérito Imp. do Subjuntivo**

As " causas históricas ", sobre as quais o titular da Indústria, Comércio e Trabalho silenciara, - pensava o magistrado Rolim vinham da fase de euforia que o País vivera sob um governo de exceção, no qual, *ainda que não houvesse liberdade política, campeará a licença econômica*. (19:Fic:Br:Beltrao:Greve)

i **Presente do Indicativo + Pretérito Perfeito do Subjuntivo**

Segundo ele, *'ainda que tenhamos atingido o crescimento projetado, a mesmice de fórmulas desgastadas é algo perigoso e, por isso, precisamos repensar e renovar'*. (19N:Br:PA)

j **Pretérito Perfeito do Indicativo + Presente do Subjuntivo**

O bom ator Patrick Tinsit é um executivo que disfarça suas preferências sexuais com a ajuda de uma dona de boate Fanny Ardant (*que ganhou o César de melhor atriz por este filme, ainda que não faça lá grandes coisas*). (19N:Br:Cur)

k **Pretérito Perfeito do Indicativo + Pretérito Perfeito do Subjuntivo**

Infelizmente, o dinheiro não chegou há tempo, ainda que o governo estadual tenha anunciado oficialmente o repasse imediato de 60% do valor. (19N:Br:PA)

l **Pretérito Imperfeito do Indicativo + Pretérito Perfeito do Subjuntivo**

Por isso, tinham me chamado, porque ele não falava desde que tinha chegado. Não havia meios, *ainda que tenha falado do advogado e da empresa*, exigia um advogado, até alguém rir e lhe dar um murro na cara. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

m **Futuro do Presente do Indicativo + Presente do Subjuntivo**

Ainda que novas denúncias de venda de votos não sejam conhecidas, o deputado Paulo Bernardo (PT-PR), integrante da comissão, apresentará voto em separado solicitando a abertura de uma CPI destinada a investigar mais profundamente o episódio. (19N:Br:SCat)

n **Futuro do Pretérito do Indicativo + Presente do Subjuntivo**

A expressão é do diário de M. E, ao contrário do que poderia me dizer C. ao me reprovar este pastiche de merda, se o lesse, toda imitação tem limites, e também

o mau gosto; ***ainda que não me faltem, é verdade, eu não seria capaz de usar um lugar-comum desses.*** (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

o **Futuro do Presente do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo**

Em nota oficial divulgada ontem, o secretário de Justiça e Segurança Pública, José Fernando Eichenberg, informa que ***buscará o imediato atendimento da decisão judicial,' ainda que existisse fundamento para buscar a reforma da sentença junto aos tribunais superiores'.*** (19N:Br:PA)

As construções concessivas em (3-43a-h) apresentam sequências temporais simultâneas. Em (3-43a-d), a simultaneidade entre proposição principal e proposição se dá no tempo presente da enunciação: em (3-43a), por exemplo, o fato de *os filmes apresentar produções sofisticadas na sua realização* se dá ao mesmo tempo em que o fato de *os filmes ter simplicidade na sua história*. Em (3-43e-h), por outro lado, a simultaneidade entre as proposições se dá em um tempo pretérito: em (3-43h), por exemplo, o fato de *não haver liberdade política* ocorre paralelamente ao fato de *campear a licença econômica*; a simultaneidade entre as proposições localiza-se num tempo anterior ao da enunciação.

Sequências temporais do tipo *presente + presente*, como em (3-43a-d), representam 46,9% dos dados (23 ocorrências das 49 totais); já sequências do tipo *passado + passado*, como em (3-43e-h), são 30,6% dos dados (15 ocorrências). Dessa forma, construções concessivas com sequência cote temporal (e simultânea) representam 77,5% dos dados.

Em (3-43i-o), as construções concessivas com *ainda que* apresentam sequências não-cotemporais, ou seja, estabelece-se uma relação de anterioridade temporal entre a proposição concessiva e a principal. Assim, ao adotar uma perspectiva presente para a descrição da proposição principal, seleciona-se um momento anterior (passado) para descrever a proposição concessiva, como em (3-43i). Por outro lado, se a proposição principal se situa num momento anterior ao da enunciação, a proposição concessiva ganha uma perspectiva temporal anterior ao passado da proposição principal, como ocorre em (3-43k-l). Já ao situar a proposição principal num momento temporal posterior ao da enunciação (futuro), pode-se situar a proposição concessiva no momento atual da enunciação (presente) e, assim, anterior à

localização temporal da proposição principal, como em (3-43m-n), ou pode-se localizar a proposição concessiva num momento anterior ao da enunciação em si, mantendo a anterioridade à proposição principal, como em (3-43o). Em (3-43j), por fim, a proposição concessiva se localiza num momento anterior ao da proposição principal, o que sustenta a sequência não-cotemporal.

Casos de sequências não-cotemporais representam 22,4% dos dados (11 ocorrências entre 49 totais), sendo: (i) uma ocorrência (2%) do tipo *presente na principal + passado na concessiva* (cf. (3-43i)); (ii) uma ocorrência (2%) do tipo *passado na principal + presente na concessiva* (cf. (3-43j)); (iii) quatro ocorrências (8,2%) do tipo *passado na principal + passado anterior na concessiva* (cf. (3-43k-l)); (iv) quatro ocorrências (8,2%) do tipo *futuro na principal + presente na concessiva* (cf. (3-43m-n)); e (v) uma ocorrência (2%) do tipo *futuro na principal + passado na concessiva* (cf. (3-43o)).

O quadro 3-5 sistematiza as correlações modo-temporais e a referência temporal em construções concessivas com *ainda que*, trazendo suas frequências de ocorrência.

(3-43a)	Presente do Indicativo + Presente do Subjuntivo	presente + presente	23 (46,9%)	Sequências temporais simultâneas	38 (77,5%)
(3-43b)	Presente do Indicativo + Gerúndio				
(3-43c)	Infinitivo + Presente do Subjuntivo				
(3-43d)	Infinitivo + Gerúndio				
(3-43e)	Preterito Perfeito do Ind. + Preterito Imperfeito do Subj.	passado + passado	15 (30,6%)		
(3-43f)	Preterito Perfeito do Ind. + Gerúndio				
(3-43g)	Preterito Imperfeito do Ind. + Preterito Imperfeito do Subj.				
(3-43h)	Pret. mais-que-perfeito do Ind. + Preterito Imperfeito do Subj.				
(3-43i)	Presente do Indicativo + Preterito Perfeito do Subjuntivo	presente na principal + passado na subordinada	1 (2%)	Sequências não-cotemporais	11 (22,4%)
(3-43j)	Preterito Perfeito do Indicativo + Presente do Subjuntivo	passado na principal + presente na subordinada	1 (2%)		
(3-43k)	Preterito Perfeito do Ind. + Preterito Perfeito do Subjuntivo	passado na princ. + passado anterior na sub.	4 (8,2%)		
(3-43l)	Preterito Imperfeito do Ind. + Preterito Perfeito do Subjuntivo				
(3-43m)	Futuro do Presente + Presente do Subjuntivo	futuro na principal + presente na sub.	4 (8,2%)		
(3-43n)	Futuro do Preterito + Presente do Subjuntivo				
(3-43o)	Futuro do Presente + Pret. Imp. Do Subjuntivo	futuro na principal + passado na sub.	1 (2%)		

Quadro 3-5. Correlação modo-temporal e referência temporal em construções concessivas com *ainda que*

Uma comparação entre esses resultados leva-nos a duas considerações gerais: (i) em construções concessivas, permite-se uma gama maior e mais diversificada de correlações modo-temporais em comparação a construções concessivo-condicionais; (ii) enquanto construções concessivo-condicionais articulam três tipos de sequências temporais (prospectivas, simultâneas e não-cotemporais), construções concessivas articulam apenas dois tipos – as simultâneas e as não-cotemporais.

De (i), podemos observar a expansão dos contextos de uso do juntor *ainda que*: enquanto conector concessivo-condicional, seu uso se restringe a articulações modo-temporais que sustentam a hipoteticidade da proposição encabeçada por ele, já como conector concessivo, seu uso se expande a uma gama maior de combinações modo-temporais, todas construindo sequências temporais que sustentam a factualidade da proposição concessiva. Se, conforme uma forma se gramaticaliza, ela tende a expandir seu uso a um número maior de contextos (cf. HEINE; KUTEVA, 2002; BYBEE, 2003), então não é difícil enxergar um maior estatuto gramatical de *ainda que* concessivo.

De (ii), observamos que, em termos de referência temporal, há uma maior vinculação entre as proposições em construções concessivas com *ainda que* do que em construções concessivo-condicionais com *ainda que*. Conforme já tratamos acima, Sousa (2007) revê a proposta de Givón (2001) e sugere que sequências temporais simultâneas também sejam consideradas sequências cotemporais. Segundo a autora (SOUSA, 2007, p. 105),

eventos simultâneos necessariamente são eventos co-temporais, já que suas referências temporais são tão, ou mais, co-dependentes que os casos de eventos prospectivos, analisados por Givón. Além disso, em termos cognitivos, parece bastante razoável que eventos simultâneos sejam considerados propensos a serem percebidos como um único evento complexo, tanto quanto eventos que são temporalmente prospectivos.

Enquanto, nas construções concessivo-condicionais com *ainda que*, observamos a formação de diferentes tipos de sequências temporais, com frequências bem distribuídas – sequências prospectivas representam 26,1% dos dados, sequências simultâneas, 34,8%, e

sequências não-cotemporais, 39,1% –, nas construções concessivas, restringem-se os tipos de sequências temporais e as frequências que se encontram são bem díspares: sequências simultâneas representam 77,5% dos dados, enquanto sequências não-cotemporais representam 22,4% dos dados. Tantos os dados qualitativos como os dados quantitativos nos fazem afirmar que o grau de integração entre orações em construções concessivas é maior do que em construções concessivo-condicionais, o que nos leva a confirmar a ideia de que *ainda que* concessivo tem maior estatuto gramatical do que *ainda que* concessivo-condicional.

2.4.1.2.2. Identidade de participantes e correferencialidade de sujeitos

Lehmann (1988, p. 204), assumindo que o grau de entrelaçamento entre duas proposições é um parâmetro estruturante da subordinação, afirma que um aspecto semântico do entrelaçamento é o compartilhamento, entre duas proposições, de elementos de seu significado, como os seus participantes. Assim, quanto mais duas proposições compartilham elementos de seu significado (e, portanto, quanto mais compartilham seus participantes), mais entrelaçadas elas estão. Nesse sentido, Givón (2001, p. 50) lança a seguinte predição: “quanto mais dois eventos compartilham seus referentes, mais propensos são a construírem um único evento.”⁸ Com base nessas considerações, trataremos aqui da identidade entre os participantes das proposições articuladas por *ainda que*.

Tanto entre construções concessivo-condicionais como em construções concessivas, é possível encontrar (i) ocorrências em que não há qualquer identidade entre os participantes das proposições articuladas (cf. (3-44a-b)) e (ii) ocorrências em que há alguma identidade entre os participantes das proposições articuladas (cf. (3-44c-h)).

(3-44) a Sabia, por exemplo, que **ela ia discutir o caso dele, Delfino, com padre Estêvão, *ainda que* o mundo viesse abaixo.** (19:Fic:Br:Callado:Madona)

⁸ No original: “The more two events share their referents, the more likely they are to be construed as a single event.” (GIVÓN, 2001, p. 50).

- b Segundo ele, '***ainda que tenhamos atingido o crescimento projetado, a mesmice de fórmulas desgastadas é algo perigoso*** e, por isso, precisamos repensar e renovar'. (19N:Br:PA)
- c Talvez por isso mesmo, os antigos limitassem os mandatos executivos ao mínimo, como os romanos, que os fixavam em um ano apenas. ***Ainda que o chefe de governo; fosse o mais idôneo e o mais sábio dos homens, a sua permanência no poder, para além de seu mandato, seria a negação da democracia.*** (19Or:Br:Intrv:Tar)
- d E isso por razão muito simples: 1998 é o ano da reeleição de todos. No mínimo, ***os deputados; são candidatos a permanecer onde estão, ainda que uma parte deles; se prepare para vãos mais altos.*** (19N:Br:Cur)
- e - O senhor não considera a proposta da CND como inspiradora de medidas não convencionais? Ou ***o governo não cogita mais de reduzir a jornada de trabalho; ainda que Ø; seja para 45 horas?*** (19:Fic:Br:Beltrao:Greve)
- f Estado - Apesar disso, já não ajuda bastante? Rabello de Castro - ***Dá, por exemplo, uma sobrevida para a atual Previdência, ainda que ela; esteja falida,*** e proporciona uma sobrevida à estabilidade do Real. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- g pela nova regra, no caso de aposentadoria por tempo de serviço, será levada em conta uma idade mínima de 53 anos para os homens e 48 anos para as mulheres. ***Ainda que Ø; complete tempo de serviço, sem atingir essas idades limites, o trabalhador; não poderá requerer aposentadoria.*** (19N:Br:SCat)
- h Estado - ***Ainda que Ø; se trate de pura ficção, sua literatura; remete o leitor diretamente à realidade brasileira.*** (19Or:Br:Intrv:ISP)

Em (3-44a-b), observa-se que não há identidade entre os participantes da proposição principal e os da proposição condicional-concessiva (cf. (3-44a)) ou concessiva (cf. (3-44b)): no caso de (3-44a), não há identidade de participantes entre a proposição principal de *ela discutir o caso de Delfino com o padre Estêvão* e a proposição concessivo-condicional de *o mundo vir abaixo*; no caso de (3-44b), entre a proposição concessiva de *ter atingido o crescimento projetado* e a proposição central de *a mesmice de fórmulas desgastadas ser algo perigoso*, também não há qualquer compartilhamento de participantes.

Por outro lado, em (3-44c-h), há diferentes graus de compartilhamento (ou identidade) entre os participantes das proposições principal e concessivo-condicional/concessiva. Em (3-44c-d), por exemplo, o compartilhamento de referentes se dá quando o participante sujeito de alguma das proposições figura como adjunto da outra proposição: em (3-44c), o participante sujeito da proposição concessivo-condicional *o chefe do governo* é retomado na proposição principal pelo pronome possessivo anafórico *seu*, e, em (3-44d), o participante sujeito da

proposição principal está presente no interior do sintagma partitivo (sujeito da proposição concessiva), anaforicamente referenciado pelo pronome pessoal *ele*.

Já em (3-44e-f), há identidade entre os participantes que figuram como complementos oracionais das proposições centrais e os participantes que figuram como sujeitos das proposições subordinadas: em (3-44e), o complemento da oração principal *a jornada de trabalho* é sujeito (elíptico) da oração concessivo-condicional, enquanto, em (3-44f), há identidade entre o complemento nominal da proposição principal e o sujeito da proposição concessiva.

Por fim, em (3-44g-h), o compartilhamento de referentes se dá em relação aos participantes sujeitos das duas proposições articuladas por *ainda que*: em (3-44g), proposição principal e proposição concessivo-condicional compartilham o mesmo participante sujeito - *o trabalhador*; em (3-44f), proposição principal e proposição concessiva também compartilham o mesmo participante sujeito - *sua literatura*.

Em termos qualitativos, os dois tipos de construções encabeçadas por *ainda que* apresentam os mesmos padrões de estruturação em relação ao fator identidade de participantes. Em termos quantitativos, observamos algumas tendências que nos permitem constatar diferentes graus de vinculação entre orações nas diferentes construções aqui analisadas. A tabela 3-1 revela alguns dados estatísticos importantes.

	Identidade de participantes		
	sim	não	total
Construções concessivo-condicionais com <i>ainda que</i> :	9 (39,1%)	14 (60,9%)	23
Construções concessivas com <i>ainda que</i> :	27 (55,1%)	22 (44,9%)	49

Tabela 3-1. Identidade de participantes em construções com *ainda que*

Em construções concessivo-condicionais com *ainda que*, a maioria das ocorrências, especificamente 60,9% (14 entre 23 ocorrências totais), não apresenta identidade de participantes, isto é, a oração principal e a oração condicional-concessiva não compartilham seus referentes. Em construções concessivas, por outro lado, há uma distribuição bem

próxima entre construções sem identidade e construções com qualquer identidade entre os participantes. Estas representam 55,1% dos dados (27 ocorrências entre as 49 totais), já aquelas representam 44,9% dos dados (22 ocorrências).

Podemos especificar mais tal resultado pautando-nos somente na análise da identidade dos participantes sujeitos das proposições articuladas por *ainda que*, o que vamos passar a denominar de *correferencialidade de sujeitos*.

A tabela 3-2 leva em conta o total de ocorrências de construções concessivo-condicionais e concessivas com *ainda que* para a determinação da frequência de ocorrências com sujeitos correferenciais. Assim, observa-se que, entre as 23 ocorrências totais de concessivo-condicionais com *ainda que*, somente 17,4% (4 ocorrências) apresenta sujeitos correferenciais; já entre as 49 ocorrências totais de concessivas com *ainda que*, 36,7% (18 ocorrências) são casos de construções com correferencialidade de sujeitos.

Correferencialidade de sujeitos (todas as ocorrências)			
	sim	não	total
Construções concessivo-condicionais com <i>ainda que</i> :	4 (17,4%)	19 (82,6%)	23
Construções concessivas com <i>ainda que</i> :	18 (36,7%)	31 (63,3%)	49

Tabela 3-2. Correferencialidade de sujeitos em construções com *ainda que*

Os dados dispostos na tabela 3-2 revelam que, tanto em construções concessivo-condicionais como em construções concessivas, a maioria das ocorrências não apresenta correferencialidade de sujeitos entre as proposições articuladas. Entretanto, a frequência de construções concessivas com correferência de sujeitos é maior do que a frequência de construções concessivo-condicionais com correferência de sujeitos.

Na tabela 3-3, buscamos especificar mais os resultados apontados na tabela 3-2. Para tanto, tomamos, para a apuração da frequência de construções com correferencialidade de sujeitos, somente as construções que já apresentam identidade de participantes. Assim, das 23 ocorrências totais de construções concessivo-condicionais com *ainda que*, levamos em consideração somente as nove que já apresentam identidade de participantes, de forma que,

dessas nove, quatro (44,4%) apresentam sujeitos idênticos, e cinco (55,6) não. E, das 49 ocorrências totais de construções concessivas com *ainda que*, levamos em consideração somente as 27 que já apresentam identidade de participantes, de forma que, dessas 27, 18 (66,7%) apresentam sujeitos idênticos, e nove (33,3) não.

Correferencialidade de sujeitos (somente ocorrências com identidade de participantes)			
	sim	não	total
Construções concessivo-condicionais com <i>ainda que</i> :	4 (44,4%)	5 (55,6%)	9
Construções concessivas com <i>ainda que</i> :	18 (66,7%)	9 (33,3%)	27

Tabela 3-3. Correferencialidade de sujeitos em construções com *ainda que* em que há identidade de participantes

Com os dados da tabela 3-3, observa-se que: (i) nas construções concessivo-condicionais com *ainda que* em que há identidade de participantes, há certa distribuição igualitária entre as construções sem correferência de sujeitos e as com correferência de sujeitos (com uma leve tendência à maior ocorrência do primeiro caso); (ii) já entre as concessivas com *ainda que* em que há identidade de participantes, há predomínio de construções com sujeitos correferentes, cuja frequência é o dobro das construções sem sujeitos correferentes.

De modo geral, desta seção, devemos destacar: (i) da tabela 3-1, constata-se que, em construções concessivas com *ainda que*, há uma tendência de ocorrências com identidade de participantes entre as proposições articuladas; (ii) da tabela 3-2, observa-se um equilíbrio na distribuição de frequências de correferencialidade de sujeitos nos dois tipos de construções analisadas; por fim, (iii) da tabela 3-3, destaca-se a maior frequência de correferencialidade de sujeitos entre proposições nas construções concessivas. Diante disso, de um ponto de vista semântico-cognitivo, observa-se um maior entrelaçamento, ou uma maior integração, entre proposições em contexto de construções concessivas, o que evidencia um maior estatuto gramatical de *ainda que* concessivo em relação a *ainda que* concessivo-condicional.

2.4.1.2.3. Forma verbal das orações encabeçada por *ainda que*

Givón (2001, p. 68), ao tratar da integração de orações no âmbito da complementação, distingue um dispositivo sintático para avaliar o grau de integração de orações: a escala de morfologia verbal, que ocorre entre o protótipo verbal finito e o protótipo nominal não-finito. Segundo o autor, o caráter não-finito – ou nominalidade – de uma forma verbal pode ser codificada sintaticamente por meio de marcação reduzida de *tempo-aspecto-modalidade*, de marcação reduzida de *concordância pronominal* e de *forma nominal* do verbo.

Na utilização desses mecanismos para codificar a escala de complementação, o autor (GIVÓN, 2001, p. 68) faz a seguinte previsão implicacional: “quanto mais integrados cognitiva e semanticamente são os eventos principal e completivo, mais nominal – portanto, menos finito – vai aparecer morfologicamente o verbo da completiva.”⁹ A nosso ver, essa previsão também se aplica à articulação de orações adverbiais e, portanto, às construções concessivo-condicionais e concessivas com *ainda que*.

Lehmann (1988), nesse sentido, propõe, como um dos parâmetros estruturadores da tipologia de combinação de orações, a dessentencialização da oração subordinada, que avalia o grau em que uma oração subordinada está expandida ou reduzida. Num processo de redução, a oração subordinada perde propriedades de uma oração e gradualmente adquire propriedades nominais. *Tempo* e *aspecto*, por exemplo, são categorias verbais que são reduzidas ou até mesmo perdidas em decorrência da dessentencialização da oração subordinada (LEHMANN, 1988, p. 195). Por outro lado, o verbo se torna não-finito, ou melhor, o verbo se torna cada vez mais nominal.

Entre as construções com *ainda que*, somente no contexto de construções concessivas ocorre verbos reduzidos em forma nominal, especificamente no gerúndio (cf. (3-45)).

⁹ No original: “the higher a main verb is on the complementation scale, and the more integrated the main and complement events are cognitively-semanticly, the more *nominal* — thus *less finite*—will the complement verb appear morphologically.” (GIVÓN, 2001b, p. 68)

- (3-45) a Por isso, pensar que na Bolívia seria diferente foi uma grave ilusão, um tremendo erro. Não porque fosse o Monje (Carlos) o seu secretário-geral (do Partido Comunista Boliviano). Sê-lo-ia sempre. **O fato de Monje querer ele mesmo ser o líder da revolução, ainda que recusando-se a ir para o lugar onde se travava a luta principal**, é questão de pormenor. A concepção política é que era diferente. (19Or:Br:Intrv:Com)
- b A burrice, no Brasil, tem um passado glorioso e um futuro promissor. * Estatização, no Brasil, é como mamilo de homem: não é inútil nem ornamental. * **Optei por ser patriótico, ainda que não sendo popular**. Tive de abandonar o culto à deusa-cadela da popularidade. (19N:Br:PA)

O uso do verbo em forma nominal (gerúndio) na oração concessiva com *ainda que* implica a perda de conjugação pessoal e a dispensabilidade do sujeito. Esses traços formais evidenciam um grau avançado de dessentencialização da oração subordinada e, portanto, um grau intermediário de condensação (ou compressão) de informações lexicais e gramaticais.

Entre as 49 ocorrências de construções concessivas com *ainda que*, quatro são casos de oração concessiva com forma verbal reduzida de gerúndio, o que representa 8,2% dos dados, ao lado de 24 casos de orações concessivas com Presente do Subjuntivo (49%), de 16 casos de orações concessivas com Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (32,7%) e de 5 casos de orações concessivas com Pretérito Perfeito do Subjuntivo (8,2%).

A presença de um subordinador e a possibilidade de se reduzir a oração dependente mostra um alto grau de integração entre as orações na construção concessiva com *ainda que*. A redução de orações concessivo-condicionais parece ser possível, embora, ao serem reduzidas, se fortaleça a leitura concessiva (cf. (3-46)).

- (3-46) a ***ainda que não visse mais ninguém, seu Juca Vilanova, grande colecionador de objetos de arte, podia passar o resto da vida vendo os tesouros que acumulou***. (19:Fic:Br:Callado:Madona)
- b **#*ainda que não vendo mais ninguém***, seu Juca Vilanova, grande colecionador de objetos de arte, podia passar o resto da vida vendo os tesouros que acumulou.

Em (3-46a), a proposição *não ver mais ninguém* tem um caráter hipotético e se mostra como uma condição desfavorável para o cumprimento da proposição presente na oração principal. Trata-se, portanto, de uma construção concessivo-condicional. A redução da forma

verbal da oração subordinada em (3-46a) é possível, como se vê em (3-46b). Entretanto, com a redução, perde-se o caráter hipotético da oração subordinada, e constrói-se uma concessiva propriamente dita. Isso permite assegurar que só é possível reduzir o verbo da oração subordinada em construções concessivas, o que corrobora a existência de um estatuto diferenciado entre *ainda que* concessivo-condicional e *ainda que* concessivo.

2.4.1.2.4. Expressão formal do sujeito

Lehmann (1988, p. 208), ao avaliar o grau de entrelaçamento entre orações, faz a seguinte observação: “se orações principais e subordinadas se entrelaçam partilhando um elemento de sua estrutura, isso não será especificado na oração subordinada, ficando a especificação suprida na oração principal”.¹⁰ Para avaliar essa consideração de Lehmann (1988), vamos aqui analisar o modo de expressão do sujeito em construções concessivo-condicionais e concessivas com *ainda que* em que há correferencialidade de sujeitos.

Seguindo Sousa (2007), entendemos que, nos casos em que há correferencialidade de sujeito entre oração principal e oração encabeçada por *ainda que*, se o sujeito é expreso somente na oração principal, então a oração encabeçada por *ainda que* está gramaticalmente mais integrada à oração principal.

Entre as construções concessivo-condicionais com *ainda que*, são somente quatro ocorrências que apresentam correferencialidade de sujeitos entre a oração principal e a oração concessivo-condicional. Dessas quatro ocorrências, duas são casos em que o sujeito vem expreso somente na oração principal (cf. (3-47a)), e duas são casos em que o sujeito vem expreso fora da construção concessiva (cf. (3-47b)).

- (3-47) a - Sim, o que é que ele faz com o tempo dele? - Ora, meu caro amigo - disse Alfredo, de quem Delfino gostava cada vez menos -, ***ainda que não Ø_i visse mais ninguém, seu Juca Vilanova, grande colecionador de objetos de arte,***

¹⁰ No original: “If main and subordinate clauses are interlaced by sharing an element of their structure, this will be left unspecified in the subordinate clause, the specification being supplied by the main clause” (LEHMANN, 1988, p. 208).

podia passar o resto da vida vendo os tesouros que acumulou. Garanto-lhe que não se cansaria. Ele só manda para suas outras personalidades, isto é, o leiloeiro, etc, aquilo que não quer mais. (19:Fic:Br:Callado:Madona)

- b É verdade que, em casos de internação, não existe cobertura. Mas a saída pode ser a contratação de planos que prevejam apenas assistência hospitalar. # Para os médicos, o esquema também compensa: primeiro, porque mantêm uma clientela fiel; segundo, porque, ***ainda que* Ø_i cobrem bem menos pelos serviços, de acordo com a tabela da AMB, Ø_i estarão recebendo, em prazo menor, o mesmo valor que receberiam de um convênio.** (19N:Br:Bahia)

Já entre as construções concessivas com *ainda que*, são 18 ocorrências que apresentam correlacionalidade de sujeitos entre a oração principal e a oração concessivo-condicional. Dessas 18 ocorrências, dez (55,5%) são casos em que o sujeito vem expresso somente na oração principal (cf. (3-48a)), cinco (27,7%) são casos em que o sujeito vem expresso fora da construção concessiva (cf. (3-48b)) e três (16,8%) são casos em que não há necessidade de expressão do sujeito nem na oração principal, nem na oração concessiva, nem fora da construção concessiva, já que se trata de sujeito expresso na morfologia verbal dos verbos envolvidos na construção concessiva (cf. (3-48c)).

- (3-48) a Estado - ***Ainda que* Ø_i se trate de pura ficção, sua literatura, remete o leitor diretamente à realidade brasileira.** Em O Feitiço da Ilha do Pavão, você vai falar de um Brasil ideal e não real? (19Or:Br:Intrv:ISP)
- b Em sua nova cidade residencial, Max_i mantivera os mesmos hábitos dos seus tempos de estudante. ***Ainda que* Ø_i tivesse um maior círculo de relações, freqüentando muito as colônias árabe, japonesa e italiana, era com os judeus que Ø_i entretinha as mais estreitas ligações.** (19:Fic:Br:Beltrao:Greve)
- c Gente que tinha contato direto com o dia-a-dia, com a realidade imediata. ***Tínhamos muitas portas de acesso aos acontecimentos, ainda que, muitas vezes por culpa da censura, não pudéssemos passar esse conhecimento à frente.*** Somos uma geração marcada pelo sentimento de poder, pelo desejo de mostrar um país oculto, de mostrar os porões do Brasil. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Nota-se que, em construções concessivo-condicionais, mesmo com o baixo número de ocorrências, há um equilíbrio entre a expressão do sujeito somente na oração principal e a expressão do sujeito fora da construção concessivo-condicional. Já em construções concessivas, predomina a expressão do sujeito somente na oração principal. A escala na

Figura 3-3, adaptada de Sousa (2007, p. 121), revela o modo como as formas de manifestação dos sujeitos indicam graus de integração gramatical das orações encabeçadas por *ainda que*.

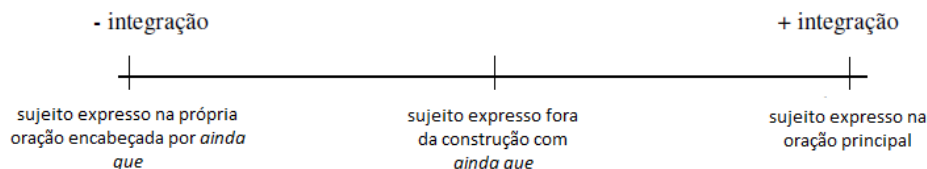


Figura 3-3. Escala de integração conforme manifestação do sujeito

De certa forma, tomando essa escala com os dados qualitativos e, principalmente, quantitativos obtidos, evidencia-se um maior entrelaçamento entre orações em construções concessivas com *ainda que* do que em construções concessivo-condicionais com *ainda que*.

2.4.2. A articulação de sintagmas por meio de *ainda que*

As ocorrências em (3-49) apresentam a seguinte estrutura geral: *q, ainda que p*, em que *q* e *p* correspondem a Sintagmas. Em termos discursivos, e com base nas considerações de Zamproneo (2014, p. 99), observamos que, de modo geral, *q* é argumento para uma conclusão, e *p* vem enfraquecer a força argumentativa de *q*.

- (3-49) a Foi dos grandes fracasso de bilheteria do ano passado, a ponto de provocar crise na produtora New Lilne (que rompeu contrato com a Top Tape e agora pertence a Warner, depois que eles compraram a Turner). O filme ***ainda que profissional*** conta uma história comum demais, já contada anteriormente inúmeras vezes. (19N:Br:Cur)

NI: (M_I: [(A_I: o filme conta uma história comum demais, já contada anteriormente inúmeras vezes (A_I)) (A_J: (T_J: profissional (T_J)) (A_J)_{Conc})] (M_I))

NM: (El: [(Cl: o filme conta uma história comum demais, já contada anteriormente inúmeras vezes (Cl)) (Adj_p: ainda que profissional (Adj_p))] (El))
→ (Adj_p: [(G_w: ainda_que_{Conj} (G_w)) (L_w: profissional (L_w))] (Adj_p))

- b Estado - A Quarentena abre com belo, ***ainda que rápido***, retrato de Rimbaud. Você já publicou também alguns livros de poemas. Em que medida o poeta Le Clézio influencia o trabalho do romancista? (19Or:Br:Intrv:ISP)

NI: (M_I: [(A_I: a Quarentena abre com belo retrato de Rimbaud (A_I)) (A_J: (T_J: rápido (T_J)) (A_J)_{Conc})] (M_I))

NM: (El: [(Cl: a Quarentena abre com belo retrato de Rimbaud (Cl)) (Adj_p: ainda que rápido (Adj_p))] (El)) → (Adj_p: [(G_w: ainda_que_{Conj} (G_w)) (L_w: rápido (L_w))] (Adj_p))

- c O limite, que era de US\$ 500 por pessoa, caiu para US\$ 300, o que deverá diminuir, **ainda que residualmente**, a queima de reservas cambiais. (19N:Br:Recf)

NI: (M_I: [(A_I: o que deverá diminuir a queima de reservas cambiais (A_I)) (A_J: (T_J: residualmente (T_J)) (A_J)_{Conc})] (M_I))

NM: (El: [(Cl: o que deverá diminuir a queima de reservas cambiais (Cl)) (Adv_P: ainda que residualmente (Adv_P))] (El)) → (Adv_P: [(G_w: ainda_que_{Conj} (G_w)) (L_w: residualmente (L_w))] (Adv_P))

- d Imaginei que poderia ser uma sobra de disco dela, até porque o cassete estava com bom som. Depois, quando ela me procurou recomendando que cuidasse com carinho desta fita, por ser o único registro de uma parceria que ela própria esquecera, me dei conta de que havia sido gravada domesticamente - **ainda que com uma mesinha de som, microfones etc.** Quando reencontrei o material, e obtive autorização da família para copiar para Leila, ela fez um arranjo apropriado para sua voz e vem cantando em shows desde então. (19Or:Br:Intrv:Web)

NI: (M_I: [(A_I: quando ela me procurou recomendando que cuidasse com carinho desta fita, por ser o único registro de uma parceria que ela própria esquecera, me dei conta de que havia sido gravada domesticamente (A_I)) (A_J: (T_J: com uma mesinha de som, microfones etc (T_J)) (A_J)_{Conc})] (M_I))

NM: (El: [(Cl: quando ela me procurou recomendando que cuidasse com carinho desta fita, por ser o único registro de uma parceria que ela própria esquecera, me dei conta de que havia sido gravada domesticamente (Cl)) (Adv_P: ainda que com uma mesinha de som, microfones etc (Adv_P))] (El)) → (Adv_P: [(G_w: ainda_que_{Conj} (G_w)) (Prep_P: com uma mesinha de som, microfones etc (Prep_P))] (Adv_P))

- e e depois, exatamente aquele outro que tem, que há, em que há uma concordância entao, a gente tira retalhos, mas a, o objetivo da pesquisa bibliográfica, da consulta bibliográfica, seria a análise de uma série de fontes para depois se apresentar um todo novo reformulado **ainda que com características de cada um deles**, mas que o todo se, se fosse reformulado, reestruturado (POA-EF-278)

NI: (M_I: [(A_I: o objetivo da pesquisa bibliográfica, da consulta bibliográfica, seria a análise de uma série de fontes para depois se apresentar um todo novo reformulado (A_I)) (A_J: (T_J: com características de cada um deles (T_J)) (A_J)_{Conc})] (M_I))

NM: (El: [(Cl: o objetivo da pesquisa bibliográfica, da consulta bibliográfica, seria a análise de uma série de fontes para depois se apresentar um todo novo reformulado (Cl)) (Adv_P: ainda que com características de cada um deles (Adv_P))] (El)) → (Adv_P: [(G_w: ainda_que_{Conj} (G_w)) (Prep_P: com características de cada um deles (Prep_P))] (Adv_P))

Em (3-49a), o Sintagma Adjetival *profissional* restringe a abrangência referencial do Sintagma Nominal anterior *filme*; o que se observa é que a atribuição da Propriedade *profissional* a *filme* invalida a possível conclusão de *o filme não ser profissional* que se poderia inferir a partir da declaração de *o filme contar uma história comum demais*. Já em (3-

49b), o Sintagma Adjetival *rápido* limita a força argumentativa do Sintagma Adjetival *belo*, isto é, há uma incompatibilidade entre duas qualidades atribuídas ao quadro de Rimbaud – *belo* e *rápido* – de forma que a enunciação de *rapidez* limita qualquer expectativa em relação à declaração de que *a quarentena abre com belo quadro de Rimbaud*, como a de que *o quadro teria uma exposição permanente*. Em (3-49c), por outro lado, o evento descrito pelo Sintagma Verbal *diminuir* é relativizado pelo Sintagma Adverbial *residualmente*. Em (3-49d-e), por fim, os Sintagmas Adverbiais *com uma mesinha de som, microfones etc* e *com características de cada um deles* restringe qualquer conclusão que se possa tirar dos sintagmas nucleares.

Fica claro, portanto, que *ainda que*, nas ocorrências em (3-49), articula Sintagmas numa relação de restrição: o segmento concessivo limita a validade do que é asseverado anteriormente (BARTH, 2000). Conforme discute Zamproneo (2014, p. 94), em (3-49), não é possível pressupor qualquer negação de uma relação condicional ou causal, isto é, “*p* não conduz a uma relação causal ou condicional que é negada por *q*, mas, diferentemente, *p* é utilizado com o objetivo de restringir a validade do que é dito em *q*”.

Seguindo o modelo da GDF, a restrição, um valor contrastivo mais pragmático que a concessão propriamente dita, é capturada, no Nível Interpessoal, como uma função retórica, especificamente como a função retórica Concessão. Podemos, então, descrever o sintagma restritivo encabeçado por *ainda que* como um Ato Discursivo composto de um único Subato, especificamente um Subato Atributivo. Esse Ato restritivo se articula, numa relação de dependência, a outro Ato; especificamente, o Ato restritivo afeta, mais particularmente, a evocação ou a atribuição de um dos Subatos que compõe o Ato a que se articula. A relação restritiva, entretanto, sustenta-se mais entre os Atos, já que a restrição, embora ligada a um dos componentes do Ato principal, também afeta, de certa forma, a totalidade do que se comunica nesse Ato.

Assim, conforme demonstram as representações de (3-49), há, no Nível Interpessoal (NI), a articulação entre um Ato nuclear (A_I) e um Ato subsidiário (A_J), que se compõe de um único Subato Atributivo (T_J) e a que se atribui a função retórica Concessão.

No Nível Morfossintático, a relação restritiva é codificada no âmbito da Expressão Linguística (El): o Ato nuclear é codificado como uma Oração (Cl), e o Ato subsidiário, como um Sintagma (P), especificamente um Sintagma Adjetival (Adj_P), como em (3-49a-b), ou um Sintagma Adverbial (Adv_P), como em (3-49c-e). *Ainda que* é codificada como uma Palavra Gramatical (G_W), mais precisamente como uma Conjunção Gramatical, e pode integrar Sintagmas Adjetivais (cf. (3-49a-b)), Sintagmas Adverbiais (cf. (3-49c)) e Sintagmas Preposicionados (cf. (3-49d-e)).

2.4.3. O estatuto de *ainda que* no português à luz da GDF

A GDF prevê, no Nível Morfossintático, duas categorias distintas para itens conjuncionais: Conjunções Lexicais e Conjunções Gramaticais. Hengeveld e Wanders (2007) se baseiam em dois critérios para distinguir Conjunções Lexicais e Gramaticais: a modificabilidade e a possibilidade de combinação entre conjunções lexicais e gramaticais.

Segundo os autores, apenas Conjunções Lexicais podem ser modificadas por meio de outros elementos lexicais. Por exemplo, os autores argumentam que, em (3-50a), *three hours* especifica o intervalo temporal que precede a ocorrência do evento descrito na oração principal e que, em (3-50c), *unlikely* qualifica o evento hipotético em termos de seu estatuto de realidade. Dessa forma, *before* e *in the event that* são Conjunções Lexicais. Já em (3-50b) e (3-50d), por não ser possível a modificação de *until* e *in case*, tais conjunções são gramaticais.

- (3-50) a She called him *three hours before* she left.
 b *She stayed home *three hours until* the meeting began.
 c *In the unlikely event that* smallpox were introduced into Australia, it would be rapidly controlled.
 d *I'll bring him some water *in unlikely case* he gets thirsty.

(HENGEVELD; WANDERS, 2007, p. 214)

Com base nos exemplos em (3-51), os autores mostram que a combinação entre conjunções só é licenciada quando elas pertencem a diferentes categorias, permitindo-se unicamente a ordem conjunção gramatical-conjunção lexical.

- (3-51) a She stayed *until three hours after* she left.
 b She didn't leave *until the very moment* he arrived.

(HENGEVELD; WANDERS, 2007, p. 215)

Em relação a essa proposta, Pérez Quintero (2006; 2013) e Oliveira (2008) mostram que esses dois critérios parecem não justificar plenamente a distinção entre conjunções lexicais e gramaticais. Quanto ao critério de modificabilidade, Pérez Quintero (2006; 2013) afirma que a disponibilidade (ou falta de disponibilidade) de uma conjunção para a modificação depende mais de questões semânticas do que gramaticais. Por exemplo, lembra a autora (PÉREZ QUINTERO, 2013, p. 103) que conjunções temporais são mais facilmente modificáveis que outros tipos de conjunções; além disso, uma expressão como *three hours* ou *shortly* modifica mais facilmente conjunções temporais como *before* e *after*, que indicam relações entre eventos, do que *until*, que indica um ponto no tempo. Vê-se, portanto, que é o tipo de significado temporal mapeado na conjunção temporal que parece determinar a possibilidade (ou não) de modificação da conjunção. No caso de *until*, considerada uma Conjunção Gramatical por Hengeveld e Wanders (2007), Pérez Quintero (2013) elucida outro tipo de modificação possível, conforme demonstra a ocorrência em (3-52).

- (3-52) I agreed to move in with him *just until* my divorce came through and I insisted we married immediately after that. (PÉREZ QUINTERO, 2013, p. 103, grifos da autora)

Nesse mesmo sentido, Oliveira (2008) nos depara com o caso da conjunção concessiva prototípica do português: *embora*. Em ocorrências como (3-53), o uso do modificador *muito* intensifica ou reforça o sentido expresso pela conjunção *embora*.

- (3-53) a **Muito embora** reconheça que esta é uma missão extremamente importante que hoje estamos cumprindo, considero também que tenho muito mais a obrigação, tão, importante quanto esta, perante o Plenário da Câmara dos Deputados.
- b Temos – **muito embora** sem perder a esperança de que mais uma vez se encontrará forma de fugir à catástrofe – de agir dentro de um rigoroso espírito de prudência e decisão.

(OLIVEIRA, 2008, p. 117, grifos da autora)

Segundo a autora, “o caso da conjunção concessiva questiona o fato de apenas as conjunções lexicais poderem receber modificação e, assim, inviabilizam o critério proposto por Hengeveld e Wanders (2007)” (OLIVEIRA, 2008, p. 117). Além disso, retomando a questão semântica trazida por Pérez Quintero (2006; 2013), concordamos com Oliveira (2008, p. 117) quando afirma que um critério de distinção deve ser aplicável à classe de conjunções adverbiais como um todo, e não apenas a alguns de seus membros.

No caso de *ainda que*, um critério como o da modificabilidade leva-nos a categorizá-la como Conjunção Gramatical, já que se trata de uma forma não modificável por meios lexicais adicionais. Entretanto, essa “indisposição” à modificação já se verifica no uso mais básico de seu item fonte – *ainda* fasal. O que se pode questionar é se essa não modificabilidade de *ainda que* seria um traço de seu item fonte que permanece em sua formação. De qualquer forma, apresenta-se um argumento a mais para a inviabilidade do critério *modificabilidade* para a determinação do estatuto lexical/gramatical de conjunções.

Em relação ao critério de *combinabilidade*, lembra-nos Pérez Quintero (2013, p. 104) que Hengeveld e Wanders (2007) já previam sua restrita aplicabilidade, isto é, aplica-se restritamente, por razões de ordem semântica, às conjunções temporais, o que inviabiliza, a nosso ver e na acepção de Pérez Quintero (2013) e Oliveira (2008; 2012), a aplicação à distinção entre Conjunções Lexicais e Gramaticais.

A proposta de Pérez Quintero (2006; 2013), seguida por Oliveira (2008; 2012) na aplicação a conjunções condicionais complexas, é analisar as conjunções como elementos

lexicais. De fato, Oliveira (2008; 2012) considera que as conjunções condicionais como um todo abrigam dois diferentes grupos de conjunções:

- (i) um composto apenas pela conjunção lexicalmente vazia, a conjunção *se*, e
- (ii) outro formado por conjunções dotadas de significado lexical, as conjunções condicionais complexas, que podem ser (a) restritivas positivas, como *somente se*, *só se*, *contanto que*, *desde que*, *dado que* e *sem que*, (b) restritivas negativas, como *a não ser que*, *salvo se*, *exceto se* e *a menos que*, e (c) hipotéticas, como *caso*, *supondo que* e *considerando que*.

Assim, para a autora, essa distinção deve basear-se em critérios de ordem sintática, semântica e pragmática, relacionados no quadro 3-6, extraído de Oliveira (2012, p. 136).

Conjunção condicional gramatical	Conjunção condicional lexical
▪ não é atributiva;	▪ é atributiva;
▪ marca a relação;	▪ especifica a relação;
▪ não é passível de decomposição lexical gradual;	▪ é passível de decomposição lexical gradual;
▪ não está disponível para as regras de formação de predicado;	▪ está disponível para as regras de formação de predicado;
▪ tem sentido generalizado, básico;	▪ tem significado lexical;
▪ grande variabilidade de contexto de uso;	▪ restrições de contexto de uso;
▪ introduz um ato de fala;	▪ não pode introduzir um ato de fala;
▪ pode assumir função retórica no nível interpessoal.	▪ não pode assumir função retórica no nível interpessoal.

Quadro 3-6. Conjunções lexicais/Conjunções gramaticais (OLIVEIRA, 2012, p. 139)

Frente tais critérios de distinção entre Conjunções Gramaticais e Conjunções Lexicais, um primeiro aspecto a se discutir sobre o estatuto de *ainda que* é a permanência de um significado lexical. Conforme apontamos anteriormente, *ainda que* é um conectivo polifuncional, podendo instaurar relações concessivo-condicionais e concessivas/restritivas. Enquanto conectivo concessivo-condicional, *ainda que* cumpre o que Neves (1999) chama de duplo papel semântico, já que, ao trazer uma condição hipotética, cuja relevância para o cumprimento de uma proposição (expressa na oração nuclear) é negada, abriga valores

condicionais e concessivos. Por outro lado, *ainda que* encabeça um tipo específico de concessivo-condicional, a concessivo-condicional escalar: a prótase da construção concessivo-condicional com *ainda que* é caracterizada como um valor extremo entre o conjunto de prótase ali implicado.

Seguindo Haspelmath e König (1998, p. 592), que afirmam que a escalaridade é uma característica discursiva das concessivo-condicionais, e não das concessivas, podemos, então, perceber que *ainda que* concessivo-condicional apresenta um significado lexical, enquanto *ainda que* concessivo/restritivo tem um sentido mais generalizado. Disso, decorre que *ainda que* concessivo-condicional é passível de decomposição lexical gradual, e *ainda que* concessivo/restritivo não.

Além disso, ao tratar das possíveis correlações modo-temporais nos dois tipos de construções com *ainda que*, mostramos que as construções concessivas permitem um maior conjunto de correlações do que as construções concessivo-condicionais. De certa forma, isso evidencia o quanto construções concessivas apresentam uma grande variabilidade de contextos de uso, ao passo que construções concessivo-condicionais são mais restritas a contextos temporais prospectivos, que garantem uma leitura irreal, ou não-factual.

Isso também se mostra no fato de que *ainda que* concessivo-condicional não introduz Ato Discursivo e, dessa forma, não pode funcionar como função retórica; já *ainda que* concessivo pode introduzir Ato Discursivo e, assim, funcionar como função retórica, instaurando uma relação de natureza mais pragmática que a concessão propriamente dita, a restrição. Dessa forma, levando-se em consideração a proposta de Sweetser (1990), enquanto *ainda que* concessivo-condicional se restringe ao domínio epistêmico de junção, *ainda que* concessivo vai do epistêmico ao domínio do Ato de Fala.

Por fim, conforme demonstraremos a seguir, decorre desse conjunto de propriedades (i) a propriedade atributiva de *ainda que* concessivo-condicional e sua disponibilidade para as

regras de formação de predicado, de modo a especificar a relação concessivo-condicional; e (ii) o carácter não-atributivo de *ainda que* concessivo/restritivo e sua indisponibilidade às regras de formação de predicado, de modo a evidenciar seu estatuto como marcador de uma relação, semântica (como a concessão) ou retórica (como a restrição).

A isso, devemos acrescentar que, conforme discutimos na seção anterior, construções concessivas com *ainda que* apresentam maior entrelaçamento ou vinculação entre orações do que construções concessivo-condicionais com *ainda que*. Disso decorre que, entre *ainda que* concessivo-condicional e *ainda que* concessivo, há diferentes estatutos gramaticais, sendo o estatuto gramatical de *ainda que* concessivo maior que o de *ainda que* concessivo-condicional. Seguindo a proposta de Keizer (2007), *ainda que* concessivo-condicional pode ser categorizado como um item de conteúdo secundário, e *ainda que* concessivo, como item gramatical. Como reflexo desses resultados, nossa proposta é a de que, no Nível Morfossintático, *ainda que* concessivo-condicional seja categorizado como Conjunção Lexical, e *ainda que* concessivo como Conjunção Gramatical.

As ocorrências em (3-54) e suas representações nos mostram que a oração adverbial encabeçada por *ainda que* constitui, no Nível Representacional, um modificador de sua oração principal. Em (3-54a), a oração concessivo-condicional *eu denunciasses seu Juca Vilanova à polícia* designa um Conteúdo Proposicional (p_j) que modifica o Conteúdo Proposicional principal (p_i), no caso *ninguém me acreditaria*. Já em (3-54b), a oração concessiva *tenham simplicidade na sua história* também designa uma proposição (p_j) que modifica uma proposição nuclear (p_i), no caso *apresentam produções sofisticadas na sua realização*. No Nível Interpessoal, tanto as orações adverbiais como as orações principais constituem Conteúdos Comunicados (C) que, juntas, integram um Ato Discursivo (A). No Nível Morfossintático, por sua vez, a Expressão Linguística (El) contém duas Orações (Cl), uma principal (^{main}Cl) e uma subordinada (^{sub}Cl), sendo esta prefaciada por *ainda que*.

- (3-54) a Provavelmente ***ainda que eu denunciasses seu Juca Vilanova à polícia ninguém me acreditaria***, mas era o que eu devia fazer. (19:Fic:Br:Callado:Madona)
 NI: (A_I: [(C_J: – ninguém me acreditaria – (C_J)) (C_K: – ainda que eu denunciasses seu Juca Vilanova à polícia – (C_K))] (A_I))
 NR: (p_i: – ninguém me acreditaria – (p_i): (p_j: – ainda que eu denunciasses seu Juca Vilanova à polícia – (p_j)) (p_i))
 NM: (El: [(^{main}Cl: – ninguém me acreditaria – (^{main}Cl)) (^{sub}Cl: – ainda que eu denunciasses seu Juca Vilanova à polícia – (^{sub}Cl))] (El))
- b São filmes que, ***ainda que tenham simplicidade na sua história, apresentam produções sofisticadas na sua realização***. (19Or:Br:Intrv:ISP)
 NI: (A_I: [(C_J: – apresentam produções sofisticadas na sua realização – (C_J)) (C_K: – tenham simplicidade na sua história – (C_K))] (A_I))
 NR: (p_i: – apresentam produções sofisticadas na sua realização – (p_i): (p_j: – tenham simplicidade na sua história – (p_j)_{Conc}) (p_i))
 NM: (El: [(^{main}Cl: – apresentam produções sofisticadas na sua realização – (^{main}Cl)) (^{sub}Cl: [(G_W: *ainda_que*_{Conj} (G_W)) (L_W: tenham (L_W)) (N_P: simplicidade na sua história (N_P))] (^{sub}Cl))] (El))

No caso de (3-54b), especificamente, atribui-se, ao Conteúdo Proposicional (p_j) com estatuto de modificador, a função semântica Concessão (Conc), que no Nível Morfossintático, é codificada pela Conjunção Gramatical *ainda que*. Como se trata de função semântica, *ainda que* não é representado no Nível Interpessoal e seu estatuto categorial é determinado no Nível Morfossintático (Palavra Gramatical, especificamente Conjunção Gramatical).

Por outro lado, em (3-54a), *ainda que* não pode ser representado como função semântica, pois, preservando traços de um significado lexical, seu estatuto é determinado no Nível Representacional como classe de Lexema (Palavras Lexicais), especificamente como Conjunção Lexical.¹¹ Dessa forma, seguindo as propostas de Hengeveld e Wanders (2007), Pérez Quintero (2006; 2013) e Oliveira (2008; 2012) para a representação de Conjunções Lexicais, *ainda que* concessivo-condicional deve ser analisado, no Nível Representacional,

¹¹ Devemos lembrar que *função* só pode ser codificada por elementos altamente gramaticais, pertencentes à classe de Palavras Gramaticais.

como uma Propriedade Configuracional de um-lugar e, no Nível Interpessoal, como Subato Atributivo, o que nos leva a rever a representação de (3-54a).¹²

- (3-55) NI: (A_I : [$(C_J$: – ninguém me acreditaria – (C_J)) (C_K : [$(T_1$: ainda_que (T_1)) (+id R_1 : [+S, -A] (R_1)) (T_2 : – denunciasses seu Juca Vilanova à polícia – (T_2)) (C_K)] (A_I))
 NR: (p_i : – ninguém me acreditaria – (p_i): (f_i : ainda_que_{Conj} (f_i) (p_j : – eu denunciasses seu Juca Vilanova à polícia – (p_j)_{Ref} (f_i)) (p_i))
 NM: (El : [$(^{main}Cl$: – ninguém me acreditaria – (^{main}Cl)) (^{sub}Cl : [$(L_W$: ainda_que (L_W)) (G_W : eu (G_W)) (L_W : denunciasses (L_W)) (N_p : seu Juca Vilanova (N_p)) ($Prep_p$: à polícia ($Prep_p$))] (^{sub}Cl))] (El))

Em (3-55), expandimos a representação de (3-54a). Conforme se observa, no Nível Interpessoal, a construção concessivo-condicional com *ainda que* em (3-54a) realiza-se como um Ato (A_I) composto de dois Conteúdos Comunicados (C_J e C_K). A oração principal designa o primeiro Conteúdo Comunicado (C_J), enquanto a oração subordinada designa o segundo Conteúdo Comunicado (C_K), composto por dois Subatos de Atribuição *ainda que* e *denunciasses seu Juca Vilanova à polícia* e pelo Subato Referencial *eu* (R_1).

Já no Nível Representacional, *ainda que* é um predicado que pode ser representada na seguinte formulação geral: (f_i : conjunção_{Conj}) (α_i)_{Ref} (cf. OLIVEIRA, 2008; 2012). Assim, a forma *ainda que*, enquanto Conjunção Lexical (Conj), é analisada como um predicado (f_i), que designa uma propriedade ou uma relação e que toma, necessariamente, um argumento (α_i) de terceira ordem, no caso um Conteúdo Proposicional (p_j), a que se atribui a função semântica Referência (Ref).

Por fim, resta-nos considerar as construções restritivas com *ainda que*, cujas ocorrências dispomos em (3-56).

- (3-56) a Não te ofendas. **Esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez. Ainda que te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha.** Somos como nuvens. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

¹² Devemos destacar que Hengeveld e Wanders (2007) e Pérez Quintero (2006; 2013) não oferecem representações para as Conjunções Lexicais no Nível Interpessoal. É Oliveira (2008; 2012) que propõe sua representação nesse nível, uma vez que Conjunções Lexicais, por deter um significado lexical, alinham sua representação, no Nível Representacional, como Predicados Adposicionais a uma representação, no Nível Interpessoal, como Subatos Atributivos.

NI: (M_I: [(A_J: – esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez – (A_J)) (A_K: – te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha – (A_K)_{Conc})] (M_I))

NR: (p_i: [(p_j: (e_i: esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez (e_i)) (p_j)) (p_k: te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha (p_k))] (p_i))

NM: (Le: [(Cl₁: – esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez – (Cl₁)) (Cl₂: ainda que te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha (Cl₂))] (El))

- b **Os interesses envolvidos no processo de mudanças são poderosos, *ainda que* insensatos**, porque consagram uma situação capaz de criar, caso desfeitas as chances reformistas, condições propícias à radicalização. (19N:Br:Cur)

NI: (M_I: [(A_J: os interesses envolvidos no processo de mudanças são poderosos (A_I)) (A_J: (T_J: insensatos (T_J)) (A_J)_{Conc})] (M_I))

NR: (p_i: [(p_j: (os interesses envolvidos no processo de mudanças são poderosos (p_j)) (p_k: (f_i: insensatos_{Adj} (f_i)) (p_k))] (p_i))

NM: (Le: [(Cl: os interesses envolvidos no processo de mudanças são poderosos (Cl)) (Adj_p: ainda que insensatos (Adj_p))] (El)) → (Adj_p: [(G_w: ainda_que_{Conj} (G_w)) (L_w: insensatos (L_w))] (Adj_p))

Na GDF, as construções restritivas representam casos de função retórica, especificamente Concessão. Assim, a oração principal e o segmento encabeçado por *ainda que* designam, no Nível Interpessoal, Atos Discursivos, que se articulam numa relação de dependência: a oração principal, por conter a peça de informação de maior relevância comunicativa naquele contexto, consiste num Ato Nuclear (A_I), enquanto o segmento restritivo consiste num Ato Subsidiário (A_J), ao qual se atribui a função retórica Concessão (Conc), codificada, no Nível Morfossintático, pela Conjunção Gramatical *ainda que*.

No Nível Morfossintático, segmento restritivo e segmento nuclear articulam-se no domínio da Expressão Linguística, numa relação de Extraoracionalidade. No caso de (3-56a), ambos segmentos são Orações (Cl); já no caso de (3-56b), o segmento nuclear é uma Oração, e o segmento restritivo, um Sintagma (P). Tanto a Oração restritiva como o Sintagma Restritivo ocupam a posição posterior à Oração principal (P^{pós}), e a Conjunção Gramatical *ainda que* prefacia, em P^I, ambos os segmentos.

Em síntese, podemos afirmar que *ainda que*, enquanto juntor, pode: (i) articular orações numa relação concessivo-condicional, caso em que corresponde a um Subato Atributivo, no Nível Interpessoal, a um predicado, no Nível Representacional e a uma Conjunção Lexical, no Nível Morfossintático; (ii) articular orações numa relação concessiva, caso em que corresponde, no Nível Representacional, a uma função semântica e, no Nível Morfossintático, a uma Conjunção Gramatical; (iii) articular orações e sintagmas numa relação de restrição, caso em que corresponde, no Nível Interpessoal, a uma função retórica e, no Nível Morfossintático, a uma Conjunção Gramatical.

3. EVIDÊNCIAS PARA UMA ABORDAGEM HIERÁRQUICA DA LEXICALIZAÇÃO E DA GRAMATICALIZAÇÃO DAS FORMAS PERIFRÁSTICAS COM *AINDA*

A análise e os resultados apresentados na seção anterior demonstram que a GDF permite abordar a funcionalidade, a estrutura composicional e o estatuto das formas perifrásticas com *ainda* ao considerar que:

- (i) *ainda assim*, uma forma semifixa de estatuto lexical, corresponde, no Nível Interpessoal, a um modificador concessivo de estrutura interna complexa e, no Nível Morfossintático, é codificado por um padrão semifixo;
- (ii) *ainda bem*, uma forma fixa de estatuto lexical, é uma forma interjetiva que ocupa, no Nível Interpessoal, a posição de núcleo de um Ato Interativo;
- (iii) *ainda mais*, uma forma fixa de estatuto gramatical, corresponde, no Nível Interpessoal, a uma função pragmática, especificamente Contraste Seletivo, e, no Nível Morfossintático, é codificado como Palavra Gramatical;
- (iv) *ainda que*, um juntor polifuncional, pode ter estatuto lexical, enquanto Conjunção Lexical que articula orações numa relação concessivo-condicional, ou gramatical, enquanto Conjunção Gramatical que articula ou orações, numa relação concessiva, ou orações e sintagmas, numa relação restritiva.

Essa defesa nos remete à proposta de Brinton e Traugott (2005) que, rejeitando uma abordagem do léxico e da gramática como categorias discretas, assumem que o inventário de uma língua, conforme mostra a figura 3-4, estrutura-se a partir de um contínuo de formas lexicais e gramaticais, correlacionado a um contínuo de formas produtivas e não-produtivas.

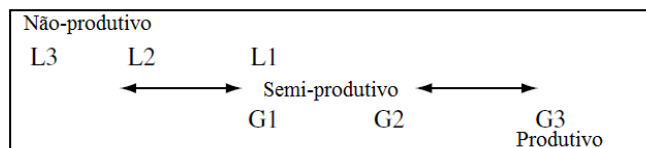


Figura 3-4. Cline sincrônica de lexicalidade/gramaticalidade (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 94)

Tal *cline* conjuga diferentes níveis de lexicalidade e de gramaticalidade. Os graus de lexicalidade (L1, L2 e L3) são definidos a partir da composicionalidade de uma forma, abrigando, também, desde formas semiproductivas a formas não-produtivas. Brinton e Traugott (2005, p. 94) reconhecem que itens lexicais são relativamente livres e representam categoriais maiores, de forma que um *cline* de lexicalidade deve ser definido conforme o grau de fusão na estrutura interna de uma forma, prevendo os três níveis seguintes:

- L1: Sintagmas parcialmente fixos, como *lose sight of*, *agree with*;
- L2: Formas semi-idiossincráticas complexas, como *unhappy*, *desktop*;
- L3: Simplexos (*simplexes*) ou formas idiossincráticas maximamente não-analisáveis, como *desk*, *over-the-hill*.

Já os níveis de gramaticalidade (G1, G2 e G3) são avaliados conforme o grau de fusão estrutural de uma forma, alinhando, além disso, desde formas semiproductivas a formas produtivas. Segundo Brinton e Traugott (2005), qualquer item gramatical funcional mantém algum tipo de relação morfossintática com outro elemento linguístico, um elemento externo a ele, denominado, pelas autoras, de *hospedeiro externo* (*external host*). Os graus de gramaticalidade, dessa forma, são definidos conforme a fusão de um item gramatical a seu hospedeiro externo, o que nos leva às seguintes definições:

- G1: formas perifrásticas em estágios bastante incipientes de gramaticalização, por exemplo as perífrases do inglês *be going to*, *as far as*, *in fact*;
- G2: formas semipresas (no inglês, *semi-bound forms*), como as palavras funcionais e os clíticos, tendo, por exemplo, no inglês, os auxiliares *must* e *'ll*, a preposição *of*, e o genitivo *'s*;
- G3: afixos, como os morfemas derivacionais que mudam a classe do radical (por exemplo, *-wise*, em inglês) e os morfemas flexionais, inclusive a flexão zero.

De acordo com Brinton e Traugott (2005), as perífrases, em seus estágios mais incipientes de gramaticalização, são relativamente livres em relação à posição, mas, enquanto itens gramaticais, apresentam certa fusão interna e significado funcional. Por outro lado, enquanto as formas semilivres se vinculam de forma variável a seus hospedeiros externos, os afixos são invariavelmente vinculados a eles. Assim, acredita-se que as formas perifrásticas com *ainda* abordadas neste capítulo (*ainda assim*, *ainda bem*, *ainda mais* e *ainda que*) ocupam diferentes posições no *cline* de lexicalidade/gramaticalidade, conforme representa a figura 3-5.

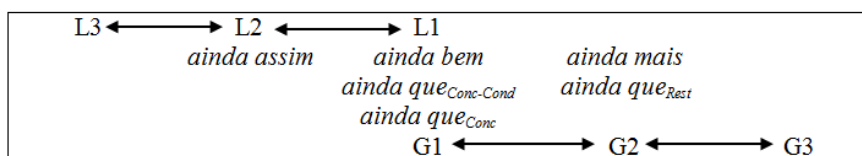


Figura 3-5. Cline sincrônico de lexicalidade/gramaticalidade entre as formas perifrásticas com *ainda*

Ainda assim corresponde ao que Brinton e Traugott (2005) denominam de forma semi-idiossincrática complexa, ocupando a posição L2 no cline de lexicalidade. Já *ainda bem* corresponde a uma forma idiossincrática maximamente não-analisável, ocupando a posição L1 na escala de lexicalidade. *Ainda mais*, por fim, consiste numa forma semipresa, ocupando a posição G2 da escala de gramaticalidade.

O juntor *ainda que*, por conta de sua polifuncionalidade, ocupa diferentes posições desse *cline*. Enquanto juntor concessivo-condicional (Conc-Cond), *ainda que*, no Nível Representacional, é uma Conjunção Lexical, correspondendo ao predicado de uma Propriedade Configuracional de um-lugar, e, no Nível Interpessoal, é um Subato Atributivo; isso mostra que, por deter um significado lexical e ser passível de decomposição gradual,

ainda que concessivo-condicional situa-se em L1 do *cline* de lexicalidade/gramaticalidade. Já como juntor concessivo (Conc), *ainda que* é uma função semântica no Nível Representacional e uma Conjunção Gramatical no Nível Morfossintático; assim, por deter um sentido mais generalizado, *ainda que* concessivo é uma forma perifrástica em estágio incipiente de gramaticalização, o que o situa em G1 de tal *cline*. Por fim, enquanto juntor restritivo (Rest), *ainda que* constitui uma função retórica no Nível Interpessoal e uma Conjunção Gramatical no Nível Morfossintático, o que demonstra um avanço em termos de gramaticalidade e o situa em G2 do *cline* de lexicalidade/gramaticalidade.

Partindo desse *cline* de lexicalidade/gramaticalidade, Brinton e Traugott (2005) afirmam que a lexicalização e a gramaticalização, enquanto processos de mudança linguística, apresentam pontos em comum. Primeiramente, ambos dizem respeito à adoção de itens ao inventário da língua: uma forma que se gramaticaliza ou se lexicaliza, necessariamente, está adentrando o inventário de uma língua. Além disso, os dois processos também envolvem uma série de modificações na composição formal e funcional de itens estocados no inventário: (i) há perda de fronteiras morfológicas por fusão e coalescência; (ii) há perda de composicionalidade e (iii) os dois processos são unidirecionais.

Na seção que encerra este terceiro capítulo, pretendemos lançar algumas evidências sobre como a emergência das formas perifrásticas com *ainda* pode ser caracterizada como casos de lexicalização ou de gramaticalização. Mais do que isso, nossa intenção é compatibilizar tais questões ao modelo da GDF, procurando mecanismos que permitam abordar e representar tais processos.

3.1. Evidências para uma abordagem hierárquica da lexicalização de *ainda bem* e *ainda assim*

Brinton e Traugott (2005, p. 96) definem *lexicalização* como

uma mudança por meio da qual os falantes, em certos contextos linguísticos, usam uma construção sintática ou uma formação vocabular como uma nova forma significativa, com propriedades semânticas e formais que não são completamente deriváveis ou predizíveis a partir dos constituintes da

construção ou da forma vocabular padrão. Ao longo do tempo, pode haver maior perda de constituição interna e o item pode se tornar mais lexical.¹³

Entre as formas perifrásticas com *ainda* aqui estudadas, *ainda bem* é um caso de lexicalização. Trata-se, conforme já observamos, de uma forma com alto grau de fusão interna e bastante idiomatizada, já que não se reconhecem mais as fronteiras morfossintáticas de seus itens-fonte (*ainda* e *bem*) e nem os seus significados originais, imperando um novo significado – a expressão de uma avaliação positiva, de um contentamento.

Em (3-57), trazemos dois contextos distintos de combinação entre *ainda* e *bem*: em (3-57a), a combinação não envolve qualquer grau de fusão ou de idiomatização, isto é, as fronteiras morfossintáticas entre os itens estão preservadas, assim como seus significados; em (3-57b), por outro lado, a combinação é altamente fundida e idiomatizada.

- (3-57) a O Senhor abaixou os olhos depressa para o prato colocado diante dele, ***ainda bem quente***, pois fora passado em água fervendo para conservar o calor. (19:Fic:Br:Penna:Menina)
 NR: (*ainda* f_i : quente_{Adj} (f_i): (f_j : bem_{Deg} (f_j)) (f_i))
 NM: (Adj_p: [(L_w: *ainda* (L_w)) (L_w: bem (L_w)) (L_w: quente (L_w))] (Adj_p))
 b O Estado deve intervir para criar essas condições. **E *ainda bem que temos um Estado interventor nesse campo***, senão o teatro já teria desaparecido. (19Or:Pt:Intrv:Web)
 NI: (A_I: [(F_I: *ainda_bem*_{Interj} (F_I)) (P₁)_S (P₂)_A (C_I: – temos um Estado interventor nesse campo – (C_I))_φ] (A_I))

A representação de (3-57a) mostra como a combinação entre *ainda* e *bem* é altamente composicional: no Nível Representacional, *bem*, enquanto modificador de grau, restringe o significado do Adjetivo *quente* (uma Propriedade Lexical), elevando essa qualidade descrita a um alto grau; já *ainda*, enquanto operador lexical de aspecto fasal, especifica a duração temporal interna dessa Propriedade Lexical, marcando a persistência da fase ali descrita (*de*

¹³ No original: “Lexicalization is the change whereby in certain linguistic contexts speakers use a syntactic construction or word formation as a new contentful form with formal and semantic properties that are not completely derivable or predictable from the constituents of the construction or the word formation pattern. Over time there may be further loss of internal constituency and the item may become more lexical.” (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 96)

estar bem quente). No Nível Morfossintático, ambos correspondem a duas Palavras distintas, assumindo diferentes ordens dentro do Sintagma Adverbial.

De fato, em (3-57a), configura-se o que Nichols (1992) denomina de relação núcleo-dependente (no inglês, *head-dependent relation*), em que o núcleo é a palavra que determina o tipo sintático de todo o constituinte, no caso *quente* determina o estatuto adjetival de todo o Sintagma, e conseqüentemente determina também a distribuição sintática desse Sintagma; os outros constituintes são os dependentes; no caso de (3-57a), *bem* é dependente de *quente*, e *ainda* é dependente de *bem quente*.

Na GDF, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 305) distinguem dois tipos de relações de dependência: (i) núcleo-modificador (*head-modifier relation*), como a relação entre nome e adjetivo atributivo ou entre advérbio de grau e adjetivo, e (ii) núcleo-dependente (*nucleus-dependent relation*), como a relação entre o predicado e os seus argumentos. Em (3-57a), tanto entre *bem* e *quente* como entre *ainda* e *bem quente*, podemos visualizar uma relação núcleo-modificador: no primeiro caso, o advérbio de grau *bem* modifica o adjetivo *quente*; no segundo caso, *ainda* especifica a formação *bem quente*.

Por outro lado, em (3-57b), a forma *ainda bem*, uma interjeição, é mais fundida morfológicamente, por conta da perda de fronteiras morfológicas dos dois constituintes, e é mais idiomática/menos composicional, já que *ainda* e *bem* não mais expressam, cada um, aspecto fasal e grau, mas juntos expressam a avaliação positiva do Falante, o que mostra o quão distante está o significado da forma *ainda bem* do significado de suas fontes. Frente a isso, em (3-57b), *ainda bem* não pode ser caracterizado em termos de uma relação de dependência; trata-se, como se pode observar na representação de (3-57b), de um núcleo de um esquema interpessoal, no caso do esquema de um Ato Interativo.

Podemos observar, portanto, que, na GDF, a composicionalidade de uma estrutura como (3-57a), assim como seu baixo grau de fusão interna e de idiomaticidade, formaliza-se

por meio da relação de dependência do tipo *núcleo-modificador*. Já uma forma totalmente não-composicional, fundida e idiomática, como *ainda bem* em (3-57b), corresponde a um único primitivo, no caso um núcleo.

Dessa forma, a lexicalização de *ainda bem*, além da perda de composicionalidade e da crescente fusão interna e idiomaticidade, envolve: (i) uma mudança em termos de níveis e camadas de representação: do Nível Representacional, especificamente da camada da Propriedade Lexical, para o Nível Interpessoal, especificamente para a camada do Ato Discursivo; (ii) uma mudança em termos de formalização: de uma relação do tipo núcleo-modificador para núcleo. A figura 3-6 representa esse processo de lexicalização de *ainda bem*.

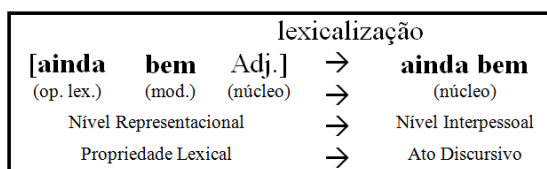


Figura 3-6. Abordagem hierárquica à lexicalização de *ainda bem*

Em (3-58), trazemos uma nova ocorrência de *ainda assim*, bem como sua representação no Nível Interpessoal, a fim de mostrar que tal forma (i) não perdeu totalmente sua composicionalidade e (ii) não apresenta um alto grau de fusão interna em sua estrutura, o qual a caracteriza como um caso em processo de lexicalização, e não totalmente lexicalizada.

(3-58) A maior parte das pousadas está lotada, por ocasião do evento. ***Ainda assim, Maracaípe será uma boa opção neste fim de semana.*** (19N:Br:Recf)

- a (A₁: [- Maracaípe será uma boa opção neste fim de semana -] (A₁): *ainda assim* (A₁))
- b (A₁: [- Maracaípe será uma boa opção neste fim de semana -] (A₁): [(R₁: ♦ (R₁)_{Cont})] (A₁))
- c (El₁: [(G_w: - **ainda** - (G_w)) (G_w: - **assim** - (G_w))] (Cl₁: Maracaípe será uma boa opção neste fim de semana (Cl₁)) (El₁))

Conforme já discutimos anteriormente, a forma *ainda assim* está se especializando na expressão de um significado contrastivo/concessivo, de modo que, no Nível Interpessoal, tal forma corresponde a um modificador de Conteúdo Comunicado ou de Ato, o que está representado em (3-58a). Entretanto, essa forma, paralelo a esse novo significado, preserva as funções expansiva e fórica de *ainda* e *assim*, respectivamente, o que caracteriza seu traço

retroativo-propulsor. É a persistência desses traços que nos permite afirmar que *ainda assim* não está totalmente idiomatizada e que, portanto, não perdeu completamente sua composicionalidade.

A gradiência própria de *ainda assim*, que se encontra entre o pólo do não-idiomatizado/composicional e o pólo do idiomatizado/não-composicional, faz-nos propor que a GDF distinga um tipo específico de modificador, o modificador de estrutura interna complexa (cf. (3-58b)), capaz de representar essa gradiência típica de estruturas, ou construções, que estão em processo de lexicalização

A adoção, no Nível Morfossintático, de um padrão semifixo (cf. (3-58c)), conforme propõe Keizer (2013), parece dar conta do grau intermediário de fusão interna de formas como *ainda assim*, que estão em processo de lexicalização, isto é, que, de certa forma, preservam, em sua representação morfossintática, suas fronteiras sintagmáticas/morfológicas.

Se, conforme apontam Brinton e Traugott (2005, p. 96), “o output da lexicalização é um item lexical, isto é, um item de conteúdo que é armazenado no inventário e deve ser aprendido pelos falantes”,¹⁴ a emergência de formas como *ainda bem* e *ainda assim* podem ser tomadas como casos de lexicalização, já que “envolve mudanças do gramatical ao lexical, o item vem a ser semanticamente pleno.” (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 96)¹⁵

3.2. Evidências para uma abordagem hierárquica da gramaticalização de *ainda mais*

Brinton e Traugott (2005, p. 99) definem *gramaticalização* como

mudança por meio da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Com o tempo o item gramatical resultante pode vir a tornar-se mais gramatical, adquirindo novas funções gramaticais e expandindo sua classe de hospedeiros.¹⁶

¹⁴ No original: “The output of lexicalization is a ‘lexical’, i.e., contentful item that is stored in the inventory and must be learned by speakers.” (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 96)

¹⁵ No original: “when lexicalization involves changes from grammatical to lexical the item comes to be semantically contentful.” (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 96)

¹⁶ No original: “Grammaticalization is the change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical item may become more grammatical by acquiring more grammatical functions and expanding its host-classes.” (TRAUGOTT; BRINTON, 2005, p. 99)

A emergência da forma *ainda mais* consiste na produção de uma nova forma funcional, o que, conforme Brinton e Traugott (2005), representa um caso de *gramaticalização*. Em (3-59), retomamos dois diferentes contextos de uso da combinação de *ainda a mais*: (i) um em que essa combinação não perdeu sua composicionalidade e, assim, não apresenta fusão interna (cf. (3-59a-c)), e (ii) outro em que essa combinação é totalmente fundida e idiomatizada (cf. (3-59d)).

- (3-59) a Que 2015 te traga ***ainda mais conquistas do que 2014 trouxe***.
 NI: (R_i: conquistas (R_i): [(**emph** T_j: mais (T_j)) (C_k: —do que 2014 trouxe— (C_k))] (R_i))
 NR: (f_i: conquistas_N (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j)) (p_i: —do que 2014 trouxe— (p_i))] (f_i))
 NM: (N_P: [(**G_w**: ***ainda*** (**G_w**)) (L_w: mais (L_w)) (L_w: conquistas (L_w))] (N_P))
- b A realidade fica ***ainda mais grave*** com o déficit do Governo
 NI: (T_i: grave (T_i): [(**emph** T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: grave_A (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))
 NM: (Adj_p: [(**G_w**: ***ainda*** (**G_w**)) (L_w: mais (L_w)) (L_w: grave (L_w))] (Adj_p))
- c inclusive ***investir ainda mais***, como em educação de trânsito e na área da informática
 NI: (T_i: investir (T_i): [(**emph** T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: investir_v (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))
 NM: (V_p: [(L_w: investir (L_w)) (**G_w**: ***ainda*** (**G_w**)) (L_w: mais (L_w))] (V_p))
- d Sua casa era uma das melhores da cidade, mas a origem de suas rendas era um mistério. ***Ainda mais considerando-se a relativa opulência de que ela e as filhas adotivas desfrutavam, guardadas as proporções do lugar***.
 NI: (A_i: [(F_i: DECL (F_i)) (S_i) (A_i) (C₁: considerando-se a relativa opulência de que ela e as filhas adotivas desfrutavam, guardadas as proporções do lugar (C₁)_{ContSel})] (A_i))
 NM: (Le: [(**G_w**: ***ainda_mais***_{part} (**G_w**)) (Cl: considerando-se a relativa opulência de que ela e as filhas adotivas desfrutavam, guardadas as proporções do lugar (Cl))] (Le))

Como já defendemos no capítulo anterior, em (3-59a-c), *ainda* funciona, no Nível Interpessoal, como um operador de Ênfase, escopando o Subato Atributivo *mais*, um modificador de grau no Nível Representacional. Especificamente, nesse contexto de comparação de superioridade e alocando-se à esquerda do graduador *mais*, *ainda* veicula o que Kohler (2006) denomina de *Ênfase para intensidade*, amplificando e potencializando a comparação de desigualdade ali estabelecida. Isso mostra que, nas combinações entre *ainda* e *mais* em (3-59a-c), cada um dos itens apresentam funcionalidades distintas e, portanto, trata-

se de uma construção altamente composicional, de forma que cada item (no caso, *ainda* e *mais*) contribui para a construção do efeito significativo ali veiculado.

Além disso, é possível observar que esses itens preservam suas fronteiras morfossintáticas. Basta observar as representações das ocorrências no Nível Morfossintático: *ainda*, enquanto Palavra Gramatical, prefacia Sintagmas Nominais (cf. (3-59a)), Adjetivais (cf. (3-59b)) e Verbais (cf. (3-59c)), ocupando a posição à esquerda de *mais*. Nesses casos, configura-se uma relação núcleo-dependente, nos termos de Nichols (1992). A GDF, entre os tipos de relações de dependência, não prevê uma que dê conta da relação entre um operador e seu núcleo. Nesse sentido, nossa proposta é a de que casos como os de (3-59a-c), em que *ainda*, no Nível Interpessoal, especifica o valor de um Subato Atributivo como *mais*, sejam abordados como uma relação do tipo *núcleo-especificador*.

Já em (3-59d), *ainda mais* funciona como um marcador da função Contraste Seletivo. Como se pode ver, a combinação entre *ainda* e *mais*, nessa ocorrência, apresenta alto grau de fusão e de idiomatização, já que, em sua representação no Nível Interpessoal, corresponde a um único primitivo da formulação (no caso, a uma função) e, em sua representação no Nível Morfossintático, corresponde a uma Palavra Gramatical.

O que se nota, com essas ocorrências, é que parte de uma construção comparativa, especificamente a combinação do operador enfático *ainda* ao modificador de grau *mais* (cf. (3-59a-c)), passa a ser usada, em determinados contextos, com uma função *mais* gramatical, na expressão de Contraste Seletivo. Por outro lado, a formação de *ainda mais* envolve a fusão de um item, no caso *ainda*, a seu elemento externo hospedeiro, no caso *mais*, o que, de acordo com Brinton e Traugott (2005), é uma característica típica da gramaticalização.

As representações oferecidas pelo modelo da GDF, além de permitir o mapeamento desses fatos acima levantados e de uma mudança categorial (de *relação núcleo-especificador* a *função*), permite visualizar, na emergência de *ainda mais*, (i) um aumento nas relações de

escopo, dentro do Nível Interpessoal, da camada do Subato para a camada do Conteúdo Comunicado e (ii) o modo a associação entre a ênfase expressa por *ainda* e o grau de superioridade veiculado por *mais* se combinam na emergência dos significados contrastivo, especificamente Contraste Seletivo, e escalar, já que *ainda mais* pode ser considerado, também, uma partícula escalar absoluta. Na figura 3-7 abaixo, representamos esse percurso de gramaticalização envolvido na emergência de *ainda mais*.

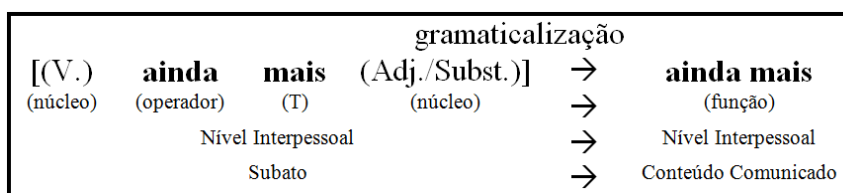


Figura 3-7. Abordagem hierárquica à gramaticalização de *ainda mais*

3.3. Evidências para uma abordagem hierárquica da lexicalização/gramaticalização de *ainda que*

König (1985b, p. 266), ao investigar as afinidades entre concessivas e outros domínios semânticos, identifica cinco principais fontes históricas para os conectivos concessivos:

- (i) **quantificadores:** segundo König (1985, p. 267), há uma relação muito próxima entre concessividade e quantificação universal, de forma que muitos conectores concessivos contém um componente que também é usado como quantificador universal (por exemplo, em inglês, a conjunção *although* e, em português, a conjunção *conquanto*);
- (ii) **partículas focais/enfáticas e conjunções temporais/condicionais:** em muitas línguas, os conectivos concessivos podem ser originalmente compostos a partir de conjunções temporais e/ou condicionais e, também, a partir de partículas focais aditivas e/ou de partículas enfáticas (no inglês, as conjunções *even though* e *even so* são exemplos desses casos, já que as formas *even* e *so*, que entram na composição dessas conjunções, podem funcionar como partículas

focais aditivas; no português, as locuções *mesmo se* e *mesmo que* também podem figurar como exemplos, já que constituem-se a partir da partícula enfática *mesmo* combinada à condicional *se*, no primeiro caso, ou à integrante *que*, no segundo);

- (iii) **notável coocorrência/coexistência:** os membros do terceiro grupo implicam notável coocorrência ou coexistência entre dois fatos como parte do seu significado literal (como, em inglês, *nevertheless*, *still*, *yet*, todos itens de natureza aspectual imperfectiva);
- (iv) **“obstinação, conflito, desordem”:** membros do quarto grupo lexicalizam as noções de conflito, obstinação, dissonância ou reações a tais situações (como *in spite of*, *despite*, no inglês, e *apesar de (que)*, no português, que, em sua composição, apresentam um elemento nominal como *spite* (ódio, rancor) e *pesar* (desgosto), respectivamente);
- (v) **factual:** os membros do último grupo mantêm relações com os conectivos causais e marcam de alguma maneira o caráter factual das orações articuladas por eles (no alemão, por exemplo, a forma *zwar* funciona como um advérbio, no sentido de *na verdade*, e, em uma correlação adversativa, acompanhado da conjunção adversativa *aber* (mas), pode introduzir uma constatação seguida de uma restrição).

Segundo König (1985b, p. 267), a composição formal dos elementos dos dois primeiros grupos de conectivos aponta claramente para as concessivo-condicionais como origem histórica de sentenças concessivas. Essa hipótese, conforme sugere o autor (KÖNIG, 1985b, p. 270), toma por base as similaridades que os dois grupos de conectivos exibem, principalmente os seguintes fatos históricos e sincrônicos:

- (i) tanto concessivo-condicionais como concessivas associam-se à ideia de conflito ou incompatibilidade: enquanto uma concessiva pressupõe uma incompatibilidade entre fatos, uma concessivo-condicional pressupõe um conflito entre uma condição, dentre uma série de condições designada pelo antecedente, e a situação expressa no consequente. Dessa forma, o que muda no desenvolvimento de uma concessivo-condicional a uma concessiva é a relação do antecedente com o mundo real;
- (ii) por outro lado, pensando que as condicionais (tanto as condicionais autênticas como as concessivo-condicionais) não implicam sua prótase, e que as concessivas a implicam, o desenvolvimento de concessivo-condicionais em concessivas envolve, necessariamente, a perda de seu caráter hipotético.

Nessa linha de raciocínio, Kortmann (1997, p. 200), lembrando que os limites entre concessivas e concessivo-condicionais é fluido, afirma que, em algumas línguas, concessivo-condicionais com partículas focais podem ser usadas num sentido factual, isto é, como orações concessivas genuínas, o que evidencia o frequente desenvolvimento de conectivos concessivos a partir de conectivos concessivo-condicionais.

Com base nessas considerações, e lembrando os três tipos de relações instauradas por *ainda que* (concessivo-condicionais, concessivas e restritivas), defendemos aqui que:

- (I) o conectivo concessivo-condicional *ainda que* emerge do uso expansivo de *ainda*,
- (II) o conectivo concessivo-condicional *ainda que* é um estágio intermediário na formação do conectivo concessivo *ainda que*, e
- (III) o conectivo restritivo *ainda que* representa uma etapa mais avançada de gramaticalização da forma *ainda que*.

O seguinte cline representa as mudanças por que passa a forma *ainda que*:

<i>ainda</i> expansivo	→ (I)	<i>ainda que</i> conectivo concessivo-condicional	→ (II)	<i>ainda que</i> conectivo concessivo	→ (III)	<i>ainda que</i> conectivo restritivo
---------------------------	----------	--	-----------	--	------------	--

Figura 3-8. Cline de mudanças em relação a *ainda que*

Em relação a (I), notamos que a base de formação da perífrase conjuncional *ainda que* é *ainda* expansivo. Devemos lembrar, nesse sentido, que (i) *ainda*, nesse seu uso mais gramaticalizado/pragmatizado, corresponde a um mecanismo especializado de atribuição da função pragmática Contraste, especificamente Contraste Expansivo, materializando o desejo comunicativo do Falante em expandir a informação pragmática de seu Ouvinte; (ii) por outro lado, *ainda* pode ser considerado, também, uma partícula focal aditiva, já que inclui alguma(s) alternativa(s) como valor(es) possível(is) para a variável sob seu escopo, ou uma partícula escalar relativa, ao situar, numa escala pragmática implicada pelo/no contexto, uma informação assertada em uma posição superior a outra informação; (iii) por fim, é comum a combinação de *ainda* expansivo a contextos de subordinação, escopando orações condicionais (cf. (3-60a)), orações temporais (cf. (3-60b)) e orações completivas (cf. (3-60c)).

- (3-60) a Tudo se resolveria bem se houvesse gafanhotos do tamanho de girafas, besouros do volume de vacas holandesas, pulgas das dimensões de bezerros; que motores formidáveis à disposição do homem! Entretanto, escusava que os animais nobres e formosos ocupassem tanto espaço e, sendo na verdade os bibelots da natureza, fossem condenados ao estábulo, à estrebaria, ao amanho da terra, à tração de veículos, ao trabalho bruto, à escravidão humilhante. Essa a justiça da grande Mãe! E ***ainda se*** ***isso passasse exclusivamente com os bichos!*** Mas, não. Toda beleza é escrava. (19:Fic:Br:Amaral:Memorial)
- NI: (A_I: [(F_I: DECL (F_I)) (C_I: *isso passasse exclusivamente com os bichos* (C_I)_{ContExp}]) (A_I))
- NR: (p_i: – *isso passasse exclusivamente com os bichos* – (p_i)_{cond})
- NM: (Le: [(G_W: ***ainda***_{part} (G_W)) (Cl: *se isso passasse exclusivamente* (Cl))]) (Le))
- b A reconvenção somente é admitida quando existe conexão com a ação, isto é quando são comuns a causa de pedir ou o objeto, ou ***ainda quando há conexão com o fundamento da defesa do réu-reconvinte.*** (19Ac:Br:Enc)
- NI: (A_I: [(F_I: DECL (F_I)) (C_I: *há conexão com o fundamento da defesa do réu-reconvinte* (C_I)_{ContExp}]) (A_I))
- NR: (p_i: – *há conexão com o fundamento da defesa do réu-reconvinte* – (p_i)_{temp})
- NM: (Le: [(G_W: ***ainda***_{part} (G_W)) (Cl: *quando há conexão com o fundamento da defesa do réu-reconvinte* (Cl))]) (Le))

- c Essa participação agora está em torno de 48%, um número ainda distante dos Estados Unidos, cuja lucratividade é praticamente zero, neste setor. A pesquisa mostra ***ainda que os concessionários começam a oferecer produtos complementares para os seus clientes***, a exemplo de seguros, garantias extras, revisões programadas, serviços rápidos, atendimento personalizado, atendimento 24 horas, acessórios, dentre outros. (19N:Br:Bahia)
- NI: (A_I: [(F_I: DECL (F_I)) (C_I: [(+id,+s R_I: pesquisa (R_I)) (T_I: mostrar (T_I)) (C_J: os concessionários começam a oferecer produtos complementares para os seus clientes (C_J)_{ContExp})] (C_I))] (A_I))
- NM: (Le: [(^{main}Cl: a pesquisa mostra (^{main}Cl)) (**G_W: *ainda*_{Part} (**G_W**)**) (^{sub}Cl: os concessionários começam a oferecer produtos complementares para os seus clientes (^{sub}Cl))] (Le))

König (1986) aponta como fonte para conectivos concessivos a combinação de partículas focais, como *even* e *also*, do inglês, ou *ainda* e *mesmo*, do português, a conectivos condicionais e/ou temporais. Nesse sentido, König (1985b, p. 270) afirma que quando uma partícula focal se junta a um conectivo condicional, como em (3-60a), a condicional se torna uma concessivo-condicional do tipo (*Ainda, p, (λ, x (se x, então q))*), de forma que a partícula focal faz pressupor que há uma alternativa ou um conjunto de alternativas ao conteúdo expresso na oração condicional (*p*) e que esse conteúdo expresso na sentença condicional é o menos provável e, portanto, o de maior surpresa frente ao conjunto de alternativas implicado.

Segundo o autor, tal contribuição de partículas focais a sentenças condicionais corresponde a duas características das concessivo-condicionais: (i) a implicação de um conjunto de condicionais alternativas, das quais uma entra em contraste com o fato expresso na oração principal e, assim, faz-se como candidata menos provável para a relação condicional ali estabelecida; (ii) *ainda-se condicionais* (cf. (3-60a)) implicam, ou pressupõem, seus consequentes. Nesse sentido, é possível dizer que, em (3-60a-b), temos casos de concessivo-condicionais: mesmo que *ainda se* e *ainda quando* não sejam formas fixas e idiomáticas, isto é, não sejam estruturas reinterpretadas como conectivos concessivo-condicionais, a combinatória entre os significados e/ou da funcionalidade de *ainda* expansivo e dos conectores faz instaurar ali uma relação concessivo-condicional.

Em (3-60c), a contribuição de *ainda* expansivo para a oração completiva por ele escopada é similar: (i) implica-se um conjunto de alternativas ao conteúdo expresso na oração completiva, e (ii) esse conteúdo expresso, de alguma maneira, contrasta com essas alternativas implicadas. Dessa forma, não é difícil imaginar que, frente à necessidade de constante renovação de formas da língua, da combinatória *ainda* expansivo a *que* conjunção completiva tenha emergido um conectivo especializado para construir uma relação concessivo-condicional, conforme exemplificada em (3-61).

(3-61) De acordo com Landau, ***ainda que fosse possível medir o que se deverá perder de receita por conta da crise, é correta a manutenção do cronograma já traçado.*** (19N:Br:Recf)

NI: (A_I: [(F_I: DECL (F_I)) (C_J: – é correta a manutenção do cronograma já traçado – (C_J)) (C_K: [(T₁: **ainda_que** (T₁)) (R₁: medir o que se deverá perder de receita por conta da crise (R₁)) (T₂: – ser possível – (T₂)) (C_K)] (A_I))

NR: (p_i: – ninguém me acreditaria – (p_i): (f_i: **ainda_que**_{Conj} (f_i) (p_j: – ser possível medir o que se deverá perder de receita por conta da crise – (p_j)_{Ref} (f_i)) (p_i))

NM: (El: [(^{main}Cl: – ninguém me acreditaria – (^{main}Cl)) (^{sub}Cl: [(L_W: **ainda_que** (L_W)) (G_W: eu (G_W)) (L_W: denunciasse (L_W)) (N_P: seu Juca Vilanova (N_P)) (Prep_P: à polícia (Prep_P))] (^{sub}Cl))] (El))

König (1985a; 1985b) e Haspelmath e König (1998, p. 566) afirmam que uma construção concessivo-condicional escalar como *ainda* (λx [se x , então q] not- p), exemplificada em (3-61), resulta da extração da parte focalizada de uma sentença, em que a partícula escalar *ainda* se combina com a proposição resultante, isto é, com a sentença analisada dentro da parte focalizada. Isso evidencia dois distintos componentes envolvidos na mudança linguística do item *ainda* e na emergência da forma *ainda que* enquanto conectivo concessivo-condicional (cf. HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 72):

- (i) metáfora, que envolve uma gradativa transferência entre o significado escalar e os significados condicional e concessivo, e
- (ii) metonímia, que reflete um processo, denominado de *reinterpretação induzida pelo contexto*, em que um determinado tipo de contexto incita a uma

interpretação conceitual específica – o significado escalar de *ainda*, em contexto de subordinação, passa a ser reinterpretado no domínio conceitual da causalidade, especificamente na zona entre condição e concessão.

Na visão da GDF, a emergência do conectivo concessivo-condicional *ainda que* corresponde à entrada, no componente lexical da língua, de uma Conjunção Lexical, o que caracteriza, portanto, um caso de lexicalização (cf. figura 3-9).

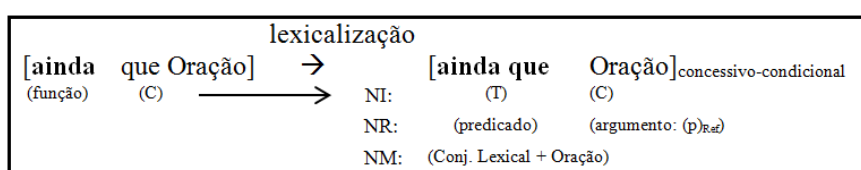


Figura 3-9. Abordagem hierárquica à lexicalização do conectivo concessivo-condicional *ainda que*

Assim, a lexicalização da Conjunção Lexical concessivo-condicional *ainda que* envolve (i) a persistência dos significados escalar e contrastivo, o que faz com que *ainda que* se represente, no Nível Interpessoal, como Subato Atributivo (T) e a oração concessivo-condicional como um Conteúdo Comunicado (C), e (ii) alinhado a essa representação no Nível Interpessoal, *ainda que* é representado, no Nível Representacional, como um predicado que toma, como argumento, um Conteúdo Proposicional (p) expresso na Oração concessivo-condicional, ao qual se atribui a função semântica Referente. O que percebemos é que uma oração concessivo-condicional encabeçada por *ainda que* corresponde a uma relação do tipo núcleo-dependente, isto é, a uma relação entre um predicado e seu argumento. Instaure-se, assim, a incompatibilidade entre um fato de caráter hipotético e um fato de caráter factual, a base de uma construção concessivo-condicional.

Já em relação à mudança citada anteriormente em (II), König (1985a, p. 12) considera dois processos atuantes no desenvolvimento de um conectivo concessivo a partir de um conectivo concessivo-condicional – o fortalecimento informativo e a reinterpretação. Uma sentença concessivo-condicional só pode se desenvolver em uma sentença concessiva se

aquela perder seu carácter hipotético ou não-factual (cf. KÖNIG, 1985b, p. 273), de forma que conectivos originalmente concessivo-condicionais, quando usados frequentemente em contextos factuais, associam gradualmente a factualidade a seu significado, o que dá origem a conectivos genuinamente concessivos. (cf. KÖNIG, 1985a, p. 15)

Assim, de conectivo concessivo-condicional a conectivo concessivo, *ainda que* perde traços como o da hipoteticidade e o da escalaridade, tanto que o conectivo concessivo não mais é representado no Nível Interpessoal, conforme se observa nas representações da ocorrência em (3-62). De acordo com König (1985b, p. 274), a pressuposição concessiva original, presente no conectivo concessivo-condicional, gradativamente torna-se parte do significado convencional do conectivo concessivo, o que faz com que *ainda que* concessivo se represente apenas no Nível Representacional, enquanto função semântica Concessão (Conc) articulando dois Conteúdos Proposicionais (p). No Nível Morfossintático, *ainda que* concessivo é codificado como Conjunção Gramatical.

- (3-62) A conta, no nome de uma ex-namorada do filho do sócio brasileiro, tinha sido desativada. De início, ficou perplexa, e demorou a aceitar, mas quando passou a receber as ameaças anônimas, que lhe diziam para voltar para os Estados Unidos, **entendeu finalmente, *ainda que fosse difícil imaginar que ele nunca tivesse lhe dito nada***. Desde o início, tudo tinha sido um mero problema de imaginação. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)
- NI: (A_I: [(F_I: DECL (F_I)) (C_I: entendeu finalmente (C_I)) (C_J: fosse difícil imaginar que ele nunca tivesse lhe dito nada (C_J))] (A_I))
- NR: (p_i: – entendeu finalmente – (p_i): (p_j: – fosse difícil imaginar que ele nunca tivesse lhe dito nada – (p_j)_{Conc}) (p_i))
- NM: (Le: [(^{main}Cl: entendeu finalmente (^{main}Cl)) (G_w: **ainda_que**_{Conj} (G_w)) (^{sub}Cl: fosse difícil imaginar que ele nunca tivesse lhe dito nada (^{sub}Cl))] (Le))

Além do *bleaching* semântico, do fortalecimento informativo e da reinterpretação, devemos lembrar que (i) o conectivo concessivo *ainda que* se estende a um número maior de contextos do que *ainda que* concessivo-condicional (o que mostramos com base no conjunto de correlações modo-temporais articuladas por cada conectivo), e que (ii) o grau de vinculação, em termos semântico-cognitivos e sintáticos, em construções concessivas com *ainda que* é maior do que em construções concessivo-condicionais com *ainda que*. Esses dois

fatos apontam para um maior estatuto gramatical do conectivo concessivo *ainda que*, o que, nos leva a caracterizar a mudança II como um caso de gramaticalização (cf. Figura 3-10).

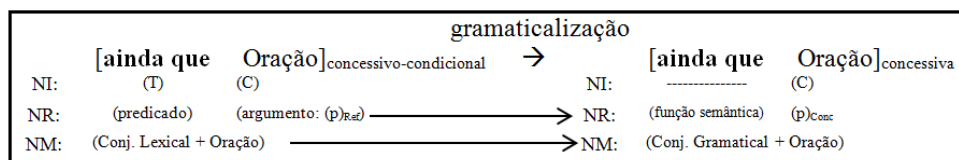


Figura 3-10. Abordagem hierárquica à gramaticalização do conectivo concessivo *ainda que*

Dessa forma, na GDF, a gramaticalização do conectivo concessivo *ainda que* envolve:

(i) uma mudança categorial, de Conjunção Lexical a Conjunção Gramatical; (ii) a condensação de uma relação do tipo núcleo-dependente, ou predicado-argumento, em um único primitivo de base semântica, a função semântica Concessão; e (iii) o consequente apagamento de uma representação de *ainda que* concessivo no Nível Interpessoal.

Por fim, em (III), evidencia-se uma continuação na gramaticalização da forma *ainda que*. Traugott (1989), ao delinear como contínuo de mudança semântica a trajetória *proposicional* > *textual* > *expressivo*, traz três tendências gerais para a mudança semântica:

- (i) **Tendência I:** significados baseados na situação externa > significados baseados na situação interna (percebida/cognitiva);
- (ii) **Tendência II:** significados baseados na situação externa ou interna > significados baseados na situação textual e metalinguística;
- (iii) **Tendência III:** significados tendem a se tornar altamente embasados na avaliação subjetiva (crenças/attitudes) em relação à proposição.

As tendências II e III descrevem as mudanças semânticas envolvidas no desenvolvimento do conector restritivo *ainda que*. Em construções concessivas, a atuação de *ainda que* se restringe ao domínio epistêmico (cf. SWEETSER, 1990), articulando significados altamente calcados na avaliação subjetiva do falante, o que se conforma à terceira tendência. Já em construções restritivas (cf. (3-63)), *ainda que* atua no domínio do ato de fala

(cf. SWEETSER, 1991), de forma que, de um significado baseado na percepção cognitiva do falante, passa a veicular significados de ordem textual e metalinguística, o que se conforma à segunda tendência.

Na GDF, portanto, o conectivo restritivo *ainda que* é representado como uma função retórica, e articula dois Atos Discursivos, um Ato Nuclear (A_I) e um Ato Subsidiário (A_J), ao qual se atribui a função retórica Concessão (Conc).

(3-63) Não te ofendas. **Esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez. Ainda que te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha.** Somos como nuvens. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

NI: (M_I : [$(A_I$: – esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez – (A_I)) (A_J : – te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha – (A_J)_{Conc})] (M_I))

NR: (p_i : [$(p_j$: – esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez – (p_j) (p_k : – te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha – (p_k))] (p_i))

NM: (Le: [(Cl: – esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez – (Cl)) (**G_w: ainda_que**_{Conj} (**G_w**)) (Cl: – te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha – (Cl))] (Le))

Portanto, a emergência do conectivo restritivo *ainda que* representa um caso de gramaticalização, que, na GDF, pode ser visualizado (i) pela ampliação do escopo da forma *ainda que*, que do Nível Representacional, especificamente da camada do Conteúdo Proposicional, passa ao Nível Interpessoal, especificamente para a camada do Ato Discursivo; (ii) pela mudança categorial em termos de primitivo da formulação, que de função semântica passa a função retórica; por fim, (iii) pela mudança de domínio morfossintático de representação, que de subordinação oracional, na camada da Oração, passa a estabelecer uma relação de Extraoracionalidade, na camada da Expressão Linguística.

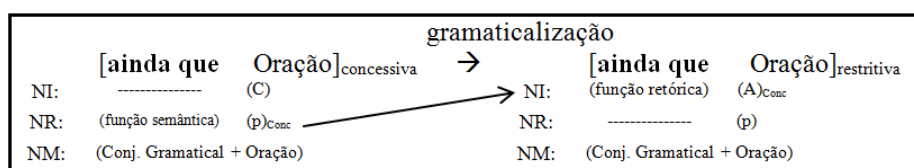


Figura 3-11. Abordagem hierárquica à gramaticalização do conectivo restritivo *ainda que*

Em síntese, defendemos que a emergência da forma *ainda que* no inventário da língua é um caso de lexicalização, em que de *ainda* expansivo surge o conectivo concessivo-condicional *ainda que*. Dessa Conjunção Lexical, emerge, via gramaticalização, o conectivo concessivo *ainda que*, que se gramaticaliza ainda mais na expressão do significado restritivo. A figura 3-12 sintetiza todo esse percurso da forma *ainda que*.

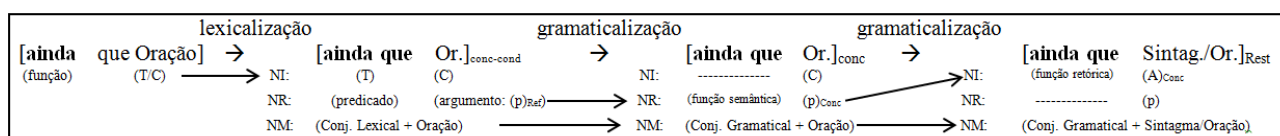


Figura 3-12. Abordagem hierárquica às mudanças linguísticas do conectivo *ainda que*

CONCLUSÃO

Esta tese oferece um tratamento, no âmbito do modelo teórico-metodológicos da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; HENGEVELD, 2011; no prelo), à distinção léxico/gramática. Rejeitando uma visão dicotômica acerca desses dois componentes, a intenção é abordá-los a partir de uma visão de *continuum*, como a de Brinton e Traugott (2005), e, mais especificamente, buscar, num diálogo entre os princípios da gramaticalização e os da GDF, mecanismos que permitam um tratamento, no interior desse modelo gramatical, de categorias híbridas e/ou graduais.

Para tanto, recortamos, como objeto de análise, o item *ainda* e suas formas perifrásticas, como *ainda assim*, *ainda bem*, *ainda mais* e *ainda que*. Com base em dados do português contemporâneo, esta tese segue, então, duas linhas de investigação:

- (i) determinar a multifuncionalidade de *ainda* de modo a descrever seus diferentes usos e estatutos categoriais e mostrar que tais usos e estatutos se distribuem ao longo de uma escala gradual de gramaticalidade, que parte de um domínio mais lexical e avança para um mais gramatical;
- (ii) caracterizar a natureza funcional e estrutural das formas perifrásticas com *ainda* e avaliar seu estatuto no inventário da língua, demonstrando que tais formas se situam em diferentes pontos do cline de lexicalidade/gramaticalidade de Brinton e Traugott (2005).

Uma investigação como essa, pautada pela GDF, faz com que cotejemos um conjunto de parâmetros e de mecanismos para analisar e representar os deslizamentos funcionais e categoriais de *ainda* e a natureza estrutural e funcional de cada uma das suas formas perifrásticas. Assim, além de abordar, no interior da GDF, o léxico e a gramática como um

contínuo, nossa investigação permite prever um espaço, no interior desse modelo, para a representação da gradualidade de itens e formas linguísticas.

Na caracterização da multifuncionalidade de *ainda*, dois mecanismos se mostram produtivos: (i) a determinação das diferentes relações de escopo que *ainda* pode instaurar a depender de seu uso, sendo tais relações de escopo reconhecidas a partir dos níveis e camadas da formulação que integram o Componente Gramatical da GDF; e (ii) a avaliação dos diferentes estatutos categoriais de *ainda* enquanto primitivo da formulação. Assim, distinguimos quatro diferentes usos de *ainda*: (i) *ainda* fasal, operador lexical das camadas da Propriedade Lexical e da Propriedade Configuracional; (ii) *ainda* polar, operador lexical da camada do Estado-de-Coisas; (iii) *ainda* enfático, operador das camadas dos Subatos (Referencial e Atributivo), do Conteúdo Comunicado e do Ato Discursivo; e (iv) *ainda* expansivo, função das camadas do Subato Referencial e do Conteúdo Comunicado.

Esse resultado mostra que os diferentes usos de *ainda* se dispõem num contínuo entre léxico e gramática: *ainda* fasal, uso mais básico de *ainda*, apresenta um estatuto intermediário entre léxico e gramática, o que também se aplica a uma extensão desse uso, *ainda* polar; já usos mais pragmáticos ou interpessoais, como *ainda* enfático e *ainda* expansivo, situam-se num ponto mais extremo de gramaticalidade, sendo *ainda* expansivo, por corresponder a uma função (pragmática), de estatuto mais gramatical que *ainda* enfático (um operador). Além disso, fica demonstrada a importância, para a GDF, do avanço proposto por Keizer (2007) ao distinguir um tipo de primitivo de estatuto intermediário entre léxico e gramática, o operador lexical, o que dá conta da gradualidade existente entre o léxico e a gramática.

Por outro lado, defendemos que essa multifuncionalidade de *ainda* no português contemporâneo evidencia um processo de gramaticalização. À luz das considerações de Hengeveld (2011; no prelo) e de Dall’Aglio-Hattnher e Hengeveld (2016), oferecemos uma abordagem hierárquica da gramaticalização que se caracteriza por uma mudança de conteúdo

e uma mudança formal: esta se dá em termos de incremento de gramaticalidade, mapeando-se os estatutos categoriais de um item; já aquela se dá em termos de aumento nas relações de escopo de um item, mapeadas conforme os níveis e camadas que subjazem a formulação de uma expressão linguística. No caso de *ainda*, a mudança de conteúdo envolve uma gradual abrangência de seu escopo, que parte da Propriedade Lexical, escopo de natureza semântica, para o Ato Discursivo, escopo de natureza pragmática; já a mudança formal revela um aumento de gramaticalidade: de operador lexical para operador e função.

Em termos de mudança de conteúdo, esta tese avança ao prever a possibilidade de mapear as alterações de significados de um item ou de uma forma, assim como a generalização de contextos de uso (extensão) e a dessemantização (redução semântica). No caso de *ainda*, seus significados se alteram de um mais básico e concreto, a fasalidade, em direção a alguns mais abstratos e altamente pragmatizados, como ênfase e contraste. Essa alteração acompanha uma crescente ampliação nos seus contextos de uso, que deixa de restringir sua ocorrência a contextos marcados pela imperfectividade e duratividade, e uma gradual perda de traços semânticos, como a fasalidade e a polaridade.

Esse enriquecimento pragmático por que passa *ainda* se dá de forma gradual, e esta tese mostra que, no interior de uma abordagem hierárquica da gramaticalização, concebida conforme o modelo da GDF, é possível representar a persistência do traço fonte em usos mais gramaticalizados. No caso de *ainda*, demonstramos que *ainda* enfático, ao combinar-se com constituintes adverbiais, preserva traços de fasalidade, e isso, na GDF, gera uma dupla representação desse item: uma no Nível Interpessoal, como operador de ênfase, e outra no Nível Representacional, como operador de aspecto imperfectivo. Tal questão é totalmente compatível com o *princípio da persistência*, que, conforme Hopper (1991), prevê que, ao longo do processo de gramaticalização de um item ou de uma construção, pode-se reter, em certos contextos, nuances semânticas mais específicas do significado fonte.

Em síntese, defendemos que o alinhamento de representações de um item nos dois níveis da formulação (Interpessoal e Representacional) possibilita representar a gradualidade da extensão metafórica envolvida em sua gramaticalização e a persistência do significado fonte, fugindo, dessa forma, de uma representação (ou de um *cline*) que apenas lista, em uma crescente escala de gramaticalidade, diferentes usos e estatutos categoriais de um item.

Em relação à mudança formal, um avanço presente nesta tese é considerar outras vias de mapeamento do crescente ganho de gramaticalidade de um item: a determinação da classe de Lexema ou de Palavra e a consideração do grau de fixação da ordem do item ou da forma. No caso de *ainda*, usos mais representacionais, como *ainda* fasal e *ainda* polar, são mapeados, no Nível Representacional, como Lexemas, especificamente como Advérbios, enquanto usos mais interpessoais, como *ainda* enfático e *ainda* expansivo, são mapeados, no Nível Morfossintático, como Palavras, especificamente como Partículas Gramaticais. Na passagem de Advérbio a Partícula, prevê-se, então, uma diminuição sistemática e gradual em termos de lexicalidade e, por conseguinte, um aumento em termos de gramaticalidade, o que também se demonstra na fixação da ordem desse constituinte mais na periferia da Oração ou do Sintagma ou, inclusive, nos domínios extraoracionais.

Para descrever as formas perifrásticas com *ainda*, um primeiro passo foi determinar a sua natureza estrutural e/ou composicional, avaliando o grau de fixação e de especialização de cada forma. Distinguimos, então, formas fixas, como *ainda bem* e *ainda mais*, e uma forma semifixa, *ainda assim*. A isso, conjugamos uma análise do estatuto lexical ou gramatical dessas formas, situando-as no *cline* de lexicalidade/gramaticalidade proposto por Brinton e Traugott (2005): (i) *ainda assim*, enquanto forma semifixa de estatuto lexical, ocupa uma posição intermediária entre sintagmas parcialmente fixos e lexemas, ou seja, trata-se de uma forma não totalmente lexicalizada (L2); (ii) *ainda bem*, enquanto forma fixa de estatuto lexical, corresponde a uma forma idiossincrática não analisável (L3) e pode ser considerado

uma forma lexicalizada; (iii) *ainda mais*, forma fixa de estatuto gramatical, corresponde a uma forma semipresa de gramaticalidade mais avançada (G2).

No interior do modelo da GDF, formas fixas como *ainda bem* e *ainda mais* correspondem a primitivos da formulação: *ainda bem*, forma interjetiva de expressão de uma avaliação positiva, ocupa a posição de *núcleo* do esquema de um Ato Interativo; e *ainda mais*, ao sinalizar a seleção estratégia de uma porção informacional, representa uma *função* (pragmática) atribuída ou a Subatos ou a Conteúdos Comunicados. Para o tratamento de formas semifixas como *ainda assim*, esta tese propõe, com base no trabalho de Keizer (2013), a distinção de um tipo de primitivo que preserva, de certa forma, a funcionalidade dos itens que compõem tal forma: o modificador de estrutura interna complexa. No caso de *ainda assim*, trata-se de um modificador concessivo de estrutura interna complexa, que indica o estatuto concessivo da unidade linguística que escopa, o Conteúdo Comunicado ou o Ato Discursivo, num movimento retroativo-propulsor, sendo este movimento discursivo uma permanência das funcionalidades originais de *ainda* e de *assim*.

No caso de *ainda que*, tratamos tal forma como um juntor polifuncional, nos termos de Kortmann (1997), veiculando três tipos de relações: concessivo-condicional, concessiva e restritiva. Conforme demonstra o quadro 0 abaixo, *ainda que*, enquanto juntor concessivo-condicional, é, na GDF, uma Conjunção Lexical e, então, representa-se como predicado de uma Propriedade Configuracional, no Nível Representacional, e como um Subato Atributivo, no Nível Interpessoal; já como juntor concessivo e restritivo, *ainda que* é uma Conjunção Gramatical e corresponde a uma função: no caso da concessão, a uma função semântica, no Nível Representacional, articulando dois Conteúdos Proposicionais; e, no caso da restrição, a uma função retórica, no Nível Interpessoal, articulando dois Atos Discursivos.

	<i>ainda que</i> _{concessivo-condicional}	<i>ainda que</i> _{concessivo}	<i>ainda que</i> _{restritivo}
NI:	Subato Atributivo	-----	função retórica
NR:	Propriedade Configuracional	função semântica	-----
NM:	Conjunção Lexical	Conjunção Gramatical	Conjunção Gramatical

Quadro 0. Estatutos de *ainda que* no português

Nota-se que o estatuto de *ainda que* circula entre a lexicalidade e a gramaticalidade. Para traçar essa distinção, e tomando por base as proposições de Givón (2001) e Lehmann (1988) e os trabalhos de Sousa (2007) e Galbiatti (2008), avaliamos o grau de integração entre orações articuladas por *ainda que* e verificamos que construções concessivas apresentam um maior grau de vinculação entre suas orações do que construções concessivo-condicionais. Assim, nossa argumentação, na linha de Galbiatti (2008), caminhou para a consideração de que quanto maior o grau de integração entre as orações articuladas numa construção adverbial, maior o estatuto gramatical do juntor/conjunção que articula tais orações.

Esses dados em relação às formas perifrásticas com *ainda* apontam para dois processos de mudança linguística envolvidos em sua emergência: lexicalização e gramaticalização. A emergência de *ainda bem* e de *ainda que* concessivo-condicional representa casos de lexicalização, enquanto a emergência de *ainda mais* e de *ainda que* concessivo e restritivo, casos de gramaticalização. A forma *ainda assim*, por conta de sua natureza semifixa, encontra-se em processo de lexicalização.

Oferecer uma abordagem hierárquica à lexicalização e à gramaticalização de formas perifrásticas envolve não só observar o aumento nas relações de escopo da forma emergente ou a mudança categorial por que passa a nova forma, mas também procurar meios de representar sua fixação, isto é, o apagamento das fronteiras sintáticas e discursivas dos itens que as integram. Para tanto, esta tese se pautou nas relações de dependência distinguidas pela GDF: (i) a lexicalização de *ainda bem* envolve a condensação de uma relação do tipo núcleo-modificador em um único primitivo, no caso núcleo do esquema de um Ato Interativo; (ii) a gramaticalização de *ainda mais*, por sua vez, envolve a compactação de uma relação do tipo

núcleo-especificador em um único primitivo, no caso função pragmática Contraste Seletivo; (iii) a gramaticalização de *ainda que*, na passagem de juntor concessivo-condicional a juntor concessivo, envolve a fusão de uma relação núcleo-dependente, ou predicado-argumento, em um único primitivo de base semântica, a função semântica Concessão.

Enfim, o percurso que até aqui traçamos, essencialmente, compatibiliza a visão não-dicotômica de léxico e gramática de Brinton e Traugott (2005) ao modelo de gramática de Hengeveld e Mackenzie (2008), prevendo, inclusive, espaço para a representação da gradualidade de itens e formas linguísticas. Além disso, os resultados até aqui apresentados nos permitem visualizar dois tipos de contribuições para o modelo da GDF.

Primeiramente, a descrição dos deslizamentos funcionais de *ainda* e da funcionalidade de suas formas perifrásticas aponta algumas revisões no interior do modelo da GDF, como:

- (i) a necessidade de se dar lugar, na camada da Propriedade Lexical, a categorias aspectuais e, além disso, de se prever, nas camadas da Propriedade Lexical e da Propriedade Configuracional, não só operadores aspectuais, mas também operadores lexicais (como *ainda*) e modificadores;
- (ii) a importância de se distinguir, na camada do Estado-de-Coisas, operadores (gramaticais) de polaridade (como *não*) de operadores lexicais de polaridade fasal (como *ainda*);
- (iii) a proposição de diferentes nuances para a ênfase no Nível Interpessoal, como, no caso de *ainda*, a ênfase que preserva traços de fasalidade, a ênfase para foco e a ênfase para intensidade;
- (iv) a viabilidade da proposta de Pezatti (2014), que, com base em Dik (1997b), distingue tipos de Contraste, como Contraste Expansivo e Contraste Seletivo;
- (v) a associação entre escalaridade e Contraste, fato que demanda mais estudos a fim de se verificar se é possível propor, na GDF, uma categoria gramatical para a *escalaridade*;

(vi) a proposição de um modificador concessivo nas camadas do Conteúdo Comunicado e do Ato Discursivo;

(viii) a proposição de uma relação do tipo núcleo-especificador, além das de núcleo-dependente e núcleo-modificador, para dar conta da interação entre *ainda* enfático e seu escopo.

Além disso, a proposta desta tese dá evidências do modo como se pode construir uma abordagem hierárquica a casos de gramaticalização e de lexicalização. Para tanto, torna-se central:

(i) a determinação do estatuto categorial de um item ou de uma forma perifrástica enquanto primitivo da formulação: por um lado, há aqueles que são altamente lexicais, como modificadores e núcleos de esquemas (ou *frames*); por outro lado, há os altamente gramaticais, como operadores e funções; por fim, há uma classe intermediária, os operadores lexicais, que revelam a gradualidade entre modificadores/núcleos/predicados (Léxico) e operadores/funções (Gramática);

(ii) a determinação das relações de escopo de um item ou de uma forma perifrástica e, além disso, o alinhamento de representações entre níveis, o que permite traçar a base de transferência metafórica na mudança semântico-pragmática por que passa os significados de um item;

(iii) o cotejo das classes de Lexemas e de Palavras para aferir a gradativa perda de traços lexicais de um item ou de uma forma perifrástica;

(iv) para Hengeveld e Mackenzie (2016), os dois parâmetros mais centrais para determinar o estatuto lexical/gramatical de um item ou forma linguística são a modificabilidade e a disponibilidade para ser núcleo de um esquema; esta tese aponta, junto a Keizer (2007), outros três critérios bastante pertinentes: dessemantização, grau de autonomia e ordenação;

- (iv) a distinção de um modificador de estrutura interna complexa como meio de representar formas perifrásticas que se encontram em um estágio intermediário de lexicalização;
- (v) o percurso *relação núcleo-dependente* > *primitivo* como base para a representação do processo de fixação envolvido na emergência de formas perifrásticas via lexicalização ou gramaticalização.

REFERÊNCIAS

- AUWERA, J. van der. Phasal adverbials in the languages of Europe. In: AUWERA, J. van der; BAOILL, D. P. Ó. *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 25-145.
- BAAR, T van. *Phasal polarity*. Dordrecht: Foris Publication, 1997.
- _____. Particles. In: DEVRIENDT, B.; GOOSSENS, L. AUWERA, J. *Complex Structures: A Functionalist Perspective*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 259-300.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BARRETO, T. M. M. Gramaticalização das conjunções na história do português. 1999. 326f. *Tese* (Doutorado em Letras e Linguística) –Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BARTH, D. “That’s true, although not really, but still”: expressing concession in spoken English. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 411-437.
- BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BUTLER, C. S. Functionalist approaches to language. In: _____. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 1-31.
- BYBEE, J. Cognitive process in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (Ed.) *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. London: LEA, 2003. p. 145-167.
- BYBEE, J.; PERKIS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CAIXETA, G. F. “QUE BOM, QUE BOM, AI, QUE BOM!” Da existência da relação retórica de interjeição. 2015. 261f. *Tese* (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2015.
- CARBALLO, M. A. C. El concepto de unidad fraseológica. *Revista de lexicografía*, n. 4, p. 67-80, 1998.
- CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola, 2005.
- CASSEB-GALVÃO, V. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 13(2), 2011, p. 305-355.
- DALL’AGLIO-HATTNER, M. M.; HENGVELD, K. The grammaticalization of modal verbs in Brazilian Portuguese: a synchronic approach. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 15, p. 1-14, 2016.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 millionwords, 1300s-1900s*. 2006. Available online at <http://www.corpusdoportugues.org>.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

_____. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FERRARI, L.; GIAMMATTEO, M.; ALBANO, H. Operadores de foco: el caso de *incluso*, *hasta*, *solo* y *aun*. *Cuadernos de la ALFAL*, n. 3, p. 30-41, 2011.

FERREIRA, B. Rota de Gramaticalização dos advérbios *ainda* e *sempre*. *Filologia e linguística portuguesa*, n. 13, v. 2, p. 505-516, 2011.

FONTES, M. G.; PEZATTI, E. G. Atos discursivos interativos nas variedades do português falado. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 40, p. 153-167, 2011.

GALBIATTI, M. E. Análise comparativa do processo de gramaticalização das perífrases conjuncionais "agora que" e "já que". 2008. 188f. *Dissertação* (mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.

GARCÍA VELASCO, D. A flexible lexicon for Functional Discourse Grammar. *Linguistics*, v. 54, n. 5, p. 907-946, 2016.

_____. Degree Words in English: A Functional Discourse Grammar Account. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, Universidad de La Laguna, v. 67, p. 79-96, 2013.

_____. Conversion in English and its implications for Functional Discourse Grammar. *Lingua*, 119, p. 1164–1185, 2009.

_____. Lexical competence and Functional Discourse Grammar. *Alfa - Revista de Lingüística*, 51 (2), p. 165-187, 2007.

GARRIDO, J. Expectations in Spanish and German adverbs of change. *Folia Linguistica*, n. 26, p. 357-402, 1992.

GAZDAR, G. *Pragmatics: Implicature, Presupposition, and Logical Form*. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. Verbal complements and clause union. In: _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 39-89.

GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

GRITTI, L. L. ‘Ainda’ tem solução: uma proposta semântica. 2008. 108f. *Dissertação* (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. *Ainda* há o que fazer, mas *já não mais* aqui! Uma análise semântico-pragmática de *ainda* e *já não mais*. 2013. 223f. *Tese* (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. *Adverbial constructions in the languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

HEINE, B.; CLAUDI, U; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.

HENGEVELD, K. *A hierarchical approach to grammaticalization*. no prelo.

_____. The grammaticalization of tense and aspect. In: NARROG, H.; HEINE, B. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 577-591.

_____. Adverbial Clauses in the languages of Europe. In: AUWERA, J. *Adverbial Construction in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Reflections on the lexicon in Functional Discourse Grammar. *Linguistics*, v. 54, n. 5, p. 1135-1162, 2016.

_____. Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. Trad. Marize Mattos Dall'Aglío-Hattner. São Paulo: Contexto, 2012. p.43-82.

_____. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGVELD, K.; WANDERS, G. Adverbial conjunctions in Functional Discourse Grammar. In: HANNAY, M.; STEEN, G. (Eds.). *Structural-functional studies in English grammar: In honor of Lachlan Mackenzie*. Amsterdam: Benjamins, 2007. p. 211-227.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HORN, L.R. *On the Semantic Properties of Logical Operators in English*. Indiana University Linguistics Club, 1972.

ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. v. 2. 4 ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2002a. p. 139-180.

_____. Sobre os advérbios focalizadores. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. v. 2. 4 ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2002b. p. 181-198.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*. v. 3. São Paulo: Contexto, 2014.

JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006b. p. 301-357.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. *Alfa*, São Paulo, n. 51, v. 2, p. 35-56, 2007.

_____. English prepositions in Functional Discourse Grammar. *Functions of Language*, 15(2), p. 216-256, 2008.

_____. Verb-preposition constructions in Functional Discourse Grammar. *Lingua* 119(8), p. 1186-1211, 2009.

_____. Proforms in Functional Discourse Grammar. In: GARCÍA VELASCO, D.; WANDERS, G. (eds.). *The Morphosyntactic Level in Functional Discourse Grammar*. *Language Sciences*, 34(4) (Special Issue), p. 400-420, 2012.

_____. The *X is (is)* construction: an FDG account. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (eds.). *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 213-248.

_____. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

_____. Idiomatic expressions in Functional Discourse Grammar. *Linguistics*, v. 54, n. 5, p. 981-1016, 2016.

KOHLER, K. J. What is emphasis and how is it coded? In: *Proceedings of 3rd International Conference on Speech Prosody*. Dresden. 2006. p. 748-751.

KÖNIG, E. *The Meaning of Focus Particles*. Routledge: London, 1991.

_____. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In: TRAUGOTT, E. et al. (Ed.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 229-246.

_____. On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, v.66, n.1, p. 1-19, 1985a.

_____. Where do concessives come from? On the development of concessive connectives. In: FISIÁK, J. (Ed.). *Historical semantics. Historical Word-formation*. New York: Mouton de Gruyter, 1985b. p. 263-282.

KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

_____.; KÖNIG, E. Categorical reanalysis: the case of deverbal prepositions. *Linguistics* 30, p. 671-697, 1992.

KROON, C. *Discourse Particles in Latin*. Amsterdam: Gieben, 1995.

_____. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONOLLY, J. H.; VISMANS, R. M.; BUTLER, C. S.; GATWARD, R. A. *Discourse and pragmatics in Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997. p. 17-32.

KURYŁOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. In: _____. *Esquisses linguistiques II*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1975 [1965]. p. 38-54.

LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile*, n. 20, p. 303-318, 1985.

_____. Word order change by grammaticalization. In: GERRITSEN, M.; STEIN, D. (eds.). *Internal and external factors in syntactic change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992. p. 395-416.

LEHMANN, C. New reflections on grammaticalization and lexicalization. WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins

_____. *Thoughts on Grammaticalization*. München Unterschleissheim; Newcastle: Lincom Europa, 1995.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Considerações sobre gramaticalização de perífrases conjuncionais de base adverbial. *VEREDAS*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e n. 2, p. 215-232, 2004.

_____. Um exemplo de (inter)subjetivização na linguagem: a reconstrução histórica de 'ainda'. *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), v. 34, p. 1361-1366, 2005.

LOPES-DAMASIO. Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a “assim”: um novo enfoque da gramaticalização. 2011. 284f. *Tese* (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

MARTELOTTA, M. E. Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma abordagem funcional. 1993. *Tese* (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1993.

_____. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

_____. Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto. *Estudos Linguísticos*, n. 2, Lisboa, p. 41-60, 2008.

_____. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español*. Madrid: Edelsa, 1995.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1948.

MOUTAOUAKIL, A. Emphasis and Emphatic Marking in Arabic: A Functional Discourse Grammar Approach. *Web Papers in Functional Discourse Grammar*, n. 85, p. 1-19, 2011.

NEVES, M. H. M. *A gramática passada a limpo*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

_____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado: Novos estudos*. v. 7. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 545-591. 752 p.

_____; BRAGA, M. L. Hipotaxe e Gramaticalização: uma Análise das Construções de Tempo e de Condição. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. especial, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de março de 2016.

_____; DALL’AGLIO-HATTNER, M. M. D. As construções comparativas. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. (Orgs.). *Gramática do Português Falado: Novos estudos descritivos*. v. 8. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2002. p. 113-183.

NICHOLS, J. *Linguistic diversity in space and time*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

OLIVEIRA, T. P. As conjunções condicionais na Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. F (org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. 1ed. v. 2. São Paulo: Contexto, 2012. p. 119-146.

_____. Conjunções e orações condicionais no português do Brasil. 2008. 155f. *Tese* (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

PARRA, B. G. G. Uma investigação discursivo-funcional das orações concessivas introduzidas por *aunque* em dados do espanhol peninsular. 2016. 169f. *Dissertação* (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

PEREIRA, I. *Mesmo: a multifuncionalidade de um item linguístico camaleônico*. 2013. 313f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, SC, 2013..

PÉREZ QUINTERO, M. J. Grammaticalization vs. Lexicalization: the Functional Discourse Grammar view. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, 67, p. 97-121, 2013.

_____. On the Lexical/Grammatical Status of Adverbial Conjunctions in FDG. OLIVA, J.I.; MCMAHON, M.; BRITO, M. (eds.). *On the Matter of Words: In Honor of Lourdes Divasson Cilveti*. La Laguna: Servicio de Publicaciones, 2006. p. 329-339.

PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. Clivagem e construções similares: Contraste, Foco e Ênfase. *Linguística*, v. 28, p. 73-98, 2012.

_____.; et al. O estatuto lexical/gramatical das preposições no português. *Lusorama*, v. 81-82, p. 102-134, 2010.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Manual de la nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros, 2010.

RISSO, M. S. et al. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: KOCH, I. G. V.; JUBRAN, C. C. S. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. V. 1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 403-426.

SCHWENTER, S. A. Lo relativo y lo absoluto de las partículas escalares *incluso* y *hasta*. *Oralia*, n. 3, 2000, p. 169-197.

SCHWENTER, S. A., VASISHTH, Shravan. Absolute and relative scalar particles in Spanish and Hindi. *BLS*, n. 26, 2001, p. 225-233.

SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

SILVA-SURER, T. M. Trajetórias de mudança dos predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* sob perspectiva discursivo-funcional. 2014. 190f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, 2014.

SWEETSER, E. E. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge Universe Press, 1990. 188 p.

SOUSA, G. C. Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por *se*. 2007. 198f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

SOUZA, E. R. F. Um estudo discursivo-funcional de 'assim', 'já' e 'aí' no Português falado do noroeste paulista. In: _____. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. 1ed. v. 2. São Paulo: Contexto, 2012. p. 67-92.

_____. Gramaticalização de 'aí' no português falado do interior paulista. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 40, p. 92-107, 2011.

_____. Os usos de 'assim' no português falado do noroeste paulista sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 39, p. 73-88, 2010a.

_____. O percurso de gramaticalização dos itens linguísticos *assim*, *já* e *aí* no português falado do interior paulista: uma abordagem discursivo-funcional. *Sínteses* (UNICAMP. Online), v. 15, p. 348-375, 2010b.

_____. Gramaticalização dos itens linguísticos *assim*, *já* e *aí* no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 2009. 260f. *Tese* (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2009.

TAVARES, M. A. Um estudo variacionista de *aí*, *daí*, *então* e *e* como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis. 1999. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, SC, 1999.

TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1982. p. 245-271.

_____. On the rise of epistemic meanings. *Language*, v. 65, n. 1, p.31-55, 1989.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais. In: KOCH, I. G. V.; JUBRAN, C. C. S. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. V. 1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 497-528.

ZAMPRONEO, S. Multifuncionalidade e intersubjetividade em construções concessivas: uma análise em ocorrências do português contemporâneo do Brasil. 2014. 169f. *Tese* (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 16 / 01 / 2017

Michel Gustavo Fontes